

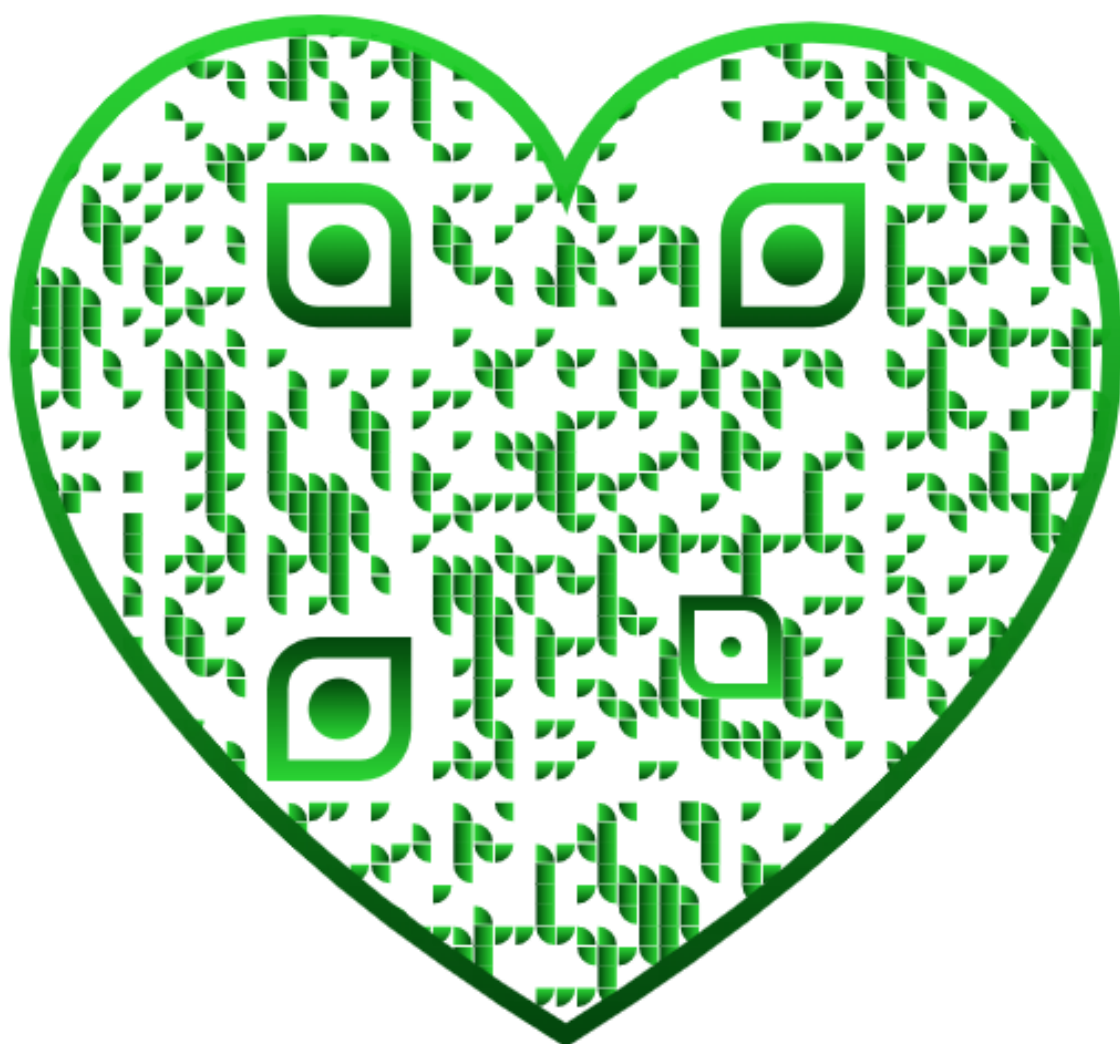
PARA SEMPRE

Meu anjo

SÉRIE ANGELS



JULIA FERNANDES



Para sempre
Meu anjo
Série Angels



Julia Fernandes

Copyright© 2016 Julia Fernandes

Essa é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedicado à João Paulo, Larah
e à todas as Marias.

Quando o amor não vê cor nem raça ou classe social, quando
é puro, sem interesse e é para ser para sempre, não tem tempo nem
contratempo que o impeça de ser infinito.



MAIS AMOR por favor

Esclarecimentos

AS FALAS E CENAS RACISTAS EXISTENTES NO LIVRO SÃO TODAS TIRADAS DA VIDA REAL DE PESSOAS PRÓXIMAS A MIM OU DE CENAS FAMOSAS DA INTERNET. E PARA QUE FIQUE CLARO, NEM UMA ME REPRESENTA. EU REPUDIO E ABOMINO QUALQUER TIPO DE PRECONCEITO.

FIZ MUITA PESQUISA PARA ESSE LIVRO, TANTO PARA O TEMA RACISMO, QUANTO PARA OS TERMOS MÉDICOS QUE TERÃO NO DECORRER DA HISTÓRIA.

ESTE É UM LIVRO LEVE E COMO EM TODOS OS MEUS LIVROS, O FOCO É O AMOR DE TODAS AS FORMAS E A AMIZADE.

ESPERO QUE E APRECIE A LEITURA!

Prólogo

Nove anos antes

João

Mariana era tão diferente de todas as outras e eu era apaixonado por ela desde a quinta série. Sempre se destacou por seus cabelos loiros, quase ruivos, e seus olhos de um verde intenso.

Estávamos no ensino médio e toda vez que ela estava perto de mim, meu coração acelerava e eu não conseguia disfarçar. Até já tinha tentado algumas vezes demonstrar que sentia algo por ela, mas sempre falhei, a vergonha e a timidez não me deixavam prosseguir.

Éramos mais como colegas de turma e nunca passamos disso, nem para amigos. Mal falávamos “oi” um para o outro, mas ela me lançava sorrisos tímidos às vezes e eu até olhava em volta para saber se realmente eram para mim.

Eu era um dos melhores amigos do seu irmão, o Miguel, e além dele, tínhamos a Isabela, uma amiga em comum. Isabela sempre foi minha amiga desde que eu me lembrava, pois sempre morou ao lado da minha casa e nossas mães também eram amigas, o que fez com que crescêssemos juntos, como se fizéssemos parte da mesma família.

E ter uma amizade em comum com a Mariana, foi o que fez com que nossa história começasse. Para ser mais exato, foi em um aniversário da Isabela, em que estávamos jogando verdade ou desafio, que tudo começou.

Perdi o fôlego quando a garrafa parou entre ela e eu. E minha respiração falhou quando Mari me perguntou sem jeito:

— Verdade ou desafio?

— Desafio. — respondi sem pensar.

— Eu desafio você... — ela mordeu o canto da boca, parecia com vergonha e suas bochechas estavam começando a corar. — Desafio você a me dar um beijo.

A turma toda gritou e tenho certeza que todos viam a confusão em meu rosto. A Mari, a garota mais bonita da escola, me pedindo um beijo?

— Vai ficar aí parado, João? — minha amiga Isa me falou em um sussurro cerrando os dentes. — Anda logo, garoto!

Levantei-me ainda sem acreditar no que estava acontecendo. Mari também se levantou e ambos nos dirigimos sem jeito, ao centro da roda de amigos, que gritavam e sorriam para que nos beijássemos logo. Assim que nos aproximamos, ela me olhou sem jeito e eu sorri largamente em resposta, enquanto coloquei uma mecha do seu cabelo, que caía na frente do seu rosto, atrás da sua orelha.

Sentia que meu coração estava prestes a sair pela boca. No entanto, me aproximei dela e a beijei devagar e carinhosamente. Foi um beijo rápido, mas tão doce e especial quanto poderia ser, e infelizmente fomos interrompidos por Miguel, que veio até nós e nos separou, dizendo que eu não podia ficar agarrando a sua irmã na frente de todos, porém, bem vi um sorriso feliz em seu rosto.

Nos separamos com relutância, mas depois disso não nos largamos mais. Nos encontramos na escola no dia seguinte e ficamos mais algumas vezes até que a pedi em namoro e mesmo a namorando, às vezes não acreditava que ela sentia o mesmo que eu.

Mari era linda e nos tornamos o casal mais popular da escola, mas tudo estava prestes a ruir.

Já fazia mais de um mês que namorávamos e ela cismava em não me deixar conversar com os seus pais para pedi-la em namoro, dizia que eles não aprovariam por sermos muito novos, mas tínhamos dezessete anos e a maioria dos nossos amigos já namoravam e com o consentimento dos pais.

Até que um dia, após sairmos da escola, levei-a para tomar sorvete em uma sorveteria que ficava logo em frente ao prédio da escola. Sentamos nas mesinhas do lado de fora, fiquei ao seu lado e coloquei o meu braço no encosto da sua cadeira. Mari se virou de frente para mim e me olhava como se eu fosse o rapaz mais bonito que ela já viu. Sou negro, alto e sempre chamo atenção pelo meu físico, pois sou mais alto que qualquer garoto da minha idade, mas não conseguia acreditar que ela me olhava daquela maneira.

— Quando nos casarmos e tivermos nossos filhos, quero que eles nasçam iguais a você: com seus olhos, sua cor, seu sorriso e suas covinhas. — Mari disse passando a mão em meu rosto, com os olhos olhando para todo o contorno dele e demonstrando o quanto eles eram apaixonados por mim.

— Vai se casar comigo então, *hein*?

— Se você me quiser. — ela deu de ombros.

— Sim, quero. Para sempre.

— Para sempre. — ela repetiu.

— Mas para nos casarmos você precisa me apresentar aos seus pais.

Ela ficou séria e disse:

— Vou fazer isso.

Estranhei, mas mudei de assunto:

— E quanto aos nossos filhos, já eu, quero que eles nasçam com os seus olhos, sua cor, seu cabelo e suas sardinhas. — sorri e ela sorriu também.

— Não fala das minhas sardas. Eu as detesto.

— Eu amo. Elas quase não aparecem, precisa olhar bem de perto assim para vê-las — cheguei bem perto dela e dei um beijo.

— Mariana? — alguém falou atrás de nós e Mari quando viu quem era, separou-se de mim em um salto, ficando de pé no mesmo instante.

— Mãe!

Levantei-me e fiquei ao lado da Mari.

— Mariana o que você está fazendo aqui com esse ne...

— Mãe! Por favor. — Mari a interrompeu, mas eu já sabia o que a mãe dela estava prestes a dizer. — Ele é meu namorado.

A mulher me lançou um olhar de nojo.

— Não, ele não é. Venha! — ela pegou Mari pelo braço e a puxou, fazendo com que fosse mesmo sem vontade, mas antes de ir, Mari me lançou um olhar triste e eu não consegui dizer nada.

Naquele dia mandei mensagem no seu celular, liguei e Mari não me atendeu. Fiquei o dia todo triste, pensando no que a mãe dela falou e concluindo mentalmente a sua frase: “o que você está fazendo aqui com esse negro?” como se a cor da minha pele fosse algo que me diminuísse.

No dia seguinte me arrumei para ir para a escola, coloquei a mochila nas costas e parti sem que a minha mãe me visse, porque tenho certeza que se ela visse meu olhar entenderia o quanto estava doendo, só de me ver.

Eu andava em frente à escola, quando um carro preto estacionou ao meu lado, abaixou o vidro e a motorista me disse:

— João? É João o seu nome, não é? Entra aqui... Por favor. — vi a relutância dela em dizer um “por favor”, e era a mulher que conheci como a mãe da Mari.

Mariana se parecia muito com ela, mas no lugar da bondade no olhar eu só via presunção e arrogância.

Entrei no carro e fiquei em silêncio esperando-a falar.

— Bom, vou ser curta e grossa. Não quero você conversando com a minha filha.

— Por quê? — perguntei olhando em seus olhos.

— Porque você não serve para ela.

Respirei fundo para acalmar minha respiração e engoli em seco.

— Por causa da cor da minha pele?

Ela me olhou com o mesmo olhar de nojo de ontem e respondeu.

— Também, mas para começar, a sua mãe é professora em escola pública e paga a escola que você estuda com sacrifício, que eu sei. Seu pai morreu quando você era criança, o que te torna com um futuro ainda mais incerto, sem uma figura masculina para te auxiliar. Preto, classe média, sem pai e você ainda acha que serve para a minha Mariana?

Minha respiração estava ofegante e eu estava me segurando para não socar a cara daquela mulher na minha frente.

— Posso ser tudo isso de que você me acusa, mas pelo menos não sou um lixo de pessoa como você, que acha que só por que tem dinheiro e pele branca, pode se achar mais que todos. E só não te processo por racismo, porque a Mari não precisa passar a vergonha de ter uma mãe como você.

Virei-me e saí do carro batendo a porta com tanta força que o barulho chamou atenção das pessoas que estavam próximas. Andei em direção à escola sem olhar para trás, subi as escadas correndo e passei pelo pátio, onde todos ficavam antes de entrar para as salas. Ouvi a voz da Mari me chamando, mas não parei e corri para o outro lado do pátio onde quase não tinha ninguém.

Sentei-me no banco que ficava em baixo de uma árvore grande, apoiei minha cabeça nas mãos e tentei acalmar a minha respiração e a raiva que eu estava sentindo, no entanto, as palavras daquela mulher não saiam da minha cabeça.

— João. — ergui minha cabeça, me deparando com olhos cheios de lágrimas, um rosto lindo e triste que me disse: — Me desculpa, pelo o que quer que seja que ela falou e te deixou assim, me desculpa?

— Mariana... — fechei meus olhos.

— Por favor, não fica bravo comigo, eu não penso como ela. Eu não sou como ela!

— Eu não sirvo pra você.

— Foi isso que ela te disse. Eu vi você saindo do carro. Se foi isso, olha...

Eu estava lutando para não chorar, enquanto as palavras duras que a mãe da Mari tinha me dito, martelavam sem parar em meus pensamentos.

— Mariana é melhor você ir.

— Não fala assim comigo. — sua voz tremia.

— Não quero te deixar encrocada. E se continuarmos a sua mãe... Não vai ser fácil.

— Não termina comigo. Ficar longe de você vai ser pior. — ela chorava enquanto eu franzia os lábios para não chorar também.

— Eu te amo, João. — fiquei olhando para aqueles olhos lindos, com cílios molhados de lágrimas, levantei e a beijei.

Ela me afastou delicadamente após o beijo e falou:

— Vem comigo. — pegou-me pela mão com um olhar decidido.

Mari me levou até um quarto onde ficavam os materiais para as aulas de educação física. Entramos, ela fechou a porta, se virou para mim, me olhando sem jeito e o silêncio pairava entre nós, até que ela enfim me disse:

— Eu te amo tanto... E não quero que você me deixe, mas com a mãe que eu tenho, sei que vai ser demais pra você. — Mari engoliu em seco e olhou para baixo, desviando seus olhos dos meus — Por isso, antes que tudo piore, quero ter sido sua, sem ter sido de mais ninguém. — ela voltou a me olhar, pegou minha mão e colocou sobre o seu seio esquerdo, do lado do coração, e eu engoli em seco. — Quero que meu corpo seja seu, porque meu coração já é desde que

te vi.

Aí eu a beijei.

A tomei nos meus braços, sem pensar em sua mãe ou nas coisas horríveis que ela me disse. Ali, naquela sala, era somente eu, a Mari e o nosso amor.

Fizemos amor lento e romântico sem pressa e sem medo, em cima de um colchonete, como se naquela escola toda, só houvesse nós dois. Era a primeira vez dela e a minha também. A primeira vez que nossos corpos se uniram e conheceram o prazer, um no outro.

Sempre fui tímido e só ameiei a Mari a minha vida toda e era como se eu estivesse me guardado para ela e ela para mim.

Após horas ali, saímos daquele quarto e juramos que nada nem ninguém, iria nos separar e que manteríamos segredo sobre nosso namoro, para que a mãe dela nos deixasse em paz, para que pudéssemos voltar e recomeçar de onde paramos.

Mais de mês se passou, estávamos namorando escondido, nosso namoro estava dando certo e estávamos felizes. A mãe da Mari não interferiu mais. Mari disse a ela que eu terminei o namoro após a conversa que a mãe teve comigo. Nos encontrávamos escondido e Mari mentia para a mãe dizendo que ia para a casa da Isa, quando na verdade ia para a minha, enquanto a minha mãe trabalhava.

Minha mãe não queria que eu trabalhasse e sim me dedicasse aos estudos, então eu era responsável pelas tarefas domésticas. Mari passava as tardes comigo, me ajudava com tudo e depois ficávamos estudando, namorando e fazendo amor.

Em uma tarde de jogo de futebol na escola, jogos esses, que sempre íamos para torcer pelo Miguel, que era o goleiro do time. Estávamos na arquibancada e o sol estava quente. Olhei para a Mari ao meu lado, ela estava branca e parecia que desmaiaria a qualquer momento.

— Mari, você está bem?

Ela balançou a cabeça, devagar, afirmativamente e depois desmaiou. Peguei-a no colo, desci as arquibancadas, onde encontrei com a mãe da Isa, que trabalhava na nossa escola e me ajudou a socorrê-la. Corremos com o carro para o hospital mais próximo e quando chegamos lá, fomos atendidos rapidamente ao dizermos que éramos alunos do Santa Gênova, o colégio onde estudavam os filhos das pessoas mais ricas da região, exceto eu, que ganhei meia bolsa e minha mãe pagava o restante sofredamente com o salário de professora que ganhava.

Foram feitos exames na Mari e algum tempo depois o médico voltou para falar o resultado.

— Grávida? — eu e Mari perguntamos juntos, após o médico entregar o resultado do exame para a mãe da Bela.

— Sim, fizemos o exame BHCG que confirmou.

— Não pode ser, não pode ser... — Mari repetia baixinho com cara de assustada.

Saímos do hospital os três quietos e pensativos. Mari estava com um olhar parado e distante. Parecia triste... Até com raiva.

— Como vai ser agora? — ela me perguntou baixinho.

— Eu posso trabalhar, vou assumir você e nosso filho e tudo vai dar certo.

— O que vai ser do nosso futuro, do seu futuro, João?

— Tudo vai dar certo, tenho certeza que minha mãe vai nos ajudar. — apertei a mão da Mari e ela me respondeu com um sorriso apagado, como se soubesse tudo que iria acontecer depois.

Sem que esperássemos o carro em que estávamos foi atingido em cheio por outro que vinha em sentido contrário, então capotou e nos fez perder os sentidos.

Tudo ficou escuro e se apagou. Dentro de mim também se apagou. E todo sentimento que eu sentia morreu após aquele acidente.



Uma semana depois do acidente e eu ainda não tinha visto a Mari e nem sabia notícias dela nem do meu filho. Tentei entrar em contato com a sua mãe, que me evitou e não me atendeu em nenhuma das vezes.

Não aconteceu nada comigo a não ser um corte na testa nem com a tia Carla, mãe da Isa, já a Mari, soube na escola que ela estava em estado grave.

Voltei para a escola na semana seguinte, mas só conseguia pensar na minha loirinha. Até que depois de uma semana sem notícias, proibido de qualquer contato e de entrar no hospital, enfim consegui entrar e perguntar sobre a Mari, mas fui avisado que ela não estava mais ali há dois dias.

Fui até onde minha namorada morava e descobri por uma empregada, que eles haviam viajado em definitivo, no dia anterior. O pânico me atingiu e comecei a ligar a cada segundo no celular da Mari e na milésima vez, enfim ela me atendeu e me disse com uma voz de choro.

— Não me liga mais. Para de me ligar, por favor. — e desligou.

Fiquei olhando para o celular sem entender e no minuto seguinte uma mensagem dela chegou:

“O que tivemos foi um erro e o acidente só serviu para me mostrar isso e

toda a verdade. Segue sua vida”.

Meu coração batia acelerado e a primeira coisa que veio à minha cabeça foi nosso filho e então perguntei digitando rapidamente:

“Como você está? E o nosso filho?”

Mais que depressa ela digitou:

“Ele não existe mais. Eu perdi”.

Mari respondeu sem nenhuma emoção.

“Mari, o que está acontecendo? Não podemos terminar assim, eu te amo”.

Nenhuma mensagem veio em resposta a esta.

Ela nunca mais me atendeu, sumiu, me apagou da sua vida e apagou a minha vida.

Capítulo um

João

Dias atuais

Guns N'Roses naquela manhã cantava alto *Sweet Child O' Mine*, no despertador do meu celular e a música me acordou para começar um novo dia.

Eu tinha voltado a morar no interior e estava sendo bem legal viver novamente em uma realidade diferente da que eu estava acostumado. Até me esqueci de como tudo ali era mais calmo, tranquilo e sossegado. Na verdade, fiquei anos fazendo tudo que podia para esquecer esse lugar, mas tinha certeza, que com a minha volta e trazendo comigo a *Angels* eu iria movimentar ali!

Já era mais de duas horas da tarde, e como todos os dias, eu tinha que colocar o celular para despertar ou não iria acordar. Sempre fui muito dorminhoco e ser dono da *Angels* e ir dormir tarde todo dia, tinha me deixado ainda mais propenso a acordar tarde.

Eu era dono de uma casa noturna chamada *Angels*, eu e mais três amigos. A casa noturna recebeu esse nome, pois quando estávamos na faculdade, éramos apelidados de os anjos da noite que levam as mulheres ao céu e modéstia a parte, comigo elas sempre iam às estrelas.

Na faculdade eu e meus amigos fomos organizando festa atrás de festa, a princípio por diversão, mas como elas foram ficando cada vez melhor, acabamos ganhando dinheiro com isso e quando terminamos o curso de advocacia, guardamos nossos diplomas e abrimos a *Angels*: uma balada eclética, que tocava de tudo, e que virou sucesso no ramo de casas noturnas.

O sucesso foi tanto, que decidimos abrir uma filial e por conta de uma briga que tive com um dos meus amigos, (a qual me declaro totalmente culpado por ter ficado com a *mina* que um deles estava a fim), eu fui designado a vir para o interior e cuidar da nova *Angels*, sozinho. Não via isso como um castigo e sim como um voto de confiança dos três, até mesmo do Gu, que foi com quem eu briguei. Fui um canalha com ele e com a Lívía, a sua namorada. Toda vez que eu pensava nessa história me sentia mal e minha consciência pesava, afinal, por minha culpa eles se separaram, a Lívía sofreu um acidente e quase morreu. Aliás, acidentes só me lembravam de tristeza e o da Lívía, mexeu muito comigo, me fazendo voltar para o passado e me lembrando de um acidente que aconteceu anos atrás e me marcou para sempre, porém, apesar de ter sido um marco na minha vida, o acidente do meu passado tinha que ficar enterrado, trancado e esquecido para não doer. E foi por isso, que depois do acidente, decidi vir para

cá o mais rápido possível, para não ficar perto dos meus amigos, os lembrando do canalha que eu fui, e para que novos projetos pudessem dar um *up* na minha vida e me tirar de pensamentos que o acidente da Livia estava frequentemente me lembrando.

Já fazia quatro meses desde que eu tinha voltado para a minha cidade natal. Os dias tinham sido de solidão, mas os ocupei arrumando a minha nova casa e a deixando do meu jeito. Fiquei ocupado também arrumando os preparativos iniciais para a inauguração da *Angels*, a papelada para o funcionamento e tudo o que fosse necessário, até que ela estivesse pronta para ser a melhor casa noturna da região.

A nova *Angels* ainda não estava aberta ao público, então eu tive noites livres para ir a alguns bares locais, para ver qual era a da cidade e assim aprimorar a nossa balada quando abrisse. Tinha me privado de encontros com mulheres quaisquer, como fazia antes, pois esses só tinham me feito mal.

Precisava me concentrar nos negócios e esquecer as mulheres, pois nenhuma seria como a... A que... Bom, eu achava que não iria amar ninguém de novo, como a primeira mulher que amei. Pensar nela e em tudo que vivemos sempre doía e desde o acontecido, não consegui me envolver completamente com mais ninguém. Por mais que eu tentasse, por mais que eu quisesse esquecer, sempre todo o sentimento de dor e revolta, sentimento de algo inacabado, mal explicado e mal resolvido tomava conta de mim e não deixava com que eu me entregasse, vivesse e sentisse de novo aquilo tudo que senti com ela. Nunca mais fui eu mesmo e nunca mais o amor teve o mesmo sentido para mim.

Mas ficar pensando no passado não iria me levar para um presente feliz. Me restava encarar as minhas obrigações e esquecer o que me deixava pensando em coisas das quais eu não queria me lembrar. Então me levantei, tomei um banho e mais uma vez fui até onde seria a nova *Angels*.

Dentro de uma semana seria a inauguração e eu estava rezando para a casa lotar e eu ter muito que mostrar para os caras.



Era a noite da inauguração, meus amigos Gustavo, Fernando e Rodrigo iriam vir para a estreia e eu já estava ansioso para encontrar com o Gu e pedir desculpa por tudo que o fiz passar. Espero muito que ele aceite e possamos recomeçar como amigos.

Nós quatro éramos mais que amigos, éramos como irmãos, e sempre que eu pensava no que eu fiz me dava um aperto no peito, um arrependimento batia forte e eu não parava de pensar que precisava do perdão do Gu para me sentir

bem.

Nosso novo empreendimento tinha sido construído em um galpão onde antes funcionava uma fábrica e muito do que era, decidimos manter e colocamos um toque sofisticado como o da outra *Angels*, por exemplo: o lustre enorme suspenso e o bar de ponta a ponta. O único que já tinha visto como ficou depois de tudo quase pronto, foi o Rodrigo, para os outros seria completamente surpresa.

Uma das coisas boas de voltar a morar na minha antiga cidade era que ficava próximo da casa da minha mãe, de onde passei minha infância e adolescência. Era meia hora de carro e eu passaria mais tempo com a dona Carmem.

Desde que terminei o colegial e saí do interior para estudar na cidade, voltei poucas vezes para visitá-la. Eu era muito apaixonado pela minha mãe, mas ainda me doía tudo que tinha vivido ali quando mais novo. Voltar à cidade em que tudo aconteceu e ver cada lugar, era difícil para mim.

Minha mãe era uma guerreira e sempre foi muito esforçada, me criou sozinha depois que meu pai morreu, fazendo de tudo para que eu estudasse nos melhores colégios e me educando da melhor maneira possível. Tudo que eu era devia a ela, apesar de minha mãe não ter ficado muito feliz quando guardei o diploma, abri a *Angels* e não me tornei o advogado que ela tanto sonhou, mas mesmo contrariada minha mãe apoiou todas as minhas decisões.

Dona Carmem era uma negra linda e até hoje quando estamos juntos, mais parece a minha irmã.

Combinamos de almoçar juntos e eu estava esperando-a sair da escola que estudei e que ela era coordenadora. Fiquei observando como tudo continuava igual: o prédio antigo e imponente onde ainda estudavam os filhos das pessoas mais influentes da cidade, a sorveteria de frente continuava a mesma, as árvores pareciam não terem crescido e era como se o tempo não tivesse passado.

Pedi uma cerveja enquanto esperava a minha mãe, dei um gole generoso e degustei o líquido que desceu gelando pela minha garganta. Olhei as cadeiras de ferro preto e as mesinhas redondas com guarda sol que ainda tinha ali e era como se o passado estivesse na frente dos meus olhos... Senti o cheiro do perfume dela, o sorriso lindo que iluminava um ambiente e sorri em pensar o quanto ela era popular naquela escola, mas fui eu que a tive em meus braços e não nenhum dos *playboys* que a queriam. Lembrei-me de quantas vezes a galera se encontrou ali, lembrei-me das graças que o Miguel, irmão dela, fazia e da minha melhor amiga Isabela. Sorri sem querer com a lembrança da minha adolescência e do quanto me diverti naquela escola antes de tudo acontecer.

Pensar no motivo pelo qual eu não gostava mais dali, tirou o sorriso do meu rosto e no mesmo instante a mãe dela me veio à cabeça: com o seu olhar de desdém, seu sorriso cheio de si e suas palavras que me menosprezaram tanto.

Tentei esquecer as lembranças que me faziam sofrer e as guardei no baú das memórias esquecidas, como tinha feito todos os anos. Tomei mais um gole da minha cerveja e quando olhei para frente, vi a minha mãe atravessar a rua e vir sorrindo em minha direção, foi o que bastou para me fazer sorrir também.

— Mãe. — dei um beijo nela — Como está linda!

— Você que está lindo. Que *homão*, que meu filho se tornou! — Sorri para ela.

— Mas e aí? Quando disse que queria almoçar comigo, achei que iria conhecer a minha futura nora. Desde aquele almoço de boas vindas que fiz para você lá em casa, que você não aparece.

— Ah, mãe. — dei de ombros e nos sentamos. — Ando sem tempo. E sobre uma nora, estou mais sem tempo ainda. Além do mais, está difícil alguém me querer.

— Deixa de bobagem, menino! Um negro gato como você, deve chover mulher te querendo.

— Mas nenhuma que eu queira. — respondi e vi uma nuvem de preocupação tomar o seu rosto.

— E aquela história? Não machuca mais, não é?

Minha mãe sabia de tudo que aconteceu, de como aconteceu e era ciente do antes, durante e principalmente do depois. Viu como eu fiquei e como foi difícil superar.

— Não, aquilo é passado.

— Que bom. — ela sorriu e parecia contente, apesar de eu ver algo em seu olhar.

— Tem algo que queira me contar? — perguntei.

— Fiquei sabendo na escola, que os Medeiros voltaram para a cidade. — dei um gole na minha cerveja, tentei não esboçar reação à menção do sobrenome dela e então minha mãe continuou: — Estão preparando o casamento da Mariana. — Então eu parei de beber a cerveja e o último gole desceu quadrado em minha garganta.

— Ah, ela vai se casar? — tentei perguntar da maneira mais natural possível, mas meu coração estava saindo pela boca só de ouvir seu nome.

— Sim, com o herdeiro de uma multinacional.

Sorri em desdém.

— Só podia ser.

— Você está realmente bem com essa história toda, filho?

— Sim. Já faz muito tempo. Por que não estaria? — falei tentando ainda parecer natural, mas sei que a minha mãe não deixava passar o pequeno tremor na minha voz. — Vamos almoçar? Tô *varado* de fome. — Desconversei.

Seguimos a pé para o restaurante, que ficava ali perto, tentei almoçar e me sentir normal. Tentei acalmar meu coração e a minha cabeça, que não parava de pensar no maldito casamento e não parava de pensar nela. Almoçamos e tentei seguir em conversas seguras do nosso cotidiano, para que a minha mãe não notasse que eu estava mexido. Falei com ela sobre a *Angels*, que era o assunto que eu mais falava com tranquilidade e orgulho.

Perguntei sobre a Isa, que revi assim que voltei para cá, quando ela e minha mãe organizaram um almoço de boas vindas para mim. Foi muito divertido, acabei ficando amigo do seu marido e conheci o seu filho. Minha mãe me contou que Isa estava bem, mas que estava chateada, porque a Mariana não a procurou depois que voltou para a cidade e com certeza não seria convidada para o casamento. Lá vem a minha mãe falando do maldito casamento de novo. Esse casamento bem que poderia acontecer logo, ela casar com o tal herdeiro e voltar para fora do país, de onde nunca deveria ter saído. Tirei a história do casamento de novo da mesa e perguntei sobre o Miguel. Ele sempre foi um ótimo amigo, apesar de também nunca ter me explicado nada do que aconteceu.

— O Miguel, voltou pra cá pouco tempo depois que você foi estudar na cidade, ele voltou para tomar conta dos negócios da família. Soube que ele se casou também.

— Que legal, queria vê-lo.

— E por que não procura por ele, filho? Você não deve nada para essa gente. Muito pelo contrario, né?

— Vou procurá-lo nas redes sociais.

— Procure-o pessoalmente, João. E você precisa enfrentar seus medos do passado. Pare de ficar se escondendo como se devesse alguma coisa. Você é muito superior a eles.

Assenti e mudei de assunto mais uma vez.

— Como está a escola?

— Está ótima, adoro trabalhar ali. Queria ter trabalhado quando você estudava nela, eu teria evitado muita coisa. — Minha mãe disse com um tom raivoso.

— Podemos, por favor, parar de falar do passado, mãe?

— Tudo bem, filho, desculpa, mas é que ainda não engoli aquela mulherzinha de quinta, que pensa que é melhor que alguém por ser branca. Mas um dia ela terá o castigo dela. Um dia ela vai entender que cor da pele não significa nada.

— Não pense mais sobre isso. É passado e se é passado tem que permanecer lá.

Terminamos o almoço, minha mãe foi para o seu carro e voltou para a escola, enquanto eu fui para a minha *Ducati Monster* 1200 cilindradas. Assim que cheguei na cidade, vendi meu carro e realizei meu sonho de juventude e mesmo contra a vontade da minha mãe, comprei a minha moto que era a minha mais nova paixão.

Subi na *Ducati*, liguei e apreciei o ronco forte do motor. Era música para os meus ouvidos. Parti com o vento batendo contra mim e era disso que eu precisava: o vento que me acalmava, focar no trabalho que era a inauguração da *Angels* e fazer planos futuros para esquecer os problemas do passado.

A noite caiu e depois das novidades que a minha mãe tinha me contado, aquela história de não dormir uma noite com cada mulher acabaria. Voltei a ser o João pegador e depois de sair para beber alguma coisa, voltei para casa com uma morena gata que me deu mole no bar, mas ao contrário das outras vezes em que iludi e por medo de seguir em frente, abandonei, dessa vez logo de cara já avisei que não passaria daquela noite. Pelo menos o rolo com a namorada do meu amigo, serviu para que eu aprendesse a não iludir mais as mulheres.

Capítulo dois

Mariana

De volta... Anos se passaram e a sensação de ter saído fugida dali ainda me assombrava, mas depois de tudo... De me sentir enganada, traída e apunhalada pelas costas da pior maneira que uma pessoa pode ser, por duas pessoas que amava, tenho certeza que sair da minha cidade e deixar tudo para trás, como a minha mãe me sugeriu, foi a melhor coisa que fiz.

Não queria ter que voltar de Portugal para me casar, mas nossos familiares, como tios e primos, tanto os meus quanto os do meu noivo, Breno, moravam ali e para agradá-los decidimos voltar.

Eu estava em um misto de ansiedade e medo de voltar, mas agora que estou aqui hospedada na casa dos meus pais, onde era meu antigo quarto, o medo sumiu e voltei a ficar feliz com a decisão de me casar.

Esses anos que morei em Portugal, onde meu pai tinha negócios que herdou do meu avô, resolvi esquecer o passado e me dediquei aos estudos. Estudei tudo que era ligado à construção. Fiz engenharia civil, decoração e designer de interiores. Ocupei a minha cabeça com os estudos para não pensar na dor que aquele lugar me causou e só realmente consegui esquecer, quando conheci o Breno no último ano da faculdade. Bom, esquecer não era bem a palavra que definia o que aconteceu com os meus sentimentos quando comecei a namorar o Breno, mas pelo menos parou de doer tanto.

Saber que Breno também era da mesma cidade que eu, foi uma feliz coincidência e a partir desta informação fomos descobrindo muitas coisas em comum, apesar de ele ser sempre muito mimado e bem diferente de mim.

No começo do nosso namoro eu o comparava frequentemente com o... Com o meu ex. Era inevitável, já que a diferença de valores e jeito de ser era gritante, mas com o tempo acabei me acostumando com o jeito ostentação do Breno e acabei curtindo nossos passeios caros, jantares extravagantes e tudo que ele queria fazer que envolvesse dinheiro. Como dizia a minha mãe: era esse o mundo que ela tinha que ter me apresentado desde o início e para pessoas desse nível. Não preciso nem dizer o tanto que a minha mãe amava o Breno.

— Mari, sua mãe pediu para que você desça para o café.

— Estou indo, Maria, querida. — Respondi com carinho a mulher que trabalhava na minha casa desde que nasci. Maria era cozinheira e faz tudo, mas tinha outras pessoas que a ajudavam. Era baixinha e rechonchuda com os cabelos perfeitamente arrumados em um coque e pintados de preto para esconder a sua verdadeira idade.

Desviei o olhar dela e olhei pela janela, para rua, que dava para ver por cima dos muros altos da minha antiga casa.

— Ah, minha menina, senti tanta saudade de você. Sempre teve um coração tão bom. Espero que a sua volta não tire a alegria do seu olhar.

Fui até ela, dei-lhe um abraço e um beijo em sua testa.

— Não se preocupe, Maria. Estou muito feliz em voltar e com o meu casamento.

— Que bom! — ela falou sorrindo.

— Que bom! — eu concordei sorrindo.

Nós descemos juntas e abraçadas para a mesa do café.

Entramos na sala sorrindo de alguma coisa que a Maria me contava, que o netinho dela havia feito e encontrei a minha mãe sentada a mesa.

— Mariana, você não perde esse jeito, não é? — Falou nos olhando com desaprovação, Maria se desvencilhou de mim e seguiu para a cozinha.

— Que jeito, mãe?

— De tratar todos como se fossemos iguais.

— E por que deveria tratar alguém diferente? — perguntei colocando o cotovelo sobre a mesa e apoiando o queixo nas mãos, nitidamente começando a me irritar.

— Nada, Mariana! — ela revirou os olhos, impaciente. — Amanhã temos que ver igreja, cartório e dar início aos proclamas do casamento.

— Estou ansiosa para ver o vestido.

Minha mãe sorriu em contentamento.

— Tem que ser o que brilhe mais, o mais caro e o melhor.

Revirei os olhos.

— Apenas que seja um que eu goste, já está bom.

— Não me venha com essa história de simples, de novo. Tem que ser “O casamento”! Ah! E quando Breno voltar novamente de Portugal, tem que estar tudo pronto. Quando ele vai para o escritório?

— Daqui duas semanas. Breno não pode deixar a construtora sozinha por muito tempo. Então ele vai, fica um tempo lá e volta pra cá de novo para o casamento.

Assim que Breno terminou a faculdade de engenharia, abriu a sua própria construtora e com a ajuda da sua família, que era muito influente, logo a construtora conseguiu crescer e era muito renomada em Portugal. Por esse motivo ele não podia se ausentar muito, então ele veio comigo, mas iria voltar em breve por causa dos negócios, enquanto eu ficaria organizando tudo para o nosso casamento. Eu trabalhava com ele, mas terminei todos os projetos em que estava envolvida, até me ver livre para voltar por tempo indeterminado e correr

com os preparativos.

— Cuidado em deixa-lo lá, dando sopa sozinho, do jeito que é bonito e bom partido, vai ter uma leva de mulher bonita, todas interessadas em ficar com ele.

— Se ele escolher outra mulher que não seja eu, não posso fazer nada. Quem perde é ele. — dei de ombros e minha mãe me encarou irritada.

Breno realmente era muito bonito. Era branco, com o cabelo castanho e penteado de lado, olhos azuis muito escuros e um sorriso muito encantador.

— Seu pai disse que só virá na semana do casamento, que também não pode abandonar os negócios e sem falar na saúde dele que você sabe como está.

— Meu pai tem doença renal crônica, há algum tempo faz diálise. Morre de medo de fazer o transplante e nunca deixou nem vermos se éramos compatíveis.

— Ele acha isso tudo uma besteira, mas eu faço questão de que o casamento seja maravilhoso, saia nas revistas e seja a notícia mais comentada dessa cidadezinha esdrúxula. Quero que a notícia do seu casamento se espalhe. — Minha mãe falou orgulhosa. — E se seu pai não vier vai dar o que falar.

— Pra que esse exibicionismo todo? Na verdade, por mim eu nem faria o papai sair de lá.

Ela deu de ombros.

— Por mim também ele não viria. Eu amo seu pai, mas você sabe que eu não gosto de ficar com ele no hospital. Sempre é você quem fica e eu não faria você passar a noite no hospital com seu pai, às vésperas do casamento, caso precisasse. Lá pelo menos se ele precisar, ele paga uma acompanhante.

Minha mãe às vezes falava umas coisas que me assustava.

— Você sabe que por mim você se casaria na igreja de São Roque, em Lisboa, só por ela ser considerada a mais valiosa do mundo, mas já que o casamento será aqui... Só quero que todos saibam.

E nesse momento eu pensei em “um certo alguém”, que eu não pensava a algum tempo e imaginei como ele reagiria quando soubesse da notícia.

Isso era ridículo!

Eu pensar nisso depois de tanto tempo, era ridículo.

E também, às vezes pode ser que ele nem iria saber, às vezes nem more mais aqui ou até já tenha construído uma família, talvez tenha se casado e tenha filhos. Balancei a cabeça sem a minha mãe notar, para esquecer as lembranças que invadiam a minha memória e parar de pensar em tantos talvez. Foquei na minha mãe que estava alheia aos meus pensamentos e falava sobre vestido assinado por estilista famoso.

Capítulo Três

João

Depois de meses que havia colocado os pés de volta na minha cidade natal, enfim era o grande dia!

A inauguração da *Angels*!

Minha mãe me ligou desejando sorte e avisou que estava triste, mas não conseguiria comparecer, por conta de ter pegado um resfriado. Eu a tranquilizei e avisei que ela teria muito tempo para prestigiar a minha *Angels*.

Eu estava mega orgulhoso, ansioso e agradecido a Deus pela inauguração ser exatamente nessa semana, pois fiquei organizando os preparativos finais e não tive tempo de pensar em alguém, que estava de volta, um alguém que não quero pensar muito menos ver, então ficar envolvido praticamente vinte e quatro horas por dia com os detalhes da *Angels* e não sair do escritório para quase nada, foi bom.

E, além disso, na última semana, o pouco tempo que me restava quando não estava organizando tudo, eu me jogava na antiga vida de cachorrada e me acabava cada noite em uma mulher diferente. Mas em minha defesa, todas elas sabiam e aceitavam a minha condição, aliás, não tenho culpa se a mulherada se amarra nas minhas covinhas e era só eu sorrir, que conseguia uma gata diferente a cada noite.

Claro, isso também serviu como uma espécie de distração para esquecer tudo que me tirava do foco e deixar o passado onde ele tinha que ficar. No passado!

Gustavo, Fernando e Rodrigo ficaram de me encontrar na *Angels*, antes da casa abrir, e eu estava nervoso pra porra!

Queria mostrar para eles que fiz tudo certo e que eles podiam confiar em mim para tocar sozinho nosso novo empreendimento. E eu confiava na equipe de *marketing* que contratei, sei que fizeram um trabalho excepcional e naquela noite eu esperava fila na porta.

Aprontei-me para sair e assim que escureceu, rumei para ocupar meu posto de anfitrião. Não sei se estou preparado para encontrar com o Gustavo depois do que aconteceu, mas espero que possamos superar tudo e voltarmos a sermos amigos.

Eu queria que eles gostassem dos reparos que eu fiz e da disposição de tudo. Além do lustre caríssimo pendurado no meio da pista de dança e o bar de ponta a ponta característicos da *Angels* matriz, também mantive o vidro no piso superior, em que se vê quem está na pista, mas quem está na pista não vê quem

está no escritório e manteve modelo rústico de uma fábrica, com tubulação aparente e parede de tijolos a mostra.

Assim que entrei no estacionamento da *Angels*, avistei os três carros dos caras e eles estavam em pé ao lado deles, junto com suas namoradas. Todos olhavam a fachada com o letreiro da *Angels* e pareciam admirados.

Quando cheguei mais perto, dei uma acelerada e o motor da minha *Ducati* roncou chamando a atenção de todos. Estacionei, desci da moto e tirei o capacete indo em direção aos meus amigos.

— E aí, cara? — Rodrigo me deu um aperto de mão seguido de um abraço de macho e perguntou olhando para a minha moto: — Mano, e essa máquina? — E com um sorriso no rosto se afastou da Samira para olhar meu novo brinquedo de perto.

— Tudo bom, Samira? — a cumprimentei com um beijo no rosto e parti para o Fernando.

— E aí, japa. — o cumprimentei com o mesmo aperto de mão estalado e o abraço de macho. — Clara, você como sempre, linda. — Dei um beijo no rosto da Clara e provoquei o Fernando.

— Minha linda! — Fernando frisou a palavra “minha” e eu ri.

— Vocês continuam os mesmos babões. — falei rindo largamente. — E os bebês estão bem? — apontei para a barriga da Clara que já estava redonda e aparecia, entregando a feliz gravidez.

— Ótimos. — ela respondeu sorrindo feliz, com a mão na barriga e olhou para o Fernando que a deu um beijo.

Gustavo e Lívia estavam mais atrás, pareciam sem jeito e achei que precisava partir de mim o contato inicial.

— E aí, Gustavo? — estendi a mão para ele.

Gu segurou a minha mão por um segundo a mais me encarando, mas me puxou também para um abraço de macho e aí eu disse:

— Você não sabe o quanto me arrependo de tudo e se eu pudesse...

— Passado é passado. — ele me interrompeu. — De novo Amigos?

— Amigos. — confirmei sorrindo. — Vocês para mim são como irmãos. — Engoli em seco, porque sou macho e não podia deixar que eles vissem que eu estava emocionado em receber o perdão do meu amigo.

— Ah, que bonitinho as dondocas fizeram as pazes. — Rodrigo provocou.

Mostrei o dedo do meio.

— Vai se fuder, Rodrigo! — Gu o xingou também rindo.

— Já estava na hora. — Fernando disse. — Briga besta da porra!

Todos riram.

— Oi, Livia. — Fui cumprimentar a namorada do Gu com um beijo na bochecha, mas me freei, olhei para o meu amigo e perguntei: — Posso?

— Claro! — ele assentiu sorrindo meio sem jeito.

— Oi, João. — Livia falou também sem jeito.

— Bom, mas antes de recomeçarmos, preciso pedir desculpas a vocês. A todos vocês.

— Não há nada o que desculpar. Foi tudo uma grande idiotice e passado é passado, lembra? — Livia disse sorrindo.

E eu assenti.

— Combinado. Passado é passado.

— Ei, João! Você deve estar pegando mulher adoidado com essa máquina, *hein*?

Rodrigo falou apontando para a minha moto, chamando a nossa atenção e levou um beliscão da Samira, o que fez todos sorrirem.

— Um pouco. — Dei de ombros.

— Vou ter que dar uma volta nessa máquina antes de ir embora. — Rodrigo falou alisando o tanque da moto.

— Quando quiser. — sorri.

— Está na hora de arrumar sua alma gêmea também, João. Todos nós arrumamos. — Samira disse e olhou para o Rodrigo com um olhar apaixonado.

— Sim. — Todos responderam juntos e com olhares apaixonados.

— Vocês ensaiaram isso? — Perguntei e eles riram. — Olha, tô bem sossegado quanto a isso, se for pra ser, um dia aparece a minha metade... A tampa da minha panela... A peça que falta no meu quebra cabeça. Que brega! — Fiz uma careta.

— Ou já apareceu e você que não sabe. — Clara falou sorrindo e uma pequena lembrança indesejável voltou a minha memória, mas eu a enviei novamente para o canto do esquecimento.

— Quem sabe... Mas vamos entrar e ver a *Angels* — mudei de assunto — Estou doido para saber o que vocês vão achar de tudo.

Nos encaminhamos para parte interna e assim que passamos pela portaria, dei espaço para eles irem na frente, enquanto os observava com apreensão, já esperando que as críticas viessem.

— Cara! Tá muito foda! — Rodrigo falou e foi acompanhado pelos outros que também elogiaram e só aí, com a aprovação deles, que eu senti que tinha feito tudo certo.

Os funcionários já estavam chegando, se preparando para trabalhar e a cada minuto que passava eu ficava mais ansioso para a bilheteria abrir e a casa *bombar*.

Subimos para a parte de cima, onde ficava o escritório e tentei manter o lugar o mais parecido possível com a primeira *Angels*. E todos eles gostaram disso.

A música começou a tocar e o *Dj* a se aquecer fazendo a passagem de som nos equipamentos. As luzes começaram a piscar e eu comecei a sentir o frenesi que sempre senti com esse trabalho. A noite estava começando e só agora vendo tudo aqui como era lá, eu vejo o quanto senti falta disso!

A hora passou de pressa e os primeiros frequentadores começaram a chegar, enquanto eu e meus amigos nos acomodamos no bar.

— Vai *bombar*! — Falei só para mim, esfregando as mãos em um pensamento positivo, mas Gustavo ouviu.

— Vai *bombar*! — ele repetiu levantando a sua cerveja para o alto em um brinde.

— Vai *bombar*! — nós todos erguemos nossas bebidas e brindamos juntos.

— Relaxa, cara! Você fez um bom trabalho. Vai ser sucesso. — Nando me acalmou, colocando a mão no meu ombro.

Eu assenti, mas não pude responder, pois Samira provocou o Fernando e disse:

— Ei, Clara, vai lá fazer uma *performance* pra gente, jogar umas garrafas para cima e animar a galera.

Clara era *bargirl* da *Angels* antes de começar a namorar o Fernando e os dois tiveram uma longa história até chegarmos a esse ponto, mas ele se apaixonou por ela logo na primeira *performance* que ela fez, na entrevista para trabalhar com a gente. Ela dançava, jogava garrafas e fazia drinks ao mesmo tempo e isso deixou meu amigo encantado, porém, depois que ela engravidou, por motivos óbvios ela parou com as apresentações.

— Bem que eu queria. — Clara respondeu com um sorriso provocador.

— Nem pensar, linda. O médico exigiu repouso, a gente nem deveria ter vindo. — Fernando falou sério.

— Estou brincando, amor. Mas que iria ser legal jogar umas garrafas, ah iria!

— Para você não passar vontade, Clara, o Fernando vai lá e faz uma *performance* pra gente. — Rodrigo disse para irritar o Fernando.

— Melhor não, Rodrigo. Se não ele vai dar prejuízo para a casa logo na inauguração. — falei.

Todos nós ríamos, a noite seguia e como era esperado, a casa lotou.

A *Angels* era um sucesso!

Aí então eu realmente me permiti curtir a festa e a sensação de dever

cumprido me preencheu. Ainda mais quando os meus amigos não paravam de erguer brindes em minha homenagem.

O *Dj* parou a música, anunciou os *Angels* e as luzes foram apontadas para nós quatro. Houve uma comoção geral, principalmente quando ele contou, meio por cima, o significado do nosso apelido, fazendo com que as mulheres que estavam presentes ficassem loucas e bem curiosas. Mas Samira, Clara e Livia mostraram que o único livre ali era eu.

Nós todos dançamos e já estávamos bem bêbados, felizes e isso era bom! Era dessa normalidade com os meus amigos que eu senti falta todo esse tempo, desde que eu e o Gu brigamos.

Me and you do *Alok* animava a noite e eu curtia pra caramba essa música, mas eu não sabia que ela seria o fundo musical que tocaria no momento exato, em que tudo a minha volta parou e tudo pareceu ficar em câmera lenta.

Menos o meu coração... Esse batia acelerado.

E a minha respiração estava entrecortada.

Paralisei, pisquei e forcei a vista para ver se era realmente quem eu achava que era que estava ali, na minha frente, ou se era todo o álcool que eu ingeri que estava fazendo com que eu tivesse alucinações.

Mas não.

Não eram alucinações e eu realmente a estava vendo... Era ela... Ainda com o mesmo cabelo comprido e no tom de loiro quase ruivo... Era ela... Meus olhos não acreditavam no que viam, mas era ela, era a... Fechei meus olhos e voltei a abri-los na esperança que quando olhasse para a direção em que ela estava, não fosse o que eu achava que fosse, fosse só uma miragem e ela não estivesse mais ali.

Mas lá estava ela... Rindo, dançando, jogando o cabelo para o lado e parecia feliz.

— Mariana! — enfim, em anos... Anos após tudo ter acontecido, consegui dizer o nome dela e mesmo estando distante, em meio ao barulho de música alta e pessoas conversando, quando o seu nome saiu da minha boca, era como se ela tivesse me ouvido e mesmo no meio da multidão, seus olhos cruzaram com os meus e seu sorriso congelou. Nos encaramos... Segundos que pareciam horas... A música pulsando alto e ela ali... Me olhando de volta.

— João? Você tá bem, mano? — Rodrigo me perguntou preocupado e me tirou do transe.

— Oi? — desviei o olhar da direção dela para ele e respondi com uma pergunta.

— Você está parecendo que viu um fantasma.

— E realmente vi. — Olhei na direção em que eu tinha visto a Mariana e

ela não estava mais lá. Procurei varrendo com o olhar todo ao redor da *Angels*, mas nem sinal dela. Deve ter sido coisa da minha cabeça.

— Você está passando mal? — Fernando perguntou.

— Só acho que bebi demais.

— Acho que esses meses que passou aqui sem os seus parceiros de *night*, você ficou meio mole para bebida, *hein*? — Gu falou chegando perto para ver como eu estava.

— Num *guenta* bebe leite. — Samira brincou e eu sorri sem jeito.

— Está tudo bem, gente, foi só que... — eu ainda a procurava atordoado, engoli em seco e mais uma vez olhei em volta a sua procura — Achei ter visto alguém que eu não via há muito tempo.

— Deve ser alguém importante para te deixar assim. — Clara falou parecendo preocupada.

— Nem tanto. Só uma conhecida, mas acho que me enganei e não era ela. — Dei de ombros como se não fosse nada, mas meu coração ainda estava acelerado.

— Bom, se for ela, logo você vai vê-la novamente. — Lívia tentou me acalmar e colocou a mão no meu ombro.

— Tá certo! — Dei um tapa de leve no balcão, para tentar voltar a realidade. — Bora beber pra comemorar. Desce uma rodada de bebida pra todos. — Falei para o barman. — Para a Clara desce suco.

Todos riram.

— Ou bebe leite — Samira completou rindo. — Porque quem não *guenta*... — Ela ergueu o copo para cima indicando com a cabeça para a gente continuar.

— Bebe leiteeee... — todos dissemos juntos, rindo e viramos nossas bebidas.

Tentei parecer normal, tentei continuar me divertindo com os meus amigos, mas nada me tirava da cabeça que ela estava ali e os olhos dela nos meus, não saíam do meu pensamento, então eu passei o resto da noite procurando-a sem querer e mesmo quando eu tentava pensar que era coisa da minha cabeça, meu coração traidor dizia que não.

Mariana

Era ele!

Tinha certeza que era!

Nossos olhares se encontraram e como se o tempo parasse e tudo a minha volta não existisse, eu o olhei e naquele segundo voltei ao passado e tudo voltou, inclusive toda a dor. O amor era tanto... Mas toda a dor que senti também.

No segundo seguinte alguém falou com ele e tirou sua atenção. Foi então que aproveitei o momento que quebramos o contato visual para me esconder e sentei na cadeira mais próxima.

Meu coração pulsando acelerado, entregava a importância daquela troca de olhares.

Eu estava dançando com o Breno e segui rapidamente para a mesa em que o meu irmão Miguel e sua esposa Vanessa, estavam sentados.

— Mari, o que você tem? Você está branca. — Minha cunhada me perguntou.

Minha respiração estava acelerada e eu nunca pensei, em todos esses anos, que estar frente a frente novamente com o João, me traria todo esse sentimento do passado. Mas não os mesmos sentimentos, era algo que não sei explicar e minhas pernas tremiam.

— Mari, quer ir embora? — Breno me perguntou — Mari?

— Oi! Tô bem, foi só... Uma tontura.

— Não vai me dizer que está grávida antes do casamento. — Miguel brincou, rindo.

Vi que Breno perdeu o ar.

— Não, Miguel, foi só uma tontura, acho que estou desacostumada a beber.

— *Uffa*. — Breno respirou, aliviado.

— Tudo isso é medo de ser pai? — perguntei meio irritada.

— Não. Só não é o momento, nossos pais nos matariam, principalmente a sua mãe que está super empolgada com o casamento. — ele disse disfarçando o alívio que deixou transparecer, quando eu o certifiquei que não estava grávida.

— Tem razão, minha mãe está sonhando tanto com esse casamento que se algo atrapalhar, ela vai ter um treco. — Miguel falou, enquanto eu encarava o Breno que ainda parecia muito aliviado e isso me lembrou de outra vez em que recebi uma notícia de gravidez e mesmo sendo em situações muito diferentes, não tem como não comparar uma reação com a outra e sem que pudesse controlar, senti uma pontada de decepção quanto ao Breno.

— Eu gostaria de ir embora, não estou me sentindo bem.

— Por mim, vamos. — meu irmão disse e minha cunhada concordou.

— Já que é a minha despedida antes de eu voltar para Portugal, faço questão de pagar. — Breno falou feliz — Aí quando eu voltar para o casamento, você paga na despedida de solteiro, cunhado.

— Combinado. — Miguel concordou.

Breno pegou nossos cartões magnéticos, em que havíamos marcado os nossos pedidos, e foi para o caixa dizendo que nos encontraria em quinze minutos, na frente da *Angels* quando o manobrista trouxesse o carro.

Enquanto isso meus olhos varriam a *Angels* em busca daqueles olhos tão surpresos a me ver, olhos que há tanto tempo eu não via, mas que mesmo de longe eu pude enxergar que tinham o mesmo brilho.

Minha cabeça mandava eu me esconder, não queria vê-lo, eu não podia vê-lo.

Toda aquela semana ali... Andei tanto pela cidade e não o vi em lugar nenhum, aí no dia que Breno deu a ideia de ir à casa noturna, que ouvimos tanto falar durante toda a semana sobre a inauguração imperdível, eu o encontro. Não que eu o estivesse procurando, mas já tinha desencanado e perdido o medo de encontrá-lo, medo que eu senti quando cheguei aqui. Aí nunca imaginei que o veria justo na despedida do Breno.

Enrolei tanto para sair de casa e vir, quando enfim decidimos sair já era bem tarde. Parecia que eu estava adivinhando!

Mas espera! Fica calma, Mariana. Pode ser que tenha sido só uma impressão.

Sim. Agora parando para pensar, eu na verdade nem sei se era realmente ele. Ou se eu só vi alguém parecido e já pensei ser, afinal, fazia muitos anos.

A quem eu estava tentando enganar?

Aqueles olhos eram inconfundíveis.

Só podia ser ele!

Eu ainda estava sentada discutindo com o meu subconsciente, enquanto minha cunhada e meu irmão estavam em pé, esperando o tempo que o Breno pediu, antes de irmos para a saída. Meus cotovelos estavam sobre a mesa e as minhas mãos fechavam meus olhos. Foi então que eu ouvi aquela voz.

— Cara, quanto tempo!

Ergui a minha cabeça rapidamente e vi o João dando abraços apertados e com tapas estalados nas costas do meu irmão. Meu coração voltou a bater acelerado e senti que o ar faltava nos meus pulmões.

Era realmente ele!

E estava aqui, na minha frente, depois de tantos anos, em que nem uma despedida tivemos. Depois de tudo que ele me fez. E continua tão lindo, como

me lembrava de que era, mas também me lembro da traição que sofri e que nunca esperava sofrer.

— João, quanto tempo! — Meu irmão estava verdadeiramente feliz em reencontrar o amigo.

Miguel apresentou a Vanessa a ele e perguntou como estava indo a sua vida, mas João estava com os olhos em mim e respondeu apenas que ia bem, meio que no piloto automático. Enquanto eu fiquei apenas olhando, sentindo as minhas pernas como gelatina.

— Lembra-se da Mari, João? — Miguel perguntou cinicamente, apontando para mim.

— Claro. — Ele respondeu. Apenas “claro”.

João veio até mim e juntei minhas forças para levantar e cumprimentá-lo.

— Tudo bom, Mariana? — Mariana. Não Mari como ele me chamava antes.

— Tudo bom, João. — Respondi secamente. Ele me deu um beijo no rosto e o cheiro dele invadiu minhas narinas, enquanto sua mão segurou a minha cintura e esse toque me levou de volta ao passado instantaneamente. — Quanto tempo.

— Sim, nem me lembro da última vez que falei com vocês.

— Eu lembro perfeitamente. — falei baixo só para mim, mas João me olhou tão intensamente que me senti nua.

E no mesmo instante meu celular me tirou do momento intenso que se formou.

— Oi, Breno. Estamos saindo. — falei mais seca do que tive a intenção de falar e desliguei. — Vamos, pessoal? O Breno está nos esperando.

— Poxa, João! Foi muito bom te ver, cara! Precisamos marcar algo com a galera.

— Claro, vamos marcar sim. — ele concordou, mas não disse nada sobre ter alguém e a curiosidade e a vontade de perguntar estava me matando.

Alguém o chamou, ele olhou para um pessoal no bar e fez sinal com a mão dizendo que já estava indo.

— Tenho que ir, foi bom ver vocês.

— Ah, espera aí, cara. — Meu irmão tirou o telefone do bolso e entregou para o João — Anota o seu telefone aqui e eu te ligo pra gente marcar algo.

João apenas assentiu, me deu uma olhada antes de marcar o telefone como se avaliasse a minha reação a isso, mas acho que eu estava tão sem reação a tudo, que ele resolveu marcar o número e quando terminou, entregou o telefone ao meu irmão.

— Bom, foi bom ver vocês. — João falou e deu um abraço rápido no

meu irmão. — Até mais. — Sorriu sem jeito, deu um meneio de cabeça para mim e para a Vanessa e se virou para ir, sem olhar para trás.

Fiquei olhando suas costas por uns segundos a mais, tentando entender esse reencontro, até que meu irmão me tirou do transe, quando me perguntou me encarando seriamente:

— Você está bem com esse reencontro?

Assenti afirmando.

— O que eu perdi dessa novela? — Vanessa perguntou, sem entender a tensão entre nós.

— É um capítulo da minha novela que não vale a pena você assistir, Van.

— Você está bem mesmo com esse reencontro?

— Sim, é passado. E vou me casar. — Sorri sem jeito, em resposta ao meu irmão.

Miguel me olhou desconfiado, principalmente depois que mencionei meu casamento. Ele viveu comigo todo o meu sofrimento. Sempre fomos muito unidos e quando passei por tudo que passei, foi ele que secou as minhas lágrimas, mesmo sem saber direito o que estava acontecendo, pois nossa mãe achou melhor não contar, então ele só sabia que fomos morar em outro país e eu e João terminamos. E assim ele me apoiou até eu conseguir me reerguer. Meu celular tocou mais uma vez e era o Breno, apenas deliguei a ligação e falei para o meu irmão me seguir que o meu noivo estava esperando. Mas aqueles olhos não me saíam da cabeça e o que mais senti falta naquele rosto perfeito, foi daquele sorriso tão lindo que eu me lembrava tão bem, com aquelas covinhas lindas, que chamavam tanta atenção.

Mas que droga!

Por que ele tinha que vir nessa inauguração também? Em um lugar tão grande, por que tínhamos que nos encontrar? Que ódio!

Entrei no carro do Breno em silêncio, segui o caminho em silêncio, mal me despedi do meu irmão e da minha cunhada quando os deixamos em casa. Quando Breno me deixou na minha, antes de seguir para o hotel, eu não o convidei para entrar e o dei um beijo sem graça antes de descer do carro, com a promessa que passaríamos a noite seguinte junto antes dele viajar de volta para Portugal. Breno me olhou como se não entendesse, mas não discutiu e apenas foi embora, me deixando sozinha com os meus pensamentos, com o choro, que acompanhou as lembranças tristes que invadiram a noite e com a foto que eu levava na carteira. Foto que eu levei por todos esses anos e sempre olhei para me lembrar do por que eu não podia voltar para ele.

Capítulo quatro

João

A minha vontade quando cheguei perto dela, era de ter a agarrado e a beijado, da mesma maneira como fazia há anos atrás e depois de beijá-la, xingá-la por ter ido embora e terminado comigo tão sem motivo como ela fez. Depois saber o motivo de ela ter me abandonado sem nem uma satisfação de o porquê estava fazendo isso, por não ter chorado junto comigo a perda do nosso filho e tantas outras coisas que eu queria ouvir e dizer. Mas fiquei tão sem reação, com a garganta seca e as mãos suando, que só consegui responder monossilábicamente a tudo que o Miguel me perguntava.

Depois do reencontro me vi mudo, mal aproveitei o resto da inauguração com meus amigos e não parava de pensar naqueles olhos lindos me olhando, como se me repreendessem por algo que eu tivesse feito, mas as minhas lembranças me mostravam que eu fui a vítima nessa história toda.

No dia seguinte, minha mãe me convidou para almoçar com ela. Era domingo e quando cheguei a sua casa, me espantei com mais um almoço surpresa. Além da minha mãe, estavam presentes a Isa, seu marido Jean, seu filhinho Arthur e a tia Carla, mãe da Isa.

— Não acredito! Deu certo de novo esse almoço! — Falei quando entrei na sala e encontrei todos sentados nos sofás.

— Pois é, João. Nós só nos encontramos quando você voltou e depois você se isolou de novo. — Isa falou enquanto vinha me abraçar.

— Ah, amor! O cara é empresário famoso, não tem tempo para os pobres mortais. — Jean disse risonho.

O marido da Isa e eu, ficamos amigos e o cara era muito gente boa.

— Que nada! — respondi sorrindo.

Após cumprimentar o Jean, abracei a minha mãe, depois a tia Carla, passei a mão na cabeça do Arthur e me sentei no sofá.

— Que nada? — Isa colocou a mão na cintura, sorrindo e continuou falando: — Deixa de ser modesto. As meninas da loja me contaram por mensagem — Isa tinha uma loja de *lingerie* no centro da cidade. — que ontem a balada nova estava maravilhosa, lotada e os *Angels* são gatos. Ah! Disseram também que o negro tem umas covinhas lindas. — ela revirou os olhos para a parte que falou das minhas covinhas.

Todos riram e eu fiquei sem jeito.

— Realmente a inauguração foi ótima e a *Angels* estava lotada.

— Queria tanto ter ido, mas o nosso Arthurzinho, ontem ficou meio

molinho, até achei que fosse ficar doente. — Isabela olhou carinhosamente para o filho de apenas dois anos, que brincava no chão da sala.

— Não faltará oportunidade para vocês irem. — falei.

— Queria ter ido, para rever seus amigos e sócios. Eu os vi, vocês ainda estudavam Direito. — minha mãe falou pensativa.

— Eles dormiram em um hotel e foram embora hoje cedo, mas prometeram voltar.

— Ah que bom, na próxima espero vê-los.

Assenti.

— Mas e aí... Tinha bastante gente da nossa época da escola? — Isa perguntou.

Tentei me manter impassível, mas acho que não consegui.

— Encontrei com o Miguel, ontem. Estava com a esposa dele e... a... — limpei a garganta. — Mariana.

Um silêncio tomou conta da sala e eu tentei quebrar o clima.

— Acho que estava com o noivo dela também, mas eu não o vi. — dei de ombros tentando não parecer afetado.

— E como você se sentiu? — minha mãe perguntou preocupada.

— Normal. Passei meu telefone para o Miguel. Vamos marcar qualquer coisa.

— Ah, que bom. Quando vocês marcarem também quero ir. — Isa falou sorrindo com normalidade. Ótimo! Pelo menos ela tentava me passar normalidade.

— Mudando de assunto, no próximo mês, vai ter a festa das notas azuis no Santa Gênova. Você adorava, quando estudava lá. Lembra, filho?

— Lembro. — Sorri com a lembrança. — Eu me acabava de dançar, cantar e participava de todas as atividades.

— Era incrível como você era bom em tudo que se designava a fazer. — Isa falou saudosa. — Eu ficava mega orgulhosa quando as menininhas suspiravam por você e eu dizia que éramos como irmãos.

Ri largamente.

— Jean, você tinha que ver como a Isabela era popular na escola. Eu sofria para cuidar dela.

— Cara, sério, eu nem quero saber desse passado Dálmatas da Isa.

Todos nós rimos e tia Carla perguntou pensativa:

— Passado Dálmatas? Nunca tivemos um cachorro dessa raça.

Isa gargalhou e Jean explicou:

— Sogra, passado Dálmatas: cheio de manchas negras.

— Ahhh... Tá! Prefiro não saber então. Para mim, minha filha sempre foi

um anjo.

— Isso, mãe, e ainda sou. — Isa sorria fingindo inocência.

Minha mãe se levantou para ver a lasanha e tia Carla a acompanhou até a cozinha. Enquanto isso a Isa me fazia prometer que iria com ela a festa das notas azuis e Jean tentava fugir de todo jeito desse programa “de volta ao passado”.

Mariana

Passei a noite em claro de sábado para domingo, chorei ao me lembrar do que vivi e percebi que ainda não superei a perda do meu bebê. Fiquei brava com o Breno pela reação exagerada apenas em cogitar uma gravidez e muito brava com a vida por ter me colocado frente a frente com o João novamente e assim me fazendo reabrir e cutucar todas as feridas do passado, que já estavam quase cicatrizadas.

Porém, mesmo tendo visto o João e isto ter me feito voltar ao passado, tentei firmemente me manter com a cabeça no meu relacionamento e viver o presente, que era o noivado com Breno. Ver o João, me deixou balançada, mas quando eu passei o dia com o meu noivo, me lembrei que ele me salvou da tristeza e ficar ao seu lado me fez lembrar que o amava, que era com ele que eu iria me casar e ser feliz.

Fiquei triste quando o levei para o aeroporto na segunda feira e nos despedimos: eu triste e pedindo para ele se comportar enquanto estivesse longe e ele me prometendo que voltaria em breve para o nosso casamento.

Quando Breno entrou para esperar seu embarque, fui para a casa triste por ele ter ido para longe de mim, mas animada para os preparativos do casamento e para deixar tudo pronto para quando meu noivo voltasse e aí seria só dizer o sim e ser feliz para sempre.

Fui dirigindo, pensando na vida pelo caminho e para aliviar a tristeza e os pensamentos que me deixavam para baixo, fui listando mentalmente tudo que eu precisava fazer antes que o Breno voltasse, aí quando passei em frente a uma loja de lingerie, um manequim vestido com uma roupa sexy de noiva estava exposto e decidi comprar para a minha noite de núpcias. Estacionei o carro que o meu pai tinha comprado para usarmos na nossa temporada aqui e fui em direção à loja. Entrei e pedi para ver roupas íntimas para noiva.

Fiquei tamborilando o dedo no balcão e olhando a variedade de peças lindas que tinha naquela loja. Olhei em volta e vi que tudo ali era de excelente gosto. A loja era toda carpetada em vermelho, com *puffs* pretos de couro espalhados pela loja e provadores amplos. No teto um lustre maravilhoso dava o requinte da loja. Achei o máximo!

— Mariana!

Virei para olhar para trás do balcão de onde ouvi a voz me chamando e dei de cara com a Isabela me olhando com olhos arregalados. Eu a olhei de volta e fiquei pensando no que dizer e então ela falou novamente:

— Já faz tanto tempo que não nos vemos. — Isabela me olhava e eu

ainda não sabia o que dizer, mas me lembrava da dor. Aquela dor...

— Eu te procurei tanto nas redes sociais. Você era a minha melhor amiga.

Ela falava e eu ainda a olhava sem dizer nada, a única palavra que me vinha à cabeça era traição.

— Fiquei desolada quando você foi embora e nem se despediu de mim.

Ela tinha os olhos marejados e eu via mágoa, tristeza e alegria em seu olhar. Ela parecia feliz em me ver.

— Desculpa, preciso ir. — Não consegui dizer mais nada, peguei a minha carteira de cima do balcão e segui para a saída.

Ouvi-a me chamando, mas eu já estava andando desnorreada e com lágrimas nos olhos indo em direção ao meu carro. Entrei, apoiei a cabeça no volante e chorei. Ela era a minha melhor amiga... Minha melhor amiga!

Respirei fundo, liguei o carro e enquanto dirigia pensava na possibilidade de cancelar tudo, voltar para Portugal, para a serenidade e calma que a minha vida era, antes de voltar por causa desse bendito casamento.

Casamento... Será que se casaram?

Droga!

Soquei o volante com força e quase perdi o controle do carro, então tentei me concentrar na direção mesmo com as memórias massacrando o meu coração. Peguei a estrada que saía do centro da cidade e seguia em direção à casa dos meus pais. Era uma rodovia movimentada com muitos carros, mas quase não tinha casa.

Fiquei pensando que eu deveria realmente chegar em casa e conversar com a minha mãe para cancelar tudo. Não vou conseguir encarar o meu passado. Seria melhor voltar para Portugal e fazer algo simples por lá.

Eu estava dirigindo, pensando em tudo que vivi, em como dar um jeito de fugir de tudo, até que fui tirada dos meus pensamentos quando o carro quando começou a engasgar, falhar e dar pequenos solavancos, até que desligou sozinho no instante em que eu entrei com ele no acostamento.

Tentei dar a partida virando a chave mais algumas vezes, mas nada de o motor funcionar. Saí do carro, peguei meu celular e fiquei procurando um pequeno sinal de torre, para que eu conseguisse fazer uma ligação e pedir socorro. Mas nada!

Não acreditava a que o carro tinha quebrado comigo! E sortuda como eu era, claro que algo tinha que acontecer justo ali, onde o celular não tinha área de cobertura.

Fiquei andando de um lado para o outro, com o celular nas mãos e erguido para cima, à procura de um lugar em que o celular pegasse e completasse a ligação... Mas ainda nada, nem um único pontinho.

A tarde já estava no fim e a noite estava começando a dar as caras, pintando no céu um alaranjado pelo pôr do sol. Em mim o medo começava a tomar conta dos meus sentimentos, principalmente quando vi uma moto, com um ronco alto, dando seta para estacionar bem atrás do meu carro.

Ai meu Deus!

O cara desceu da moto e era bem alto. Senti o medo fazer meu coração acelerar, mas quando a pessoa tirou o capacete, foi aí que meu coração descompassou mesmo.

Era o João.

Fiquei sentindo um frenesi na minha barriga e um arrepio que subia pelo meu corpo, em um misto de alívio por não ser alguém perigoso e um medo justamente por ser alguém muito perigoso, que pode me fazer mais mal que um malfeitor. Malfeitor? Por acaso eu era uma donzela em perigo? Não! Ele não me fará sentir nada e com isso não me fará mal nenhum.

— Oi. — João disse sério, passando a mão de lado na cabeça, como se ajeitasse o cabelo raspadinho, e se aproximou de mim. Parecia sem jeito.

— Oi.

— Precisa de ajuda?

— Não. Está tudo bem. — falei seca.

Ele ficou me encarando e parecia bravo. Qual é? Ele estava achando que era o meu príncipe encantado e que iria me salvar? Ele estava bem longe de ser um príncipe.

— Tudo bem, então. — João se virou e estava voltando para moto. O quê? É sério que ele iria me deixar lá sozinha, naquele lugar distante e naquela hora, perto de escurecer?

— Ei! — gritei, o fazendo parar antes de colocar o capacete. — Talvez eu precise de ajuda... Por favor.

Ele voltou para perto de mim.

— Do que precisa? O que aconteceu com o carro?

— Não sei. Ele simplesmente parou, tentei ligá-lo depois, mas não deu sinal de vida. Aí tentei ligar para alguém e pedir ajuda, mas o celular não tem sinal.

Ele olhou de mim para o carro.

— Olha, não vou abrir o capô e fazer o gênero que entende sobre mecânica, porque não entendo nada, mas uma pergunta: O carro está com gasolina, certo?

— *Hummm...* Não sei. — ele arqueou uma sobrancelha para mim, como fazia há anos e eu nem acreditava que realmente estávamos sozinhos, frente a frente de novo e só estávamos falando sobre combustível. Em todas as vezes que

imaginei esse reencontro, nunca imaginei que seria assim.

Ele abriu a porta do carro, entrou, olhou e disse quando saiu:

— É gasolina. Como você não se lembrou de colocar gasolina?

— É que a minha mãe usou o carro e achei que ela tivesse colocado.

Ele fechou a cara quando mencionei a minha mãe e seguiu para a moto balbuciando algo sobre buscar gasolina.

Eu olhei em volta, o sol já tinha quase se posto por inteiro e estava cada vez mais escuro. Dei alguns passos meio correndo até o João e falei:

— Você vai me deixar aqui sozinha?

— Vamos? — ele apontou para a moto.

Fiz uma cara de medo e vi que ele sorriu. Um sorriso divertido e lindo, com as duas covinhas lindas que há tempos eu não via. Mas o passado me veio à mente, fazendo com que eu me lembrasse de quem ele era. E o que tinha me feito.

— Anda. Vamos?

— Eu fico aqui.

— É perigoso.

— E qual o problema? Você já estava indo sem mim.

— Eu nunca te deixaria sozinha. — ele disse essa parte com muita ênfase e percebi que ele não se referia ao presente momento.

João fechou o rosto, já tinha parado de sorrir e disse preocupado:

— É perigoso você ficar aqui sozinha. Do mesmo jeito que eu parei, qualquer um pode parar.

Pensei e ele tinha razão.

— Tudo bem, eu vou com você. — Fui até o carro, peguei a minha bolsa, travei as portas e voltei para junto dele.

— Eu não tenho um capacete para você aqui. Então vamos até a *Angels*, que está mais próxima, pego um capacete para você e depois te levo para a cidade em busca da gasolina.

Assenti e João me ofereceu o seu capacete.

— E você? — perguntei.

— Eu vou sem até a *Angels*. Prefiro que você fique segura. — senti um arrepio.

— Mas e se você se machucar? Vou me sentir culpada.

— Tem coisas que machucam e podem doer bem mais que uma queda de moto.

Ele subiu na moto, dando as costas para mim e mais uma vez tive a impressão de que ele falava nas entrelinhas.

João ficou me olhando esperando que eu subisse também, então coloquei

o capacete. Nunca andei de moto na minha vida e não sou uma conhecedora, mas só de olhar consigo perceber que aquela não era uma moto barata e com certeza devia ser muito potente.

— Vamos? — João perguntou.

Assenti no piloto automático e montei na moto, meio desengonçada. Fiquei a uma distância segura e tentei segurar em qualquer lugar que não fosse no João, mas ele pegou as minhas mãos e colocou-as em volta da sua cintura, fazendo com que eu o abraçasse e meu coração pulasse uma batida. Ele ligou a moto e falou alto sobre o ronco que a máquina fez:

— Segura firme e acompanhe as curvas, virando o corpo.

Assenti e falei por sobre o seu ombro:

— Olha, eu nunca andei de moto na minha vida, essa vai ser a minha primeira vez, eu tenho medo então, por favor, vai devagar.

— Não vai ser a primeira vez que eu estou com você em uma primeira vez. Você vai gostar.

E com esse comentário que me fez sentir raiva dessa situação e um arrepio pela lembrança de outra primeira vez, ele partiu.

João

Os braços dela me apertando e o seu rosto contra as minhas costas, era uma sensação difícil de explicar. Nunca, em todos esses anos, desde que ela sumiu terminando tudo por telefone, eu imaginei que nosso reencontro a sós, seria assim tão calmo. Imaginei-me brigando com ela e falando tudo que eu senti desde quando ela me abandonou.

Mariana me arruinou!

Ela me arruinou para outras mulheres e me arruinou para o amor. Depois dela eu nunca mais consegui me envolver, nunca mais consegui ser eu mesmo e nunca mais fui feliz por completo. E essa calma toda entre nós estava mais parecendo um teatro. Estávamos atuando e fingindo estar tudo bem.

Estacionei a moto em frente à *Angels*, ela desceu e eu também desci. Mariana tirou o capacete e colocou sobre o banco da moto. Era segunda feira e a balada não abria, então estava tudo calmo e vazio por ali, a não ser pelo segurança que estava de plantão, tomando conta de tudo. Segui em silêncio até a entrada e Mariana me acompanhou também em silêncio.

— Tudo bom, Emerson? Vim pegar um capacete e já estou de saída. — falei quando encontrei com o segurança, ele me cumprimentou, assentiu e entramos na *Angels*.

— Você conhece o dono? — Mariana me perguntou.

— Eu sou o dono.

Ela me olhou admirada.

— Você é dono de uma casa noturna?

— De duas. Essa é a filial. A Matriz fica em outra cidade. Somos quatro donos, eu e mais três amigos.

Eu estava me sentindo estranho e com raiva. O toque dela em mim, no pequeno percurso que fizemos próximos um do outro, me deixou irritado. Não queria sentir o que eu estava sentindo, eu queria sentir raiva. Era raiva que eu imaginei sentir todos esses anos em que eu pensava nela. E essa calma estava me irritando.

— Nunca imaginei que você seria empresário.

— Imaginou que por eu ser preto e classe média eu fosse ser o quê?

— Não é isso... é que...

— Sim, sou empresário e tenho diploma de Direito. — Falei mais ríspido do que deveria e me arrependi em seguida, quando olhei para ela e vi seus olhos arregalados.

— Desculpa. — ela pareceu chateada, mas me olhou com um olhar

transmitindo ira e continuou: — É que na verdade, achei que talvez você seria dono de uma loja de lingerie. — tinha ironia na sua voz e eu não entendi o que ela quis dizer.

— *Ham*? Do que você está falando?

— Nada! — respondeu nitidamente irritada.

Fiquei olhando para ela a espera de uma explicação para o comentário, mas ela não o fez e também nem me olhava.

— Vou pegar o capacete.

Virei-me para sair, mas ela falou:

— Não precisa, é só me emprestar o telefone que eu peço ajuda para alguém.

Fitei-a irritado. Será que ela me achava tão insignificante assim, que não conseguia ficar por muito tempo perto de mim?

— Fique a vontade. — aponte para o telefone que ficava atrás do balcão

— Vai ligar para pedir ajuda ao seu noivo rico? Talvez ele mande um helicóptero te buscar. — Perguntei irônico.

Ela me olhou e apenas ergueu uma sobrancelha. Eu a conhecia o suficiente para saber que aquele gesto era de muita raiva, a minha pergunta a havia deixado brava.

— Sim, vou pedir ajuda, quem sabe assim não sobre mais tempo para você correr atrás da melhor amiga de alguém?

Mais uma vez não entendi o que ela quis dizer e a olhei como se fosse louca.

— Do que você está falando?

— Para de fingir que não sabe do que eu estou falando. — Mari ergueu o tom de voz.

— Eu não estou fingindo!

— Eu sei de tudo.

— Tudo o quê?

— Tudo. — ela gritou. — O quanto eu fui feita de idiota por você e pela minha melhor amiga.

Eu não estava entendendo o porquê ela estava tão alterada e por que parecia tão brava.

— Eu realmente não sei do que você está falando. Eu que fui a vítima na nossa história.

— Vítima? Você?

Ela começou a chorar, abriu a bolsa depressa, a carteira e tirou uma foto me entregando rispidamente.

— Como você vai negar isso?

Peguei a foto da sua mão e quando olhei a imagem ali em minhas mãos me espantei. Ela me mostrava duas pessoas se beijando e as duas pessoas eram... Como pode?

Era eu beijando a Isabela?

Ela de lado e eu também, meu rosto cobria o dela. Mas isso era impossível! Eu nunca beijaria a Isa. Éramos como irmãos!

Olhando a foto com mais atenção acho que estávamos nos abraçando ou era montagem, mas definitivamente eu não estava beijando a Isa. Sorri.

— Isso é montagem, Mariana!

— Não tem nada de montagem nisso.

— Tem sim! — eu não estava entendendo.

— Para de se fazer de inocente! — ela gritou — Por favor... Para de fingir! — Mariana gritou ainda mais alto e estava chorando como se sentisse dor. — João, enquanto eu estava lá no hospital, sofrendo por perder nosso filho e você não ter ido me visitar nem um único dia, você e a Isabela estavam me traindo. Desde quando? Desde quando vocês me faziam de idiota?

Ela chorava tanto, que eu estava ficando desesperado e então fiz o que eu podia para tentar acalmá-la, eu a abracei. Ela relutou, me empurrou, mas eu não desisti e abracei mesmo contra a sua vontade. Até que ela se deu por vencida e deixou que eu a abraçasse enquanto soluçava no meu peito por minutos.

Eu estava tão assustado de vê-la assim e ainda não estava entendendo tudo que tinha acontecido. Até que quando percebi que ela estava parando de chorar, falei baixo:

— Eu nunca te traí. Fui te visitar todos os dias, mas sua mãe não me deixava entrar no hospital, nem falar com o Miguel e nem te ver de maneira nenhuma. Fiquei esperando você melhorar, me ligar e isso nunca aconteceu. Tentei invadir o hospital, mas no dia que enfim consegui uma informação, ela era de que você já não estava mais lá. Fui até a sua casa, mas você já tinha ido embora. Eu sofri muito, muito mesmo e você pode me acusar de qualquer coisa, menos de traição. Eu nunca te traí.

Ela se afastou de mim, como se eu tivesse uma doença contagiosa.

— Você não sofreu nada.

O quê?

— Eu não sofri? Além de perder a mulher que eu amo eu perdi um filho, Mariana! — falei no presente, mas ela nem sequer notou.

— Minha vida foi por muito tempo só tristeza, João. Enfrentei tudo sozinha!

— E como você acha que foi a minha? Eu não consegui amar mais ninguém depois de você. Era só eu começar a gostar um pouco mais de uma

mulher, que aí eu ferrava com tudo e a afastava de mim, por medo de sentir toda a dor de novo, a dor de quando você me deixou, sem explicação. — Agora era eu quem estava gritando. — Eu nunca mais consegui viver direito e nem ao menos cheguei perto de me casar com alguém e construir família, como você está fazendo. Vendo pelo meu ponto de vista, me parece que para você que foi bem fácil.

— Fácil? — ela gritou e enxugou as lágrimas — Não me recrimine por isso! Você não sabe pelo que eu passei.

— Nem você sabe pelo o que eu passei! — Eu gritei mais alto.

Ficamos nos encarando, ambos respirando com dificuldade, exalando anos de sentimentos reprimidos e anos de palavras não ditas. E esse sim era o reencontro sem atuação.

— Preciso ir embora. — ela passou por mim em direção à saída e eu a segurei pelo braço.

— Eu não te traí. — falei somente e engoli em seco. Eu estava com os olhos marejados. Sentia raiva e tinha certeza de que aquilo tinha sido armação da mãe dela.

— Eu não sei.

— Eu sei, a Isa sabe, todos que ficaram aqui, sabem. Eu não te traí! — Ela me encarou. — E o Miguel? Não é possível que ele tenha compactuado com isso.

— Não. Seu nome e tudo relacionado a você foi proibido. Eu proibi, minha mãe proibiu. Ele não sabe de nada do que aconteceu. Minha mãe não quis que ele tomasse partido ao seu favor, ele sempre foi muito seu amigo. Então ele só sabe que fomos embora e eu não pude mais te ver.

— Sua mãe... — saí de perto dela. — Ela nunca gostaria que um negro, classe média, ficasse com a filha dela. Ela armou tudo isso — Soltei o ar e balancei a cabeça em negativa. — ela me avisou que era para ficar longe de você.

— João, eu não posso acreditar que ela tenha feito isso comigo, ela é minha mãe!

— Então acredita que eu tenha feito, não é?

Ela me olhou intensamente, mas vi em seus olhos uma fagulha de dúvida e a certeza que antes ela tinha, já não existia mais.

— Eu te amei, tanto. — Falei no passado, mas no presente era como que eu queria dizer.

O que eu estava pensando? Ela ia se casar!

Um silêncio pairou entre nós e eu continuei:

— Eu nunca te trairia, Mariana. Principalmente com a Isa, ela é como

uma irmã.

Ela pensou e me olhou por um instante, parecia completamente confusa e disse:

— Preciso realmente ir embora. Pode, por favor, me emprestar um telefone? — Seus olhos estavam inchados de chorar e o verde estava ainda mais intenso.

— Eu vou te levar. — fui até o escritório, sem esperar uma resposta, peguei o capacete e voltei ainda sentindo o impacto de toda essa discussão e revelação, em mim. — Vamos? — ofereci o capacete a ela, que assentiu e ainda bem, aceitou.

Saímos da *Angels*, sem dizer mais nada, Mariana subiu na minha garupa e falou séria:

— Vai devagar!

Eu quase sorri para o seu tom bravo, se não fosse todo o peso da discussão e tudo que eu estava sentindo, eu teria rido e feito alguma piada, mas só acelerei de propósito e senti novamente os braços dela me apertando com força.

Fomos até a cidade, compramos o combustível, tudo sem trocarmos nem uma palavra.

Ela quis pagar, mas comprei o galão, paguei e recusei veementemente o seu dinheiro. Retornamos até onde estava o carro, Mariana desceu da moto e ainda continuávamos sem falar um com o outro. Coloquei o combustível no tanque, disse para ela ligar o carro e depois que ela deu umas três partidas na chave, o carro voltou à vida e em resposta ao resultado positivo, eu sorri, um sorriso apagado.

Um clima de despedida pairou entre nós e ambos não sabíamos o que falar, então eu quebrei o silêncio:

— Procura a Isa, conversa com ela, com a tia Carla e com a minha mãe. Elas vão te dizer o quanto foi difícil para mim, ficar longe de você. — engoli em seco e olhei para a sua boca que continuava tão linda.

— Não sei se é uma boa ideia.

— Você não pode viver acreditando em uma mentira, você precisa saber da verdade, do que realmente aconteceu.

Ela só assentiu.

— Isa ficou tão triste por você ter voltado e não tê-la procurado. — Mariana me olhou como se não acreditasse. — Vocês sempre foram melhores amigas e ela sofreu muito também, sem você.

Ela engoliu em seco, olhou para as mãos e disse:

— Preciso ir.

— Você está bem para dirigir?

— Sim, só um pouco confusa.

— Se está confusa, sinal que vai pensar em tudo que falei.

— Não tem como não pensar.

Ficamos em silêncio e ela falou meio sem graça após o silêncio:

— Muito obrigada por me ajudar e desculpa por te tirar do seu caminho.

— Não por isso. — falei somente e a encarei.

Mari olhou para a minha boca, eu olhei para a dela e senti ali o clima entre nós mudar. Um calor subiu pelo meu corpo, a vontade de agarrá-la e beijá-la tomava conta de mim. Até que ela quebrou o encanto, tirou seus olhos dos meus e disse:

— Até mais.

Fechou a porta do carro, olhou para mim mais uma vez com aqueles olhos lindos e partiu. Me deixando ali naquele acostamento, sem reação e sentindo meu mundo dar um giro inesperado de trezentos e sessenta graus. A raiva de anos extravasada em gritos, choro e revelação de uma mentira. Anos de sofrimentos tudo por conta de uma armação... E por incrível que pareça me sinto muito mais leve. Eu devia estar bravo por conta de toda a armação, mas me sinto leve e até mesmo em paz. Pois agora sei que a Mari foi para longe de mim, porque foi enganada e não por que não me queria mais.

Abri um sorriso.

Talvez ainda possamos...

Não, isso é passado e ela vai se casar!

Fechei o rosto, subi na moto e parti para mais uma noite.

Capítulo cinco

Mariana

Que dia!

Como eu lidaria com a informação toda que recebi?

Será que a minha mãe faria isso comigo?

Parando para pensar, ela nunca aprovou meu namoro com o João e sempre fez de tudo para nos afastar, não seria algo tão impossível assim de ter feito. Mas espera! Era a minha mãe. Ela viu o quanto eu fiquei mal, viu que eu quase morri de tristeza e demorei a sair da depressão que tomou conta de mim após tudo acontecer. Será que ela faria isso comigo?

Não... Acho que não. Prefiro acreditar que não.

Quando cheguei em casa depois do encontro com João, corri para o meu quarto para que ninguém me visse e me tranquei lá. Qualquer um que olhasse para mim perceberia que eu andei chorando e não queria que ninguém soubesse.

Tomei um banho demorado e pensei muito. Voltei ao passado diversas vezes a procura de detalhes que eu teria deixado passar, como por exemplo: lembrei-me de algumas discussões dos meus pais que presenciei sem querer, durante o período em que eu estava muito triste, que ele pedia para que a minha mãe me revelasse tudo. Não sei se tinha a ver comigo, na época eu sempre achava que era algo a ver com a doença do meu pai, mas depois da conversa com o João tudo que eu me lembrava do passado parecia suspeito.

Ainda não acredito no João, mas quando me lembro dos seus olhos me olhando, tão verdadeiros e parecendo tão surpresos com tudo que eu contava, a dúvida tomava conta de mim e já não tinha certeza de mais nada.

Desci para tomar café com a minha mãe no dia seguinte e minha aparência era miserável.

— Nossa, Mariana, você está péssima! Tudo isso é saudade do Breno? — minha mãe me perguntou, eu não respondi e coloquei café na xícara, ainda perdida em tudo que aconteceu na noite anterior, pensando em cada palavra do João. — Você falou com ele?

— Com quem? — perguntei assustada.

— Com o Breno. Ainda está dormindo?

— Ah! Não falei. Ele disse que me ligaria, mas não ligou.

— Logo ele liga. Ainda deve estar perdido no fuso horário.

Assenti e passei requeijão na torrada.

— Você demorou a chegar do aeroporto, ontem. Onde você foi?

— A lugar nenhum, só que o carro acabou o combustível comigo na

estrada, tive que ir á um posto, buscar gasolina e voltar até onde tinha deixado o carro. Por isso demorei. — dei de ombros, contando a verdade, porém omitindo a parte da ajuda do João, como se a noite de ontem não tivesse acontecido.

— Desculpa por isso, me esqueci de colocar gasolina. Detesto dirigir, detesto ficar sem motorista e seu pai disse que iria arrumar um e não arrumou. — ela revirou os olhos como se isso fosse muito importante. — Falando nisso, como não tenho motorista, vou com a sua tia Virginia até a casa da sua tia Rosália e não poderei sair com você para resolver nada do casamento, hoje. Pense como um dia de folga. — ela sorriu e eu sorri também, um sorriso falso de boca fechada. Pensando bem o sorriso era verdadeiro. Adorei essa notícia, não estou nada a fim de pensar em casamento hoje.

— Vou sair para visitar a igreja, então. — falei.

Ela se acendeu de orgulho.

— Isso mesmo, filha! Tudo tem que estar perfeito. A família do Breno é muito importante, são muito ricos e todos precisam ter uma boa impressão da nossa família. Ah! Eu contratei um cerimonialista muito famoso. Você vai adorá-lo! — Dei mais uma vez o sorriso falso em resposta. Esse era verdadeiramente falso.

Não consigo pensar em nada sobre esse casamento, até por que, para mim meu casamento perfeito sempre foi sonhado em uma capela pequena no interior, de frente para um campo e tudo bem simples. Só o amor e a cerimônia que seriam o ponto alto ali, nada de *glamour* e luxo. Mas quando contei isso para a minha mãe, ela fez cara de nojo, brigou comigo e disse que nunca, nenhuma Medeiros casou-se em uma capela simples e a filha dela não seria a primeira.

Após o café, minha mãe saiu com a minha tia e eu subi para o meu quarto, a fim de me jogar na cama e esperar a ligação do Breno. Mas um tempo depois que eu estava lá e lendo, pensei que já tinha passado da hora dele me ligar e dizer que chegou. Fiquei preocupada e tentei ligar para ele. Na segunda tentativa ele atendeu:

— Oi, amor! — um som alto tocava ao fundo e eu estranhei.

— Está tudo bem, Breno? Você ficou de me ligar quando chegasse.

— Ah, está sim. Desculpa, é que cheguei e dormi um pouco, depois vim para a empresa e acabei esquecendo. E aí, está tudo bem? Sua mãe já começou a te deixar doida com os preparativos do casamento?

Me esqueceu!

— Graças aos céus hoje estou tranquila, mas amanhã começaremos.

— Ainda bem que não estarei aí. — ele riu. — Mas já estou com saudade de você, amor.

— Também estou.

— Olha, vou ter que voltar ali, que o pessoal está me chamando, quando eu chegar em casa te ligo.

— Tudo bem, vai lá. Depois nos falamos.

— Até mais tarde, beijos.

— Beijos.

Mas quando eu mandei o beijo, ele já tinha desligado. Fiquei olhando para a tela do celular imaginando de onde vinha aquela música, já que pelo fuso horário lá está no meio da tarde e, além disso, o achei tão distante e não digo distante fisicamente, o achei distante emocionalmente.

Enviei uma mensagem mandando beijo para o Breno e decidi que iria sair para dar uma volta pela cidade, ver como estava tudo depois de todos esses anos e rever vários lugares que eu gostava de ir.

Dirigi um tempo meio sem rumo e quando dei por mim, sem que tivesse planejado, eu estava em frente à loja da Isabela.

Fiquei ali por alguns minutos observando o lugar e criando coragem para ir de novo até lá. Foi então que eu a vi andando pela calçada, junto com um menino lindo que ela pegava pela mão. Isabela entrou na loja, sorrindo, pegou o menino no colo e sumiu do meu campo de visão.

Queria falar com ela, eu merecia tirar a história a limpo... Então desci do carro e decidida fui até lá.

Assim que entrei, uma vendedora sorridente veio me atender e eu retribuí o cumprimento sorrindo também. Disse a ela que queria falar com a Isabela e no mesmo instante minha antiga amiga apareceu e me olhou surpresa.

— Você voltou!

— *Ham...* Preciso conversar com você um minuto. Será que pode, por favor, me dar um instante do seu tempo?

— Claro, entra aqui.

Isabela me levou para uma sala como se fosse um escritório e indicou que eu me sentasse de frente para uma mesa, deu a volta nela, se sentou do outro lado e de frente para mim.

Estávamos tão cheias de gentileza e cerimônia, que nem parecia que fomos duas amigas e que juntas vivemos tantas loucuras na adolescência.

— Podemos conversar sossegadas aqui.

Sorri e tentei um assunto superficial:

— Essa loja é sua?

— Sim.

— É linda!

— Obrigada.

Assenti sem saber como continuar o assunto, aí ela o fez:

— Quanto tempo! Fiquei tão confusa ontem, quando você foi embora correndo.

— Desculpa por ontem. — consegui falar.

— Tudo bem, você voltou, é o que importa.

Olhei para ela e agora não consigo imaginá-la sendo tão falsa a ponto de ter me traído daquela forma. Sem demorar mais decidi que não diria nada, apenas entregaria a foto para ela e veria a sua reação. Abri a bolsa, sendo observada por Isabela, peguei a foto e a deslizei sobre a mesa com o indicador, deslizando em sua direção e indicando que ela olhasse.

— Que droga é essa? — ela falou assustada quando olhou a foto de perto — Isso é uma mentira!

— Pela sua reação presumo que você não tenha namorado o João enquanto eu estava internada.

— Claro que não! Como você pode pensar isso? João é como um irmão para mim e ele estava sofrendo tanto sem você, que mesmo se não fosse como irmão e eu quisesse beijá-lo, ele nunca me veria como mulher.

Abaixei a cabeça, fechei meus olhos e comecei a chorar. Como pude ser tão burra e ter me deixado enganar assim? Pensando agora em tudo que aconteceu, vejo que a minha amiga nunca faria aquilo comigo, ela sempre me incentivou a ficar com o João, sempre foi tão fiel a mim. Isabela deu a volta na mesa, sentou-se ao meu lado e pegou a minha mão.

— Me conta o que aconteceu.

— Eu não sei o que aconteceu, mas acho que fui vítima de uma armação. — enxuguei os olhos com as mãos. — Fui tão injusta com você e com o João. Como pude ter pensado que vocês me trairiam?

— Olha, eu te detestei todas as vezes que vi o João sofrendo, mas agora olhando essa foto pelo ângulo que foi tirada, até eu acho que beijei o João. — ela falou olhando a foto. — Mas imagina você beijando o Miguel. — fiz uma careta de nojo e ela continuou: — Viu, essa seria a reação exata.

Eu sorri.

— Me desculpa? Me perdoa por ter pensado tão mal de você? — perguntei chorando.

— Claro! — ela me abraçou — Como eu disse, eu também acreditaria nessa foto.

— Mas eu tinha que ter confirmado, nem que fosse para brigar com vocês e não ter ido embora, aceitado todas as vontades da minha mãe e vivido todos esses anos sofrendo por tudo.

— Olha, Mari, esquece isso. Você era menor de idade, o que poderia fazer além de acatar as ordens da sua mãe?

Só consegui assentir e ela perguntou:

— Mas o que fez você desacreditar de toda a história em que acreditou por anos?

Afastei-me da Isabela, sem jeito.

— Tanto a sua reação quanto a do João me mostraram muita sinceridade. Agora sei que estão falando a verdade ou se estiverem mentindo, vocês são ótimos atores. — Isa riu e eu ri também. Isa... Quanto tempo eu não pensava nela como Isa. A minha amiga Isa.

— Acho também, que agora que você é uma mulher adulta, você é capaz de ver tudo com mais calma e clareza, do que antes, quando era mais nova.

Concordei com uma afirmação de cabeça.

— Ah e me desculpa, amiga, mas sua mãe sempre foi meio esnobe e nunca gostou do João.

— Amiga? — sorri e ela assentiu. — Muito bom ouvir isso depois de tanto tempo.

— Eu nunca deixei de ser sua amiga, mesmo quando te odiei. Eu sempre tentava imaginar que você devia ter um motivo para ter ido embora sem nem uma explicação.

— Sabe, Isa, pensando agora, acho que realmente minha mãe pode ter inventado tudo sim, depois que viu que perdi o bebê.

— Ah, o bebê... João sofreu tanto por ele. — fechei meus olhos ao ouvir isso.

Isabela pensou um pouco e disse:

— Só um minuto. — ela olhou para o relógio, deu a volta na mesa e ligou para alguém. — Oi, isso, sou eu. Pode vir aqui, por favor? Tá. Ah e trás a tia Carmem, que é importante.

Isa desligou o telefone, olhou para mim e disse séria:

— Você precisa saber um pouco mais do outro lado da história, para não haver dúvidas de que tudo não passou de uma armação.

Ela me contou que tinha chamado a sua mãe e a mãe do João, que trabalhavam ali perto na escola em que estudamos. Disse que estavam no horário de almoço e viriam em breve, ver o que ela queria.

Enquanto esperávamos, contei para ela o quanto sofri por conta desta história toda e da minha depressão. Contei como conheci o Breno e falei que os apresentaria em breve quando ele voltasse para o casamento. Isabela pareceu triste quando mencionei o casamento, mas sorriu em resposta, como incentivo para que eu falasse mais. Fomos interrompidas quando as duas mulheres entraram na sala e se assustaram com a minha presença. As duas continuavam muito bonitas, a mãe do João ainda parecia mais ser sua irmã.

— O que está acontecendo? — a mãe do João falou e me olhou com desprezo.

— A história do João e da Mari, tem muito mais história do que imaginávamos.

Minha amiga contou tudo, mostrou a foto e ouvi a mãe da Isa dizer baixo “maldita mulher dos infernos” e depois sorriu para mim para disfarçar.

— Olha, Mariana, se você ainda tem dúvidas que essa foto seja mentirosa, eu confirmo. Isa não dividia nem pirulito com o João, quando eram pequenos, de tanto que ela era nojenta. Ou seja, beijo nunca. — a mãe da Isa disse.

A mãe do João sorriu com a lembrança, depois olhou para mim e parou de sorrir demonstrando uma grande mágoa no olhar.

— Meu filho sofreu tanto quando você foi embora, sem nem se despedir pessoalmente dele.

— Me desculpa, mas...

— Eu o vi confuso, — ela me interrompeu. — triste, sem entender o que tinha acontecido, o vi se sentindo diminuído por sua cor, menosprezado por sua classe social e até pelo pai ter morrido, pois segundo a sua mãe, ele não ter uma figura paterna também seria um problema.

— Me desculpa pelo o que a minha...

— Você não sabe disso, — ela ergueu o indicador como se me pedisse silêncio e continuou falando: — mas foi a sua mãe que disse tudo isso à ele e o fez se sentir um lixo. Eu vi meu filho chorando, ouvindo música triste, trancado no quarto por horas e depois de você, ele nunca mais sorriu aquele sorriso feliz, que eu o via dar quando eu chegava em casa depois de um dia de trabalho e fingia não perceber que você tinha passado o dia todo ali com ele. — ela sorriu sem vontade e enxugou uma lágrima. — Portanto, você precisa de prova, mas eu não preciso de prova nenhuma para lhe dizer que essa foto é uma grande mentira. Eu vi o que o meu filho passou e sei que ele te amava demais para fazer qualquer coisa que te fizesse sofrer, além de que, ele sempre teve e tem um coração muito grande para fazer qualquer um sofrer.

A Isa e a sua mãe também estavam chorando, assim como eu, que agora mantinha a minha cabeça baixa enquanto dona Carmem continuava a falar:

— E se não bastasse perder a garota por quem ele era apaixonado e ser diminuído, ele ainda perdeu um filho e eu um neto. Sim, recebi a notícia da gravidez e em seguida que você tinha perdido, foi pouco tempo, mas sentimos sim a dor da perda. — ela limpou as lágrimas. — Mariana, eu espero que você tenha um casamento feliz com o genro rico, branco e perfeito que sua mãe aprova. Espero que volte para o lugar de onde você veio, para quem sabe assim,

meu filho também volte a ser feliz de verdade.

Dona Carmem se levantou e saiu do escritório, me deixando destruída e me sentindo culpada por ter sido tão ingênua e manipulável. Enxuguei as lágrimas que escorriam pelo meu rosto.

— Dê tempo a ela. — foi o que dona Carla me disse e saiu atrás da amiga me deixando a sós com a sua filha.

— Isa, eu não preciso de mais nada para me dizer que ele é inocente. Senti toda a dor que João sentiu, através de cada palavra da dona Carmem. — falei e Isa me olhou com compaixão.

— Tudo vai se resolver. Fica em paz, Mari.

Isa pegou na minha mão e depois nos abraçamos, um abraço perfeito de amizade reconstruída, de anos de distância e de reconciliação.

Mas enquanto cada minuto passava, eu só pensava em dar esse mesmo abraço demorado no João e pedir desculpa por tudo que a minha mãe nos fez passar.

João

Fazia uma semana desde a carona que dei para a Mariana. Desde então, ela não saiu mais da minha cabeça e eu só conseguia pensar que a raiva que eu senti, por ela ter me deixado sem nenhuma explicação, se esvaiu quando a vi chorar e descarregar toda a raiva que também sentia. Quando percebi que o que nos separou foi tudo uma mentira que a cobra da mãe dela inventou. A raiva poderia ter aumentado, mas sinceramente ela apenas se dissolveu e era como se a peça faltante de um quebra cabeça tivesse sido encontrada e tudo se completou. Entretanto, era tarde, ela iria se casar e o nosso tempo já tinha passado. A mim restava somente tentar viver e quem sabe, depois que tivemos essa explicação de tudo que aconteceu, eu pudesse de uma vez por todas, esquecer o que passou, seguir em frente dando oportunidade para um novo amor, me entregar para uma nova mulher e talvez um dia também me casar... Ou não.

Depois de toda aquela tensão, eu só queria curtir, beber e sair para extravasar, mas uma coisa triste de ter ido cuidar da filial, era que ali eu não tinha os meus amigos *Angels*, para sair para um *rolê*, apesar de que se eu estivesse lá, também não teria, porque estão todos em relacionamentos sérios, nenhum iria sair comigo para pegar mulher. Então, em plena segunda feira de folga, eu estava largado sem camisa, no sofá da minha casa.

Fui até a cozinha pensar em algo para comer, mas de lá ouvi meu celular tocando e quando o peguei, um número desconhecido aparecia na tela.

— Alô.

— Oi, João, é o Miguel.

— E aí, Miguel? — cumprimentei surpreso.

— Tô bem, cara! Soube que você é dono da *Angels*, né?

— Isso mesmo. — Sorri orgulhoso. Será que a Mariana tinha falado de mim para ele?

— Então, soube também que hoje ela não abre, né?

— Não, hoje é minha folga.

— Ah legal. Então que tal se hoje saíssemos para um reencontro?

— Ah, por mim tudo bem, mas aonde vamos, já que a balada mais foda da cidade não abre, hoje?

Ouvi a risada dele do outro lado do telefone.

— Tá certo. Continua o mesmo filho da puta convencido.

Gargalhei.

— Isso. E você continua o mesmo, palhaço de sempre.

Ele também sorriu e parecia que os anos não tinham passado.

— Mas cara, podemos ir a um bar que toca música ao vivo. Não é a balada mais foda da cidade, mas é bem legal.

— Tô dentro! Posso convidar a Isa e o marido dela. Ele é muito gente boa.

— Claro, vai ser ótimo, mesmo morando na mesma cidade, faz tempo que não a vejo.

— Combinado. Vou convidá-la e te mando mensagem nesse número avisando.

— Fico aguardando.

Liguei de pressa para a Isa, que adorou a ideia e falou que ela e o Jean também topavam. Confirmei com o Miguel, ele ficou muito feliz que tinha dado certo e me ensinou como chegar ao tal bar.

Umás duas horas mais tarde, eu já estava pronto e rumando para o local combinado. Cheguei ao bar e já estava começando a lotar mesmo sendo uma segunda-feira. Acho que ser o único lugar na cidade que abre na segunda era o motivo dele estar tão cheio.

Liguei para o Miguel a fim de saber onde encontrá-lo e ele disse que estava quase chegando, que tinha reservado uma mesa e eu podia dar o seu nome e entrar. Assim eu fiz. Acomodei-me em uma mesa com seis lugares, próxima a um pequeno palco, pedi um *chopp* e fiquei ali os esperando chegar. Não demorou muito, Isa chegou com Jean e me acompanharam no *choop*. Já fazia mais ou menos meia hora que estávamos ali, quando avistei o Miguel entrando de mãos dadas com a sua esposa e atrás deles, vinha a Mariana.

Ela também veio!

Estava de tirar o fôlego com um vestido preto, justo e acima do joelho, que fazia os seus cabelos quase ruivos, se destacarem ainda mais. Engoli em seco quando a vi e tentei não demonstrar o quanto ela me afetava.

— Desculpa, pessoal. É que quando estava quase na hora de vir a Mari me ligou e decidiu vir também. — ele deu de ombros e me olhou, como se pedisse desculpas.

— Tudo bem. Que bom que você veio, Mari! — Isa falou sorrindo.

Mariana estava sorrindo e enquanto eu a admirava pensei: onde estava o seu noivo?

— Isa, quanto tempo! Nem parece que moramos na mesma cidade. — Miguel falou dando um abraço na nossa amiga e a apresentou a sua esposa. — Essa é a minha Vanessa.

— Que linda! Prazer, Vanessa. — Elas se cumprimentaram com um beijo no rosto. — Ah! E esse é meu Jean.

Todos se apresentaram e eu após cumprimentar a todos voltei a me

sentar, observando a cena e olhando sorrateiramente para a Mariana enquanto ela era apresentada ao Jean. Logo após ela ocupou o seu lugar, que para piorar a situação, era de frente para mim e os outros dois casais ocuparam os lados opostos da mesa retangular.

A vontade de perguntar onde estava seu noivo me corroía e eu não podia negar que a ideia deles terem terminado me passou pela cabeça.

— Muito legal mesmo esse bar! — comentei quando o assunto estava sobre o local em que estávamos.

— Não sei se você vai gostar quando a banda começar a tocar. — Isa disse sorrindo.

— Por quê? — perguntei.

— Porque você era do rock e do hip hop na nossa adolescência e hoje o grupo vai tocar pagode. — Mariana respondeu antes de todo mundo.

Franzi a testa, mas sorri e disse:

— Depois da *Angels* eu aprendi a gostar de tudo. Ainda curto mais um rock, mas gosto de outros gêneros também. — Bebi meu *chopp*, enquanto tentava não olhá-la muito.

— Deve ser bem legal ser dono de uma balada. — Vanessa constatou.

— Ah sim. Eu adoro!

— E mulher, então... Elas devem cair aos montes no seu colo, né? — Jean falou pensativo.

— Ah, seu cachorro! — Isa deu um tapa no ombro do seu marido.

Todos nós rimos.

— E você, trabalha com o que, Mari? — Isa perguntou.

— Eu sou engenheira civil e decoradora. Trabalho na construtora do Breno. — ela me olhou como se não quisesse falar, mas tivesse que explicar quem era o tal Breno. — Meu noivo.

Fiquei em silêncio, dei um gole na minha bebida e olhei em volta para ver as gatas por ali, já que percebi que ela ainda era noiva e não estava disponível.

O que eu estava pensando? Quem disse que ela iria me querer se estivesse solteira?

O clima na mesa deu uma esfriada, com a menção do nome do noivo, mas tentei agir como se fosse a coisa mais normal do mundo.

A banda começou a tocar e um pagode romântico e o refrão dizia:

“... Ainda gosto de você
Eu não escondo de ninguém
E ainda gosto de você

*O teu amor me faz tão bem
Eu não encontro uma saída
De você me libertar
E a solução pra minha vida
É a gente se acertar...”.*

E aquilo estava me fazendo mal, levantei, disse que iria ao banheiro e saí para tomar um ar. Fiquei um pequeno tempo fora e na volta, quando passei devagar por uma mesa cheia de mulheres, uma moça morena de cabelos longos, castanhos e linda, segurou a minha mão e entregou um número. Olhei para a minha mão e vi do que se tratava, a olhei, sorri, trocamos algumas palavras e quando olhei para a mesa em que o meu pessoal estava, Mari me olhava de lá e eu não conseguia decifrar o seu olhar, porém, acho que vi um pequeno revirar de olhos.

Concluí a conversa com a morena, anotei o seu número e disse que ligaria para ela.

Voltei para a mesa e sorrindo participei da conversa animada sobre o passado que Isa, Miguel e Mari contavam para os novatos Jean e Vanessa, que achavam a nossa juventude o máximo.

— Ah, mas quem nunca brincou de verdade ou desafio, né? — Jean perguntou e continuou a falar: — Acho que verdade ou desafio é o segundo jeito mais fácil de pegar mulher.

— E qual o primeiro? — Isa perguntou com uma sobrancelha arqueada.

— A primeira é ser dono de uma balada. Não é verdade, João?

Eu apenas sorri.

— Acho que muitas histórias, começaram com o jogo verdade ou desafio. Até mesmo na faculdade a gente brincava disso. — Vanessa concluiu, mas não fazia ideia de que o que disse levou a mim, a Mari, a Isa e Miguel, direto para nove anos atrás.

Dei um gole na minha bebida e um silêncio constrangedor pairava entre nós. Foi então que a banda começou a tocar outra música romântica e parecia que era uma espécie de tradição, foi só começar a tocar os primeiros acordes da música, que os casais se levantaram para dançar. Era a música “Ainda bem”, do Thiaguinho.

*Ainda bem que te encontrei, agora sou mais feliz
Igual não tem, me trata bem, do jeito que eu sempre quis
Lembro, te olhei, me apaixonei, esqueci o que eu vivi
Me dediquei, tanto lutei pra te ter perto de mim...*

— Ahhhh... Miguel, você vai ter que dançar comigo! — Vanessa falou sorrindo, já levantando e puxando o Miguel pela mão.

— E se o Miguel vai, você também vai, Jean! — Isa falou também já levantando e eu a olhei fazendo cara feia, quando percebi que Mariana e eu ficaríamos sozinhos à mesa, mas Isa passou ao meu lado e sussurrou para mim: “cada um com seus problemas”.

Revirei os olhos e me mantive em silêncio.

— Ficamos a sós na mesa. — ela falou olhando em volta. — É, parece que somos os únicos a não dançar.

Assenti, bebi minha bebida e falei em seguida:

— Se o seu noivo estivesse aqui, você poderia estar lá dançando também.

— Ele estando ou não, eu posso dançar.

— Pode? — perguntei duvidando. — ele deixaria?

— Ele não tem que deixar nada. Ele não manda em mim! — ela falou ofendida.

— Então quer dançar comigo?

— Achei que não fosse perguntar. Tô me sentindo o centro das atenções, aqui sentada com você, um em cada ponta da mesa. — Levantei, ela também e nos dirigimos à pista de dança, sendo fitados por dois casais que estavam dançando.

Ela colocou as duas mãos nos meus ombros, ficamos muito próximos um do outro e a banda cantava a música romântica muito bem.

*“...Só do teu lado tudo é mais
Tudo é tão perfeito e cheira paz
Eu nunca ameí ninguém assim
Eu sei que foi feita pra mim...”.*

— Onde está seu noivo que não está aqui dançando com você? — falei mais ríspido do que tive a intenção.

Ela instantaneamente parou de dançar meio ofendida e disse:

— Se não quiser dançar, podemos ficar sentados.

Eu a apertei ainda mais junto ao meu corpo e falei olhando em seus olhos:

— Eu quero.

*“... Quantas vezes eu falei "te amo" sem querer
Quantas vezes me enganei tentando achar você*

*Até pensei não me entregar pra mais ninguém
Aí você vem e me faz tão bem...”.*

— Eu acredito em você. — ela falou depois de um instante de silêncio em que apenas nos movíamos no ritmo da música.

— O quê? — perguntei sem entender.

— Eu acredito que... Você não ficou com a Isa e não me abandonou.

Eu a olhei nos olhos, engoli em seco e balancei a cabeça afirmativamente a puxando para mais junto de mim.

— Queria ter falado com você essa semana, mas minha mãe tem me deixado louca com os preparativos do casamento.

Rá! Claro que vai ter esse maldito casamento com o noivo perfeito.

— Se você ainda vai se casar, cadê seu noivo que não está aqui com você?

— Meu Deus! Você quer mesmo saber dele, né? Ele teve que voltar para Portugal, por conta dos negócios, mas volta para o casamento.

— Claro que volta! — falei áspero, ela me olhou sem entender e eu falei para que não parássemos de conversar: — Você está feliz... Com o casamento?

Ela pensou um pouco.

— Sim, minha mãe está em êxtase e vê-la assim me deixa feliz também.

— Ele é muito rico?

Ela assentiu sem entender.

— Por isso da alegria da sua mãe. Ele deve ser branco também.

Ela ficou quieta e pareceu triste.

— Me desculpe por tudo que a minha mãe te disse e por tudo que sofreu por minha causa.

Balancei a cabeça em negativa.

— Está tudo bem. É passado, não dói mais. Não tanto quanto antes. — ficamos em silêncio, mas completei. — Vai me convidar para o casamento?

Ela sorriu.

— Claro!

— Posso ser aquele que para o casamento e diz que tem algo contra.

Ela me olhou séria.

— Você não faria isso!

Eu ri.

— Faria, se você escrevesse algo no cantinho do verso do convite, como na música do Gian e Geovani.

Ela riu, ergueu uma sobrancelha e perguntou:

— Estou casando, mas o grande amor da minha vida é você?

Assenti e ela gargalhou.

— Convencido!

— Ah! Ou então se quiser te levo de moto até a Igreja.

— Seria ótimo. Minha mãe iria surtar.

— Eu gostaria de ver a cara dela. — falei pensativo e ela sorriu largamente.

— Olha essa maldade no coração!

Eu ri e ela continuou a falar:

— Queria andar de moto de novo. Adorei o vento e a sensação de liberdade, apesar do medo.

— Quando quiser, estou à disposição.

*“... Ainda bem, ainda bem
Ainda bem, ainda bem...”.*

A banda tocou os últimos versos e ainda abraçados perguntei:

— Estamos bem? Amigos?

— Sim, estamos. Amigos. — ela sorriu. — Nunca me reconciliei com ninguém em uma música.

— Sempre a disposição para ser várias vezes o seu primeiro. — ela ficou vermelha.

A música acabou e os casais a nossa volta aplaudiram. Estávamos voltando para a mesa e a morena que tinha me passado seu número de telefone, passou ao meu lado e falou:

— Vou esperar você me ligar. — sorriu e seguiu para a sua mesa.

E eu também sorri em resposta.

— E o sucesso continua. — Mari falou.

— É inevitável. — falei rindo e dei de ombros.

— Viu como você é convencido.

— Só sou realista.

Estávamos tão leves e o peso dos anos de mágoa, sentimento de culpa e abandono, parecia ter desaparecido. Erámos somente um grupo de amigos, conversando o resto da noite e felizes. Mari e eu estávamos leves e felizes. E quando fomos embora, já passava das quatro da madrugada.

No dia seguinte, eu estava de ressaca, mas um sorriso satisfeito estava no meu rosto. Ainda deitado na cama, eu pensei em todas as mulheres que passaram na minha vida e algumas delas quando penso, até tenho a impressão de que poderia ter investido um pouco mais e aí eu até poderia ser um homem casado e com filhos... Nãooooo! Nenhuma delas chegou ao ponto de me fazer pensar em

casar. A Lívia do Gustavo, até que me fez sentir um algo mais, mas pensando melhor, acho que era mais como uma conquista mais difícil que aguçou meu lado competitivo, só isso. E as demais não chegaram nem perto.

O barulho do meu celular tocando, me tirou dos meus pensamentos e eu não reconheci o número que aparecia na tela.

— Alô.

— Oi, João, dormindo até essa hora? — Já passava da uma da tarde e a voz risonha do outro lado da linha, parecia se divertir e era muito parecida com a da Mari.

— Com quem eu falo? — perguntei surpreso, afinal, por qual motivo ela me ligaria.

— Não reconhece mais a minha voz?

— Mari?

— Sim. Peguei seu número com meu irmão.

— Ah e a que devo a honra desta ligação? — eu sorria.

— Gostaria de dar uma volta de moto com um amigo.

— Ah, é mesmo? — perguntei ironicamente e sorrindo feito um adolescente.

— Sim e o meu único amigo que tem moto é você.

— Somos amigos?

Ela deu uma pequena pausa

— Sim... Como nunca devíamos ter deixado de ser.

Eu sorri.

— Então vamos.

— Sério?

— Sim.

— Quando você pode?

— Agora.

Pude ouvir o suspiro longo que ela deu e em seguida disse:

— Pode vir me buscar agora?

— Estou indo.

Despedi-me dela sorrindo e marcamos de nos encontrar dali meia hora, na praça que ficava próxima de sua casa.

Eu não sabia se o que estávamos fazendo era certo ou errado, mas uma amizade inocente não podia ser prejudicial a nenhum de nós. Mesmo com esse frenesi e essa respiração falhada tomando conta do meu corpo, tenho certeza que isso era só empolgação e nosso passeio era só um passeio de amigos e completamente inocente. Assim espero!

Capítulo seis

Mariana

Mesmo indo dormir quase de manhã, eu acordei cedo e não consegui me manter na cama enquanto os meus pensamentos vagavam por vários momentos da noite anterior.

Conversei com o Breno de manhã e rapidamente, pois pela nossa diferença de fuso horário, enquanto eu estava acordando ele já estava almoçando.

Fiquei zanzando pela casa esperando as horas passarem e fugindo da minha mãe o quanto eu podia, para não sair com ela e o tal cerimonialista. Eu estava sem paciência para ele, ela e as coisas do casamento. Na semana anterior eu tinha sofrido quando fiquei entre coisas de decoração, *buffet*, convites e etc. Então, para a alegria dos dois, que não vão precisar aguentar o meu mau humor, eu dei carta branca para eles escolherem o que quiserem e inventei um mal estar.

Não era que eu não quisesse organizar meu casamento, eu queria, só achava desnecessário gastar tanto, ter tanta frescura e ter que escolher entre marfim, creme e bege claro. Além de que, não consigo entender pra que tanta ostentação, se no dia o mais importante seria a união e o amor entre Breno e eu.

Na semana anterior minha mãe perguntou o que eu tinha e qual era o motivo do meu mau humor, já que só conseguia ser grossa com ela e ríspida na maioria das vezes que conversávamos. Respondi que era o estresse pré-casamento e ela parou de me questionar, porque tudo que eu fizesse ligado ao casamento era bem vindo, até me estressar, porém, minha raiva era porque eu via nela toda a sua soberba, superioridade e eu simplesmente estava com muita raiva de tudo que ela fez, de toda a armação que ela arquitetou no passado. Entretanto, depois de muito pensar, decidi não contar a ela que eu sabia de tudo, já que isso acarretaria em ter que contar sobre a carona de moto com o João, a visita a Isa e ter que dar satisfação de cada passo que eu desse a partir daquele momento.

Preferi omitir, engolir a minha raiva e me manter em paz, pois se a minha mãe soubesse que reencontrei com o meu passado e fiz as pazes com ele, ela faria da minha vida um inferno antes do casamento sair e me privaria de sair e de aproveitar o restinho da minha solteirice, vivendo um pouco com meus amigos do passado, antes de me casar, voltar para Portugal e esperar o que a vida planejava para o meu futuro.

Fiquei a espreita da saída da minha mãe e do cerimonialista e assim que saíram me vi sem nada para fazer. Então decidi ir até a cozinha conversar com a minha Maria querida.

— Oi, gostosaaaa. — falei me jogando na cadeira da mesa da cozinha e a chamando do mesmo apelido que chamava na adolescência.

— Que susto, Marizinha!

— Ah, que saudade de você me chamar assim, Maria.

— E eu estou com saudade de você me chamar de gostosa. Se sua mãe te ver aqui e me chamando desse jeito, ela vai brigar com você.

Dei de ombros.

— Você sabe que eu não ligo para as reclamações dela.

— Mas devia ligar, ela que manda aqui.

— Mas não manda em quem meu coração ama.

Maria pareceu pensar e disse:

— Menina, me diga uma coisa. O que tem acontecido com você?

— *Ham*? Nada. — me fiz de desentendida.

— Te conheço desde que nasceu e faz uns dias que reparo que você está diferente de como estava quando chegou?

— Diferente?

— Sim, diferente. Com um brilho diferente, como se tivesse se livrado de algo ruim.

Sorri para ela e contei toda a história desde o início. A gente sabe que os funcionários sabem de tudo, mas a Maria fingiu não saber e ouviu a história toda até que eu terminasse de contar e por fim falou:

— Olha, que sua mãe não me ouça, mas você sabe que você pode desistir do seu casamento, até mesmo no altar antes de dizer sim, não sabe?

— Sei, Maria... Eu amo o Breno e não quero desistir, mas...

— Eu sei, não precisa dizer. — ela pegou na minha mão. — Aproveite sua vida de solteira enquanto pode, depois você será uma mulher casada. — Maria sorriu cúmplice e acho que viu a confusão em meu olhar — Só estou dizendo que você não precisa se sentir obrigada a nada. Você pode fazer o que quiser.

— Você acha que se eu ligar para o João e pedir para ele me levar a um passeio de moto, seria inapropriado?

— É isso que você está com vontade de fazer?

Assenti.

— Então o que você está fazendo aqui nessa cozinha conversando com essa velha cozinheira?

— Eu? Estou ouvindo os melhores conselhos que uma pessoa sábia pode dar.

Ela riu.

— Marizinha, faz o seguinte, nesse tempo que está aqui sem nada para

fazer, já que é a sua mãe que está organizando seu casamento, — ela riu. — se permita viver sem amarras. Você já foi amarrada demais. — Maria piscou para mim. — O que tiver de ser, será.

— Tem razão. Vou fazer isso. — dei um beijo nela e saí sorridente da cozinha.

Liguei para o meu irmão e pedi o telefone do João. Miguel perguntou desconfiado o motivo pelo qual eu queria o telefone dele e eu menti dizendo que era para pedir indicação de *Dj* para o casamento. Miguel me passou o telefone e me aconselhou a ter juízo.

Liguei para o João que pareceu surpreso com a minha ligação, mas aceitou rapidamente me levar para dar uma volta de moto, por onde quer que fosse. Marcamos dele me pegar na praça aqui perto, pois fiquei com medo dele vir me buscar em casa e por algum motivo a minha mãe voltar antes do horário previsto e embaraçar o meu passeio.

O dia estava ensolarado, então coloquei um short jeans curto, um baby look branca e um *All Star* branco. Como não sabia se iria esfriar, coloquei um cardigã também branco. Prendi meu cabelo em um rabo de cavalo e passei uma maquiagem leve. Não queria exagerar em nada.

Mas foi eu terminar de me aprontar, que parei em frente ao espelho, fiquei me olhando e pensando: o que estou fazendo?

Então em meio a minha confusão, peguei o celular e liguei para o Breno.

— Oi, amor. — ele atendeu depois de muito tocar.

— Oi. Estou ligando, porque quero ouvir você dizer que me ama.

— Claro que te amo. Por que essa dúvida, agora? — ele parecia tenso.

— Não é dúvida, é só saudade.

— Amor, logo estaremos casados e de volta a Portugal. Aguenta mais um pouco aí.

Dei um suspiro cansado.

— Tudo bem.

— Posso te ligar a noite? Estou entrando em uma reunião.

— Tá certo, nos falamos a noite. Vou sair agora, mas a noite espero você ligar.

— Tá bom, te amo, beijos — E desligou.

Achei essa conversa tão fria e sem sentimento.

Não me senti diferente de como estava me sentindo antes da ligação, não recebi o que eu buscava ao ligar para ele, então fiz o que a Maria sugeriu: levantei, parei de pensar tanto, peguei minha bolsa lateral e fui esperar o João na praça. Nem um minuto de espera tinha se passado e lá vinha o ronco forte do motor da moto, descendo a rua da minha casa e fazendo um arrepião percorrer

meu corpo. Não pude conter esse arrepio. Observei a moto cada vez mais se aproximando, até que João parou bem na minha frente. Não conseguia ver seu rosto, porque ele usava um capacete todo preto e com viseira também preta. João ergueu a viseira, me lançou um sorriso lindo e disse ao exhibir as covinhas:

— Bora?

Apenas assenti, coloquei o capacete que ele me ofereceu e sentei-me na sua garupa. Mais uma vez tentei evitar o contato do nosso corpo colado um no outro, mas quando eu estava procurando onde colocar as mãos, ele as pegou e colocou em volta da sua cintura, me puxando para junto dele. Soltei um suspiro e tentei pensar em várias coisas que não fossem os gominhos que deviam estar em baixo daquela jaqueta.

— Aonde você quer ir? — ele perguntou.

Dei de ombros.

— Qualquer lugar, só não queria ficar em casa. Onde você me levar eu vou.

Ele sorriu.

— Vamos à cachoeira? Lembra, aquela cachoeira que íamos antigamente?

— Lembro. — sorri com a lembrança. — Mas eu nem trouxe um biquíni.

— Eu também não trouxe nada, mas se quiser podemos ir só olhar.

— Não. Não vou lá há muitos anos, vou querer entrar.

João pareceu pensar.

— Tem um centro de compras aqui perto, lá tem uma loja de departamentos que deve ter biquínis. — ele deu de ombros parecendo sem graça.

— Ótimo.

Então João assentiu, acelerou a moto e partimos. Apertei forte as minhas mãos em seu corpo, tive a impressão que ele acelerava a moto de propósito para que eu o apertasse. Senti o vento bater em mim e foi como um calmante. Fechei meus olhos e aproveitei a sensação.

Minutos depois estávamos entrando em uma loja de departamentos. Para agilizar e não perdermos tempo ali, João foi para o lado masculino da loja, pegar o que ele iria usar e eu segui para o lado feminino, que ficava no sentido contrário.

Comecei a pegar o que precisava: uma toalha, um biquíni preto e só. Quando eu estava indo para o outro lado da loja para ajudar o João com o que precisasse, ele estava entre dois seguranças, que tinham suas mãos para trás, o queixo erguido e nitidamente o intimidavam. João gesticulava e parecia irritado. Fui por de trás das gôndolas para ver o que estava acontecendo e logo ouvi o João falar:

— Por que eu? Eu estou comprando, como todos os outros clientes.

— Se você está comprando, então cadê a sua sacola? Ou você vai esconder em algum lugar?

Nessa hora, mesmo sem querer acreditar, entendi o que estava acontecendo e me aproximei, já sentindo o meu rosto pegando fogo de raiva. Entrelacei os meus dedos aos do João e os enfrentei:

— Qual é o problema aqui?

Ambos me olharam assustados, olharam para as nossas mãos entrelaçadas e me encararam como se notassem que fizeram algo que não deviam.

— É que esse rapaz entrou sozinho na loja e...

— Eu também entrei sozinha na loja e não estou sendo acusada de nada.

— É que... — eles gaguejavam e não conseguiam concluir as frases.

— Não consigo ver nada que o diferencie de mim, a não ser que ele é um homem e eu uma mulher.

— Tem razão, é que ele estava sozinho e...

— E é negro? Não sabia que cor da pele dizia algo sobre a índole e o caráter de uma pessoa.

— Não era isso...

— Ah, não era? E era o que então? — eu estava com tanta raiva que eu não conseguia deixá-los falar.

— Tem razão. A senhora tem toda razão e houve um engano aqui...

— Olha, hoje é o dia de sorte de vocês, porque este cliente, que vocês acabaram de tratar de forma racista e preconceituosa, além de lindo e um empresário bem sucedido, ele também é advogado. — sorri ironicamente para os homens, a fim de mascarar a raiva que eu estava sentindo.

— Olha, peço desculpas... — um deles começou a gaguejar.

— E aí, João, qual a providência que você quer tomar em relação ao que aconteceu aqui?

João me olhava meio incrédulo e parecia chocado. E não sei se pela minha atitude ou pela exposição que acabou de sofrer.

— Vamos embora. — ele respondeu meio sem jeito.

— Olha, falei que hoje é o dia de sorte de vocês, pois além de tudo que eu falei que ele é, ele também é uma boa pessoa e vocês não vão sofrer um processo por injúria racial. Racismo é crime! Espero que aprendam a lição.

Entreguei rispidamente a sacola com as peças que eu segurava, para o segurança e os ouvi pedir desculpas repetidamente para nós, enquanto eu ainda de mãos dadas com o João, saía da loja. Ele não soltou a minha mão e nos dirigimos para a moto assim, como se fôssemos um casal e o toque da mão dele

na minha, era tão acolhedor e muito familiar.

Ficamos em silêncio e João parecia sem jeito e envergonhado. Subimos na moto e sem dizer nada ele seguiu o plano e pegou o caminho que dava para a cachoeira.

Conforme a estrada seguia, a minha raiva foi diminuindo e eu só conseguia pensar nos milhões de pessoas que passavam por isso frequentemente, que recebiam esse tipo de tratamento gratuitamente, mesmo sem ter nada que os incriminassem, sofriam simplesmente e somente pela cor de sua pele.

A cachoeira não era muito longe, então não demorou muito até que chegássemos. Mas eu não conseguia esquecer a cena que havia acabado de presenciar e quando a adrenalina e a raiva passaram, só me vinha à cabeça que a minha mãe era como aquelas pessoas só que ainda pior e com uma dose de superioridade e soberba inimaginável.

Desci da moto, tirei o capacete e olhei em volta, mas por ser meio de semana, não tinha quase ninguém ali, a não ser a dona do pequeno bar e um cachorro magrelo que andava sem rumo. Melhor assim, pelo menos não veríamos pessoas conhecidas. Dei um sorriso sem graça ao João e fomos caminhando em silêncio, um ao lado do outro pela trilha que dava para a cachoeira. Entre nós só se escutava nossos passos e o barulho da queda d'água, que se aproximava.

Pensei em anos atrás, em como o João se sentiu quando a minha mãe o humilhou, pensei o quanto deve ter doído e sem que eu pudesse conter, uma lágrima escorreu pelo meu rosto e eu a enxuguei de pressa, mas o gesto não passou despercebido pelo João.

— Ei. — ele pegou a minha mão, me virou para ele, olhou nos meus olhos e em seguida me abraçou. — Me desculpa te fazer passar por isso.

E ele ainda me pedia desculpa.

— Não estou chorando por hoje.

Ele ficou em silêncio.

— E não peça desculpas. Não passei por nada, quem passou foi você. Estou chorando pelo o que você teve que passar. Hoje e no passado... Por minha culpa.

— Não chora. Já estou acostumado e no passado não foi culpa sua.

Separei-me dele, mas ainda ficamos bem próximos, e o olhei indignada com aquele comentário.

— Você não tem que se acostumar com isso. Nem você nem ninguém.

Ele deu de ombros.

— Só fico triste, porque você não conseguiu comprar o que queria.

Ele desviou o olhar do meu e parecia tão triste, que eu só queria tirar

daquele rosto lindo, aquele olhar que além de triste era envergonhado. Não queria estragar nosso passeio, só queria a alegria de volta, então falei a primeira coisa que me veio à cabeça:

— A gente sempre pode nadar pelado.

E então João voltou a me olhar e riu largamente.

— Ótima ideia. — Vi que em seguida, João desviou os olhos dos meus, indo com eles direto para a minha boca e então eu dei um passo para trás de pressa.

— Vamos?

Ele sorriu e assentiu. Continuamos andando, até que chegamos de frente para a queda d'água e aquele lugar era como eu me lembrava. Abri um sorriso e na minha memória, um filme passou rapidamente, me lembrando de todas as vezes que estive ali.

— Então... Como foi você que sugeriu nadarmos pelados, pode tirar a roupa você primeiro. — ele disse rindo largamente e me mostrando aquelas benditas covinhas.

— Eu estava brincando, João.

— Que pena. — João fez cara de triste, dei um tapa leve nele e ambos rimos.

Sentei-me em uma pedra, de frente para a queda d'água maior e cruzei as pernas. João sentou-se ao meu lado, espalmou as duas mãos atrás do corpo e deixou as pernas esticadas, mas antes colocou a *playlist* do seu celular para tocar e a primeira música era *The reason*, da banda *Hoobastank*.

Sorri para ele, pensando que tem coisas que nunca mudam, me lembro do quanto João gostava desse tipo de música e o quanto o rock embalou nossas tardes de amor na casa dele. Ops! Para de pensar o que não deve, Mariana!

Peguei uma pedra, joguei na água que corria bem a minha frente, na tentativa de parar de pensar besteira e João soltou uma risada baixa que chamou a minha atenção.

— O que foi? — perguntei com a testa franzida.

— Não lembrava que você era tão brava quanto foi hoje.

Dei uma risada sem graça e fiquei com um pouco de vergonha de como agi com aqueles seguranças, mas não me arrependo.

— Ah! Eles mereceram que eu fosse. — voltei a olhar para longe.

— Gostei de te ver me defendendo. Acho que ninguém nunca brigou por mim assim.

Olhei para ele.

— Já sim, sua mãe.

— Minha mãe? — ele perguntou sem entender.

— Olha, digamos que eu conversei com ela e ela me mostrou o quanto eu fui injusta no passado.

Ele se sentou ereto e ficou na mesma posição que eu.

— Olha, Mari, me desculpa por...

— Ela não me falou nada que eu não merecesse. — coloquei o dedo na sua boca para que ele parasse de falar e ele assentiu olhando para frente e ficando em silêncio.

— Minha mãe viu como foi difícil para mim. — João falou pensativo, depois de um breve silêncio. Então ergueu os joelhos, apoiando os cotovelos sobre eles.

— Para mim foi quase que insuportável. — falei e engoli em seco.

Ele me olhou intensamente e eu tive que reunir todo o meu autocontrole para mudar de assunto.

— Mas me conta como foram todos esses anos para você?

Ele sorriu com a lembrança.

— Depois que entrei para a faculdade foi curtidão e zoeira com os amigos.

— Pegava geral?

Ele assentiu parecendo se divertir com a lembrança.

— Nem te conto o motivo da minha casa noturna se chamar *Angels*. — ele riu um sorriso safado, mostrando as covinhas e estreitando os olhos. Meu Deus!

— Já estou curiosa para saber.

— Anjos da noite que levam as mulheres ao céu. — seu sorriso se abriu tão largamente que as suas covinhas se espalharam.

— Sério? — falei também rindo.

— Muito sério.

— Ai, João! — o empurrei rindo.

Fiquei pensando no apelido e me lembrando de tudo que aconteceu no passado, posso dizer que ele não é um anjo do sexo e sim um deus. Mais uma vez lembrei-me das tardes na casa dele e era sempre tão bom. Senti meu rosto quente, ele percebeu e eu continuei a conversa:

— Dessas mulheres que passaram pela sua vida, nenhuma chegou perto de te tirar da vida bandida? — sorri.

— Olha, depois de... — ele pareceu medir as palavras e pensar no que iria dizer. — depois de você, eu nunca mais fui igual. Me tornei um cafajeste. Pegava geral, iludia as mulheres e quando elas se apegavam, eu não conseguia seguir e acabava pisando na bola ou simplesmente acabando com tudo. Você me estragou.

Olhei para ele com um sorriso triste e sem graça. Senti-me culpada por todo estrago que fiz na vida dele e consequentemente pelo rastro de decepções que esse homem lindo causou.

— Mas acho que na verdade, eu não conseguia seguir, por tudo ter acontecido de uma forma tão sem sentido e eu ter ficado sem explicação. Agora que já conversamos e está tudo explicado, tenho certeza que a minha vida vai seguir.

Ele colocou a mão no meu ombro para me consolar e eu assenti.

— Claro que vai. — tentei sorrir, mas meu sorriso saiu tão fraco e sem vontade que a minha certeza de garantir que ele seria feliz com outra pessoa, pareceu mais com uma tristeza camuflada.

— Mas me diz... E você e o noivo, como se conheceram?

— Estudamos engenharia, juntos.

— E foi amor à primeira vista? — Era impressão minha ou ele estava sendo irônico?

— Não. Ele me ajudou com a minha tristeza.

João assentiu e olhou para a cachoeira, mas perguntou após um breve silêncio:

— E você o ama?

Houve mais um silêncio e sinceramente o que me deu vontade de responder foi: não como te amei, mas me contive e respondi:

— Amo.

Ele assentiu mais uma vez, pensativo, e depois sorriu.

— Que bom! Alguém vai ser feliz.

Eu não entendi o que ele quis dizer, mas fomos tirados da nossa conversa pelo barulho de algumas pessoas se aproximando do outro lado da cachoeira.

— Você não disse que queria entrar?

Dei de ombros.

— Ah, a água deve estar fria e não trouxe toalha, vou congelar depois que eu voltar para a moto.

— Verdade. Mas podemos marcar de novo essa semana. — Ele pareceu tenso ao fazer o convite. — Se bem, que nada a ver, né? Vou acabar te atrapalhando e você tem que arrumar as paradas do casamento.

— Olha, se não for te atrapalhar, com a *Angels* e tal... Eu iria adorar. — sorri sem jeito.

Ele olhou para mim, abriu aquele sorriso perfeito, com dentes perfeitos e aquelas covinhas lindas e aí eu percebi que eu estava perdida e sinceramente... Sem nenhuma vontade de achar o caminho de volta.

Capítulo sete

João

Deixei Mariana próxima a sua casa e já estava quase escurecendo. Nem acredito que esse dia aconteceu!

Passamos a tarde juntos, conversamos na beira da cachoeira, comemos um salgadinho murcho que era vendido no barzinho que tinha lá, rimos, tivemos assuntos sérios e também assuntos bobos sobre coisas que vivemos juntos, quando estudávamos e separados, quando estávamos na faculdade e distantes um do outro. Quando percebemos que o sol estava querendo se pôr, ela disse que já estava na hora de irmos, mas por mim eu teria ficado ali sentado naquela pedra por mais um bom tempo.

Quando parei na pracinha, nos despedimos de maneira estranha, ela me deu um abraço rápido seguido de um sorriso tímido e um até a próxima, mas acho que a estranheza era mais da minha parte, porque acho que ela me via somente como amigo, que na verdade era como eu deveria vê-la também, enquanto eu... bom, eu também a via como amiga, mas não posso evitar de sentir um arrepio pelo corpo e uma lembrança de tudo que já vivemos, sempre que ela sorri.

Tenho que me afastar!

Esse pensamento me vinha à cabeça sempre que eu pensava na loucura que estava fazendo me aproximando dela novamente. Ela vai se casar, João! Me repreendia sempre que lembrava dos risos e até mesmo da lembrança da mão dela na minha, quando quis me defender dos seguranças. Não posso negar que fiquei com vergonha de tê-la ali para testemunhar mais aquela humilhação que sofri, por conta da cor da minha pele, apesar de que eu até já tinha me acostumado, não me irritava mais tanto quanto já me irritei um dia, mas hoje me entristeci extremamente, pois a Mari estava ao meu lado para presenciar e isso além de me entristecer, me envergonhou. Entretanto, foi ela entrelaçar nossos dedos e me defender de uma forma tão firme em tudo que dizia, que fez os sentimentos decadentes sumirem e eu percebi que realmente Mari ainda era do jeitinho como me lembrava, não tinha mudado e nem se transformado em uma mulher como a mãe. Ela ainda era a minha Mari... Quero dizer: a mesma Mari, com o coração bom e sem preconceitos.

Contudo, no mesmo instante sinto que nosso tempo passou, somos somente amigos e eu podia parar com isso quando quisesse. Mas só enganava a mim mesmo.

Apesar de toda a confusão e mesmo sendo difícil entender, nós gostamos

tanto daquele dia, que decidimos não parar de nos ver e marcamos um novo passeio para a semana seguinte e trocamos telefones, na verdade ela já tinha o meu e eu gravei o contato dela no meu celular, para acertarmos tudo. Somente como amigos. Sempre deixei claro para mim mesmo. Ela ia se casar e estávamos saindo somente como amigos, para que ela pudesse esquecer um pouco do mundo cansativo da preparação do casamento.



Já fazia dias que eu tinha passado uma tarde na cachoeira com a Mari e depois disso ela não me ligou. Fiquei esperando e por diversas vezes peguei o celular, encarei o número dela no intuito de ligar e desisti. Não queria atrapalhá-la e se ela não ligou, talvez seja porque se arrependeu do combinado. Uma tristeza tomava conta de mim quando eu pensava que ela estava tão envolvida no casamento, que nem sequer se lembrasse do nosso combinado. O pensamento de que Mari ia se casar me atingia como um soco e então eu entendia que talvez eu não devesse mesmo esperar que ela me ligasse.

Foquei no trabalho, era domingo e eu estava arrumando tudo para o funcionamento daquela noite. Teríamos um show de uma banda de pop rock muito boa.

A *Angels* sempre foi conhecida por ser uma balada eclética, tocar todos os ritmos, e agradar a todos os públicos, sendo assim, desde o dia que abrimos, nunca tivemos problema por falta de público, a casa sempre enchia nos finais de semana e era a balada mais frequentada da região. Na filial o final de semana de estreia foi um sucesso e a casa lotou, não deixando o nome de a *Angels* cair, desde então, ela vivia cheia e eu não tinha do que reclamar, mas como mudanças são sempre bem vindas, quando contei ao Fernando sobre ter ido a um bar, com música ao vivo de uma banda de pagode e que me diverti muito, ele deu a ideia de eu tentar ingressar na atração semanal da *Angels*, uma banda de música ao vivo, portanto já que no domingo o movimento era mais fraco por conta de o pessoal trabalhar na segunda, resolvi colocar a banda neste dia. Eu esperava que agradasse o público e pelo o que podia ver, já estava dando certo, pois estava começando a lotar.

As horas passaram rápido, a *Angels* já estava cheia e enquanto eu trabalhava, conferindo um documento em um canto afastado do movimento maior, ouvi alguém me chamar:

— João.

Virei-me para ver quem era e lá estava Miguel e sua esposa.

— E aí, cara? — o cumprimentei com um aperto de mão. — Oi Vanessa.

— João, fiz o Mi me trazer aqui de novo, amei esse lugar!

— Fico muito feliz. Te falei que a *Angels* era foda, Mi. — provoquei o meu amigo, usando o apelido que a Vanessa o tinha chamado.

— Para de graça, que você não vai me chamar de Mi, palhaço.

Gargalhei.

Engraçado como a minha relação com o Miguel era como se nunca tivesse deixado de ser.

— Deixa ele, amor. João não tem o mesmo charme que eu, para te chamar de Mi. — Vanessa disse me encarando, simulando uma falsa raiva e sorriu. Eu gostava dela, meu amigo teve sorte. Era linda, cabelos encaracolados, a pele branca e com sardas. Além de linda, era simpática e divertida.

— Deixo o chame nesse departamento, todo para você, Vanessa. — falei sorrindo. — Sentem. — aponte para os bancos ao meu lado. — O que querem beber?

Miguel pediu uma cerveja e Vanessa uma bebida doce.

— Então, soube que você e a minha irmã andaram saindo.

O simples fato de o Miguel citar a Mariana, já fez meu corpo estremecer.

— Sim, ela queria andar de moto e como eu sou o único que ela conhece que tem moto. — dei de ombros como se isso não fosse nada.

— Sei... Ela me disse que sua moto é incrível.

Sorri convencido.

— Ela é. Quando quiser dar uma volta...

— Ah, não sou de moto, não. Sou de carro mesmo.

— Medroso! — provoquei.

— Não é medo, é receio.

— Sim, João. É o mesmo receio que ele tem de barata. — Vanessa falou rindo.

— Vai me dizer que um homão desse, tem medo de barata?

— Mas cara, o bicho além de ser asqueroso, voa. Não pode ser que faça parte da criação de Deus.

Vanessa e eu estávamos rindo largamente do Miguel quando fomos interrompidos.

— Que difícil achar vocês aqui! E do que riam tanto?

Era a Mari e meu sorriso aumentou ainda mais quando a vi.

— Até que enfim chegou, cunhada. Estava me sentindo perdida no meio desses dois homens tão bobos, parecem duas crianças, não param de se provocar.

— Opa, bobo não, hein! — me defendi.

— Bobo de amor por você, minha deusa. — Miguel falou, agarrou a Vanessa e a beijou, enquanto eu e a Mari trocamos olhares sem graça.

— Podem parar com isso, vocês já estão casados há anos, já podem parar com essa agarrção toda. — Mari os afastou.

— *Vish*, Mari, se você está com esse pensamento estando prestes a se casar, pode ser que você esteja se casando com a pessoa errada. — Miguel falou sorrindo e me olhou.

O que ele quis dizer com esse sorriso irônico?

Mariana não sabia o que falar e pareceu sem jeito. Então eu para acabar com o embaraço dela, falei:

— Quer beber alguma coisa, Mari?

Ela pediu tequila e quando o barman serviu, virou em um só gole e mudou de assunto:

— Liguei para a Isa, mas ela disse que não poderia vir por conta do Arthurzinho.

— Que pena. — Vanessa falou. — Adorei conhecê-la, iria adorar conversar de novo com ela.

— A gente marca outras vezes. — Miguel falou para a sua esposa.

Ficamos em silêncio de novo, ainda impactados pelo comentário do Miguel. Mariana disse que precisava ir ao banheiro e chamou a cunhada para ir com ela, me deixando a sós com o meu amigo.

— Sabe, João, durante o tempo que morei em Portugal e depois, quando voltei lá para visitá-la, nunca vi a Mari com um sorriso tão largo e verdadeiro, como no dia que ela nos contou sobre o passeio de moto que fez com você. Era o sorriso de menina, o sorriso autêntico que ela perdeu e há tantos anos eu não a vi dar.

Sorri com essa informação e meu amigo continuou:

— Tá em suas mãos. Confio em você para manter esse sorriso no rosto dela.

— Não sei se estou entendendo o que você quer dizer.

— Você sabe sim e vejo no jeito como você age quando está com ela, que você também quer.

Fiquei pensativo um instante, cogitando agir e disse em seguida:

— E o noivo? Você não gosta dele?

Ele deu de ombros.

— Tive pouco contato, me parece uma boa pessoa, mas não faz os olhos da minha irmã brilharem como você faz.

— Eu faço?

Ele deu um peteleco na minha cabeça e me pegou de surpresa, me fazendo rir quando falou:

— Para de ser fazer de mané, você reparou, né? Ou vai esperar ela te

pedir um beijo de novo no “verdade ou desafio”?

Eu estava meio sem reação, mas balancei a cabeça em negativo.

Vanessa e Mariana voltaram e fui apresentar a *Angels* aos meus amigos. Mostrei toda a parte de baixo, o estoque, fui explicando o que era cada canto e explicando também sobre como funcionava a matriz. Subimos para o piso superior, mostrei o escritório e todos ficaram encantados com o vidro panorâmico no qual eu via tudo lá de cima.

A noite seguiu, bebemos, rimos e a cada minuto eu olhava e me encantava mais com a Mari, já Miguel e eu éramos amigos que pareciam que nunca haviam passado tanto tempo separados. Até que em um dado momento da noite, no intervalo que a banda parou de tocar, começou a tocar *Candy shop* do 50 cent e a casa foi a loucura. Dois rapazes começaram a dançar passos de *hip hop* e logo começou a abrir uma roda no meio da pista de dança, dando espaço para eles darem piruetas e fazerem passos de *break*. Quem sabia dançar também entrava na roda, formando assim uma pequena competição de dança, enquanto quem estava em volta aplaudia e gritava em incentivo.

— Ei, João, éramos bons nisso, lembra quando resolvemos fazer aula de *street dance*, na adolescência?

— Éramos mesmo, na semana das notas azuis a gente sempre ganhava os concursos de dança. — nós dois rimos com a lembrança.

— Minha mãe quis me matar, falava que era música da periferia. — Miguel gargalhou.

— Vocês tinham que ir até lá e mostrar pra eles o quanto vocês ainda são bons nisso. — Vanessa sugeriu.

— Ah, eu quero ver isso. — Mari cruzou os braços rindo.

— Por mim, tô dentro! — Miguel concordou.

— Você só pode estar brincando. — Falei rindo largamente.

— Já tô bêbado, mesmo. — ele deu de ombros. — Eu vou. — levantou-se, colocou o copo em cima do balcão e já começou a dar pulinhos e girar o pescoço como se fosse um lutador de boxe se aquecendo.

— Para, mano, você só pode estar brincando.

— Não estou não!

Gargalhei.

— Porra! Sério? — Sorri para a Mari que me olhava de volta também sorrindo e parecia se divertir.

— Vai, João! Nunca vi o Mi dançar. Tô curiosa e doida para ver.

Pensei um pouco.

— Vai lá, João, também estou doida para ver. — Mariana falou e tinha um sorriso safado no rosto que fez um frenesi tomar meu corpo.

Ah... Aí foi o que bastou.

— Então vamos lá, Mi. Vamos ver se você ainda sabe dançar.

— Mi é o caralho! — Miguel falou bravo e rindo por eu usar de novo o apelido que a Vanessa o chama e todos nós rimos.

— Arrasa! — Mari falou, eu passei de leve o indicador na bochecha dela, dei uma piscada e me virei indo sentido à pista de dança.

Não faço ideia de porquê vou fazer isso, mas sempre gostei de dançar e fazia tempo que eu não dançava *hip hop*.

— E se a minha coluna travar, cara? — Miguel perguntou me fazendo rir, enquanto nos encaminhávamos para a pista.

— Pode ser que a minha também trave.

— Ah, somos jovens ainda. — Miguel levantou o punho fechado em minha direção e eu toquei o meu punho fechado no dele.

Mas eu só pensava em impressionar aqueles lindos olhos, que me olhavam do bar.

Mariana

Meu Deus!

Me ajude a dizer não a tentação.

João passou o dedo na minha bochecha, piscou para mim entre um sorriso sedutor e isso me fez estremecer, acordou várias partes do meu corpo e eu só queria muito vê-lo dançar para mim.

Para, Mariana!

Você vai se casar.

Eu me repreendia mentalmente repetidas vezes, mas eu só queria vê-lo dançar. Só isso. Eu adorava ver Miguel e João dançando quando estudávamos. E o que foi aquela piscada? E as covinhas?

Argh...

Os dois se dirigiram para a pista de dança, rindo e parecia que o tempo não tinha passado.

— O João é lindo. — Vanessa falou me empurrando com o seu ombro.

— Oi? — perguntei estranhando o comentário repentino.

— Só estou dizendo que o João é lindo... Um gato... Um deus...

— Tá, Vanessa! — a interrompi rindo. — Mas por que está me dizendo isso?

— Nada. Só que o Mi me contou a história de vocês e eu sou uma mulher romântica.

— Cunhada, não veja romantismo onde não tem. Vou me casar!

— E daí? Mari, nunca vi seus olhos brilhando tanto quando olhava para o Breno do modo como brilha quando você olha para o João.

Balancei a cabeça em negativa, como se ela estivesse falando besteira.

— Eu não sou assim, nunca daria esse desgosto para a minha mãe.

Vanessa revirou os olhos.

— Olha, se eu e Miguel fôssemos pensar assim, já teríamos uma penca de filhos. Porque na cabeça da sua mãe, tínhamos que ter filhos logo que casamos e ela ainda me culpa por não ter dado um neto a ela. Não sei que século ela vive... Ai, cunhada, desculpa. Acho que bebi demais tô falando mal da minha sogra para a filha dela.

Eu ri.

— Não precisa se desculpar. Eu conheço a minha mãe.

Ela riu.

— Tá, mas olha, você vai viver o resto da sua vida a mercê das vontades da sua mãe? Seja feliz, cu!

— Cu? Se a minha mãe ver você me chamando assim, ela vai falar que isso é um jeito inapropriado de se referir as pessoas.

Vanessa arqueou uma sobrancelha para mim e após um segundo de silêncio, nós duas caímos na risada. Mas fomos tiradas do nosso momento quando gritos chamaram a nossa atenção para a pista e lá estavam eles... Enfim tinham conseguido adentrar no círculo formado para a batalha de hip hop e quando os frequentadores reconheceram que quem estava na roda era um dos *Angels*, eles foram à loucura.

João estava usando uma calça preta e uma camisa xadrez, de botão. A camisa estava certinha no corpo dele e apertava discretamente seus músculos do braço, mostrando o quanto ele era forte e gostoso.

Quando João entrou na roda, começou a erguer os braços para cima, fazendo sinal para que a galera fizesse barulho. Depois com as duas mãos deu um puxãozinho na calça para cima, no intuito de folgá-la um pouco, e começou a fazer os passos de *hip hop* e *break*, um passo após o outro, enquanto 50 cent ainda cantava a música provocante. Eu e Vanessa nos aproximamos e fomos abrindo espaço entre as pessoas, até chegarmos bem próximas deles.

João nos achou ali, seu olhar cruzou com o meu e ele me encarou enquanto dançava, passava a mão pelo corpo e deslizava na pista. Minha respiração estava entrecortada, eu estava hipnotizada e meu coração disparou quando ele veio até mim dançando sensualmente. Tive vontade de passar a mão em seu corpo, puxá-lo para mim e como se ele lesse meus pensamentos foi isso que ele fez.

Puxou-me pela mão, me levou para o centro da roda e ficou dançando ao meu redor. Tentei não ficar parada como uma estátua e fui me remexendo no ritmo da música. Não sei se foi todo o álcool que bebi ou a vontade de me mostrar para o João, mas comecei a dançar sensualmente também e a música ajudava. João passava a mão no meu corpo e deslizava a minha volta, vezes com toda uma malemolência e vezes como se fosse um robô, passos típicos do *break*. Enquanto eu dançava, pensei que esse sentimento de me sentir jovem, livre e feliz foi o que faltou na minha vida nos últimos anos.

Frequentei muitos restaurantes requintados, em que uma refeição custava muitas vezes um mês de trabalho de alguém e isso me bastava como diversão, mas vivendo aquele momento, aquela dança, aquela noite e com pessoas que eu gostava, percebi que fui muito podada nos últimos anos e a verdadeira Mariana era aquela: que bebia, dançava e se divertia com o irmão e amigos, na cidade que amava... Com o homem que ama... Ops olha o álcool me confundindo, o homem que eu amava estava em Portugal!

Fui tirada do meu pensamento centrado, quando o anjo de ébano, gostoso

pra cacete que dançava sensualmente na minha frente, em um determinado momento me surpreendeu fazendo um passo que me derreteu. Ele parou na minha frente, colocou a mão por dentro de sua camisa, sorriu e fez com a mão como se fosse seu coração batendo por baixo da camisa. E batia em minha direção... Batia por mim... Que sorriso!

Benditas covinhas... Meu Deus, me ajude!

Meu irmão invadiu a pista e nos tirou de lá, fazendo o mesmo movimento do João, com as mãos como se pedisse barulho para a galera e todo mundo gritou, inclusive eu. Meu irmão era muito parecido comigo: era loiro e olhos verdes. Tinha o cabelo cortado baixinho, era alto e muito bonito. Sempre fez sucesso com as mulheres. Enquanto ele fazia os passos de dança com um boné virado para trás. (Aonde ele arrumou aquele boné?) Minha cunhada gritava feito uma doida, mas sinceramente eu não conseguia prestar atenção na dança dele, porque enquanto o meu irmão dançava, João ficou atrás de mim, com as mãos na minha cintura e se mexendo no ritmo da música. E eu só conseguia sentir o toque dele em mim, me deixando louca com o calor que subia e me deixava molhada... E não era molhada de suor.

Vi que o meu irmão fez um passo como se rastejasse aos pés da Vanessa e arrancou risadas. Miguel pegou a minha cunhada pela mão e a trouxe até o meu lado e chamou o João para a roda, que aceitou o desafio.

Meu irmão dançava muito bem, fez um passo em que ficou com uma mão no chão e o corpo todo apoiado nela, passo que arrancou um grito da galera. João dançou também e aí tiramos a prova de que o tempo não deixou com que eles se esquecessem dos passos, no ápice da dança, eles pediram espaço e juntos deram um mortal para trás, levando a galera ao delírio, encerrando a participação deles na roda e fazendo o *Dj* gritar:

— Senhoras e senhores, isso é a *Angels*: Surpreendente. — e todos gritaram.

Seguimos rindo para o bar, meu irmão abraçou a Vanessa e João colocou a mão nas minhas costas, mais uma vez me fazendo estremecer.

— Cara, nós ainda somos fodas. Os melhores! — Meu irmão falou apertando a mão do João e o puxando para um abraço rápido.

— Nem sei há quanto tempo eu não dançava. E faz muito tempo... Que eu não tenho uma noite tão divertida. — disse João.

— Vocês arrasaram. Você nunca me disse que sabia dançar assim, Mi. — Vanessa falou e deu um beijo no meu irmão. — E você, João, também arrasou!

— Ah, é nada! Estamos enferrujados. A gente era muito bom nisso, fala aí, Miguel?

— Nossa, a gente pegava geral, na escola, só porque dançava. — Miguel

levou um puxão de orelha da Vanessa e nos fez rir. — Não, eu não, amor, era o João pegava geral.

— Ah, o João pegava? Por que pelo o que me lembro, naquela época ele namorava comigo. — falei e logo me arrependi da demonstração de ciúmes.

João riu e disse me olhando:

— Elas até queriam, mas eu só queria você.

Senti meu rosto corar e tentei mudar de assunto:

— Alguém mais quer uma bebida?

Miguel riu do meu nítido embaraço.

— Não, Mari. Precisamos ir embora. — Vanessa disse.

— Ah que pena! Fiquem mais um pouco, está tão legal.

— Não dá, maninha! Tenho compromisso amanhã, quero dizer... Hoje. Já passamos da meia noite há muito tempo.

— Mas fica, Mari. Eu te levo embora depois, para você não ir dirigindo. — João falou me olhando tão intensamente que não tinha como eu recusar. — É que já terminei o trabalho de hoje, mas gosto de sempre ficar até fechar, aí ficar sozinho não é muito legal. Se você ficar mais um pouco, pelo menos me faz companhia.

— Tudo bem. — concordei. Minha boca obedecendo meu coração, antes que a cabeça pudesse raciocinar o porquê eu não deveria ficar.

Meu irmão e minha cunhada se despediram de nós, já marcando de nos encontrarmos na *Angels* no próximo final de semana e da próxima vez com a Isa e o Jean. Eles foram embora sorrindo e nos deixaram com o silêncio assustador que a suas ausências causaram. A banda já tinha voltado a tocar pop rock e a *Angels* estava mais calma e cantando as músicas junto com o vocalista.

Eu não estava mais aguentando o silêncio entre nós até que João o quebrou, falando muito perto do meu ouvido, para que eu o ouvisse sobre a música alta:

— Adorei que você veio!

Pensei se realmente precisava ele ter falado tão perto e ter arrepiado todos os pelinhos do meu corpo.

— E eu adorei ter vindo.

— Achei que você tinha desistido.

— Desistido? — perguntei.

— Sim. Da nossa amizade, dos passeios...

— Não desisti, só que... É complicado.

— Entendo.

Mais um silêncio.

Ouvi o vocalista da banda anunciar que iria tocar a próxima música

especialmente para aqueles que tiveram um primeiro amor inesquecível e todo aplaudiram.

Ouvi o João ao meu lado, soltar um sorriso para o que o vocalista falou e em seguida a música Primeiro amor da banda Malta começou, fazendo o meu coração pular uma batida.

*Não perdi as esperanças de te encontrar
Outra vez eu voltei.
Voltei pra te dizer que é impossível te esquecer, eu voltei.
Então olha pra mim diz que vai ficar
Que sente saudade espera a tempestade passar
Que ainda sou seu primeiro amor...*

E de novo João foi quem quebrou o silêncio:

— Como você não me ligou... Achei que não queria mais me ver.

Engoli em seco.

— Eu quis, quis muito.

Respirei fundo.

— Podia ter me ligado.

Ele veio para perto de mim e chegou tão perto, que eu estava em pé e fiquei prensada entre ele e o balcão.

— Você também não me ligou. — consegui responder, apesar do meu coração estar batendo tão acelerado com a proximidade dele, que estava quase saindo pela boca.

— Eu quis... Quis muito. — ele repetiu o que eu disse frisando o muito e continuou: — mas não quis te atrapalhar. Achei que estivesse ocupada com os preparativos do... — ele fez uma pausa como se o que fosse falar doesse nele. — Casamento.

E aí ao falar, ele pareceu sentir todo o peso da palavra e se afastou de mim.

Primeiro senti um vazio com a distância do seu corpo do meu, depois pensei que ele tinha razão, devíamos nos separar. Olhei para o João que estava apoiado ao balcão, parecia triste e todo o encanto de alguns minutos atrás havia desaparecido. Um abismo se abriu entre nós, só com a menção do que a minha verdadeira vida preparava para mim. Minha vida não era aquela. Minha vida era de uma dondoca que vai se casar com um herdeiro rico.

Droga! O casamento. Eu ia me casar, não devia estar ali me esfregando com outro homem que não era meu noivo. Droga, droga, droga, Mariana!

Senti uma tristeza tomar conta de mim, quando percebi que a alegria e o

sentimento de liberdade de minutos atrás eram irreais.

— Ei, está tudo bem. Desculpa ter me afastado de você? — João se virou para mim novamente chegando bem perto, quando percebeu minha tristeza.

— Tá errado, João!

Eu o parei colocando a mão no seu peito e mantendo o espaço. Ele me olhou entendendo exatamente o que eu estava fazendo e eu continuei a falar:

— Está errado... A gente... Isso... Me desculpe, tenho que ir.

Afastei-me dele e me dirigi ao caixa para pagar o que eu consumí. Não olhei para trás para ver se ele estava vindo, mas quando coloquei o cartão magnético na bancada para a moça pegar, João apareceu atrás de mim e disse para a caixa.

— Esse é meu, Tânia. — A moça assentiu e guardou o cartão. — Vem comigo, Mari.

João pegou a minha mão, me levou até o seu escritório e o acompanhei no piloto automático, mas com o coração saltitando por ele pegar na minha mão. Quando chegamos lá, João fechou a porta quando passamos por ela e eu só me perguntava: o que eu estava fazendo ali? Meu coração batendo forte, feliz pelo momento e minha cabeça dizendo para eu sair, mas a única coisa que eu ouvia era o som abafado da banda tocando lá embaixo e da galera cantando.

O que eu estava fazendo?

— Senta aqui. — João me puxou até um sofá que tinha próximo a vidraça. Sentamos um de frente para o outro, ele pegou a minha mão e começou a falar: — Eu sei que está errado, sei que deveria me afastar de você, mas...

— Eu gosto do Breno. — o interrompi. — Gosto muito... Todos esses anos ele foi... Muito importante. — João estava de cabeça baixa me ouvindo e vi que ele fechou os olhos e assentiu.

— Tudo bem, Mari.

— João, sei que foi tudo muito confuso e...

— Sim, foi, mas agora o nosso tempo passou. Eu entendo. — ele me interrompeu. — Mas quero pelo menos ser seu amigo nesse pouco tempo que resta, antes que você se case e eu não possa nem mesmo ter a sua amizade.

Assenti e doeu pensar que todos os sentimentos bons que tinha quando estava com ele, estavam com o tempo contado. Uma lágrima escorreu no meu rosto e ele enxugou.

— Desculpa se sou o culpado delas escorrerem. No seu rosto só queria ver sorrisos. — E aí eu sorri sem jeito.

— João, eu sorri com você esses últimos dias, mais do que sorri nos últimos anos.

Ele sorriu satisfeito e as benditas covinhas da perdição apareceram.

— Eu também. Você sempre me fez bem.

Eu o encarei e tentei me controlar, tentei pensar em diversos motivos para não fazer o que eu estava pensando em fazer, mas só me vinham motivos para fazer e então eu fiz... Eu o beijei.

E Deus! Que beijo maravilhoso, que beijo esperado, desejado e com sabor de saudade. Sabor de tempo perdido, de amor revivido, de reencontro e de retorno ao meu lugar.

Capítulo oito

João

Que beijo!

Como senti falta disso!

Como tive vontade de fazer isso!

Mariana voou para cima de mim e me beijou. Não estou acreditando!

Caralho! Que sensação... Eu estava sentado de frente para ela e Mari veio para mim, colocou uma perna de cada lado do meu corpo, sentando no meu colo, e com uma mão em cada lado do meu rosto, me beijou fervorosamente. Era como se nove anos de distanciamento, saudade e confusão de sentimentos, estivessem naquele beijo.

Passei com as duas mãos pelas suas costas e a puxei para mim, tentando mostrar o quanto eu queria aquilo, o quanto eu a queria desde a primeira vez que a olhei. Eu queria tanto esse beijo, esse corpo, essa mulher. Eu a busquei em todas as outras com quem estive nesses anos, mas nenhuma chegou perto de fazer eu me sentir assim. Meu coração estava acelerado, meu corpo estava em chamas e tinha certeza que ela conseguia sentir o quanto eu a queria.

Coloquei as duas mãos uma de cada lado da sua coxa, a levantando em meu colo e em seguida a deitei delicadamente no sofá e coloquei o meu corpo sobre o dela, sem separar as nossas bocas uma da outra. E a sensação de tê-la ali, embaixo do meu corpo, era única e indescritível. Eu só não queria parar, mas...

— João... Espera.

Com todo o meu autocontrole eu consegui parar e a olhei em seus olhos.

— João, não podemos... Eu não posso.

E isso foi um banho de água fria. Ela não estava tão entregue quanto eu, o momento não estava tão intenso para ela quanto estava para mim. O noivo era importante de mais para que ela o esquecesse e se entregasse ao momento.

Eu me senti um idiota, até mesmo envergonhado e senti que deveria mesmo dar espaço a ela.

O nosso tempo passou e ela vai se casar.

Levantei-me de cima dela e tenho certeza que expressava tudo o que eu sentia, em meu olhar. Na verdade há minutos atrás eu estava tão aberto, tão entregue, que se a Mariana me pedisse para largar tudo e fugir com ela dali para sempre, eu iria. E com isso, tenho certeza que a minha vergonha e o sentimento de rejeição estavam estampados em meus olhos, então ajeitei minha camisa que ela tinha erguido enquanto eu a beijava e me sentei olhando para as minhas mãos, que estavam com os dedos cruzados.

— João... — Mariana colocou a mão sobre a minha, ia dizer alguma coisa, mas eu gostava demais dela, para que a deixasse se sentir culpada.

— Está tudo bem. — sorri um sorriso apagado.

— Espero que você...

— Eu entendo, fica tranquila.

Mariana se levantou, mas eu continuei sentado. Ela ficou parada a minha frente me olhando e suspirou como se fosse difícil respirar.

— Você precisa ir embora, né? Eu te levo. — levantei-me.

— Não se preocupe, vou de táxi. É melhor assim.

Assenti, mas me perguntei: para quem era melhor assim? A distância de mim era melhor para ela? Porque para mim, me distanciar estava cada vez mais difícil.

Ela se virou e começou a andar para a porta do escritório.

— Mariana. — a chamei antes que ela saísse, mas quando ela se virou, eu não disse nada, eu só queria que ela voltasse e dissesse que era comigo que ela queria ficar e que o casamento não aconteceria. No entanto, quando ela viu que eu não disse nada, respirou fundo, me lançou um olhar triste e me deixou ali, com a certeza de que mesmo me beijando e revivendo tudo de novo, ela tinha escolhido a ele e não a mim. Mais uma vez tudo teve fim, ela fez a sua escolha e estava mais que na hora de eu mudar a minha vida e também fazer a minha.

Mariana

Fazia alguns dias desde que eu e João nos beijamos, desde então, não consigo esquecer a sensação indescritível de sentir os lábios dele nos meus, as mãos dele passeando em mim e cada arrepio que percorreu meu corpo todas as vezes que me lembrei de tudo, detalhe por detalhe.

Tentei fugir, fiquei dias fora e fui para a fazenda da minha tia, na cidade vizinha. Usei a desculpa de que a minha mãe estava me deixando doida com o casamento, (o que não era mentira) e fiquei uns dias afastada. Passei a me sentir culpada e uma traidora. Por mais que tenha sido bom e prazeroso beijar o João, era o Breno que era meu noivo, eu devia fidelidade a ele e o sentimento de culpa estava me matando.

Todos os dias em que fiquei fora, João me enviou mensagens dizendo que estava tudo bem, que precisávamos conversar e eu apenas ignorei cada mensagem dele. Até que a última que chegou, resolvi responder e escrevi que eu estava noiva e que o que aconteceu entre nós foi um erro. Senti-me estranha, como se eu estivesse escolhendo errado, mas era o certo a fazer enquanto nossa história estava apenas em um único beijo.

Meu irmão me ligou, disse para eu deixar de ser frouxa, voltar para casa e parar de fugir, porém, eu sou mesmo uma medrosa assumida, não voltei. Preferi dar um tempo e só uma semana depois retornei sem avisar ninguém.

Não posso negar que a vontade de largar tudo e correr para o João, me atingiu forte durante todos os dias que fiquei longe, mas eu não sou assim. Eu sou uma filha exemplar, aquela que acredita cegamente na mãe, a deixando estragar o seu futuro.

Ah o que eu estava pensando?

Minha mãe tinha mudado sim o meu futuro, mas não o estragou, se eu não tivesse voltado, eu seria feliz com o Breno em Portugal.

Sim, eu seria!

E também, depois de tantos anos, mesmo que eu quisesse (e muitas vezes eu tinha certeza que queria) eu não conseguiria largar o Breno praticamente no altar e não conseguiria ser o desgosto de ninguém.

Falando sobre o Breno, nós nunca tínhamos ficado tanto tempo longes um do outro e aquela distância estava sendo como um adubo, para que a minha confusão crescesse e bagunçasse cada vez mais meus sentimentos. Na verdade nunca fomos um casal muito grudado, até mesmo em Portugal ele saía muito sozinho, às vezes até virava a noite com amigos, porém me tratava com muita atenção e carinho quando estávamos juntos.

Entretanto com a distância de um oceano entre nós, Breno parecia que tinha me esquecido, nós mal nos falávamos e ele sempre dava a desculpa do fuso horário. Ou seja: quando eu estava acordando, ele estava trabalhando, quando eu estava no meio do dia resolvendo incansáveis coisas sobre o casamento, ele estava em *happy hour*, reunião ou inúmeras coisas das quais ele nunca me contava direito que estava fazendo. E aí, nunca tinha tempo para falar comigo. Seja por chamada de vídeo ou somente uma ligação, ele sempre estava ocupado demais para mim e isso estava me irritando, porque por mais que isso me doesse, muitas vezes eu ligava para o Breno para evitar que eu ligasse para o João, ligava a procura do noivo carinhoso que ele era antes de inventarmos de nos casar, mas aí quando vinha a recusa, eu me sentia frustrada, pensando se estava fazendo a coisa certa e a vontade de correr para os braços fortes do passado, me parecia muito tentadora.

— Mari, querida. — Maria disse, entrando em meu quarto. — Miguel ligou e sem querer acabei falando que você já estava de volta.

— Sem querer? — arqueei uma sobrancelha.

Ela sorriu.

— Sim, ou pode ser que eu tenha falado de propósito, para que talvez ele consiga te tirar desse quarto.

— Mariaaaa...

— Ah, menina! Você estava tão feliz e aí ficou nessa tristeza a ponto de ir para a casa da sua tia, que eu sei que você nem gosta tanto. Pensa que eu não reparo? — ela sentou-se ao meu lado.

— Eu sei que você repara, até mais do que quem tinha a obrigação de reparar. — revirei os olhos.

— Não critique a sua mãe. Ela está muito ocupada organizando seu casamento.

— Sim, ocupada demais para perceber que eu tenho dúvidas sobre ele.

Maria me olhou com a testa franzida.

— Deixa pra lá, Maria. — falei abanando as mãos. — Mas e aí, o que o Miguel queria, afinal?

— Então, ele ligou só para ver se estava tudo bem e me incumbiu de te avisar que ele te espera para um jantar na casa dele.

Sorri.

— Tudo bem... Eu vou!

A noite chegou e eu me arrumei para ir para a casa do meu irmão. Antes de sair discuti com a minha mãe, que jogou na minha cara o meu descaso com o meu casamento e de deixar tudo por conta dela. Fiquei me sentindo mal e acabei no meu quarto desistindo do jantar e tentando mais uma chamada de vídeo com

o Breno.

— Oi, amor. — Breno me atendeu, mas vi certa impaciência em sua saudação.

— Te atrapalho?

— Não, é que estou com o Santiago e temos um compromisso com alguns amigos. — Santiago era um amigo que Breno tinha há anos. Eles eram muito íntimos.

— *Hummm...* A essa hora? Aí já é bem tarde, não é? Acho que você está aproveitando bem a minha ausência.

— Não é isso, é que quando você está aqui, eu tento te dar mais atenção que aos meus amigos. Aí estou aproveitando a sua ausência para dar um pouco de atenção a eles, tipo uma despedida de solteiro.

— Entendi.

Fiquei em silêncio dando a ele a oportunidade de encerrar a chamada, mas ele perguntou:

— Já está tudo pronto para o nosso casamento? Já posso voltar?

— Acho que sim — dei de ombros. — Acho que semana que vem chegam os convites. — pareci mais desinteressada, do que empolgada.

— Espero voltar logo e quem sabe te ajudar em algo.

Sorri sem vontade e o silêncio tomou conta de novo. E dessa vez logo o Breno deu um jeito de colocar um final na ligação.

— Amor, adoraria ficar aqui conversando com você, mas infelizmente, combinei com o Santiago.

— Tudo bem. Vai lá. Eu também combinei de ir jantar na casa do Miguel.

Houve outro silêncio, ficamos nos olhando pela chamada de vídeo, até que ele quebrou o silêncio.

— Mariana.

— Sim.

— Só peço que você não desista de tudo. — Senti um gelo tomar meu corpo e parecia que o Breno me via por dentro. — Eu quero tanto esse casamento. Preciso de você e preciso do nosso casamento.

Fiquei sem entender essa declaração e apenas assenti. Mas meu interior deu uma tremida.

— Agora, gata, preciso ir.

— Tudo bem. — sorri um sorriso apagado.

— Bom jantar para você.

— Bom compromisso com o Santiago.

Ele sorriu, me mandou um beijo e desligou. Nem um eu te amo nem uma

despedida saudosa e nem nada. Parecíamos apenas amigos e pensando melhor... Nosso relacionamento sempre foi meio assim: morno e a amizade era a o sentimento que prevalecia. No entanto me pergunto se eu era mesmo feliz ou só estava me sentindo confortável em todo esse tempo com o Breno?

Quer saber? Ficar aqui pensando besteira não vai me ajudar em nada!

Levantei-me e decidi que iria jantar na casa do meu irmão.

João

Jurei que ia seguir em frente e era isso que eu iria fazer. Tentei mandar mensagens para a Mariana, na tentativa de conversarmos, mas percebi que ela não queria, quando me mandou uma mensagem seca, me mostrando a realidade: ela ia se casar! Então guardei o que sentia e decidi pôr um ponto final naquilo que nem começou.

Miguel me ligou convidando para um jantar em sua casa e eu de cara aceitei. Tinha contratado um administrador para me ajudar com a *Angels*, já que agora não tinha mais meus amigos comigo, para revezarmos nas noites.

Andei saindo com uma morena gata, essa semana e para que eu não me sentisse sozinho entre Miguel e Vanessa e Isa e Jean, perguntei se podia convidá-la para o jantar e ele disse que não via problema nenhum. O nome dela era Mônica e era uma excelente pessoa. Não tinha pensamentos românticos e estávamos saindo mais como amigos, mesmo. Nos pegávamos de vez em quando, mas era só isso, pois além de ser desapegada, ela era médica o que a deixava com horários bem corridos.

Arrumei-me, peguei a Mônica em sua casa e segui para a casa do meu amigo.

— E aí, cara? — o cumprimentei quando ele veio me receber na porta da frente da sua sala imponente. — Essa é a Mônica. — apresentei-a.

— Prazer em te conhecer, Mônica. — ele deu um beijo em seu rosto e ela respondeu que era um prazer conhecê-lo também. — Vamos entrar? Jean e Isa já chegaram também.

Miguel morava muito bem e quem o via sendo tão simples, não imaginava que ele era um dos donos de uma das maiores empresas de eletrônicos do país. Sua casa era grande e muito luxuosa.

Da porta eu já ouvia as risadas da Isa e logo me dirigi para onde eles estavam. Apresentei a Mônica como minha amiga, e ela foi bem recebida e bem aceita por meus amigos, apesar de ter visto um pequeno olhar de desdém da Isa para ela. Enquanto isso, uma moça uniformizada nos servia bebidas.

— E aí, Mônica, como você deu o azar de conhecer o João? — Miguel perguntou.

— Bom, foi uma sorte imensa. — ela sorriu — Eu estava esperando um táxi depois de sair da *Angels* e ele me ofereceu uma carona. Como eu já estava a noite inteira o olhando, claro que de cara aceitei.

— Como todas as mulheres que ele oferece carona. — Isa disse revirando os olhos.

— Isabela! — Jean chamou a sua atenção e Vanessa riu.

— Por acaso estou mentindo? — Isa perguntou ofendida.

— Está tudo bem, Isabela. — Mônica disse rindo. — Eu sei bem o quanto João é desejado. Sendo dono da *Angels* então... Faz com que dez entre dez mulheres que frequentam a casa noturna o queiram. — ela deu de ombros.

— Opa, que essa estatística está errada. Eu fui lá e não o quero. — Isa fez uma careta.

— Nem eu. — Vanessa ergueu o dedo, rindo e dando um gole em sua bebida.

— Tudo bem. Então oito em cada dez.

Todos nós estávamos rindo, quando Miguel foi informado sobre a chegada de alguém e a empregada foi receber. Meus olhos se direcionaram para a porta e em quem estava entrando. Um arrepio tomou meu corpo, no momento em que percebi que quem tinha chegado era a dona daqueles olhos verdes penetrantes, acompanhados dos cabelos loiros quase ruivos e um sorriso inesquecível que por mais que eu tentasse não sentir, esse sorriso sempre fazia o meu coração pular.

Quando nossos olhares se encontraram, o sorriso que ela estava dando ao cumprimentar o irmão congelou e eu percebi que ela não imaginava que me encontraria aqui.

— Amigaaa! — Isa a cumprimentou. — Como você está linda!

E realmente estava. Mariana usava um vestido verde que deixava seus olhos ainda mais verdes e lindos.

— Para, Isa. Você que está! — respondeu envergonhada.

Mariana cumprimentou a todos e quando chegou a minha vez, foi rápida demais. Em seguida parou em frente à Mônica e eu a apresentei.

— Mari, essa é a minha amiga, Mônica.

— Amiga... — ela pensou alto e logo pareceu se envergonhar. — Como vai Mônica?

— Bem. — Mônica respondeu sorrindo, alheia ao que a Mariana representava para mim.

— Agora o clubinho está completo. — Vanessa disse sorrindo. — Eu, Jean, Breno e agora você, Mônica, somos os intrusos nesse clubinho de amigos de infância.

— Ah, vocês são todos amigos de infância? — Mônica perguntou.

— Sim. E João namorou a Mari. — Isa falou, Mari engasgou com a bebida que começava a beber e aí eu tive certeza que a minha amiga Isabela não estava nada feliz com a presença da Mônica ali. Era a segunda vez em poucos minutos que ela soltava uma das suas.

— É passado — me apressei em dizer. Notei que a Mariana fechou a cara e continuei: — Mariana está noiva e vai se casar em pouco tempo.

— Sim, me caso em breve. — Mari falou sorrindo para a Mônica.

— Que legal. Parabéns!

— Obrigada. — Mariana respondeu secamente.

Ela não me olhou mais.

A noite seguiu, jantamos e a comida estava uma delícia. Bebemos, eu tentei chamar a atenção da Mariana durante alguns assuntos, no intuito de que ela me olhasse e parasse de me evitar, mas ela continuava determinada a fingir que eu não estava ali. Até que em um determinado momento, em que a Mônica foi ao banheiro, Mariana se aproximou de mim e disse com uma taça de vinho nas mãos:

— Namorando, *hein*?

Olhei para ela e ergui uma sobrancelha.

— Não estou namorando. — Falei simplesmente.

— Ela é legal, você se deu bem.

— Não me dei tão bem quanto você, que se deu tão bem que até vai se casar.

Com a minha visão periférica, vi que ela me olhava. Foquei na Isa, que contava para os outros, algo que o Arthurzinho tinha aprontado e dei um gole em minha bebida, sem ainda olhar para a Mari.

— Sobre o beijo...

— Que beijo? — a interrompi. — Aquele que foi um erro?

Ela me olhou e soltou o ar, parecendo brava.

— Você sabe que foi.

— Eu não sei de nada, só sei que eu não vou me casar, sou livre. Então o erro só pode ter sido seu. — dei de ombros e percebi que ela iria me xingar, mas foi freada pela volta da Mônica.

— Oi, voltei.

— Livre, né? Sei... — Mari disse indo sentar-se ao lado da Isa.

Mônica a acompanhou com o olhar.

— O que foi isso? — ela perguntou com a testa franzida e olhando para a Mari.

— Nada. Vamos nos sentar ali?

Peguei na mão da Mônica e a levei até mais próximo de onde os outros estavam. Percebi o olhar da Mari em nossas mãos entrelaçadas, mas me concentrei na conversa e tentei me manter envolvido nela e não pensar nos olhos que pareciam me fitar com algum sentimento, que eu não sabia qual. Na verdade eu sabia, mas preferia fingir que não para não me machucar mais.

Mariana

Que ódio!

Que ódio eu estava sentindo de mim!

Eu não deveria me sentir assim por ver que o João estava seguindo em frente, eu deveria estar feliz, afinal, ele estando com outra, não seria uma tentação para mim e aí o meu casamento aconteceria. Mas o coração não é enganado tão fácil assim e o meu estava apertado, me mostrando que não estou preparada para dizer adeus.

— Você podia ao menos disfarçar.

— O quê? — perguntei em resposta a Isa, que falou só para que eu a ouvisse.

— Você está nitidamente irritada.

— Não estou.

— Está. E você sabe que está passando por isso por que quer.

— Não quero nada! E não é assim tão simples.

— Deixe de ser tão manipulável, dê um foda-se para tudo que te prende e se joga na melanina do negão! — cutuquei ela para que ficasse quieta e ri alto.

— Van, tem mais vinho? — perguntei para a minha cunhada que pediu para empregada buscar.

— Você não achou essa Mônica sem graça? — minha amiga perguntou só para que eu ouvisse.

— Ela é bonita.

Isa fez uma careta.

— Não igual a você. E não combina com o meu amigo.

— Não mesmo.

— Só você combina com o João.

— Eu vou me casar!

— Com o João? — Isa perguntou mais alto do que deveria.

— O que tem eu? — João perguntou.

Isa pareceu pensar e falou em seguida:

— Estávamos falando de primeira vez e a Mari acabou de me contar que a dela foi com você.

— Isabela! — chamei a atenção da Isa e senti meu rosto pegar fogo.

João não disse nada, mas vi um sorriso sem graça, e ao mesmo tempo exibido, em seu rosto, no pequeno instante em que a minha vergonha me permitiu o olhar.

No mesmo minuto, Mônica se afastou para atender ao celular e voltou

instantes após, com um olhar triste.

— Pessoal, agradeço a noite, mas terei que ir embora. Houve um problema na família e precisam de mim. — ela anunciou.

— Ahhh... Que pena! — Isa falou ironicamente e levou um cutucão do marido.

— Nossa que ruim. É algo grave? — Vanessa perguntou.

— Não, coisa simples de família, mas como sou a filha mais velha, eu que resolvo. — Mônica riu sem jeito.

— Eu te levo. — João cavalheiro como sempre, se ofereceu para levá-la e eu me irritei com o cavalheirismo dele.

— Não precisa, meu irmão está aqui perto e já está vindo me buscar.

Mônica se despediu de nós e João decidiu sair para levá-la até a saída. Não tinha se passado muito tempo quando ele voltou. Podia ter ido embora com a amiguinha.

— Ahhhh, que pena a amiguinha foi embora. Tá triste, João? — Isa perguntou sorrindo e ela tinha bebido demais, pois a fala estava arrastada.

João apenas sorriu, não respondeu e emendou uma conversa com Jean e Miguel. Então Isa sussurrou para mim:

— Foi tarde. Agora o João é todo seu!

— Para, Isabela!

Ela riu e eu continuei:

— Vocês agem como se o Breno não existisse e eu fosse solteira.

— E ele existe? Não o estou vendo aqui. E outra, que noivo apaixonado, em sã consciência, deixa a noiva linda organizar sozinha o casamento e viaja para longe?

— Não é assim, ele...

— É assim sim, Mari! Ele tinha que estar aqui com você.

Preferi não debater com ela que Breno tinha que estar no escritório em Portugal, mas a sementinha da discórdia já tinha sido plantada pela Isa e aí me pus a pensar que se ele realmente quisesse, poderia passar até seis meses longe do escritório. Se quisesse.

Arghhh... Eu tinha que parar de pensar. Eu estava confusa e todo o álcool que ingeri, estava me deixando mais.

— Vamos embora, meu bem? — Jean chamou a Isa.

— *Ahhh...* Tão cedo? — Minha cunhada Vanessa reclamou, já com a voz levemente alterada e tirou sorrisos do meu irmão.

— Acho que alguém bebeu demais. — Miguel deu um beijo na Van e tirou a taça da mão dela.

— Todos nós! — Isa ergueu a taça para o Miguel, deu mais um gole e

Jean, sorrindo, tirou a taça de sua mão logo em seguida.

— Sim, todos nós! — ele concordou com a esposa. — E quero ver quem vai cuidar do Arthur amanhã, já que nós dois estaremos de ressaca.

Isa fez uma careta.

Entre reclamações da Isa e da Van, que não queriam encerrar a noite, Jean e Isa se despediram de nós e se levantaram para sair, com a promessa de um novo encontro em breve. Minha amiga ria muito e estava um tantinho bêbada, o que nos fazia rir também. Assim que eles se foram, avisei a todos que eu também precisava ir embora.

— Eu te levo. — logo João se ofereceu e claro que eu que não queria que ele me levasse. Só ia me levar por que a bonita dele já tinha ido. Caso contrário, ele não estaria nem aí para como eu iria embora.

— Não precisa. — respondi rispidamente e muito irritada. Mais do que deveria. O que estava acontecendo comigo?

Vi que João, assim como eu, não entendia o motivo da minha ira e fez sinal de desentendimento para o meu irmão, que riu em resposta.

— Deixa o João te levar, Mari. — Miguel falou.

— Eu chamo um táxi. Vim de táxi, volto de táxi.

— Eu trouxe um capacete a mais, posso te levar.

— Claro que trouxe! Você tinha companhia, não é?

Eu estava com ciúmes. Estava com raiva de mim por estar sentindo esse ciúme infantil, de alguém que nem era nada meu. Mas tê-lo visto com outra desde a hora que cheguei, estava me fazendo ficar com o coração apertado e com uma sensação de perda.

— Vai com o João, Mari. Tenho certeza que você vai gostar muito mais de ir grudadinha nele, do que em um táxi com um desconhecido. — Vanessa falou rindo e sua voz saiu meio enrolada. Acho que João foi o único ali, que não vi beber tanto. Eu bebi sem moderação. Não iria embora dirigindo mesmo. Talvez seja por isso que estou me sentindo assim. Só pode ser a bebida aumentando tudo.

— Vou esperar o táxi lá fora. — Falei, dei um beijo no meu irmão e na minha cunhada, Passei pelo João, o lancei um olhar reprovador e segui para a saída. Da porta, antes de sair, ouvi um pouco da conversa deles, quando o João perguntou:

— O que eu fiz?

Vanessa riu e falou:

— Que bonitinho esses dois né, amor?

— Amigo, vai lá levar a minha irmã até em casa e descobre.

Parei de ouvir a conversa deles e eu estava irritada. Meu irmão e cunhada

não podiam estar incentivando isso! Eles tinham que dizer para o João ficar o mais longe possível de mim. Andei rapidamente até o portão e pedi para que o segurança ficasse comigo até que o táxi chegasse.

Justo hoje minha mãe usou o carro e eu estou à mercê de táxi. Se bem que graças a Deus que não estou dirigindo, pois estou levemente ou totalmente alcoolizada.

Não demorou muito e percebi a presença do João ao meu lado, vi quando ele, em um meneio de cabeça, indicou para o segurança que ele podia ir e assim ele fez, nos deixando a sós, para a minha perdição.

— Vamos comigo? — falou e parecia com medo da minha reação.

Eu só o olhei e balancei a cabeça em negativo, como se ele tivesse falando bobagem, aí ele falou novamente:

— Cancela esse táxi, eu te levo.

Ainda não respondi.

— Eu estou aqui disponível. Não tem necessidade de você ir de táxi.

Sorri sem vontade e por fim decidi falar:

— Está disponível agora, mas não estava.

Ele me olhava sem entender.

Mariana para de demonstrar tanto ciúmes! Me repreendi mentalmente.

— Por que você está tão brava comigo?

Fechei os olhos, soltei o ar e não queria assumir nem para ele nem para mim, que o motivo da minha ira, era por ele estar com outra que não era eu. Sendo que eu mesma tinha outro e ainda iria me casar com ele. Assumindo isso, vejo o quanto eu estou sendo egoísta.

— Desculpa, João. Eu não sei, mas sei que...

— Você não queria que eu estivesse com a Mônica. — ele completou a frase.

Assenti envergonhada.

— E você acha que eu queria que você estivesse noiva?

Não tive coragem de olhá-lo, mas respondi:

— É tudo tão complicado, se dependesse de mim...

— Mas depende de você!

— Não só de mim. Tem muita coisa envolvida.

— Inclusive eu. Você não acha que mereço um pouco da sua consideração?

Soltei o ar, cansada.

— Eu não acho nada, eu não sei de nada. — esfreguei o meu rosto mostrando sinal de confusão.

— Desculpa não queria te cobrar nada.

— Não está me cobrando, mas não sei o que eu quero. — Parecia indecisa, mas internamente eu sabia exatamente o que eu queria... Queria ficar com o João!

— Se não sabe o que quer, então me deixa seguir. — ele falou alto, parecendo cansado, irritado e ofendido.

— Não! — eu gritei.

— Então fica comigo! — ele gritou.

Eu fechei meus olhos, suspirei e João sussurrou sedutoramente:

— Você só precisa me dizer sim e serei completamente seu.

Meu corpo todo queria dizer sim.

Sim...

Minha vontade era dizer que sim. Que era ele quem eu queria e sempre quis. Que eu ainda o amo, que ele era a minha escolha... Mas o Breno me veio à cabeça, sem que eu pudesse impedir. Virei-me para o João, o encarei sem dizer nada e ele disse mais uma vez:.

— Um sim. — deu mais um passo em minha direção.

Olhos nos olhos...

Eu tinha que colocar um fim...

Ele passou a mão no meu rosto, fazendo borboletas voarem no meu estômago...

Eu tinha que colocar um fim...

João chegou mais perto...

Eu tinha que colocar um fim...

...

Aí eu o agarrei e o beijei.

Eu sabia que não podia, eu sabia... Mas o desejo e a vontade de sentir seus lábios nos meus, suas mãos em mim e seu corpo tão junto ao meu, falou mais alto e eu avancei sobre ele. Suguei seus lábios em busca do meu prazer, segurei seu rosto entre as mãos e o seu beijo era tão bom... Era o melhor... Porque eu o amava... Eu o amava!

Contudo, lembrei-me novamente o motivo pelo qual não posso amá-lo e me separei dele rapidamente, como se desse choque.

— Não. Não posso... Não posso! — fechei os olhos.

— Você pode! — Vi o desespero em seu olhar e o quanto ele me queria também.

— Não posso! Não posso e não depende só de mim. Não posso fazer isso com o Breno.

— Mariana. — ele disse, me olhando intensamente.

Lágrimas brotavam em meus olhos.

— Acho que já tivemos nossa chance e ela já passou. Eu quero... — engoli o carço que se formava em minha garganta. — Não, não posso deixar o Breno assim.

— Então mais uma vez você prefere me deixar? — Seu rosto parecia carregado de dor e eu estava um misto de vontade de jogar tudo para o alto e me jogar nos braços dele. Eu lutava contra o sentimento de ter que cumprir um dever.

João deu um passo em minha direção novamente, mas eu o parei.

— Não quero te deixar, mas é muita bagagem e muito que enfrentar. — Uma lágrima escorreu pelo meu rosto. — Ficar com você requer muito de mim e eu sou uma covarde.

O táxi chegou.

— Então é assim? Você cumpre regras e é o fim? Você tem certeza disso?

— Eu não tenho certeza de absolutamente nada. Não, na verdade a única coisa da qual eu tenho certeza, é de que eu não quero ser a causadora do sofrimento de ninguém.

Virei-me para ir em direção ao táxi, mas ouvi a voz dele me dizer antes que eu entrasse:

— Então não seja a causadora do seu.

O olhei com um olhar triste e entrei no banco de trás do táxi. Não o olhei mais, mas segui ainda sentindo o gosto do seu beijo, seu cheiro na minha roupa e a vontade de ser dele invadindo cada centímetro do meu corpo, mas de uma coisa eu tinha certeza: o meu coração já era inteiramente dele, desde anos atrás e será sempre.

Para sempre.

Capítulo nove

Mariana

Foi uma droga de dia.

Dias.

Um pior que o outro, um após o outro. Nos quais eu me via pensando e desejando o beijo do João, os lábios dele nos meus.

Por que eu era tão covarde?

Como eu podia não ter coragem para enfrentar tudo e ficar com ele?

Fiquei pensando que eu poderia me arrepender por não tomar uma atitude ou depois poderia me arrepender por ter tomado a atitude errada e ter decepcionado tanta gente. Eu só queria um sinal, um único sinal divino, que pudesse me dizer o que fazer. Alguém que viesse do futuro e me dissesse qual a escolha certa a tomar. Um sinal de Deus que me dissesse qual o caminho escolher.

No mesmo instante o meu celular vibrou e me tirou dos meus pensamentos sofredores, com uma mensagem do meu irmão que dizia:

“O sábio não se senta para lamentar-se, mas se põe alegremente em sua tarefa de consertar o dano feito.”

William Shakespeare

Seria esse o sinal?

Não... Para de ser louca, Mariana!

Mas será que eu estava com medo e lamentando, ao invés de lutar enfrentar tudo e todos para ficar com quem eu amava?

Será que colocar todos acima da minha felicidade, a fim de não decepcioná-los, era certo?

Fiquei pensando e toda aquela história estava me sufocando. Decidi sair e tomar um ar. Coloquei uma roupa leve e fui dar uma volta na cidade.

Inicialmente andei sem rumo e estava andando a sei lá quanto tempo, eu andava rápido, meus pulmões sedentários já estavam queimando e eu estava exausta, mas pelo menos era o meu corpo que estava me matando agora e não os meus sentimentos. Peguei o caminho do mirante que ficava no ponto mais alto da cidade. Assim que cheguei me joguei cansada no chão e abracei meus joelhos tentando recuperar o fôlego.

Fiquei olhando lá de cima a cidade onde cresci. Tantas histórias vividas ali. Boas e ruins... Mas houve muito mais momentos felizes. Fiquei olhando para

o horizonte sentindo o vento bater no meu rosto e pedindo silenciosamente uma ajuda aos céus para decidir a minha vida.

Fechei meus olhos e pensei como era a minha vida em Portugal e sem que eu pudesse controlar, uma tristeza tomou conta de mim ao pensar em voltar para aquela vida, que de nada tinha a ver com a minha personalidade e aí abri meus olhos novamente contemplando a minha frente a cidade onde cresci... Ali era meu lugar!

Mais que depressa tive a minha resposta.

Ali era meu lugar!

E era com o João que eu iria ficar!

Desenvolvi essa ideia e pensei que eu poderia abrir um escritório de engenharia aqui. Pensei na minha mãe e ela teria que se acostumar com isso, assim como me acostumei com a vida que ela me impôs. Ela teria que me ajudar financeiramente, depois do dano que ela me causou emocionalmente.

Levante-me e voltei correndo o caminho que percorri. Assim que entrei na cozinha da casa da minha família, respirando com dificuldade, mas me sentindo feliz, dei de cara com a Maria.

— Você acha muita loucura eu jogar tudo para o alto. — perguntei a assustando.

— Tudo o que, menina?

— O casamento, o Breno, Portugal, tudo... Jogar tudo para o alto para viver o meu amor com o João?

— Que sua mãe não me escute, mas acho que essa é a decisão mais acertada que você já teve.

Dei um beijo nela e sorrindo subi para o meu quarto. Peguei meu celular e tinha duas ligações perdidas da Isa, aí liguei de volta.

— Oi, amiga. — ela atendeu.

— Vi suas ligações perdidas.

— Liguei para te chamar para irmos hoje à festa das notas azuis, no Santa Gênova. Minha mãe disse que este ano será maravilhosa! Talvez não seja tão legal como quando éramos alunos, mas vai ser ótimo relembrar.

— Tô dentro! Você sabe me dizer se o João vai estar lá.

— Posso convencê-lo a ir.

— Por favor, então faça isso.

— Posso saber o que está planejando?

— Sim. Decidi que já perdi tempo demais na minha vida e agora quero recuperar o tempo perdido, pegando de volta o que as armações da minha mãe me impossibilitaram de viver.

— Assim que se fala, garota! Mas, amiga, esteja preparada, porque ele

está bem triste desde o jantar na casa do Miguel, na verdade a última vez que conversei com ele, João estava decidido a seguir em frente.

— Ele vai seguir em frente sim, mas comigo ao seu lado.

— Ah, que agora ela me encheu de orgulho.

Ri no telefone com a minha amiga, conversamos mais um pouco e quando desliguei fui me preparar para a noite em que pegaria de volta as rédeas da minha vida e recomeçaria a minha história com o João de onde paramos.

João

Fiquei esses dias tentando arrumar um jeito de me livrar desse sentimento tão forte que voltou a tomar conta de mim, como em anos atrás, eu não achei jeito algum. Tentei não pensar nela e no seu beijo, mas foi impossível, porém eu tinha que conseguir. Mariana tinha feito a sua escolha e eu não era ela.

Até cogitei a ideia de pedir para um dos caras ficarem na filial da *Angels*, enquanto a Mariana estivesse na cidade e eu voltar para a matriz, mas eu seria muito covarde se fugisse assim, então fui ficando e vivendo um dia após o outro, com uma mulher a cada noite e às vezes ficando mais de uma noite com a Mônica, que além de ser boa de cama, tinha uma conversa envolvente e muitas vezes quase me fazia esquecer o motivo pelo qual eu não conseguia seguir em frente... Quase.

Minha mãe e a Isa insistiram para que eu fosse à festa do colégio Santa Gênova, mas eu estava sem vontade de sair e também tinha que resolver uns assuntos na *Angels*, então eu disse não.

Fiz uns telefonemas, arrumei uns problemas de trabalho e depois de tudo organizado em casa, até pensei em me arrumar e ir trabalhar mais cedo, mas aí meu telefone tocou e mais uma vez era a Isa insistindo para que eu fosse à festa.

— Ah, não dá, Isa.

— Deixa de ser chato!

— Não é questão de ser chato é...

— Você não quer encontrar com a Mari, não é?

— Não é isso.

— É sim, que eu sei!

— Tá. Tudo bem. Eu admito! — Soprei exasperado.

— Ah! Meu amigo, seja homem e enfrente.

Eu ri.

— Não tem nada o que enfrentar.

— Então tá. Mas vamos? Tenho certeza que a Mari não vai. Ela deve estar ocupada com o casamento. — Percebi que ela sorriu, enquanto eu senti meu coração apertar. Fechei meus olhos e perguntei.

— Tem certeza?

— Vamos? — Ela pareceu titubear e me respondeu com outra pergunta. Mas pensando melhor, acho que eu vou. Lembro-me com tanta saudade da semana das notas azuis, que a vontade de participar novamente me atinge com força. Vou sim!

— Tá, eu vou!

— Tudo bem. Te encontro lá.

Ela desligou parecendo eufórica demais e eu fui tomar banho para ir. Coloquei uma camisa social de mangas compridas, um jeans e o perfume de sempre.

Não tinha passado muito tempo e lá estava eu: estacionando a moto em frente à escola que me trazia tantas lembranças boas da minha adolescência e ao mesmo tempo me lembrava de uma dor tão grande que eu tentava esquecer.

Tirei o capacete, o coloquei sobre a moto e segui pensando que eu gostaria muito de ter uma noite agradável ali, e me distrair. Entretanto, assim que entrei no salão social em que estava acontecendo a abertura das atividades, percebi meus olhos varrendo o local a procura da Isa e parando em alguém, aquele alguém, que eu tanto queria evitar, mas foi só vê-la de novo, que senti meu coração acelerar e engoli em seco, para tentar acalmá-lo.

Que caralho de amor que me deixa tão vulnerável!

Respirei fundo e comecei a andar em direção a ela, que estava conversando com Isabela, Jean, Miguel e Vanessa.

— E aí, pessoal? — cumprimentei, quando me aproximei e todos responderam em uníssono, menos Mari, que me avaliava.

— Você demorou, João! — Isabela falou sorrindo e o seu sorriso alegre, entregou que ela havia mentido quando disse que a Mariana não iria.

— É... — eu não sabia o que dizer.

Miguel e Vanessa trocaram sorrisos cúmplices e acho que voltar a escola em que estudamos, transformou meus amigos em adolescentes alcoviteiros outra vez.

Senti os olhos da Mariana em mim, mas tentei evitá-la.

Houve muitas apresentações dos diretores, coordenadores, professores e das turmas do terceiro ano, que iriam tomar conta das atrações daquele ano e essa parte era a mesma chatice de que eu me lembrava, o que contribuía ainda mais para que eu ficasse de olho na Mariana e não prestasse atenção no que estava acontecendo ali. Claro, a não ser pela hora que a minha mãe apresentou sua turma e falou da importância daquele evento para os alunos. E ao vê-la ali no palco do colégio mais importante da cidade, eu me enchi de orgulho. Lembro-me de quando eu era criança que ela sonhava em trabalhar nessa escola.

Após as apresentações, fomos encaminhados para um coquetel preparado no refeitório ao lado, mas nada do que acontecia me chamava mais atenção do que aquela mulher linda, que estava à minha frente, conversando com a amiga, usando um vestido preto colado ao corpo e que marcava cada curva.

— Oi, filho. — Minha mãe veio me cumprimentar, me tirando do transe que olhar para a Mariana me deixava.

— Você estava ótima no palco. Morri de orgulho!

— Ah, para, João!

— É verdade, tia Carmem. E você e minha mãe são a cara desta escola.

— Isa comentou.

Minha mãe balançou a cabeça em negativa para ela e sem jeito lançou um sorriso e um cumprimento a todos da roda. Reparei que o sorriso deu uma apagada quando seu olhar passou pela Mari.

— O melhor é ver o quanto toda a burguesia desta cidade te aceita como professora dos filhos deles. — falei sem pensar e Mariana pareceu sem jeito.

— Um ou outro, ainda não aceita, mas a direção do colégio repudia qualquer tipo de preconceito e discriminação, além de ter como regra, que quem não aceitar pode se retirar.

Abri um sorriso para ela.

— Ah, e pelo sorriso em seu rosto, mãe, você adora essa regra deles, né?

— Claro, filho! Preciso me sentir protegida em algum lugar. E quando esse lugar é o meu trabalho, faz com que eu me sinta maravilhosa.

— Você é maravilhosa, mãe!

— Filhos são tão mentirosos. — ela passou a mão no meu rosto. — Uma pena essa direção não ser a mesma de anos atrás.

Vi que Mariana olhou para o lado sem jeito e lancei um olhar de advertência para a minha mãe.

— Nossa, João, como a sua mãe é linda! — Vanessa falou para tirar a tensão do ar e estendeu a mão para a minha mãe. — Prazer, eu sou a mulher do Miguel.

— Você que é linda! Miguel, você cresceu!

— Faz muito tempo que não nos vemos, não é, dona Carmem?

— Muito. — minha mãe pareceu pensar em algo, mas mudou de assunto.

— Bem, crianças, preciso ajudar o pessoal do colégio. Fiquem à vontade, vocês já sabem como funciona a festa.

— Sim, mas na nossa época era muito mais legal, tia. — Isa disse revirando os olhos e minha mãe sorriu.

— Você que pensa! Amores, tenho que ir, logo nos falamos novamente.

Minha mãe se afastou e assim que ela saiu, Mari foi pegar bebida, Isa e Jean foram ao banheiro e Vanessa e Miguel estavam em uma conversa particular, a mais ou menos um metro de distância.

Fiquei olhando de longe para a Mariana, enquanto ela se dirigia a mesa de bebidas e me peguei pensando o quanto eu queria estar ali com ela, como um casal, como nos velhos tempos e assim como os meus amigos estão. Contudo, me vem imediatamente à cabeça que ela iria se casar em breve e a mim restaria a

vida que sempre levei... Sem ela.

Isso fazia um aperto tomar conta do meu peito e sem que o resto da turma notasse que eu estava me afastando, segui para a parte do pátio em que anos atrás passávamos as horas de intervalos e aí várias lembranças rapidamente vieram a minha memória: eu com o Miguel ensaiando passos de *hip hop*, enquanto as meninas nos fitavam ansiando por atenção. Ri com essa lembrança, era como se o tempo não tivesse passado e tudo ali continuasse igual. Andei mais alguns passos e cheguei ao banco que ficava debaixo de uma árvore grande. Aquele era o nosso lugar preferido, mas nele a única lembrança que me veio, foi de quanto meu peito doeu ali, após a mãe de Mariana ter me humilhado.

Balancei a cabeça de um lado para o outro, no intuito de afastar as lembranças ruins, e continuei andando, sozinho, com as mãos nos bolsos e me perguntando o quanto a ideia de ter vindo à festa foi negativa ou positiva.

Sem que eu pudesse controlar, quando dei por mim, estava de frente à porta da sala de materiais para educação física, em que tive a primeira vez com a Mariana. Engoli em seco, fechei meus olhos e minha mão foi à maçaneta da porta para abri-la. Com um giro para o lado a porta destravou e abriu.

Dei um passo para frente entrando na sala e acendi a luz, clicando no interruptor que ficava no mesmo lugar. Tudo no mesmo lugar.

O cheiro de borracha e de material esportivo continuava igual. O mesmo cheiro.

Fui até os colchonetes, minha respiração estava acelerada e o meu peito apertado como se tudo que eu vivi ali estivesse voltando. Tudo igual, exceto pelas pessoas que viveram a cena, essas eram diferentes.

Ela sendo minha... Isso estava diferente... Ela era de outro.

— Sabia que te encontraria aqui!

Capítulo dez

Mariana

— Sabia que te encontraria aqui! — Falei para que ele notasse que eu estava o observando. Na verdade eu estava o observando desde quando ele saiu do salão do coquetel. Assim que notei que ele se afastava, andei de pressa para ver aonde ele iria, comecei a olhá-lo de longe e por diversas vezes o vi sorrir e fechar o rosto conforme as lembranças iam passando por sua memória.

Vê-lo chegar à escola fez meu corpo formigar e me senti uma adolescente. Ele estava tão lindo e toda vez que eu o via, tinha certeza que era impossível ficar mais bonito, mas era só eu vê-lo de novo que percebia o quanto eu estava enganada. A cada sorriso em que ele me mostrava suas covinhas, eu me apaixonava novamente.

— E por que veio atrás de mim? — João falou com a voz firme, quando se virou e seu olhar cruzou com o meu. Tentou disfarçar o quanto aquele momento mexia com ele, mas eu senti. Vi que ele engoliu em seco, que sua respiração estava entrecortada e toda a bagagem do passado estava de volta.

— Por que eu não podia deixá-lo ir. — fechei a porta atrás de mim e apaguei a luz. Deixando que a sala fosse iluminada apenas pelos filetes de luz que entravam pela janela de vidro, vindos dos refletores do lado de fora.

— Eu não estava indo embora, já estava voltando para lá.

— Quero dizer... Que eu não podia deixá-lo ir embora da minha vida.

Ele me olhou parecendo confuso e eu dei alguns passos em sua direção. Ficando bem próxima.

— Mas você disse...

— Esquece tudo que eu disse. — o interrompi. — Esquece tudo o que vivemos de ruim e quero que pense somente em nós.

Ele me olhava e parecia incrédulo. Eu soltei o ar que parecia estar preso no meu peito e fechei meus olhos buscando força e coragem para continuar a falar, sem pensar em mais ninguém que não fosse nós dois naquela sala. Voltei a abrir meus olhos e a encarar o homem por quem eu era apaixonada desde sempre.

— João... — Peguei a sua mão e coloquei sobre o meu peito esquerdo como fiz anos atrás.

— Não faz isso comigo de novo, Mari.

Ele parecia estar completamente tomado de indecisão.

— Faz isso comigo de novo, João!

Ele suspirou e olhou para baixo, como se lutasse contra um sentimento e

uma vontade. Sua mão ainda continuava sobre o meu peito, do lado esquerdo, e eu continuei a falar:

— Está sentindo o quanto meu coração está batendo acelerado? — ele assentiu ainda sem me olhar. — É por você. Sempre foi por você e sempre será. Nada mudou desde a primeira vez... Na verdade, mudou sim, agora é maior, muito maior. O meu amor por você é maior e eu... Eu amo você.

João me olhou incrédulo.

— Mari...

Eu estava chorando e nem sei dizer em que momento as lágrimas começaram a cair.

— Eu te amo, João... Amo... Não posso mais negar. Eu te amo. É você quem eu quero.

— Meu Deus... — ele sussurrou e sem dizer mais nada, me agarrou.

João me envolveu pela cintura com um braço, enquanto a outra mão me pegava pela nuca, me mostrando todo o desejo e a vontade que ele sentia por mim. Eu subi minhas mãos pelo seu tórax e na gana de senti-lo de pressa, puxei sua camisa, fazendo com que alguns botões se soltassem e caíssem pelo chão. Sem desgrudar a sua boca da minha, ele me ergueu em seu colo, me colocou sobre uma pilha de colchonetes que estavam no canto e deitou-se sobre mim, se esfregando e fazendo com que eu sentisse o tamanho do seu desejo... E que desejo!

Ao fundo ouvíamos a música *No one* da *Alicia Keys*, sendo cantada por alguma aluna na festa e servia de fundo musical, embalando cada toque e carícia que trocávamos.

João foi subindo a mão pela minha coxa, entrando com ela por baixo do meu vestido. Sua boca agora beijava a minha lentamente, enquanto a sua mão passeava por toda extensão da minha calcinha, em seguida parando entre as minhas pernas, onde ele me sentiu molhada, excitada e sentiu o pulsar do desejo que eu estava sentindo com o seu toque. João soltou um gemido de desejo e fechou os olhos como se segurasse, fazendo com que esse pequeno e rápido gesto, fizesse um arrepio percorrer meu corpo. Sem demora eu desafivelei o cinto que ele estava usando e desabotoei a sua calça, mostrando que eu o queria e queria com urgência. De imediato ele entendeu e com uma destreza incrível, estava nu bem na minha frente.

Ai, meu Deus!

Um abdômen perfeito, cheio de gominhos perfeitos, com aquela cor maravilhosa que eu amava, estava na minha frente, a minha disposição e claro que eu passei a mão sobre ele, descendo pelo seu oblíquo bem marcado e parando no seu membro duro, grande e era tão bom quanto eu me lembrava de

que era. Minha cara de satisfação fez com que o João desse aquele sorriso lindo, que fazia aparecer suas covinhas.

Com toda delicadeza e sensualidade do mundo, ele deslizou as mãos pelas minhas pernas, chegando até a minha calcinha e a tirou devagar. Ergueu-me com carinho, passou o vestido pelos meus braços e foi deixando um rastro de beijos por todo o meu colo, me deitando de volta nos colchonetes.

Tentei me manter calma e não parecer tão desesperada quanto ao desejo que eu estava sentindo por ele, mas a minha vontade falou mais alto e o puxei para mim. Quando seu corpo foi de encontro ao meu, era como se nossos corpos fossem feitos para se completarem perfeitamente. Ele me penetrou e um gemido de prazer saiu dos meus lábios. Eu sabia que ele estava de olhos fechados e aproveitando a sensação, assim como eu, então começou a se mexer em um ritmo frenético, indo profundamente e me levando a loucura. Volta e meia ele me olhava nos olhos, como se não acreditasse que aquilo realmente estava acontecendo e em seguida me dava um beijo arrebatador. Não sei quanto tempo se passou com toques carícias e sensações, mas aproveitei cada segundo até chegar ao ápice e me derreter nos seus braços. Minutos depois ele também se deixou levar pelo prazer e ambos estávamos saciados, extasiados e completamente felizes.

João rolou de cima de mim, deitou ao meu lado, fechou os olhos e suspirou. Em seguida voltou a me olhar apoiado no cotovelo, tão lindo, e me disse:

— Depois de todos esses anos, eu nunca acreditei que isso fosse acontecer novamente. Apesar de sempre sonhar com isso. Nunca imaginei que iria ouvir de novo que você me ama, nem ao menos imaginei beijá-la, mas a vida é fera em me mostrar o quanto estou errado e olha só... — ele me deu um beijo casto, passou a mão no contorno do meu rosto e disse olhando nos meus olhos, com os seus brilhando com lágrima. — Eu nunca deixei de te amar, Mari. A única certeza que eu tive todos esses anos, é que eu te amava... Que eu te amo.

Eu estava chorando e ele beijou o rastro que uma lágrima deixou e perguntou:

— Como a gente fica agora?

— Achei que eu tivesse deixado claro. — Foi a minha vez de passar a mão em seu rosto na tentativa de tirar a seriedade que a pergunta deixou.

— Você vai largar tudo e ficar comigo? — João ainda parecia esperar a qualquer momento que eu o deixasse.

— Percebi esses dias, que não existe tudo na minha vida se você não estiver nela. Sem você, minha vida é completamente nada, vazia, sem graça e desinteressante.

Ele sorriu tão lindamente para mim, que eu tive que beijá-lo de novo.

— E seu noivo? — perguntou sério quando me separei dele.

— Ele vai voltar em breve. Prefiro terminar tudo pessoalmente.

João assentiu pensativo, desviou o olhar do meu, ainda parecendo não acreditar no que estávamos vivendo e no que eu o prometia. Ele começou a passar a mão pelo meu corpo nu, como se relembresse cada pedacinho dele.

— Vamos sair daqui? — João sugeriu quando voltou o olhar para o meu rosto.

— Para onde vamos?

— Para onde você quiser ir.

Dei de ombros sem saber o destino, só sabia que queria estar com ele.

— Você pode passar o final de semana comigo? — perguntou.

— Pretendo passar não só o final de semana, mas a vida toda com você.

Ele sorriu.

— Ah, Mariana... Hoje você está incrivelmente falante e eu estou gostando demais disso.

— Só estou descrevendo o futuro.

Ele deu um beijo no meu nariz e eu sorri.

Ouvimos barulho de falas do lado de fora, o que nos fez ficar em silêncio. De pressa levantei-me, peguei meu vestido e o coloquei em frente ao corpo. João ficou na minha frente como se para me proteger caso alguém entrasse. O barulho das vozes foi ficando mais alto, como se estivessem vindo diretamente para a sala. João então se levantou e passou o pequeno trinco na porta, a trancando devagar para que não fizesse barulho. No instante seguinte, alguém do lado de fora forçou a maçaneta tentando entrar e eu gelei.

João veio para perto de mim, enquanto colocava a camisa e colocou o dedo indicador nos lábios, pedindo silêncio.

“Está trancado, linda, vamos para trás do laboratório”.

Disse a voz, que parecia de algum adolescente, do outro lado da porta e a sua acompanhante riu em resposta, se afastando de nós.

— Acho que eles tiveram a mesma ideia que nós. — João falou baixinho e sorrindo. Eu também sorri em resposta e me levantei para colocar a minha calcinha, enquanto ele colocava o resto da sua roupa também.

Quando terminei, passei os dedos nos meus cabelos para dar um jeito no ninho que se formou depois de tanto agarramento. João acabou de se vestir e me observava encostado a um cavalete, com os braços cruzados na frente do peito, que estava meio amostra pela falta de alguns botões na sua camisa, e sorriu.

— O que foi? — perguntei enquanto fechava a sandália.

— Sabe quando você quer muito uma coisa e quando acontece você não acredita que ela está acontecendo? — assenti — Então, estou desse jeito.

Terminei de fechar a outra sandália e caminhei até onde ele estava.

— Acredite, sei exatamente como é esta sensação, eu estou como você.

Ele descruzou os braços, os envolveu em minha cintura e encostou a sua testa na minha.

— Dessa vez será para sempre. — falei tentando prometer mais para mim que para ele.

— Para sempre. — respondeu, mas senti que ele também estava tão preocupado com o amanhã, quanto eu.

Talvez, como diz a música, o para sempre, sempre acabe, mas hoje esse seria o nosso para sempre.

— Vamos? — sussurrei.

Ele assentiu como se tivesse medo de sair daquela sala e tudo acabar. Em silêncio João pegou a minha mão e me levou até a porta. Devagar ele a abriu, espiou do lado de fora e não tinha ninguém. Só ouvíamos o barulho da festividade no pátio, que ficava distante dali. Fomos andando rapidamente, desviando pelo corredor da secretaria, que do jeito como era no nosso tempo sempre ficava vazio, e sem que fossemos vistos, saímos da escola andando, quase correndo, rindo como se fossemos dois adolescentes e estivéssemos fazendo algo escondido. Quando chegamos ao estacionamento, ele me pegou pela cintura, encostou-me à moto e rindo me beijou.

— Para onde você quer ir? — perguntou.

— Me surpreenda!

— Ok. Quanto tempo pode ficar fora?

— Quanto tempo você me aguenta?

— A vida inteira seria muito? — perguntou galante.

— Perfeito pra mim. — O puxei para um abraço e senti seu perfume tão bom. — Bom, falando sério, agora, sei que tem suas obrigações na *Angels*. Então podemos ficar uns três dias fora? Só nós dois, em algum lugar em que ninguém possa nos atrapalhar? — franzi a testa como se tivesse pedindo algo bem difícil.

Ele sorriu e passou o indicador no vinco da minha testa.

— Três dias? — João perguntou.

— Não dá, né? Tudo bem, eu entendo que tem a *Angels* e você não... — ele colocou o indicador nos meus lábios.

— Para começar, três dias está ótimo.

Sorri.

— Preciso passar em casa para fazer uma mochila rápida.

Ele ficou sério.

— Isso não vai atrapalhar os planos, não é? Digo, se sua mãe a ver saindo... Comigo.

— Não! — Falei somente, mas eu teria que ser rápida. Não queria vê-la e nem explicar. Deixaria apenas um bilhete avisando que voltaria em três dias.

Parti na garupa da moto do João, agarrando sua cintura, apertando como nunca e usando seu capacete. A casa da minha família não ficava muito longe da escola e rapidamente chegamos. Eu entrei, fiz uma mochila e avisei a Maria sobre os meus planos. Maria abriu um sorriso tão largo, que parecia que seu rosto iria se abrir. Parti soprando um beijo para ela e quando saí no portão, vi que um dos seguranças da casa nos observava. João me esperava montado na moto e quando me viu deu uma acelerada, fazendo o motor roncar alto, abriu um sorriso lindo e fez meu coração dar um pulo. Eu estava parecendo mesmo uma adolescente aprontando. Me sentia viva, sentia que estava vivendo o que eu tinha que ter vivido no passado. Essa era a vida que eu queria. Com o homem certo, o homem que eu amava e que desde sempre fazia meu coração pular uma batida, meu peito subir e descer com um suspiro inesperado e que fazia com que eu me apaixonasse repetidas vezes, apenas com o sorriso lindo quem me lançava.

Capítulo onze

João

Enquanto Mari entrou na sua casa para pegar suas coisas, fiquei na minha moto pensando em como o minha vida pôde mudar tanto em tão poucas horas.

Caralho! Ela era minha de novo.

Eu não estava acreditando. E só de pensar nas cenas que aconteceram na sala de educação física, eu já fiquei querendo repetir e sorrindo com a lembrança.

Aproveitei os minutos em que fiquei esperando a Mariana pegar suas coisas, para pensar em um lugar legal para levá-la e sinceramente eu estava meio sem opções.

Peguei meu celular e liguei para o meu amigo Fernando, que conhecia bem a região e tinha certeza que ele poderia me ajudar.

— Quem é vivo sempre aparece! — ele falou quando atendeu.

— E aí, boiola, tudo bem?

— Eu sou casado, tenho mulher e filhos. Já você não. E aí, quem é o boiola? — ele riu.

— Continua sendo você. — respondi também rindo e perguntei: — Tudo bem, cara?

— Estamos bem sim. — respondeu pondo final na nossa provocação boba. Bateu uma saudade dos meus amigos.

— Que bom! Viu... Será que pode me ajudar?

— Você não faliu a nova *Angels*, né?

Gargalhei.

— Claro que não! Você não tá olhando o faturamento?

— Tô zuando, cara! Não lembra do nosso lema: o olho do dono que engorda o gado? Então, continuo de olho na *Angels*, mas com a Clara com a gravidez de risco eu tô indo menos e praticamente estou de licença a maternidade com ela.

— Aposto que sua barriga deve estar maior que a dela.

Ele riu.

— Que nada, palhaço! Continuo melhor que você. Mas fala logo que tipo de ajuda você quer. Você está atrapalhando nosso filme.

— Então... — fiz uma pausa, não estava preparado para contar aos meus amigos sobre a Mari. Eles vão achar que ela era só mais uma, igual as outras que eu iludia. — preciso de dicas de lugares interessantes para levar uma gata, que dê para ir de moto e não fique muito longe daqui.

— Iludindo de novo ou agora criou vergonha na cara?

— Não, essa é a mulher da minha vida. É ela que me ilude sempre.

— Eita porra! Achei que não fosse viver para ouvir isso. — ele gargalhou.

— Anda logo, Fernando. Tô atrapalhando seu filme e daqui a pouco a gata volta.

— Bom... — pareceu pensar. — Lembra-se daquelas férias em Cananéia, que fui com o Gustavo?

— Sei.

— Então, conheci uma caçara lá. — Ouvi barulho de tapas, Fernando rindo e dizendo que amava a Clara. Em seguida ele voltou a falar comigo ainda rindo — ela me levou em uma praia meio deserta e no amanhecer conseguimos ver golfinhos. Sempre quis levar a Clara lá, mas agora acho que ela não vai mais querer ir.

Ri e ouvi a Clara dizer no fundo que não iria mesmo.

— Acho que você se encrencou aí, *hein*, meu *brother*? — falei rindo.

— Culpa sua!

Fernando me explicou como chegar e saindo de onde eu estava, ficava a umas duas horas de moto. Meio longe, mas achei que iria valer a pena.

— Valeu, cara! Ajudou muito. Agora tenho que desligar. Manda um beijo para a Clara e fala que quando os gêmeos nascerem, o bar da nova *Angels* a espera para um show.

— Vai se foder, João! — gargalhei.

— Brincadeira, cara, mas se ela quiser... — Eu ria largamente.

— Se ela quiser, tem a *Angels* daqui onde eu posso ficar de olho nos marmanjos.

— Ciumento!

— Você já viu minha mulher? Tenho que ser. Ela é perfeita demais pra mim.

— Também acho, não sei o que ela viu em um japa feio feito você.

Ele riu.

— Olha só não te xingo mais, porque o filme tá pausado aqui e você está atrapalhando. — Essa relação leve com meus amigos sempre foi algo de que me orgulhei de ter conquistado. — Se cuida aí, viu? E vê se agora, com essa, você toma jeito.

— Ah, cara, com essa eu só não caso se ela não quiser. É muito mais. Já vem de anos. Um dia eu te conto.

Ele riu de mim e disse que estava feliz por eu ter tomado jeito. Perguntei rapidamente da *Angels*, dos caras e Fernando me certificou de que estava tudo

bem.

Não demorou muito, minha gata saiu pelo portão e logo desliguei a ligação com meu amigo, dizendo que a mulher da minha vida estava voltando e eu precisava desligar, o que o fez rir alto e dizer que não estava acreditando no que estava ouvindo.

Percebi que dois seguranças me encaravam do portão, mas pensei: que se foda! Eu não devia nada para eles.

Mari vinha com uma mochila jogada nos ombros, vestida de calça jeans justa, moletom e tênis. Estava linda e parecia a adolescente de alguns anos atrás. Entretanto o de mais lindo que ela estava vestindo, era o sorriso radiante que apareceu em seu rosto no momento em que ela me olhou. Eu sorri de volta, acelerei minha *Ducati* e mostrei para os babacas que me encaravam, que essa gata era minha e eu estava pouco me lixando para as caras de maus que eles me lançavam.

— Pronta? — perguntei quando ela estava ao meu lado.

Ela assentiu e montou na minha garupa depois de colocar o capacete. Passei rapidamente na minha casa, que era no caminho de onde eu planejava ir, para pegar umas coisas que eu iria precisar nos meus dias com ela, a convidei para entrar e ela sugeriu:

— Por mim eu poderia ficar aqui.

— Você merece algo especial e eu já pensei em tudo. — pisquei para ela, que sorriu em resposta.

Fui para o meu quarto, troquei a camisa que tinha botões faltando, por uma camisa polo e não demorei muito, pois queria passar cada segundo daqueles dias ao lado da mulher que eu amava. Voltei para a sala, onde Mari me esperava e assim que me viu veio correndo para mim e me beijou.

— Desculpa o impulso, mas desde a primeira vez que te vi, após te reencontrar depois de anos, tenho vontade de correr para você e beijá-lo assim. Nem acredito que estou fazendo isso! — ela me deu mais vários beijos pelo rosto e eu sorria feliz. Mariana estava tão leve e estava me lembrando da menina que eu conheci no passado.

— Vou ficar mal acostumado.

— Vou agarrar tanto você esses três dias, que você vai enjoar de mim.

Coloquei uma mecha de cabelo atrás de sua orelha e olhando em seus olhos falei:

— Talvez seja o contrário. — ela balançou a cabeça em negativa, eu a beijei e perguntei em seguida: — Mari, você teria problema de viajar de moto? Digo, umas duas ou três horas.

— Duas ou três horas agarrada em você é a perfeição! — eu sorri.

Fui até o quarto de hóspedes onde eu guardava minhas bagunças e antes de sairmos, peguei um macacão *Alpinestars* para mim e outro para Mari. Voltei para a sala e quando ofereci o macacão para ela, Mari disse emburrada e cruzando os braços:

— Me recuso a colocar isso.

— Por quê? — perguntei sem entender.

— Imagino a quantidade de mulher que deve ter usado esse macacão.

Eu ri.

— Mari, ninguém nunca usou.

— A não? Então por que você tem um macacão feminino de andar de moto?

— Sei lá, estava barato e comprei esse e o meu, caso a minha mãe quisesse andar comigo.

— Sua mãe? — ela perguntou séria e meu sorriso estava largo em meu rosto.

— Sim.

— Para de rir.

— To achando bonitinho você com ciúmes.

— Não é ciúmes é higiene.

Fui até ela e a abracei.

— Acho que meu subconsciente já sabia que você voltaria para mim. Juro que ninguém nunca usou esse macacão.

Ela me olhou, arqueou uma sobrancelha e perguntou:

— Nem a Mônica?

— Principalmente a Mônica. Ela não curte muito moto. Acho que só andou comigo na noite em que a ofereci uma carona.

Mari revirou os olhos e tentou se afastar, mas eu a segurei.

— Lembra... Sempre foi você! — beijei-a, sorrindo.

— Você ri, né? Mas eu não vejo graça. Anda, vamos logo.

Ela se afastou de mim, colocou o macacão e eu só sabia sorrir e me sentir incrivelmente feliz com aquela pequena cena de ciúmes. Quando ela terminou de colocar o macacão ficou certinho, eu a puxei para mim de novo e a beijei.

— Te amo. — falei.

Ela sorriu, fechou os olhos, passou o nariz no meu e relutante sussurrou:

— Eu te amo mais, homem lindo!

Mariana

Era madrugada quando chegamos a Cananéia: uma cidade praiana, pacata e pequena. Rodamos pelas ruas estreitas e depois de algumas voltinhas achamos uma pousada com atendimento vinte e quatro horas e que por milagre, tinha um quarto disponível. Logo fizemos o *check in* e fomos direcionados ao nosso quarto. Era um quarto simples, com uma cama de casal, criados mudos e uma mesa com duas cadeiras. Todos os móveis eram em madeira e no estilo rústico. Uma poltrona na cor vinho ficava de frente para a cama e ao lado tinha um frigobar com algumas bebidas. Um banheiro aconchegante e uma varanda da qual ao longe se via o mar, completavam o quarto.

Coloquei as nossas mochilas na poltrona e comecei a tirar o macacão.

— Desculpa não ter organizado isso direito. — Joao disse enquanto também terminava de tirar o seu macacão.

— Está sendo perfeito. E você nem teve tempo, né? Uma doida te atacou e em seguida já propôs um fuga.

— Pois é.

Ele passou a mão na minha bochecha.

Lancei lhe um sorriso e afastei-me dele para ir até a sacada do quarto em que estávamos. Fiquei olhando a noite, em silêncio e sentindo a brisa que vinha do mar.

Pela primeira vez na noite, me peguei pensando na loucura que eu estava fazendo e na consequência que ela teria. Entretanto, nem uma consequência seria maior que a leveza que eu estava sentindo naquele momento nem que a alegria que a minha decisão e a minha vontade de estar perto do João me trouxeram.

— Está tudo bem? — João perguntou enquanto me abraçava, eu fechei os olhos e senti seus braços ao meu redor. Percebi que aquela era a melhor sensação do mundo e que não iria me contentar com nenhum abraço que não fosse aquele.

— Sim. — coloquei meus braços por cima dos dele e o apertei ainda mais ao meu redor. — agora está tudo bem. Tudo está no lugar. — afastei os pensamentos que quase tiraram a paz que eu estava sentindo e não os deixei me dizer o porquê eu não deveria estar ali.

— Você está cansada da viagem?

— Um pouco. Preciso tomar um banho. — falei deitando a minha cabeça em seu ombro.

E pensar no banho, eu nua, ele me vendo na claridade, de repente me deixou meio sem jeito. Uma coisa era fazer amor em cima de colchonetes, sem nada planejado, apenas movida pelo impulso de dizer que o amava e outra era

estar com ele em uma pousada, praticamente foragida e com os ânimos mais calmos. Não sabia se estava preparada para que ele me visse nua, com as luzes acesas e as claras. Com todas as minhas imperfeições a mostra.

Minha vontade era ter tomado banho em casa e já estar cheirosinha para ele, mas minha mãe chegaria a qualquer momento e preferi ser rápida.

— Se quiser pode ir primeiro e eu vou em seguida. — Acho que ele notou um pequeno desconforto em mim.

— Não, vai você. Eu vou depois.

— Não quer vir comigo?

Mordi o canto da boca.

— O que está te aborrecendo?

— Não é nada, é só que... Bem, não tenho mais o corpo de nove anos atrás.

Ele sorriu.

— Não mesmo. Pelo o que vi mais cedo, na escola, está muito melhor agora. — eu sorri sem jeito. — Olha, eu vou lá e se caso você quiser entrar, estarei te esperando.

João me deu um beijo na testa, pegou uma toalha sobre a cama, se virou indo sentido ao banheiro. No caminho tirou a camisa jogando na poltrona e me deixou babando com a visão daquelas costas fortes e escandalosamente deliciosa.

Ai minha nossa senhora das mulheres tentadas.

Como resistir desse jeito?

Mas para que resistir? Se naquele momento ele era meu e estava ali inteirinho para mim?

Que se dane as imperfeições!

Tirei a roupa, soltei o ar que eu estava segurando e me dirigi ao banheiro, agradecendo as deusas da depilação que a minha estava perfeitamente em dia.

Quando entrei, o chuveiro estava ligado e João estava de costas para mim, se ensaboando. Fechei a porta atrás de mim e entrei no *box* junto com ele. O abracei por trás, colando o meu corpo ao dele e sentindo a água caindo entre nós.

— Não resisti à tentação. — falei e senti o trepidar do peito dele com a risada que soltou.

— Não resista. Estou sempre ao seu dispor.

João era alto, eu abraçada em suas costas ficava abaixo dos seus ombros. Minhas mãos passeavam por seu peito forte e eu me sentia calma, ali com ele e a água morna que nos molhava.

— Minha vez. — João falou se virando e me virando de costas para ele.

Suas mãos passeavam por meu corpo, subiam e desciam pelo meu braço entrelaçando as nossas mãos, enquanto ele encostava o queixo na curva do meu pescoço e deixava um rastro de beijos.

— Você é tão linda... Perfeita!

Senti sua ereção nas minhas costas e aí a minha vontade desenfreada de ser dele reapareceu, me virei de frente e o empurrei contra a parede. Isso fez um barulho ecoar pelo banheiro, enquanto nós dois ríamos com medo do barulho ter acordado os outros hóspedes. João colocou uma mão em cada lado do meu rosto e me beijou. Enlacei uma das minhas pernas em sua cintura e nesse momento eu já não lembrava nem meu nome. Foi aí que ele me segurou com firmeza colocando uma mão na minha coxa que já estava apoiada em seu quadril e com a outra apertou minha bunda, me puxando para mais junto dele, me penetrando, me fazendo jogar a cabeça para trás e gemer de prazer.

Cada estocada era deliciosa e lenta, era como se ele estivesse se deliciando com meu corpo e vê-lo tão faminto me levava a loucura. João beijava meu pescoço, me lambia e enfiava os dedos em meus cabelos, enquanto não parava de movimentar para dentro e para fora de mim. Com um pequeno impulso coloquei a outra perna em sua cintura, a fim de senti-lo ainda mais fundo. Então percebendo o que eu queria, João me virou, me segurando como se eu não pesasse nada e me prensou contra a parede, fazendo assim com que eu ficasse presa entre o corpo dele e a parede e deixando uma das suas mãos livres para que ela explorasse meu corpo, apertasse meus seios e levasse-os até a sua boca para que os sugasse, mordesse e lambesse. Quando eu já não aguentava mais tanto estímulo, me entreguei e desmoronei em tremores desritmados. Abri meus olhos e vi o homem maravilhoso a minha frente me olhando, admirando a minha entrega com olhos famintos. Em seguida apoiou sua cabeça em meu ombro e como se não aguentasse mais se segurar, também se deixou levar pelo prazer.

João fez amor comigo de novo e de novo foi tão “mais” do que eu tive todos os anos, que nem sei como descrever como eu estava me sentindo.



Sáímos juntos do banho, eu com uma toalha em volta do corpo e João com uma em volta da cintura. Assim que abri a minha mochila para pegar uma roupa, meu celular começou a tocar e logo fiquei tensa. Quando o peguei, de imediato o rosto sorrindo do Breno apareceu na tela, me mostrando que era ele quem estava me ligando. Logo desliguei a ligação e me mantive de costas para o João. Ainda mexendo na minha bolsa fiquei pensando no que eu estava fazendo.

Eu sou noiva, com casamento marcado e estou aqui: em plena madrugada, agindo como se fosse solteira e me entregando para um amor do passado, sem antes resolver as coisas.

Mas eu amo o João! Isso não pode ser tão errado assim.

O telefone começou a tocar novamente e eu o peguei com raiva, só para ver que era Breno de novo. Esfreguei o meu rosto e mais uma vez encerrei a ligação.

Eu não podia atender.

O que eu iria dizer para o Breno?

Sem que eu pudesse controlar, minha respiração ficou ofegante e comecei a chorar em silêncio, demonstrando em lágrimas a culpa que eu estava sentindo, mesmo sabendo que João me observava logo atrás de mim.

O celular apitou avisando a chegada de uma nova mensagem.

Te amo... Ele me amava e o que eu estava fazendo com o amor que ele destinava a mim?

Joguei o celular dentro da mochila, com muita raiva de mim mesma e tampei meu rosto com as duas mãos.

— Mari... — João falou cautelosamente.

Senti que ele estava se aproximando para me abraçar, entretanto, antes que ele se aproximasse mais, eu me virei, passei por ele e não permiti a aproximação. Voltei para o banheiro e fechei a porta atrás de mim.

Fiquei me olhando no espelho, enquanto as lágrimas caíam pelo meu rosto.

O que eu estava fazendo?

Antes da ligação do Breno eu nem sequer estava me lembrando da sua existência.

Eu era uma pessoa terrível!

Eu nunca traí ninguém e ter feito isso justo com o Breno me deixava acabada. Ele sempre foi um namorado tão bom e era ele quem estava ao meu lado todos esses anos. Eu tinha que ter sido forte, ter aguentado a tentação e terminado tudo com o Breno antes de começar algo com o João. Porque era o João que eu queria, porém, fico pensando: se eu tenho certeza que o quero, eu não devia me sentir assim...

Devia sim!

Pois era o sentimento de traição que estava fazendo com que eu me sentisse assim e não a dúvida de com quem eu queria ficar. Era o João que eu queria, mas apesar de amá-lo, eu devia fidelidade ao Breno.

Eu era tão egoísta!

Pensei somente em mim e não pensei no quanto eu iria magoar o Breno. Se ele soubesse ficaria arrasado.

Mas e o João?

Eu estava sendo tão injusta com ele naquele momento.

Por que eu o deixei no quarto sozinho?

João merecia me ter por inteiro e não pela metade como eu estava. Não assim... Estragando tudo por causa da minha confusão.

O que eu fiz?

Ele também deve ter ficado arrasado!

No meio da minha confusão eu saí do quarto e entrei no banheiro, ao invés de conversar com ele e lhe contar como eu estava me sentindo.

Droga!

Alguns poucos minutos tinham se passado quando eu voltei para o quarto e João estava sentado na cama usando uma cueca box preta e estava de cabeça baixa. Fui até ele e sentei-me ao seu lado.

— Desculpa. — sussurrei sem olhá-lo.

Ele apenas colocou a mão sobre a minha e entrelaçou nossos dedos.

— João, está tudo confuso em mim.

— Você está arrependida de ter vindo? — João olhava para baixo.

— Claro que não! — Falei com verdade.

Houve um instante de silêncio e por fim ele fez a pergunta que parecia estar ensaiando.

— Você quer ir embora?

— Não. Quero ficar com você.

— Mas você o ama, né? — Ele ainda não me olhava e senti o quanto ele parecia machucado ao me fazer essa pergunta.

— Não. Eu amo você, só você! — falei de imediato e por fim ele me olhou — Mas eu gosto dele, tenho um carinho, talvez até como amigo. Afinal, foram muitos anos juntos. — João apenas balançou a cabeça assentindo e engoliu em seco.

Ficamos em silêncio novamente até que ele disse baixo:

— Você não quer mesmo ir embora? Se quiser voltar... Eu te levo. — me olhou, em seus olhos vi que ele estava me oferecendo isso, mas não era o que ele queria e doía oferecer. No entanto, o fazia só para fazer a minha vontade acima da dele. Enquanto dentro de mim, só de pensar em voltar, deu um aperto no peito e percebi com certeza que não era isso que eu queria. Sentia-me péssima em estar traindo o Breno, mas me afastar do João era o que me parecia errado a fazer.

— Só se você não quiser mais ficar comigo.

Ele sorriu sem vontade e me olhou.

— Mariana... Mariana... Você acha mesmo?

Dei de ombros e fiquei olhando para as minhas mãos, que no momento estavam pousadas em meu colo. João ergueu meu queixo com o indicador para que eu o olhasse e falou olhando em meus olhos:

— Já perdi muito tempo da minha vida sem você, Mari. — ele me puxou para um abraço. — Mas quero te fazer feliz, ter você feliz ao meu lado e se ficar comigo for te fazer sofrer, prefiro que eu sofra com a distância de você. Só quero que fique tranquila.

— Mas você não entende que sem você, aí é que não fico tranquila. — falei com a voz chorosa e senti o trepidar do seu peito com um sorriso que ele soltou. — Me desculpa, João? Me desculpa pela minha reação ao telefonema, mas é que eu estou me sentindo culpada, confusa. Não tenho dúvidas de que é você quem eu quero, mas é inevitável me sentir mal com o que eu estou fazendo.

— Eu sei, linda! Te entendo.

Ficamos mais uns segundos abraços até que ele passou a mão no meu cabelo molhado e disse:

— Vem cá.

João me pegou pela mão e me levou até o banheiro. Onde com uma mão secava meu cabelo com o secador e com a outra intercalava entre o cabelo e fazia massagem lenta nos meus ombros.

Ambos estávamos em silêncio e sentindo o peso da conversa que tivemos há pouco.

Quando terminou com o meu cabelo, João foi escovar os dentes, eu saí do banheiro e fui até minha mochila. Peguei a camisola que eu tinha levado, que era preta, de renda e alças finas, do tipo: “Tô pro crime”.

Quando João desocupou a pia, foi a minha vez de escovar os dentes também. Fiz um rabo de cavalo no cabelo e quando voltei para o quarto ele me esperava na cama. Soltou um assobio e um sorriso largo quando viu o que eu usava, sorriso esse que exibiu suas covinhas lindas e eu me derreti.

Pensei que ele iria me jogar na cama e fazer sexo comigo o resto da madrugada. Mas quando eu deitei ao seu lado, João me abraçou, me colocou para deitar em seu braço, de costas para ele, assumindo a posição conchinha, enquanto seu rosto se aconchegava na curva do meu pescoço e seu braço forte me puxava para perto, pela cintura.

Um arrepio percorreu meu corpo todo.

— Descanse, minha linda. Tenta não pensar em nada, você não merece ocupar seu pensamento, com nada que não te faça feliz.

Assenti e fiquei em silêncio, mas falei após um pequeno instante.

— João, eu te amo.

Ele não respondeu e eu não precisava de resposta. O repuxar dos seus lábios no meu pescoço me indicava que ele estava sorrindo e essa era a melhor resposta.

João

— Acorda, dorminhoca! — Dei um beijo nela.

— *Hummmm...*

— Anda, gata! Já perdemos o horário do café da manhã na pousada.

— Mas acabamos de dormir. — Mari se virou para o outro lado, colocando a perna por cima do lençol e deixando suas coxas a mostra. A pele branca em contraste com o pouco pano preto e pela renda da ponta da camisola, chamaram minha atenção e perdi um tempo olhando para aquelas pernas de fora.

Passei com a minha mão por seu corpo, deixei um rastro de beijos por suas costas e percebi que meu toque a estava afetando.

— Acordar assim é bom. — ela falou ainda virada de costas para mim.

— Casa comigo que te acordarei assim todos os dias. — ela ficou imóvel, como se estivesse digerindo o que eu acabei de dizer.

— Preciso ir ao banheiro.

Mari levantou correndo e foi ao banheiro. Percebi que a assustei com o que eu disse. Sorri e pensei que ela teria que casar comigo, sim! Deitei de barriga para cima, com a cabeça apoiada nas mãos e imaginei como a vida ao lado da Mari seria maravilhosa. Sorri mais largamente ao pensar em nós dois dividindo uma casa e o quanto seria perfeito. Alguns minutos se passaram e ela voltou do banheiro, depois de escovar os dentes e pentear os cabelos, mas ainda usando aquela camisola que mais mostrava do que cobria.

— Vamos? Agora estou acordada e me troco em cinco minutos. — Ela tinha os olhos inchados de dormir, estava sem maquiagem e era a mulher mais maravilhosa que eu já vi. — Por que você está sorrindo?

— Porque eu sou um cara de sorte. — Levantei-me, peguei-a no colo e a deitei na cama, me deitando por cima dela.

Ela riu alto.

— A gente não ia sair?

— A gente vai, mas não agora.

— Aonde você vai me levar? — ela estava tão linda que eu só queria beijá-la... e a beijei.

— Agora já não sei mais nem onde estou.

Ela riu e eu fiquei ainda mais tentado a beijá-la de novo.

— Você não estava com pressa?

— Eu estava com pressa, mas que homem resiste a uma mulher tão linda dessa, logo de manhã?

Mari rolou e ficou por cima de mim, passou o nariz pelo meu pescoço e

desceu com a mão pelo meu peito, passando pela a minha barriga até chegar a minha cueca e com um aperto no meu pau ela sussurrou:

— Não resista, gato!

Putaquepariu! Essa mulher é muito foda.

Virei-me, ficando por cima, colocando-a na cama e mais que depressa arranquei a sua camisola, pois por mais que ela fique linda nela, Mari fica ainda mais linda nua. Deitei por cima de seu corpo, beijando-a com vontade e fazendo a minha língua passear na sua boca. Isso era tão bom. Ela era boa... Maravilhosa.

— Promete que será para sempre minha? Promete que dessa vez é para sempre?

Ela arfou.

— Prometo... Para sempre!

Aí eu já estava completamente louco de desejo e cada vez mais apaixonado por aquela mulher. Se é que tinha jeito de eu ficar mais apaixonado por ela.



Já era quase meio dia, quando finalmente decidimos sair para o passeio que eu planejei. Almoçamos em uma das ilhas paradisíacas que rodeava Cananéia e enquanto isso, eu pesquisava na internet algum ponto turístico que poderíamos visitar. Acabei encontrando uma ilha que era conhecida por ser morada de golfinhos, onde os turistas sempre se apaixonavam pela vista perfeita. Pensei que como a Mari sempre foi louca por animais, ela iria adorar o passeio e assim foi. Quando uma família de golfinhos começou a nadar em volta da nossa lancha, Mari aplaudiu sorrindo, parecia encantada e ver a felicidade nos olhos dela, me enchia de alegria. Ela me abraçava muito e por diversas vezes me olhou como se eu fosse o que ela sempre quis. Tenho certeza que eu também a olhava do mesmo jeito.

Dizer que o dia foi inesquecível era pouco. O dia foi... Caralho! Não tem como descrever. Foi o melhor dia da minha vida. Mari e eu vivemos como se fossemos somente nós dois, como se o nosso passado não tivesse peso nenhum, como se nada pudesse nos separar e eu tentei me manter firme nesse pensamento, apesar do fantasma da porra do noivo ainda me assombrar.

Durante o dia Mari mandou mensagem para o irmão e contou que estava bem. Miguel por sua vez quando descobriu que ela estava comigo, me mandou a seguinte mensagem:

“Cuida da minha irmã ou eu te mato!”

Respondi:

“Ela nunca foi tão bem cuidada na vida.”

Imediatamente ele respondeu:

“Que bom ou você é um homem morto.”

Mandei uma carinha gargalhando e ele mandou mais uma mensagem:

“Nunca torci tanto por alguém, quanto torço por vocês. Quero que sejam felizes e se eu fosse vocês nem voltaria. Fiquem por aí e sejam felizes!”

Fiquei pensando no que ele quis dizer com: “se eu fosse vocês, nem voltaria”. Mas logo Mari me abraçou, me mostrando algo que ela tinha visto e estava encantada, me tirando dos meus pensamentos e me trazendo de volta todo para ela.

Liguei para a minha mãe, que não pareceu muito feliz quando contei que estava com a Mari, sabia que ela tinha muitas reservas sobre esse relacionamento e sobre eu sofrer de novo. Minha mãe viu o quanto eu sofri no passado, entretanto ela apenas me disse para ter cuidado para não me machucar novamente e mandou que eu me divertisse. Mariana ouviu todas as respostas que dei durante a conversa e percebi que ela ficou desconfortável.

— Ela não gosta muito de mim, né? — Mari falou após eu desligar a chamada com a minha mãe.

— Ela, só não quer que eu sofra de novo.

Mari sorriu sem vontade.

— Vou mostrar para ela que eu também não quero que você sofra. — ela passou a mão no meu rosto e me deu um beijo.

Já estava quase anoitecendo quando voltamos para a pousada e só foi entrarmos no quarto para fazermos amor e nos perdemos no corpo um do outro, em meio a sorrisos e risadas altas, quando derrubávamos algo. Tomamos banho juntos e não nos desgrudávamos, era como se cada segundo juntos, fosse para compensar o tempo que ficamos longe um do outro.

No pouco tempo em que fiquei sem destinar toda a minha atenção a ela, foi quando tive que enviar alguns e-mails para fornecedores e conversar com Carlos, que eu tinha contratado para me auxiliar na administração da *Angels*. Avisei que voltaria logo e ele me garantiu que tomaria conta de tudo.

Saímos para jantar e acabamos parando em uma *hamburgueria*. Ela era toda ambientada com objetos, móveis e até os uniformes das garçonetes eram no estilo *retrô*. Tinha letreiro luminoso por toda parte, o chão era de piso quadriculado em preto e branco e o balcão era ornamentado com a lateral de um *Cadillac*, de modelo dos anos cinquenta.

Naquele dia estava acontecendo um especial *Elvis Presley*, com uma banda tocando ao vivo e assim que adentramos *Pretty womam* nos encheu os ouvidos. Mari e eu estávamos de mãos dadas e quando ouvi a música, ergui seu braço para o alto e a fiz dar um giro passando por baixo do meu braço. Sorriamos felizes.

Fomos encaminhados para uma mesa com bancos estofados em couro, que ficava em um canto a meia luz.

— Vou te dar uns amassos, aqui nesse cantinho escuro.

— Estou torcendo para que faça isso. — Ela me respondeu com um sorriso safado.

Nos acomodamos e logo fomos atendidos.

— Olá, boa noite, o que vão querer? — uma garçonete chamou nossa atenção.

Mari pediu um *milk-shake* e eu uma cerveja. Assim que a moça nos deixou a sós, eu falei baixo e sedutoramente:

— Amo você.

Ela sorriu satisfeita e me beijou. Começamos uma conversa sobre a sua profissão e Mari falava com tanto orgulho da engenharia, enquanto eu sorria ao vê-la contando dos diversos trabalhos maravilhosos que fez. Vez ou outra ela parecia sem jeito ao falar do escritório que dividia com o noivo em Portugal, mas eu fingia não me importar com cada vez que ela citava o nome dele, mesmo quando por dentro eu tinha vontade de matá-lo pelo simples fato de ele ter ficado tanto tempo com a minha Mari.

— Você está tão linda hoje! — dei um beijo nela. — Estava ontem — dei outro beijo. — tenho certeza que vai estar amanhã. — mais um beijo — E sempre.

— Ah... Você está cego, o amor é cego. Por isso diz que sou linda e que me ama.

— Eu não só digo que te amo, eu sinto que te amo com todo o meu corpo.

— Ah, mas ele está tão galante! Acho lindo! — ela me deu um beijo. — Mas olha, você me vê bonita, mas na verdade é como naquele filme “O amor é cego”, eu sou muito feia e você que pensa que eu sou bonita por que me ama.

Sorri para ela.

— Se for por esse raciocínio então eu também sou feio.

— Creio que sim. Na verdade torço para que sim. Assim ninguém mais vai te querer além de mim.

Rimos desse papo sem pé nem cabeça, conversamos sobre outros filmes que gostávamos e a noite seguia maravilhosa. Mari e eu comemos um lanche delicioso e assim como o dia, a noite estava perfeita. A banda cantava várias músicas do Elvis e o público aplaudia e cantava junto. Assim que a música tocada acabou, a banda anunciou uma pausa e disse que logo voltaria com mais Elvis.

Mari aproveitou a pausa da banda para ir ao banheiro e fiquei sozinho tamborilando os dedos na mesa enquanto a esperava voltar.

Agora que ela não estava aqui tomando toda a minha atenção, eu olhei melhor o ambiente e percebi que no canto perto do bar tinha um *jukebox*. Sorri quando vi e tive uma ideia imediatamente. Levantei-me, comprei a ficha, fui até o aparelho, esperei a minha vez e escolhi a música *When a Man Loves a Woman* do *Michael Bolton*.

Quando eu estava voltando para a nossa mesa, uma moça loira e bonita me pegou pelo braço, ergueu minha mão e colocou um papelzinho com o número do seu telefone nele. Em seguida piscou para mim e foi sentido ao bar. Sem pensar duas vezes, amassei o papel e estava voltando para a mesa, quando vi que a Mari estava de pé ao lado dela, me observando. Minha loirinha tinha visto toda a cena anterior, estava nitidamente irritada e com os braços cruzados na frente do peito... Deu ruim!

— Me declaro completamente inocente. — Já fui logo me defendendo.
— Eu ia jogar fora. — mostrei o papel amassado.

Mas Mari não disse nada, apenas pegou o papel da minha mão, foi sentido à loira e entregou o número de volta para ela. Em seguida apontou para mim, disse algo sorrindo para loira, que estava com cara de poucos amigos, finalizou com um tapinha no ombro dela e voltou para a nossa mesa.

— Mari...

— Mari, nada! Deixo você sozinho cinco minutos e quando volto você já está dando corda para outra loira?

Eu sorri.

— Eu não estava...

— Tá... Não quero saber! Já resolvi.

— O que você disse para a moça? — perguntei ainda sorrindo.

— Eu disse: olha, sabe aquele negro, bonito, forte, com aquelas covinhas lindas? Então, ele é meu e acho que você esqueceu seu número de telefone com ele.

Eu gargalhei e ela continuou:

— Que mania que essas mulheres têm de te dar telefone! Eu queria ter feito isso naquela noite no pagode, que aquela moça também te deu um número, mas me segurei.

Eu ri largamente e disse:

— É por isso que eu te amo, mulher!

Coloquei uma mão de cada lado do seu rosto e a puxei para um beijo.

— Acho que a teoria do filme “O amor é cego” não se aplica para nós, ou então se aplica só para mim, porque viu como você é lindo?

— Sou nada, linda é você!

*When a man loves a woman
Can't keep his mind on nothin'else
He'd trade the world
For a good time he's found...*

A primeira estrofe da música que escolhi no *jukebox* começou a tocar e no mesmo instante me levantei e estendi a mão para a Mari.

— Dança comigo?

Ela me olhou sorrindo.

— Mas não tem ninguém dançando.

— Melhor assim. Tem mais espaço para nós.

Ela abriu ainda mais o sorriso.

— Você é louco!

— Completamente louco por você. Vamos?

Ela olhou em volta.

— Que vergonha, João.

— Anda logo, gata!

Mari fechou os olhos e suspirou, em seguida os abriu, deu um largo sorriso e aceitou o meu pedido segurando a minha mão. Começamos a dançar, com todos os olhos da lanchonete nos acompanhando. Enquanto a música que eu escolhi tocava alto.

— Você sabe que essa música fala sobre o quanto um homem vira um idiota quando ama uma mulher?

Ela negou.

— E eu sou a prova viva de que isso é verdade, desde que coloquei meus olhos em você me sinto o mais idiota de todos.

Ela suspirou.

— Somos da mesma espécie de idiota, então.

Dei um beijo em sua testa e em uma rápida espiada a nossa volta, percebi que mais casais também dançavam.

— Você já parou para pensar o por quê passamos tudo que passamos? Porque teve que acontecer com a gente?

— Já. Em cada um desses anos.

— E aí? A que conclusão chegou? — ela levantou a cabeça para me olhar.

Continuávamos dançando, agarrados e apaixonados.

— Nenhuma. A não ser que mesmo depois de todos esses anos, eu continuo te amando.

Ela riu com a cabeça encostada em meu peito e parecia completamente feliz com a minha resposta.

A Música chegou ao fim, eu a beijei e houve algumas palmas pelo nosso pequeno show.

Voltamos para a nossa mesa, eu me sentia feliz, completo e parecia que tudo estava no lugar.

— Você me deixou com vergonha. Não tinha ninguém dançando, João.

Dei de ombros.

— Mas eu queria dançar com você. Na verdade, só de te ter nos meus braços, quero muito mais com você.

Ela me olhou com um sorriso safado, pegou a minha mão que estava pousada em sua coxa e escorregou para debaixo da sua saia. Adorei que ela estava usando uma saia. Então subi minha mão, até chegar à sua calcinha. Mari suspirou, mas não a afastou e percebi seu rosto ficar vermelho. Olhei em volta e ninguém nos olhava. Como estávamos no fundo da lanchonete e estávamos sentados em um sofá inteiro, as pessoas a nossa frente, estavam alheias ao momento que estávamos tendo.

Ela virou-se de frente para mim, colocou as pernas sobre a minha e se alguém nos olhasse, pensaria apenas que estávamos de frente um para o outro conversando e namorando inocentemente.

— Acho que é você que me deixa completamente louca por você.

Ambos começamos a rir.

— Paro ou continuo? — perguntei.

— Com certeza continua.

Ri com o rosto no pescoço dela, voltei a passar a mão nas suas coxas, subindo em direção a sua calcinha. Quando cheguei a sua virilha, puxei a sua calcinha para o lado e comecei a massageá-la. Mariana gemia baixinho e com os olhos fechados encostou a cabeça em meu ombro.

— João... Preciso que você feche a conta e me leve daqui.

— Não precisa me pedir duas vezes, minha linda.

Sáímos da lanchonete, nos agarrando, nos amando e felizes. Mal sabíamos que como diz a música o para sempre, sempre acaba e nosso sempre estava próximo de ter fim.

Capítulo doze

Mariana

Por mais que eu não quisesse voltar, a *Angels* precisava do João e eu tinha que dar um jeito na minha vida. Eu estava na garupa da moto dele, agarrada a sua cintura e lutando fortemente contra a sensação de despedida que tomava conta de mim todas as vezes que me dava conta de que estávamos voltando. Tentei focar no sentimento de recomeço e pensar que voltar só significava que enfim eu e João iríamos ficar juntos, porém, sentia uma força maior dentro de mim dizendo que não seria assim.

Na noite após a lanchonete, nós voltamos para a pousada e fizemos amor a noite toda. No dia seguinte João me levou a uma praia deserta onde também fizemos amor escondidos e rindo como dois adolescentes felizes. No final da tarde ficamos contemplando o pôr do sol e voltamos para a pousada onde fizemos amor mais inúmeras vezes. No dia de partirmos, ficamos o dia todo na cama, sem nos desgrudarmos e aproveitando a presença um do outro a cada minuto, até a hora que enfim decidimos voltar e enfrentar o que nos esperava com o retorno.

João a cada palavra tentava me mostrar que tudo ficaria bem, mas eu tinha certeza que ele também estava sentindo o peso da volta, principalmente depois que meu irmão me enviou uma mensagem de manhã, em que ele dizia estar ao meu lado para enfrentar a fera (nossa mãe). Aí percebi que quando eu voltasse uma guerra estaria me aguardando.

Quando nos aproximamos da minha casa, percebi que a velocidade da moto foi diminuindo e era como se João estivesse adiando a despedida. Mas o inevitável aconteceu e o motor da moto parou de roncar, quando ele estacionou do outro lado da rua, de frente para o portão grande, da casa da minha família.

Desci, tirei o capacete e João fez o mesmo. Ele parecia perdido em pensamentos e quando olhei para o amor da minha vida, eu tinha um sorriso nos lábios e os olhos lacrimejando.

— Nos vemos amanhã? — Ele me perguntou com um sorriso fraco.

— Sim, nos vemos.

João passou a mão pelo meu rosto.

— E por que estou tendo a impressão de que não?

— É apenas impressão, porque pode ter certeza de que nos veremos.

Olhei para o portão, vi que os seguranças já se mexiam e usavam o celular.

— Quer que eu entre com você?

Neguei.

— Tem certeza? Acho que podíamos enfrentar tudo isso juntos.

— Não, deixa comigo. Acho que se você entrar vai ser pior.

Ele assentiu, olhou para os seguranças e eu fiz o mesmo.

— Se precisar de mim, me liga. E se não precisar também. — João falou tomando de volta a minha atenção.

Eu sorri sem vontade.

— Você também.

— Já posso te ligar agora, então? Porque só de pensar na distancia, já estou precisando de você.

— Ah! Que fofa! — dei um beijo rápido nele.

Ficamos nos olhando por alguns segundos sem dizer nada, até que quebrei o silêncio:

— Bom, vou com o coração apertado, mas preciso entrar, então juízo na *Angels*, hoje. Vê se não se esquece de mim.

— Nem por um minuto! — ele disse imediatamente.

E eu o dei um beijo com vontade, com uma mão em cada lado do seu rosto e o puxando para mim, enquanto a minha língua passeava pela sua boca. Quando o beijo terminou ele encostou sua testa na minha e disse:

— Me liga quando tiver um tempo, para me avisar se está tudo bem. — eu assenti — Não deixa ninguém te afastar de mim... Mesmo que seja difícil. — assenti novamente — E o mais importante: não esquece que te amo.

— Eu também amo você!

O beije novamente e quando nos separamos, um movimento no portão da minha casa mais uma vez chamou a minha atenção e quando olhei, avistei a minha mãe com um olhar fulminante nos observando.

— Eu vou lá enfrentar a fera. — sorri sem graça.

— Eu vou com você.

Ele começou a se virar para desligar a moto, mas eu o parei.

— Por favor, não. Essa é uma conversa que eu tenho que ter com ela, a sós.

Ele me olhou meio em dúvida, mas assentiu.

— Mas já sabe. Vou ter que ir até a *Angels*, mas se precisar de mim é só me ligar que largo tudo.

— Pode ir em paz.

Ele olhou em direção ao portão.

— Tudo bem. Qualquer coisa, me liga

Dei-o mais um beijo, o disse mais uma vez que o amava e me virei para ir ao encontro da minha mãe, o deixando encostado na moto, com o braço

cruzado na frente do peito e um olhar desafiador. Fui caminhando sentindo o olhar dele em mim.

Ao chegar do outro lado da rua, passei por minha mãe no portão sem olhá-la e ela falou calmamente:

— Novamente se envolvendo com essa pessoa, Mariana? — Mesmo demonstrando não estar afetada, eu a conheço bem e notei o ódio na sua voz.

— João! O nome dele, do amor da minha vida, é João. — continuei andando e ouvi ao fundo o ronco forte da moto do João se afastando, quando o portão se fechou.

Minha mãe veio pisando duro atrás de mim e me puxou pelo braço quando entramos na sala.

— Não é possível que seja isso que você quer para sua vida?

— Isso o quê? Ser feliz? É exatamente isso que eu quero para a minha vida.

Ela se virou de costas muito irritada e voltou a olhar para mim tentando se recompor.

— E quanto ao casamento?

— Sim. Vou me casar um dia, mas com o João.

— Pelo amor de Deus, Mariana! Você já brincou de “de volta ao passado”, agora já pode voltar ao normal e recuperar o juízo. Você esqueceu-se de tudo que este rapaz te fez?

Eu sorri em desdém.

— O que ele me fez? Ou o que você me fez?

Minha mãe me olhou sem entender.

— Quer saber, mãe? Agora que eu estou no meu juízo perfeito. Eu descobri tudo sobre o passado. Eu sei da sua armação para nos separar. — eu estava gritando. — E só consigo pensar o quanto você é mesquinha.

Ela me olhou assustada, mas logo recuperou a pose.

— Eu tinha que fazer alguma coisa. Eu não podia deixar a minha única filha se envolver com aquele...

— Vai... Fala... Completa a frase. — Eu estava com muita raiva.

Minha mãe soltou o ar e falou calmamente o que me deixou ainda mais nervosa.

— Eu não queria você com aquele rapaz, não queria ser avó de negrinhos e fiz o que foi preciso para impedir isso.

— Eu não acredito no que estou ouvindo. — coloquei as mãos na cintura e me virei de costas para ela, mas voltei a olhá-la. — Escuta, eu não vou mais discutir com você. Seu racismo só pode ser uma doença.

— Não sou racista. Tenho aula de pilates com uma negra em Portugal e

tenho vários empregados negros. Eu apenas não os quero na minha família.

Balancei a cabeça de um lado para o outro, incapaz de entender como minha mãe pode ser essa criatura tão nojenta.

— Não, seu racismo não é doença! É burrice, ignorância... Ou melhor, é crime! Como eu tinha dito, não vou discutir com você, eu já sou adulta e dona da minha própria vida. Dessa vez você não vai nos separar e é com o João que eu vou ficar.

Virei-me para subir rumo ao meu quarto e minha mãe me parou:

— Tudo bem, se é isso que você quer... Que seja! Porém, eu tenho uma pergunta para te fazer: você tem onde morar aqui nesse país? Tem como se sustentar? Porque na minha casa você não vai morar se decidir acabar com o casamento com o Breno.

Não respondi, continuei subindo e ela continuou:

— Seu trabalho e sua casa estão em Portugal, Mariana. Você tem uma vida estável, prestes a se casar com um dos maiores herdeiros de Portugal, com uma vida cheia de mordomias e você realmente vai deixar tudo para trás para ficar com esse Zé ninguém?

Engoli em seco e balancei a cabeça em negativa.

— Você realmente nunca vai entender.

— Se você fizer isso, eu não vou te ajudar financeiramente com nada, você vai sair da minha casa, vai ser deserdada e vai viver as custas do seu “Amor”. — ela fez aspas quando falou a palavra amor.

Fiquei olhando para o rosto sem emoção da minha mãe e não consegui responder.

— Ah e mais uma coisa, seu noivo voltou esta manhã e está atrás de você. Espero que você seja esperta o suficiente e faça a coisa certa. Além de que, ele veio com um amigo para o casamento. Não nos faça e não o faça passar essa vergonha.

Virei-me sem respondê-la e chorando fui para o meu quarto, sentei na minha cama e comecei a pensar em como eu resolveria isso. Não tenho como me manter aqui, meu escritório está em Portugal, todos os meus ganhos são junto com os do Breno, afinal iríamos nos casar. Não tenho onde morar nem emprego ou carro. Como vou fazer?

Pensei em pedir ajuda para o meu irmão, mas ele era o presidente da empresa da família, sei que se ele me ajudasse, nossa mãe iria dar um jeito de coagi-lo e não queria que ele ficasse entre nós. Meu pai era um pau mandando e sempre fez só o que a minha mãe queria, além disso, estava com a saúde frágil e não podia fazer muita coisa. Já eu me recusava a ter que contar isso ao João. Não podia pedir para que ele me sustentasse até que eu conseguisse me firmar

financeiramente como engenheira e ter meu próprio escritório no país. Não posso pedir isso a ele, além da vergonha, essa nunca seria eu. Ele me sustentar estava fora de cogitação. Ai meu Deus.

As lágrimas escorriam pelo meu rosto e eu não achava uma saída.

Breno. Ele teria que me ajudar, eu fui responsável por vários projetos de sucesso no escritório e mesmo que nosso noivado acabasse ele teria que ser profissional e dividir as coisas.

Tentei ligar para ele e dizer que precisávamos conversar, mas ele não atendeu. Devia estar com o Santiago, imaginei que talvez fosse ele o amigo que Breno tinha trazido.

Peguei meu celular e tinha uma mensagem do João:

“Está tudo bem, minha linda?”

Eu ia responder que sim, quando uma batida na porta chamou a minha atenção. Ergui o olhar e lá estava o Breno me olhando.

— Posso entrar?

Assenti.

— Você está bem? — ele me perguntou calmamente como se tivesse medo do que eu pudesse responder.

Eu fechei meus olhos e suspirei a procura de força. Afinal, eram anos juntos e eu não tinha ideia de como contaria a ele que amava outra pessoa e em pouco tempo que fiquei longe dele, eu já queria voltar com o meu ex e cancelar nosso casamento. Quando eu ia começar a falar, Breno falou antes:

— Olha, pela dificuldade que você está sentindo em começar a falar, acho que vai ser uma conversa longa.

Eu o olhei, assenti e enxuguei uma lágrima que rolou pelo meu rosto.

— Janta comigo hoje? A gente janta, passa um tempo juntos e se mesmo assim você ainda quiser falar o que você precisa falar, aí você diz, se não a gente vai adiando. Só acho que precisamos passar um tempo juntos para que você se lembre do quanto éramos felizes.

Eu assenti sem olhá-lo, mas eu estava chorando, pois estava me sentindo a pior das traidoras. Além de estar uma confusão e sem saber que rumo seguir, enquanto ele estava ali, na minha frente, compreensível e sereno. Mesmo possivelmente já desconfiando de que algo eu tinha feito de errado, só pelo olhar de culpa que eu destinava a ele.

— Vou me arrumar e passo para te pegar às oito. — falou calmamente.

Eu assenti, sem olhá-lo e ainda sem saber se era uma boa ideia. Breno se levantou, me deu um beijo na bochecha e depois um selinho na boca, aí senti que

traia o João.

Assim que o Breno saiu, peguei meu celular novamente, vi algumas ligações perdidas e li mais uma mensagem do João que dizia:

“Por favor, me liga. Só quero saber como você está.”

Liguei.

— Oi, minha linda. — João atendeu.

— Oi. — Falei somente e tampei a minha boca para ele não notar que eu estava chorando.

— Como foi a conversa? Você está bem?

As lágrimas rolavam pelo meu rosto e eu só conseguia pensar que queria uma vida simples, com uma mãe simples, sem preconceitos, que aceitasse e respeitasse as minhas escolhas.

— Posso te ligar mais tarde? — fungo e limpo o meu rosto.

— Você está bem?

— João, estou bem, mas... Te ligo depois, tá? Eu amo você.

Desliguei e deitei na minha cama chorando, soluçando e sem saber o que decidir. Eu tinha a absoluta certeza do que eu queria, mas querer nem sempre é poder.



Eu não estava com a mínima vontade de sair para jantar com o Breno, mas próximo da hora marcada, coloquei uma roupa qualquer e fiquei o esperando. Pensei que era até melhor essa conversa acontecer em local público, pelo menos assim evitaria quaisquer dramas, gritos e acusações desnecessárias.

Peguei o celular para ligar para o João, como eu estava mais calma tive a sensação que conseguiria falar com ele sem desmoronar, porém, antes de começar a discar fui interrompida por um dos empregados, dizendo que Breno já havia chegado. Terminei de calçar os sapatos, peguei a minha bolsa, o celular e enquanto descia as escadas fui tentando ligar para o João, mas em todas as tentativas só dava fora de área. Pensei que ele já tenha ido para a *Angels*.

Segui descendo as escadas e assim que avistei o Breno na sala, parei de ligar e segui em sua direção.

— Vamos? — falei sem olhá-lo nos olhos.

— Não vai nem me dar um beijo. — ele perguntou triste.

Nesse momento, uma moça que tinha começado a trabalhar há pouco tempo na casa, para suprir as incontáveis vontades da minha mãe, entrou na sala

e tropeçou no tapete, derrubando a água que vinha trazendo para o Breno e espantando o copo pelo chão. A coitada ficou toda sem graça, pediu milhares de desculpas, achando que eu fosse esganá-la como a minha mãe faria, e se abaixou para secar. Vendo a tragédia e sendo solidária a ela, pois sabia que se a minha mãe visse ela realmente iria dar um chilique, deixei o celular e a bolsa em cima do sofá, fui ajudá-la a juntar os cacos e secar a bagunça.

Enquanto eu a ajudava, a moça pediu desculpas mais uma vez, disse que eu não precisava me incomodar que ela limparia tudo sozinha, entretanto quando viu que eu não iria parar, agradeceu.

Na verdade, mal sabia ela que quem estava agradecida era eu, por ela ter causado esse desastre no momento em que o Breno me pediu um beijo. Eu não estava confortável, para ter qualquer contato físico com meu ex-noivo, depois dos dias que passei com o João e depois de tê-lo traído, aliás, se eu o beijasse no jantar, eu estaria traindo o João, que era a quem meu coração e meu corpo pertenciam.

Quando terminei de ajudá-la, peguei minha bolsa no sofá, sem demorar me encaminhei para a porta, chamei o Breno para que assim fossemos logo e ele não pedisse mais beijos e nem nenhum contato físico.

Chegamos ao restaurante que ficava bem próximo da casa da minha família. Desci rápido do carro e me encaminhei para a entrada do restaurante, com o Breno logo atrás de mim e a todo tempo eu sentia o olhar dele me examinando, mas eu o evitava a todo custo.

Fomos até a mesa que a *hostess* nos informou que estava reservada para nós, sentei-me em silêncio e eu estava tão envergonhada que mal o encarava. O garçom tirou nossos pedidos e saiu. Breno digitou algo no seu celular e só aí notei que eu estava sem o meu, que o havia deixado no sofá. Droga! Se o João ligasse ou mandasse mensagem, eu não conseguiria ver. Burra!

— Você está tão quieta. — Breno falou, quando enfim largou o celular, depois de responder sei lá quem. Pegou a minha mão, me dando atenção e eu sorri sem vontade em resposta.

— Só estou pensando em tudo que tenho para te falar. — o olhei nos olhos e tirei a minha mão debaixo da dele, para o garçom colocar as nossas bebidas.

— Olha, eu sei que eu fui um péssimo noivo te deixando sozinha, mas eu voltei. Voltei para você e para o nosso casamento.

— Breno... Não sei se você se lembra de quando te contei do meu ex...

Percebi que assim que mencionei o João ele mudou a feição, mas assentiu.

— Nós nos reencontramos... Foi sem querer, não combinamos nada. —

eu engoli em seco e procurava as palavras certas para contar.

— Mariana. — Ele falou sério. — sinceramente, eu não quero saber se você me traiu ou não, não quero detalhes, mas eu assumo a culpa por tê-la deixado sozinha e com o caminho aberto para que outro ocupasse o lugar que era meu.

Ele parou de falar e a minha vontade era dizer que esse lugar sempre foi do João, meu coração sempre foi dele, mas então Breno continuou:

— Eu te perdoo e podemos recomeçar. Mas não cancela o nosso casamento, eu preciso dele, eu preciso de você. — ele pegou mais uma vez a minha mão.

Eu não sabia o que responder, pois ver o Breno assim tão vulnerável e tão disposto a perdoar uma traição, apenas para que eu ficasse com ele, me quebrou. Eu gostava do Breno, sempre fomos acima de tudo, amigos. Não queria que ele sofresse, entretanto, eu não sabia o que responder a ele.

— Olha, está tudo tão complicado. — comecei a sentir as lágrimas encherem meus olhos e eu não queria chorar em lugar público. Foi uma péssima ideia aceitar esse convite. — Breno, será que podemos conversar na minha casa? Eu não estou bem e essa história toda é tão difícil para ser discutida assim, em público. —isquei para conter as lágrimas que ameaçavam cair.

— Claro. — ele parecia triste. Mas além de triste, ele parecia preocupado e aflito.

Breno pediu a conta e enquanto esperávamos ele me disse:

— Por favor, só te peço que não me deixe. Eu preciso de você!

Não consegui respondê-lo, só virei o rosto para o lado, para fugir do seu olhar pidão. Encarei a grande janela de vidro do restaurante requintado em que estávamos e fui andando com meu olhar por toda a sua extensão, que dava de frente para a rua, mas assim que olhei no canto, próximo a saída, lá estava ele... O homem que eu amo, me encarando incrédulo e com uma tristeza maior que a minha no olhar. Senti meu coração quebrar e meu peito em brasa, com a bile subindo pela garganta, com o pensamento de tudo de errado que João devia estar pensando de mim.

Levantei-me sem me lembrar do Breno e andando, quase correndo, fui para a porta do restaurante ao encontro do João, que já estava me virando as costas e indo embora para longe de mim.

João

Eu não acreditei que ela estava mesmo com ele!

Meu peito subia e descia com a respiração acelerada. Eu tinha a sensação de que iria chorar e há tempos eu não sabia o que era isso, mas de novo por causa dela, eu reconhecia a sensação. Meu corpo estava tremendo, eu não entendia nada e ao mesmo tempo entendia tudo. As palavras da mãe dela martelavam na minha cabeça repetidamente:

“O noivo dela voltou e ela saiu para jantar com ele. Em breve eles irão se casar e você não passou de diversão. Sabe a despedida de solteiro? Então, foi isso. Quem é você perto de um dos maiores herdeiros de Portugal?”

Foi isso que ela me disse quando eu liguei no celular da Mari e a pior pessoa que conheço atendeu. Em seguida me disse onde eles estariam e fiquei lutando contra mim mesmo para não ir conferir, até a curiosidade me vencer e lá estava eu, me sentindo o mesmo idiota de sempre.

Mariana tirou o olhar do noivo e me viu. Seus olhos se arregalaram quando seu olhar cruzou com o meu. Não queria que ela tivesse me visto ali, balancei a cabeça em negativa, virei-me para ir embora e parar de fazer papel de besta de novo.

Claro que ela não iria preferir a mim.

Foi tudo uma mentira.

Eu estava ofegante, mas não iria chorar por ela, não dessa vez, não depois de tantos anos. Eu já devia estar acostumado... Claro que ela o preferiria... Quem sou eu?

— João... — era a voz dela me chamando.

Continuei andando e a vaga que eu havia deixado a minha moto parecia nunca chegar.

— João, espera! — ela estava chorando e mesmo eu estando com raiva, sua voz embargada pelo choro me doía, mas ainda assim não parei de andar.

Enfim cheguei à vaga em que a minha moto estava estacionada e quando fui colocar o capacete, Mariana segurou o meu braço delicadamente. Fechei meus olhos ao sentir seu toque e soltei o ar para tentar controlar as minhas emoções.

— Me escuta... Por favor, só me escuta.

Abri os olhos sem encará-la.

— Olha pra mim!

A olhei e falei parecendo cansado:

— Claro, vai, pode falar! Fala que seu noivo voltou e é com ele que você vai ficar.

— Não é nada disso!

— Eu sei que é isso! — Falei mais alto que deveria.

— João...

— Olha, Mariana, eu sei que não sou herdeiro de nada, que não sou o bom partido que sua família quer para você, mas mais uma vez eu me doeie inteiro, enquanto para você eu não passei de uma merda de uma despedida de solteiro.

Ela balançou a cabeça em negativa e me olhou espantada.

— Não! Do que você está falando? Eu amo você, João!

— Ama? O que você está fazendo aqui com ele? Mal quis falar comigo depois que voltamos, tudo porque ele voltou.

— Não é nada disso!

Eu olhei para ela e suas lágrimas escorriam por seu rosto, mas nosso minuto de silêncio foi quebrado por uma voz masculina.

— Mariana! — Olhei para o lado e lá estava o *péla saco*, almofadinha do caralho! O noivo.

— Me dá só um minuto, Breno. — ela disse parecendo cansada e virou-se para mim novamente — A gente precisa resolver isso.

— Você precisa resolver. — falei — Eu já resolvi o que eu quero, sou solteiro e tenho certeza absoluta de tudo, enquanto você... — Olhei para o Zé ruela que nos encarava, com as mãos nos bolsos e eu estava a um passo de desarrumar a cara engomadinha dele. Precisava sair dali para não fazer uma besteira. Lancei um olhar mortal em sua direção, voltei meu olhar para a mulher que eu amava, coloquei meu capacete e senti meus olhos lacrimejarem ao pensar que eu estava a deixando com ele, mas Mariana precisava decidir sozinha. Liguei e acelerei a moto deixando apenas o ronco da minha *Ducati* entre nós, mas antes que eu saísse a ouvi perguntar por sobre o barulho do motor:

— Espera, para onde você vai, agora? Vai para a *Angels*? — Olhei em seus olhos, mas achei melhor partir.

Parti a deixando com ele.

Caralho!

Mais uma vez sem ela!

Meu peito queimava, uma lágrima correu e eu acelerei.

Capítulo treze

Mariana

Estou na calçada, em frente ao restaurante e sentindo o olhar do Breno em mim.

— Você o ama? — Ele me perguntou e eu não era capaz de fazê-lo sofrer assim, dizendo em voz alta, que sim, eu amava o João, então apenas assenti.

— Como fica nosso casamento, nossa sociedade, nossa vida? Você vai jogar anos juntos, vai jogar tudo fora por causa de um namoradinho da adolescência?

Balancei a cabeça em negativa para o que ele disse. Breno não entendia, João não era apenas um namoradinho da adolescência, ele era o amor da minha vida.

— Você vai me abandonar? — ele perguntou parecendo triste.

— Vamos embora? — perguntei em resposta.

Ele assentiu sem dizer nada e andou sentido ao seu carro, enquanto eu o acompanhava parecendo uma carcaça de mim mesmo. Quando olhei em volta, depois de entrar no carro, só então percebi que éramos o centro das atenções e muitos olhares nos observavam, mas nem me preocupei, o que importava para mim era o homem que eu amava indo embora sem mim.

O caminho até a casa dos meus pais nunca foi tão longo e parecia nunca ter fim assim como o silêncio que preenchia o carro.

— Vou precisar que você veja o que me é de direito no escritório, pois tudo que tenho está na nossa conta conjunta.

Ele ficou em silêncio.

— Minha vida toda está em Portugal e vou precisar recomeçar aqui, não vai ser fácil abrir escritório e ganhar clientes sem ajuda, mas vou conseguir.

— Você quer falar sobre isso agora, Mariana?

— Vamos ter que falar sobre isso em algum momento. — falei olhando para as minhas mãos.

Breno deu um soco no volante e ficou em silêncio, perdido em pensamentos.

— Você está acabando com a minha vida.

— Desculpa. — respondi chorando.

Silêncio.

— Então é certo. Você já se decidiu por ele? — enfim Breno perguntou.

— Eu o amo, Breno. — limpei as lágrimas que escorriam.

— Você nem ao menos sofre por me deixar?

— Claro que sim, mas eu preciso viver! Eu estava no piloto automático e esses dias eu assumi a direção da minha vida e vivi. Sinto como se os últimos anos só tivessem passado e eu não os tivesse vivido de verdade.

Ele continuou dirigindo em silêncio, como se estivesse pensando em uma saída.

— Breno, sei que você tem em mim, muito mais uma amiga do que uma amante, você também precisa de mais, alguém que te ofereça uma vida na qual você se sinta plenamente feliz.

— Eu sou plenamente feliz com você.

— Sempre te achei confortável comigo e não feliz. Você precisa de algo e alguém que o faça totalmente feliz.

— Não... Não posso... — ele começou a dizer algo, mas parou — Eu preciso de você! Você não entenderia, mas eu preciso me casar.

Fiquei sem entender o porquê dele “precisar” se casar.

— Você vai encontrar outra pessoa...

— Não! — ele falou alto, mas depois se recompôs respirando fundo.

Breno pegou o caminho do centro da cidade e não me disse para onde estava indo, só dei por mim quando estacionamos em frente ao hotel luxuoso em que ele estava hospedado. Ele desceu do carro sem me dizer nada e parecia transtornado. Decidi então descer e fui caminhando junto dele, subi ao seu lado e em silêncio até seu quarto, mas foi só quando entramos que ele explodiu:

— Você não pode me deixar! Eu já tinha tudo certo, estava tudo resolvido. Que droga, Mariana! — Breno foi até uma garrafa de uísque que estava em cima da mesa, virou o líquido da garrafa em um copo, o enchendo pela metade e virou em um só gole, quente e sem gelo. Deve ter descido rasgando seu peito, pela careta que ele fez a seguir. — Meus pais gostam de você, eles apoiam o casamento. — falou e passou a mão rosto. Foi até a garrafa mais uma vez e virou mais copo.

— Para com isso, você não é de beber. — tentei impedi-lo.

— Me deixa! Se você vai me trair, me trocar por outro, acabar com os meus planos e acabar com a minha vida, eu tenho o direito de enfrentar isso bem bêbado.

Senti a minha consciência pesar e olhando para ele, percebia que Breno realmente agia mais como se eu tivesse acabado com seus planos do que como quem estava com o coração partido.

— Quer saber? Aquele babaca com quem você me traiu disse que estava indo para aquela balada que fomos antes de eu voltar para Portugal, a *Angels*, não é? Vou até lá.

— O quê? Não, você não vai! — tentei segurá-lo.

— Vou. E vou quebrar a cara dele por roubar você de mim.

— Para, Breno! — ele tentava passar e eu o segurava.

— Acho melhor você me soltar, Mariana.

Respirei fundo, afrouxei a pegada da minha mão em seu braço e disse calmamente.

— Não vai lá, você não é assim.

Ele passou a mão no meu rosto calmamente.

— Todos esses anos comigo e você não sabe absolutamente nada a meu respeito.

— Você não é briguento. Você não merece ter que brigar fisicamente com alguém por causa de mulher.

— E você merece mais do que um cara que te deixa, não luta por você e ao invés de ir chorar em casa por que te perdeu, vai aproveitar a noite em uma casa noturna. — Ele riu com deboche. — É por isso que você está me trocando, Mariana? — preferi não dizer que João era dono da *Angels* e eu sabia que essa ironia toda do Breno, já era efeito do álcool.

Ele bebeu mais uma dose do uísque, começou a sair pela porta e eu o acompanhei. Fui descendo o elevador e todo o tempo tentando fazer com que ele desistisse da ideia de ir atrás do João. Quando chegamos ao seu carro, ele deu partida e quase me deixou, se eu não tivesse entrado depressa, teria ficado. Breno estava alterado e de nada lembrava o meu noivo tão pacífico.

Fui o caminho todo o lembrando de que era perigoso ele dirigir assim e tínhamos que voltar, mas ele nem sequer me ouvia.

Paramos o carro no estacionamento da *Angels*, ele desceu e sem me esperar foi em direção à entrada.

— Breno, vamos embora, aqui não é lugar.

Ele continuou andando e eu ainda tentava entender como eu fui parar ali.

— Por mim, pensa em mim e vamos embora!

— Por você? — ele perguntou muito bravo se virando para mim — Você não pensou em mim quando acabava com os meus planos... E quer saber? Que se dane!

Ele continuou andando e assim que passou na portaria, andou rápido pela *Angels* e eu ao seu lado, tentando não chamar atenção e rezando para que o João não estivesse ali. A casa noturna não estava muito cheia e o som ainda estava baixo por ser cedo. Foi então que avistei as costas largas do homem que eu amava. João estava encostado ao balcão e parecia dar ordens ao barman que o escutava atenciosamente. Breno olhou para mim e seguiu com o seu olhar para a direção em que estava o meu, também reconhecendo João.

A passos largos ele se aproximou de João e começou a se mostrar um

Breno totalmente diferente do Breno que eu vivi todos esses anos. Um Breno cruel.

Breno deu um assovio alto e chamou a atenção de todos. Em seguida falou batendo palmas:

— Ei, pessoal. — João nesse momento já tinha nos notado e nos encarava, sem entender. — Atenção aqui! Vou pagar uma rodada de bebida para todo mundo que está aqui hoje. — os presentes aplaudiram, gritaram e João me olhou ainda sem entender, enquanto eu tentava fazer o Breno ir embora comigo, mas ele se soltou de mim continuando a falar, quando a casa se aquietou. — Para todo mundo, menos para aquele negro que está ali. — Breno apontou para o João com um sorriso, presunçoso no rosto e eu já estava chorando. Muitos dos frequentadores pararam de sorrir, tomando entendimento do que estava acontecendo. Vi quando os seguranças estavam vindo na nossa direção, mas João os parou, apenas com um sinal discreto e disse:

— Agradeço. — Deu um meneio de cabeça e um sorriso apagado, que de nada lembrava o sorriso lindo pelo qual me apaixonei.

— Agradece? — Breno perguntou confuso e continuou — Acho que você não entendeu, então vou fazer melhor, — sorriu debochadamente. — Pode avisar os donos daqui que eu vou fechar essa casa noturna hoje e está tudo por minha conta! Todos podem beber! — As pessoas presente começaram a aplaudir e lotaram o bar com seus pedidos. Os *barmans* não sabiam como agir e após mais um aceno positivo de cabeça do João, eles pegaram o cartão magnético do Breno e anotaram todas as bebidas servidas ali. Aí mais uma vez Breno tentou humilhar o João. — Todos aqui vão beber de graça, por minha conta, menos você que nem devia estar frequentando um lugar bacana como esse. Olha para você!

Percebi que João estava se segurando para não matar o Breno.

— Muito obrigado! — João agradeceu mais uma vez, tentando não demonstrar seu ódio, mas eu sabia que apesar de ser um homem calmo, ele estava a um fio de explodir.

Meu peito subia e descia, eu chorava e tentava tirar o Breno dali. Gritei com ele, mas ele me ignorou.

— Obrigado? Você me agradece, seu nada? Estou te humilhando e você agradece?

João veio próximo do Breno, bem próximo, o encarou como se fosse matá-lo e disse:

— Sim, agradeço, porque enquanto você acha que está me humilhando, pela cor da minha pele, é você que está sendo humilhado por ser um otário, imbecil e racista. Talvez você não saiba, mas eu mais do que você, tenho o

direito de estar aqui, porque essa casa noturna é minha e o negro a quem você quis humilhar, acabou de ganhar uma boa grana com esse circo que você armou. Seu imbecil, otário de merda!

Todo mundo que ainda acompanhava a cena, gritou com raiva e tomando as dores do João.

Breno ficou roxo, me olhou com ódio e disse:

— Sua vadia... — João não o deixou terminar e desferiu um soco em seu rosto. Breno cambaleou, mas se manteve de pé e o provocou:

— Quem é você mesmo?

João o pegou pelo colarinho, o prensou em uma das pilastras de concreto que decoravam a *Angels* herdada da antiga fábrica, e falou firme com o Breno:

— Eu sou o cara com quem sua noiva te traiu e não vou te bater mais, pois os meus clientes não merecem ver este circo.

Ele parecia sem ar, ia dizer algo, mas João o largou bruscamente e falou alto:

— Seguranças! — Dois homens fortes e vestidos de preto, se aproximaram — façam com que esse lixo, acerte o que deve e o coloquem para fora daqui.

Breno foi escoltado e eu fiquei onde estava. Sendo encarada por uma grande parte dos frequentadores. Coloquei as minhas mãos no rosto e comecei a chorar copiosamente. João veio a passos rápidos para junto de mim e me abraçou, me consolando e tentando acalmar meu choro.

— Me desculpe por te fazer passar por isso? Por favor, você me desculpa? Você não merece isso! — falei.

— Está tudo bem!

Mas eu sabia que não estava. João mesmo se saindo por cima de toda a situação constrangedora, estava ferido. E ainda assim, mesmo depois de tudo e eu sendo a culpada por ele passar por isso, ele tentava me deixar bem, quando eu tinha plena consciência e sabia que era tudo culpa minha.

— Vem comigo!

João pegou a minha mão e me levou para o seu escritório. Assim que entramos comecei a repetir novamente o pedido de desculpas, pois eu estava me sentindo tão culpada, com a consciência tão pesada por ele ter que ouvir tanta barbaridade, por minha culpa:

— João, me perdoa por tudo isso? Eu devia ter te contado que iria jantar com ele, mas eu não queria te magoar e olha a confusão que eu te meti.

— Está tudo bem. — ele estava abraçado comigo e passava a mão nas minhas costas, tentando me acalmar.

— Eu não estava com ele em um jantar romântico, eu estava tentando

resolver tudo. Eu não falei com você por que... — comecei a chorar, soluçar, explicar tudo, enquanto minha cabeça pousava em seu peito. Sentindo o peso desse dia e todo sentimento tomando conta de mim e me dilacerando.

— Está tudo bem, se você quiser terminar o que nem começamos de verdade, você merece alguém melhor que eu.

Ele me olhou parecendo em dúvida.

— Mas por mais que encontre alguém que te faça mais feliz do que eu posso fazer, essa pessoa nunca vai te amar mais do que eu te amo.

João me olhou, não respondeu nada e beijou a lateral do meu rosto. Foi beijando cada lágrima e me acalmando a cada beijo. Até que sua boca encontrou a minha e me beijou como se estivesse colocando toda a intensidade que passamos a pouco, nesse beijo. Ele segurou o meu rosto e depois desceu com uma mão pela lateral do meu braço e enroscou seu braço na minha cintura, enquanto sua outra mão deslizava do meu rosto para a minha nuca, me puxando para perto, mais perto, tão perto como se fôssemos um.

— Você não tem culpa de toda a ignorância e racismo das pessoas a sua volta. Eu sei que você não é assim e é isso que importa. — falou quando nos separamos.

Assenti.

— Acredita em mim? Eu não estava voltando com ele. É você que eu amo!

— Eu sei. Eu estava cego e me deixei envenenar. Eu amo você também! Eu não devia ter te deixado com aquele imbecil.

Eu o empurrei para o sofá de couro que estava próximo a nós e sem demora fizemos amor de reconciliação. Com as luzes da *Angels* entrando pelo vidro panorâmico, o som da batida da música lá embaixo embalando as investidas dele em mim e o nosso amor pesando mais que a bagagem que a vida trazia para a nossa relação.



Cheguei em casa já era de manhã, passei a noite na *Angels* com o João e aproveitamos para conversar. João me disse que estava a minha disposição e me pediu desculpas por ter me deixado com o Breno. Já eu não o contei sobre o ultimato que a minha mãe havia me dado. Achei melhor resolver tudo sozinha e não colocar mais carga em cima dele. Além de que, eu não queria que ele se oferecesse para me sustentar.

Subi para o meu quarto e assim que entrei, avistei o meu celular sobre a minha cama e senti muita raiva da minha mãe. Após fazermos amor, João me

contou tudo que ela o falou quando atendeu meu celular e minha mãe foi muito cruel, foi uma cobra. Aí entendi o que ele quis dizer com “me deixei envenenar”.

Peguei o celular, havia várias chamadas perdidas do Breno e mais uma vez a culpa caiu sobre mim. Balancei a cabeça para espantar os pensamentos ruins, fui tomar banho e decidi que depois pensaria sobre essa bagunça que era a minha vida amorosa.

Aproveitei a calmaria de um banho, senti a água quente cair por minha pele e lembranças da noite anterior e dos carinhos do João em meu corpo, voltavam em minha memória e me faziam sentir a falta dele. Saí do banho e assim que olhei para a minha cama, vi meu celular tocando. Era a Isa.

— Oi, amiga! — atendi.

— Ah! Até que enfim consegui falar com você.

Lembrei que não falava há quatro dias com a minha amiga, desde a festa das notas azuis quando saí sem me despedir de ninguém.

— Desculpe por não ter te ligado, minha vida está uma loucura.

— E eu não sei, aposto que esses dias você virou a flor?

— Flor? Que flor? Você nunca me chamou assim!

— Sim a flor... Se bem conheço você e o João, vocês são fogo juntos, então nesses dias você deve ter virado aquela flor, sabe? A trepadeira!

Gargalhei.

— Primeiro que trepadeira não é uma flor e sim uma planta e segundo que sim, trepei horrores.

Ela gargalhou.

— Sabia! Agora você assumindo assim, também pode ser a flor Maria sem vergonha, sabe aquela que leva esse nome por que dá em todo lugar?

— Meu Deus! Só você para me matar de rir assim, amiga.

— Pois é, eu sou o sol que faz a flor florir. — Ela riu.

— Se eu sou a trepadeira/ Maria sem vergonha, você é qual flor ou planta? Sou péssima com nomes de plantas e flores, esqueço todas.

— Ahhh... Eu com certeza sou a “comigo ninguém pode”.

— Com certeza você é!

Rimos e ela disse:

— Mas, amiga, mudando de assunto, você disse a pouco que só eu para te fazer rir. Está acontecendo alguma coisa?

— Olha, está. Eu e o João estamos vivendo como casal iô-iô. Estamos indo e voltando, por conta dos meus problemas, família e tudo mais que quer nos afastar. É como se o nosso amor fosse impossível, sabe? Estou sempre com a sensação de que algo vai acontecer e nos separar.

— Para com isso! Não vai acontecer nada.

— Agora estamos bem, mas aí logo tudo muda e estamos por um fio novamente.

— Mari, desta vez nada vai separar vocês dois.

Nesse momento Maria bateu na minha porta, colocou a cabeça para dentro do meu quarto e sua feição era de preocupação.

— Isa, terei que desligar, mas vamos marcar de nos encontrar para eu te colocar a par de tudo?

— Claro, vamos sim!

— Beijos.

— Beijos.

Olhei para a Maria indicando que ela podia me dizer o que estava acontecendo e sem enrolar ela me falou:

— Mari, Breno tentou se matar. Tomou uma quantidade grande de remédio misturado com bebida alcoólica e foi encontrado pelas camareiras do hotel.

Minhas pernas começaram a tremer.

Meu Deus! O que eu fiz com ele?

Capítulo catorze

Mariana

Fui para o hospital e os olhos dos pais do Breno, que vieram junto com ele de Portugal para o casamento, não saíam de cima de mim. Santiago, o amigo, estava abatido, sentado ao lado dos pais de Breno e parecia muito triste. Os dois eram como irmãos. Volta e meia Santiago me lançava um olhar que me dava medo.

Eu estava andando de um lado para o outro, esfregando as minhas mãos uma na outra e lutando com a culpa que me consumia.

Uma enfermeira avisou que Breno estava acordado e seus pais entraram rapidamente para vê-lo. Santiago ficou e eu percebi que sua vontade era entrar também, mas creio que ele não se achou no direito, então saiu da sala de espera me deixando a sós com a minha mãe, que estava ali impondo a sua presença.

— Mariana, você está vendo o que você está fazendo com a sua vida e com a vida do Breno?

Permaneci em silêncio ouvindo a minha mãe me acusar.

— Seu pai vai voltar hoje também, para ver se põe um pouco de juízo na sua cabeça.

Me mantive em silêncio e achei melhor não discutir com ela. Esse não era o lugar.

Já havia se passado um bom tempo quando os pais do Breno retornaram e me avisaram que ele queria me ver. Segui pelo caminho indicado e chegando ao quarto, entrei.

Breno estava pálido e com medicação na veia. Parecia tão frágil que tive até medo de me aproximar.

— Vem aqui. — ele falou baixo, como se sentisse dor.

Comecei a chorar e era tão natural. Chorar estava mais em mim nos últimos dias do que sorrir. Aproximei-me e segurei a sua mão.

— Por que você fez isso?

— Eu não posso mais aguentar. — ele falou em um sussurro.

— Breno, aguentar o quê? Você é jovem, bonito, pode arrumar quem você quiser.

Ele me olhou com os olhos lacrimejando.

— Quem eu quiser, não. — Breno segurou a minha mão e deu um aperto fraco.

Eu estava tentando parecer forte, entretanto meu coração estava despedaçado por vê-lo em uma cama e saber que ele estar nela, era culpa minha.

— Você não vai mais fazer uma loucura dessas, né?

— Eu não sei.

— Breno...

— Só segue o que combinamos, por favor, Mari? Eu preciso de você!

Eu fiquei olhando para ele e eu não era capaz de respondê-lo.

— Por favor, fica comigo?

— Breno, você precisa de ajuda profissional, eu não sou o que vai te fazer bem.

— Se você me deixar, eu não vou conseguir começar tudo de novo. Eu me acostumei com você. Você é o que eu preciso pra minha vida. Por favor, Mari, não me deixa.

Demorei a entender o que eu estava prestes a fazer, mas se era para manter o Breno em segurança eu tinha que concordar com isso. Eu não conseguiria ser feliz, em cima da tristeza dele. Eu não podia ver que por minha causa alguém pensa em acabar com a própria vida e não fazer nada para ajudar.

— Você me deixou ser feliz esses anos, Mari, você foi a companheira perfeita. Nunca se importou com as minhas saídas, sempre foi uma amiga. Eu nunca vou encontrar alguém como você... Fica comigo?

Jurei para mim mesma, que ficaria com o Breno só até quando ele melhorasse e depois retomaria a minha vida. Mas para isso, para manter o Breno a salvo, eu teria que me afastar do João e mesmo me doendo tanto, era isso que eu iria fazer. A vida do João não depende de mim, já a do Breno sim. Preciso ser humana e pensar além do que eu sinto, além da minha felicidade.

— Tudo bem. — falei com um fio de voz — fica bem agora, que temos um casamento para organizar.

Percebi seus olhos ganharem um brilho que não estava ali antes. E nunca, em todos os anos que vivi com o Breno, tinha imaginado que ele me amasse tanto a ponto de tirar a própria vida por minha causa.

Fiquei mais um tempo com ele, segurei as lágrimas e tentei me mostrar feliz com o nosso recomeço, pelo menos por hora, mas percebi sua impaciência, como se quisesse que eu fosse embora e com a desculpa de que eu não estava passando bem e com a tristeza em meu rosto, me despedi dele.

— Mari, pede para o Santiago entrar, por favor?

Assenti, soprei um beijo sem vontade e saí do quarto.

Foi a porta fechar atrás de mim, que o choro me invadiu com força, mais uma vez eu teria que me afastar do homem que eu amava, não por vontade minha, mas forçada a isso por conta de outras pessoas.

João

Acordei com o meu celular tocando e meus olhos pareciam cheios de areia. Resultado da noite de amor com a minha loirinha de sardas. Aquelas sardinhas que sempre me deixavam mais apaixonado por ela.

Ficamos conversando sobre coisas banais e evitamos falar sobre nós, sobre a nossa relação, mas quando ela foi embora, me deixou com a esperança de que estávamos bem.

Levantei meio sonolento, mas o toque insistente do meu celular me despertou.

— Oi, minha gata. — cumprimentei carinhosamente quando vi que era a Mari que me ligava. — Já está com saudade?

— João, será que eu poderia ir até sua casa para conversarmos?

Percebi sua voz triste e embargada.

— Claro, mas o que está acontecendo?

— Prefiro conversar com você pessoalmente. Vou te atrapalhar?

— Não, de maneira nenhuma.

— Então estarei aí daqui a pouco. — ela estava chorando.

— Mari? O que está acontecendo?

— Acho melhor conversarmos pessoalmente. Me espera que já estarei aí.

Nos despedimos, desliguei o celular e fiquei a esperando chegar com uma angustia que me matava. Eu sabia, só pelo tom de voz com que ela falou comigo, que não era um assunto bom. Não passou muito tempo, Mari chegou e fui recebê-la na entrada da minha casa.

— Oi. — Dei um beijo nela, percebi o quanto estava abatida e parecia ter chorado muito. A peguei pela mão, entramos, nos sentamos no sofá da sala e logo perguntei: — O que está acontecendo? Você está me deixando preocupado.

— João... — ela suspirou. — O Breno tentou se matar.

— O quê?

— Foi essa noite, depois de toda aquela briga, enquanto nós estávamos...

— percebi que a culpa estava tomando conta dela.

— Não! Mari, não se culpe.

— Como não? — ela começou a chorar de novo, e porra, eu não aguentava mais vê-la chorar.

Abracei-a forte e ela disse encostada ao meio peito.

— Fui vê-lo hoje e prometi que me casaria com ele.

Afastei-a de mim para olhá-la nos olhos.

De novo não!

— Mas e nós? — tenho certeza que ela notou o quanto de urgência eu tinha nessa pergunta.

— Vamos ter que dar um tempo. — Mariana não me olhava.

Caralho, quando eu penso que vamos resolver tudo e enfim andar para frente, algo acontece e nos separa de novo. Eu não aguento mais isso!

Levantei-me, passei as mãos no rosto e andei de um lado para o outro na sala da minha casa, como se procurasse palavras ou uma saída para essa situação.

— Um tempo? Mais tempo?

Ela olhava para as mãos.

— Eu não posso deixá-lo agora. Breno disse que precisa de mim.

— Ele precisa de ajuda profissional, não de você, quem precisa de você sou eu!

Ela me olhou.

— E eu, preciso que você... Só que... Me espera, João?

Fiquei pensando nos dois juntos, reuniões em família em que ele seria bem aceito, os dois preparando o casamento, ela tentando deixá-lo feliz e eu? Onde eu estaria? Esperando... Esperando as migalhas que a vida jogaria para mim, que a Mariana jogaria para mim. Realmente eu não sou tão altruísta assim, não consigo pensar na felicidade dele, que está doente, antes da minha.

— Não dá. — falei baixo, com as mãos na cintura.

Ela me olhou triste e eu continuei:

— Estou cansado de esperar, de viver separado por você e com você na cabeça. Viver a mercê do que sobra para mim. Quero ser amado incondicionalmente. Quero ser escolhido, quero ser feliz.

Eu tentava não sentir raiva, mas as minhas palavras eram carregadas dela.

— Você sabe que eu não sou assim, João. Você sabe que eu não conseguiria virar as costas para alguém que precisa de mim, seja quem for.

— É mais fácil virar as costas para mim? — perguntei magoado.

— Não! Isso me mata. Minha maior vontade nesse momento é ser feliz com você, mas agora não dá. Só te peço um tempo.

— Tempo enquanto você vai estar com ele e eu vou estar sozinho?

Ela me olhou e não respondeu.

Ficamos nos encarando, ambos com suas razões, ambos sofrendo e... Foda-se!

— Olha, Mariana, sinto que na verdade eu só tenho atrapalhado a sua vida. Você... Bom... Ah, enfim... — ter que por um ponto final estava acabando comigo e eu estava lutando contra as malditas lágrimas. — Espero de verdade

que você consiga fazer com que ele fique bem. Mas eu vou seguir a minha vida. Já te esperei por tanto tempo... Tempo de mais.

Ela assentiu.

— Tudo bem. Quero que você seja feliz, mas quando tudo isso terminar e eu estiver livre de todas as amarras, espero do fundo do meu coração que você também esteja livre para mim.

— Acho que você nunca vai estar livre para mim de verdade.

Ela levantou, veio até mim e passou a mão no meu rosto, fazendo meu coração saltar.

— Eu amo tanto você... Mas...

Sorri em desdém.

— Sempre terá o “mas”, uma armação ou alguém, depois do eu te amo.

Ela abaixou a cabeça e se afastou.

Silêncio.

Ambos sofrendo.

Eu tinha que por o ponto final.

— Você pode ir embora? — falei e eu estava chorando, porra!

De novo, por ela.

Ela me encarou também chorando.

— Por favor... — pedi sem olhá-la.

— Me desculpa? — ela falou.

Não disse nada e continuei sem encará-la.

Mordi o canto da minha boca.

Mais uma lágrima escorreu dos meus olhos e a enxuguei de pressa, funguei e olhei para o lado.

Mariana se virou em direção à saída, mas antes de sair virou-se e me disse com a voz embargada:

— Eu te amo e se estou fazendo isso, é por que não vou conseguir ser feliz com você, passando por cima da felicidade de alguém.

Dito isso ela saiu da minha sala, me deixando sozinho, sem nem um beijo de despedida, sem um abraço, fiquei somente com o vazio que a ausência dela deixou.

Inferno!

Sentei no meu sofá, encarei o nada e sofri mais uma vez a sua falta. Pelo menos dessa vez teve uma despedida. Agora acabou e não irei esperá-la.

Capítulo quinze

Mariana

Já fazia quase um mês, desde o dia em que Breno tentou se matar e que eu estava me sentindo morta mesmo estando viva. Em uma das poucas vezes em que saí de casa para ir visitar a Isa, vi o João e sei que ele me viu, apesar de ter virado o olhar para o outro lado contrário do qual eu estava. Soube pela Isa, que a mãe dele estava muito magoada por ver o filho sofrer, mas apesar disso ela me entendia, tentou conversar com o João sobre isso e amenizar seu sofrimento e sensação de ter sido trocado. Mesmo entendendo que ele se sentia assim, eu espero que um dia ele entenda que eu nunca o trocaria, eu o amo demais, mas não podia colocar o nosso amor acima da vida de alguém e Breno precisava de mim.

Eu estava um caco, me sentindo coagida, manipulável e sem rumo. De um lado tinha o Breno que estava psicologicamente doente e usando a sua bagunça psicológica para me manipular, com a ajuda da minha mãe e do meu pai que era manipulado pela minha mãe. Do outro, tinha o João que estava quebrado, com o coração partido e eu era a culpada. A única feliz nessa história era realmente a minha mãe.

Miguel tentava me ajudar, dizia para eu largar tudo e ficar com o João, já Vanessa dizia que no meu lugar ela agiria da mesma forma que eu.

Breno me deixava confusa, pois ele dizia me amar a ponto de tentar tirar a própria vida, mas desde que eu decidi por ele, quase não o vejo. Na verdade não faço questão, mas que amor era esse que ele não sentia vontade de ficar perto de mim? Quando o questionei sobre isso, Breno alegou que tinha que dar mais atenção ao Santiago que não conhecia ninguém por aqui, que além do Santiago, também tinha o tratamento com a psicóloga que lhe tomava uma grande parte do seu tempo e ele queria ficar bem para mim.

Após alguns dias nesse noivado estranho, era uma noite de sábado e tínhamos combinado um jantar em família para marcarmos o casamento para os próximos dias, pois o convite estava escolhido e a gráfica precisava de uma nova data. Eu não queria, tentei enrolar o quanto pude, mas era muita pressão da minha família, da família do Breno e do próprio Breno, que parecia eufórico para voltar para Portugal.

No dia do jantar, Breno passou o dia na casa da minha família, porém, fazia tudo para tentar sair dali e se manter o mais distante possível. Minha mãe o segurava a todo custo, tentava nos aproximar, enquanto eu fugia a todo custo, me sentia avoada e com a cabeça em outro lugar, ou melhor, em outro alguém.

Quando o horário do jantar estava próximo fui me arrumar, depois de pronta desci as escadas vindas do meu quarto e para não ficar na sala com a minha mãe, que agora estava sozinha, passei me esgueirando pelos cantos, para ir direto para a cozinha, onde eu me sentia muito mais a vontade.

— Menina, você anda tão triste. — Maria disse quando entrou na cozinha e me viu de cabeça baixa e juntando migalhas inexistentes na mesa.

— Ah, tô sem motivos para ficar feliz.

— E você acha que é certo você se privar da sua felicidade pelos outros? — falou, colocando a mão na cintura.

Fiquei em silêncio e eu nem tinha mais lágrimas para chorar.

— Mas também não posso passar a ser o motivo da infelicidade e da morte de alguém.

Maria soprou irritada.

— Acho que você precisa abrir seus olhos.

Olhei para ela com os olhos semicerrados.

— Do que está falando?

Ela balançou a cabeça, com os olhos arregalados, como se tivesse se arrependido do comentário.

— Não é nada, Marizinha, só não quero te ver assim.

Sorri para ela sem vontade.

— Vai passar. Alguém já chegou para o bendito jantar? — mudei de assunto.

— Só o Santiago e avisou que os pais do Breno já estão a caminho. — Maria falou mudando o olhar de mim, como se estivesse incomodada com algo.

— Eles estão no mesmo hotel, eu não entendo por que eles não vieram juntos.

— Vai ver esse Santiago quis vir mais cedo e ficar um pouco mais com o Breno. Ele está sempre com esse Santiago, né? — percebi algo a mais nessa pergunta.

— Sim, são muito amigos.

— Mari... *hummm...* Você já deu uma olhada lá nos fundos, na estufa, depois que voltou?

Estranhei a pergunta.

— Acredita que ainda não?

— Vá lá dar uma volta, menina. O orquidário está lindo e florido. Quem sabe isso não te deixa mais feliz. — mas ela estava estranha quando me sugeriu o passeio.

Assenti, dei um beijo nela e saí da cozinha. Passei pelo jardim da casa e fui em direção à estufa onde desde quando eu era pequena, minha mãe tinha um

orquidário. Há alguns anos, quando eu era criança, sempre que eu estava triste, ia até lá e ficava observando as flores, pois além de ser afastado da casa, era silencioso e quase ninguém ia até lá, ou seja: ninguém me achava e era isso que eu estava precisando no momento. Talvez Maria tivesse se lembrado disso e por isso sugeriu a visita.

Fui caminhando, chutando pedrinhas e pensando no que eu poderia fazer para dar um jeito na minha vida. Eu só queria viver feliz com o homem que eu amava. Pensei nos dias que passei com o João na praia; eles foram perfeitos e as memórias felizes foi o que me deu força para aguentar os dias longe do meu amor e a esperança de um dia repeti-las foi o que não me deixou surtar.

Eu já estava próxima da entrada da estufa, quando ouvi falas vindas do lado de dentro. Não sei por que o meu impulso foi me esconder e me agachei. Fiquei escondida e de onde eu estava ouvi a voz do Breno:

— Tudo vai dar certo. Agora só precisamos esperar o casamento e vamos poder ter paz. Eu amo você.

Amo você? Ele tinha outra mulher?

— Eu também te amo. — a voz do Santiago.

Tampeei a minha boca completamente abismada com o que eu tinha acabado de ouvir. Houve um silêncio e quando me levantei os dois estavam se beijando.

Fiquei parada e os olhando com um misto de surpresa, decepção e me sentindo uma idiota. Fui até a entrada da estufa e os olhando meio sem acreditar no que via.

— Breno? — falei seu nome em uma pergunta e em fio de voz.

Eles se separaram e me olharam assustados.

— Não... — Breno tentou dizer algo, mas estava sem fala e mais branco que papel.

— Breno... O que é... Você mentiu? — No mesmo instante me veio à cabeça, ele tentando se matar por mim. — E toda a história de me amar? — Me veio também à cabeça eu me separando do João por causa dele — Eu mudei meus planos por sua causa.

A raiva me atingiu de um jeito que eu não consegui me controlar, parti para cima do Breno e comecei a socá-lo, enquanto o Santiago tentava nos separar. Meus gritos ecoavam altos pela estufa e pelo quintal da casa. Eu estava descontrolada e tomada por um ataque de fúria.

Não percebi o momento em que todos os que estavam dentro da casa saíram de encontro aos gritos e nos encontraram ali, mas quando os percebi, vi os olhares assustados em seus rostos. O pai do Breno sem entender ajudou o Santiago me tirar de cima dele, enquanto eu ainda me debatia e gritava entre

lágrimas:

— Você me enganou! Por quanto tempo tem me enganado?

— Do que você está falando, Mariana? — Minha mãe me perguntou.

Olhei para ela, em seguida puxei o ar para tentar controlar a minha respiração e me acalmar, porém, quando me veio em mente todas as vezes que minha mãe me disse que o Breno era o genro perfeito, eu não consegui segurar e ri em deboche. Fechei meus olhos, balancei a cabeça em negativa e quando os abri, soltei um riso nervoso, em seguida comecei a gargalhar e não consegui parar de rir e chorar ao mesmo tempo.

— Gay. — gritei. — O seu genro perfeito é gay!

Todos os presentes arregalaram os olhos em descrença, tiraram os olhares de mim e olharam para o Breno.

— Breno? — pai do Breno falou seu nome como se o pedisse uma resposta e estava pálido e sem saber o que mais dizer.

— Eu o peguei beijando o Santiago. Aqui, escondido e dizendo que o amava. Eu abdiquei do homem que eu amo por ele, para o manter vivo e ele estava mentindo! Estava brincando com a vida dele e com a minha. Mentiu que tentou se matar.

— Eu não estava. — ele enfim disse algo. — Eu realmente tentei me matar, mas não foi por você, Mariana, foi pelo Santiago. Eu não ia suportar ficar longe dele.

Houve um burburinho com a confissão do Breno e eu perguntei gritando:

— Mas se você estava livre de mim? Por que ficaria longe dele?

— Porque eu teria que arrumar outra esposa de fachada, mas nenhuma daria tão certo quanto você. Você sempre foi fria comigo, não se importava que eu saía com amigos, não ligava se eu chegava tarde e nem sequer perguntava onde eu estava. Era a mulher perfeita para eu me casar e mostrar para os meus pais que eu era hétero, enquanto mantinha uma relação paralela com o Santiago. — O pai de Breno nem piscava. — Já tem anos que eu e Santiago namoramos e ele aceitava que eu tivesse você para manter as aparências.

Desgraçado!

— Ah, seu filho da mãe... — voei para cima do Breno novamente, o estapeando com toda a fúria que eu sentia em saber que fui usada. Eu queria matá-lo!

— Para com isso, Mariana. — minha mãe falou alto, mas sem se mover. Como sempre sem emoção. Aí eu destinei a minha fúria a ela:

— Para com isso? Eu fui enganada! E abri mão da minha felicidade para manter a vida dele a salvo, enquanto ele estava me usando. E enquanto você o colocava em um pedestal. — olhei para o Breno e perguntei: — Até quando

você pretendia me enganar?

Ele deu de ombros.

— Até quando eu não dependesse mais do meu pai para garantir o bom nome do escritório. Tenho certeza que ele não aceita a minha opção sexual.

— Não mesmo! — o pai dele gritou. — Mas preferia sim ter um filho gay de boa índole, a ter um filho mau caráter como eu acabo de descobrir que você é. Agora tenho vergonha não da sua opção sexual, Breno, mas por você estar me fazendo passar por isso.

Breno estava chorando e seu pai continuou:

— Eu vou embora daqui e se você tiver o mínimo de vergonha na cara, deveria fazer o mesmo.

O pai do Breno saiu puxando a esposa pela mão, que chorava sem parar. Santiago estava de cabeça baixa e parecia envergonhado, meu pai quieto como sempre, ao lado da minha mãe, que mantinha a pose como se nada estivesse acontecendo.

— Eu vou subir para o meu quarto e não quero ver a sua cara nunca mais, Breno. Vou falar com o advogado para que eu consiga tudo que eu tenho direito, por esses anos no escritório. — me virei para sair da estufa.

— Mariana, espera! — Breno me chamou. — Não precisa de advogado, assim que eu voltar para Portugal, resolvo isso e te passo a sua parte.

Continuei andando sem olhar mais uma vez para ninguém que estava ali. Não acreditava que eu tinha deixado o homem que amava, para salvar a vida do Breno, quando ele não estava nem aí para minha vida e só pensava nele... *Arghhhh...* Que ódio!

Subi para o meu quarto e não demorou muito até minha mãe aparecer por lá.

— E agora, Mariana? O que você vai fazer da sua vida?

— Vou viver! — respondi de imediato.

— Olha, você poderia conversar com o Breno, tentar se acertar e...

— O quê? — a interrompi sem acreditar. — Ou você é louca ou não entendeu que o Breno é Gay.

— Ele pode estar confuso.

Olhei para a minha mãe e apenas balancei a cabeça em negativa. Não estava com forças para discutir mais.

— E quanto ao casamento? Que vergonha cancelar assim!

— Eu acho que você deveria ter vergonha de colocar convenções sociais e todo o resto acima da minha felicidade.

Ela bufou.

— Você não vai atrás daquele rapaz, não é? — perguntou com a

sobancelha arqueada em desdém.

Para ela era só o que importava.

— Eu vou! E vou ter sorte se ele ainda me quiser.

Minha mãe fechou a cara com raiva.

— Se você for, pode esquecer que tem mãe.

Olhei para ela não acreditando que estava me fazendo escolher entre ela e o João.

— Não entendo por que tenho que escolher.

— Não entende, Mariana? Então vou te explicar com todas as letras. Eu não quero o meu sangue misturado com o dele, não quero ter netos negros, não quero ter que apresentar um genro negro para as minhas amigas e não quero ter que conviver e recebê-lo na minha casa pela porta da frente.

Meu sangue subiu, deixando o meu rosto vermelho de raiva.

— Que tipo de pessoa desprezível você é? Em que século você vive? — eu estava olhando para a minha mãe com nojo. Como ela pode pensar assim? Como eu posso ser filha de alguém que pensa como ela?

— Eu sou do tipo de pessoa que não gosta de misturar a casa grande com a senzala.

— Meu Deus! Mãe, pelo amor de Deus, cala a porcaria da sua boca racista ou eu mesma vou abrir um processo contra você, por injúria racial. — eu estava gritando.

— Quer saber? Então vai, Mariana. Vai atrás do seu amor, — ela fez cara de nojo — mas não volte mais para esta casa.

Fiquei a encarando, sem reação. Mas se era assim que ela queria, eu iria fazer sua vontade e iria embora.

— Se é assim que você quer. Eu irei. Acho até que vai ser melhor para mim não conviver com uma pessoa tão amarga e tão pobre de espírito quanto a senhora.

Minha mãe virou as costas para mim, inabalável, e saiu do meu quarto, me deixando arrasada.

Fiz uma mala com o que eu iria usar de imediato, pediria para a Maria arrumar o resto que depois eu viria buscar. Quando eu estava passando pela sala vi meu pai sentado no sofá como se nada pudesse fazer, para frear as ações da minha mãe. Fui até ele e me sentei a sua frente.

— Pai, me diz que você não concorda com isso. — meu pai parecia tão fraco por conta da doença nos rins.

— Filha, eu tenho as minhas próprias batalhas para lutar e também, quem pode com a sua mãe?

Ri sem vontade.

— Talvez ela seja assim, justamente por pensar que ninguém pode com ela.

— Você precisa de ajuda com algo? Tem mesmo que enfrentar a sua mãe assim?

E com a segunda pergunta que ele me fez, percebi que eu não podia contar com a sua ajuda. Ri com pena e decidi não cobrá-lo uma atitude, afinal, como ele mesmo disse: já tinha uma batalha para lutar. Dei-lhe um beijo em sua testa e me dirigi à cozinha onde eu sabia que encontraria a Maria.

— Você sabia, não sabia? — perguntei.

— Ah, menina, não sabia com certeza, mas comecei a desconfiar quando eles conversavam mais cedo e ouvi, sem querer, uma conversa suspeita entre eles. — ela parecia triste em ver a minha tristeza.

— Podia ter me contado.

— É diferente de eu te contar e você ver com os próprios olhos. E foi melhor assim, pelo menos foi de um jeito que ele não teve como negar. E como falei, eu não tinha certeza de nada.

Assenti.

— Obrigada, Maria. Por sempre cuidar de mim.

— Você sabe que sempre te amei como filha, Marizinha.

Despedi-me de Maria e saí da casa dos meus pais para um hotel. Pensei que por enquanto as minhas economias dariam para pagar um, até Breno me mandar a minha parte no escritório e eu conseguir me estabilizar aqui, na minha profissão.

Entretanto, foi eu chegar ao hotel, que meu irmão me ligou dizendo que já sabia de tudo o que tinha acontecido e que Vanessa estava o obrigando a ir me buscar para ficar na casa deles, o tempo que fosse necessário.

Aceitei a oferta e fui para a casa do meu irmão, que foi me buscar no hotel imediatamente. No caminho perguntei a ele se nossa mãe não o podia prejudicá-lo por me ajudar e ele me garantiu que quem dependia dele, era ela.

Após me instalar em um quarto na casa do meu irmão, virei a noite pensando que merda que a minha vida tinha se tornado: estava sem o amor da minha vida, brigada com a minha mãe, morando de favor com o meu irmão e dependendo de um acerto com o Breno para dar um reinício na minha vida.

Rezei para que aquela maré de negatividade passasse logo, porque eu só queria ser feliz e ficar um único dia sem derramar uma lágrima.

João

Minha vida estava estranha!

Fiquei tanto tempo levando a vida na vadiagem, uma aqui outra ali, só iludindo as mulheres e buscando em cada uma a mulher que eu amava, que após voltar a viver o amor totalmente entregue como eu voltei a viver com a Mariana, foi como se a queda com o abandono dela fosse maior e ficar sem a Mari, acabou comigo. Me fez perder toda a graça nas coisas que eu gostava, nem ir para a *Angels* me fazia bem. Porém, decidi voltar para a cachorrada e a cada dia um tipo de mulher diferente estava me usando como queriam. Sim, naqueles dias eram elas que me usavam. E Mônica quando não estava de plantão, também me ligava para “conversar”.

Era final de semana e eu estava no balcão da *Angels* conversando com um dos *barmans*, quando olhei para a entrada e vi Isa, Jean, Miguel e Vanessa entrando. Fiquei feliz, pois há semanas eu não os via, me isolei após ser abandonado pela Mariana, só dei atenção a *Angels* e não atendi ao telefonema de ninguém. Não queria ouvir as baboseiras das pessoas me dizendo que tudo iria se acertar, entretanto ao vê-los ali, percebi que era dos meus amigos que eu estava precisando na verdade.

Acenei para eles, mas no momento em que eles deram mais alguns passos em minha direção, vi aquela cabeleira loira que me enlouquecia e percebi que Mariana vinha logo atrás do irmão. Então rezei:

Que Deus me ajude!

Procurei em volta deles o maldito do noivo, mas não o vi. Que se foda! Não vou me deixar abater com isso. Com certeza meus amigos perceberam de cara, que eu não estava bem com a presença da Mariana ali.

Pedi uma dose de *vodka* para o barman e tomei um gole generoso, fazendo descer queimando goela abaixo e tentando assim dar uma desacelerada no meu coração traidor que só de olhar para ela, começou a bater forte. Ela estava tão linda!

— E aí, cara? Você está sumido! — Miguel me cumprimentou quando se aproximou. — Te liguei esses dias.

— Tenho andado com muito trabalho, desculpa aí, cara? — falei apertando a mão dele e dando dois tapinhas de macho em suas costas.

— Sim, está tão ocupado que nem para sua mãe tem arrumando tempo, né? Como você está, amigo? — Isa perguntou com um olhar cúmplice. — Tia Carmem me contou que você não vai vê-la há dias.

— Estou bem, mas anda tudo muito corrido, vou vê-la amanhã. — olhei

para a Mariana, que não me olhava, mas percebi que ela prestava atenção na conversa. — Mas estou ótimo. — completei e enfim ela me olhou e me deu um aceno de cabeça.

— E aí, cara? Você não apareceu mais em casa para brincar com o Arthur. — Jean falou rindo notando que eu não tirava os olhos da Mariana.

— Irei, nos próximos dias. Estou com saudade dele.

Fiquei esperando ela falar comigo, mas Mariana não fez, então eu fiz:

— Como vai, Mariana? E o noivo? — eu não sabia ser sutil.

— Vou bem. Acho que vai bem também. — ela deu de ombros.

Acha?

Ah que se dane! Não ia conseguir ficar ao lado dela como amigo e ainda sabendo que ela não era minha e nunca seria.

Que seja então! Pensei que em algum lugar desse mundo, a pessoa certa para mim estava me esperando e eu iria começar a experimentar e testar muitas erradas na tentativa de achar a certa.

Vi uma morena gata dançando sozinha perto do bar e pensei: que comecem os testes!

— Pessoal, fiquem a vontade aí e qualquer coisa me chamem.

Fui andando em direção à morena, sem olhar para trás, sem me preocupar com quem estaria olhando meus próximos passos.

— Oi, gata. — falei quando me aproximei da morena.

Por sobre a música ela me disse seu nome, que eu nem ao menos fiz questão de guardar, e já se mostrou completamente disposta ao que quer que fosse que eu quisesse com ela. Era sempre assim quando eu me aproximava das mulheres na *Angels*, mas às vezes eu só queria que alguma me dissesse não ou fosse um pouco mais difícil, para aguçar um pouco mais meu interesse.

A música Cara bacana, um funk do Mc G15, começou a tocar e a moça me puxou em direção à pista. Aquela altura eu já era conhecido pelos frequentadores, por dançar. Fui dançando passo a passo, segurando um copo de bebida e fazendo passos de *hip hop*. Peguei a morena pela mão, tentei trazê-la junto comigo e dancei sensualmente em volta dela. Eu tinha certeza que Mariana me olhava de onde ela estava e isso me deixava ainda mais no gás para dançar. Eu sabia o quanto ela gostava de me ver dançando, mas eu não iria mais dançar para ela.

“... Amor
Sou esse cara que você
Está vendo
Sou problemático

*Um pouco ciumento
Mas você sabe que eu sou foda
Na cama
Por isso que me ama...”.*

A música tocava alta e era só eu começar a dançar que logo uma roda se abria a minha volta e as pessoas davam espaço para eu fazer meus passos. Um boné preto apareceu na minha cabeça e logo o virei para trás e dancei fazendo alguns passos sensuais na parte em que a música dizia que eu era foda na cama. Os movimentos sensuais faziam as mulheres dar gritinhos e eu sorria divertido. E aí para aguçar ainda mais o desejo delas, ergui um pouco a barra da minha camisa e mostrei o abdômen, as fazendo ir ao delírio, enquanto a morena a minha frente fazia cara de desejo e eu dançava em volta dela.

Olhei de relance para o bar e vi Miguel e Jean rindo feito bobos, parecendo tirar sarro do meu show, enquanto Vanessa e Isa pareciam consolar Mariana.

Qual é a dela, cara? Cadê a porra do noivo pelo qual ela me trocou?

Chamei meus amigos para pista e eles riram negando.

Voltei a minha atenção para a dança e me juntei à morena. Comecei a fazer ondinhas no corpo, que estava bem próximo ao dela. A gata parecia muito afim e aí quando eu menos esperava, fui pego pelo rosto, a morena me beijou e gritos tomaram o lugar.

Eu só conseguia pensar nos olhos verdes que com certeza estavam me observando do bar.

Foi ela quem escolheu assim.

Mariana

Meu coração estava apertado.

Como se eu estivesse acompanhando uma parte importante de um filme.

E aí a moça o beijou.

Droga! Como eu fui burra! Claro que ele estando disponível era isso que acabaria acontecendo.

— Mari...

— Está tudo bem! — logo interrompi qualquer coisa que Isa pudesse falar e me fazer chorar.

— Está tudo bem mesmo, Mari? Podemos ir embora se você quiser. — Vanessa disse pousando a mão no meu braço.

— Sim. Tudo ótimo. — virei-me para o *barmam* e pedi uma bebida, o entregando o meu cartão magnético para anotar o pedido. Quando ele me trouxe a tequila, bebi em um só gole, após chupar o limão com sal.

— Vai com calma, maninha! — Miguel disse fazendo careta para a minha careta, após eu ter tomado a bebida.

— Está tudo bem! — falei com firmeza, ainda sentindo a bebida queimar.

Dias antes quando liguei para a Isa contando tudo o que aconteceu, no dia seguinte a minha descoberta sobre a vida dupla do Breno, ela disse que me ajudaria a ter o João de volta. E eu estava tão arrependida, tão culpada por não ter o escolhido acima de qualquer coisa, que jurei para mim mesma que o teria de volta e dessa vez seria para sempre, independente de qualquer coisa.

Entretanto, eu não sabia que seria tão difícil, até fui ingênua a ponto de achar que ele ainda estaria me esperando. Porém, quando cheguei perto dele na *Angels*, fiquei com vergonha e mal consegui olhá-lo. Imediatamente me arrependi de ter chamado a galera para ir até lá. João parecia leve e parecia estar bem.

Também, o que eu queria? Que ele me visse e viesse correndo para mim?

Sim, era isso que eu queria!

Fazia três dias que eu estava na casa do Miguel, pensando bem era tudo muito recente, no entanto, pensei que já tínhamos perdido tempo demais, aí então resolvi ir atrás do João e para minha tristeza era isso que estava me esperando.

Mas se ele pensou que iria me afastar estava muito enganado, eu já tinha me afastado demais. E a única certeza que eu tinha naquele momento era que eu o queria de volta.

Desencostei do balcão e fui para a pista. Sabia que ele ainda me amava e

se eu o provocasse, João voltaria para mim. Comecei a rebolar no ritmo do funk e para que eu não ficasse sozinha, Vanessa e Isa me acompanharam dançando comigo e rindo. Percebi que os olhos do João me observavam e ele já não beijava mais a “caça *Angels*”.

Ele não perdia nenhum movimento meu, entretanto, para o meu completo desespero, João se virou e foi para o bar com a moça que ele estava dançando.

Argh! Ia ser mais difícil do que eu imaginava.

Fui atrás dele.

Minhas amigas tentaram me impedir.

Nada me impediria!

João sentou-se em um dos bancos altos do bar e apoiou o braço no balcão, dando atenção para a mulher que estava com ele. Parei ao seu lado, com os braços cruzados e mostrando toda a minha insatisfação.

— Você não vai ficar com ela! — falei alto por sobre a música e nesse momento meu irmão, cunhada e casal de amigos já estavam ao nosso lado, tentando me tirar de lá e evitar o meu vexame.

João me olhava sem entender, ainda sentado e agora com os braços cruzados na frente do peito.

— Nem com ela e nem com nenhuma outra mulher.

Ele franziu o cenho, mas continuava inabalável.

— Porque você é meu! — cutuquei o peito dele com o indicador e a perigete ao lado dele, me olhava com desdém.

João mordeu o canto da boca parecendo incomodado.

— Fala alguma coisa! — gritei.

— Mari, vamos... — minha cunhada tentou me parar.

— Falar o quê? Você já fez a sua escolha. — João falou dando de ombros como se eu não fosse nada para ele.

— Escolha? Eu não tive escolha! Nunca, em toda a minha vida, eu nunca tive escolha. — lágrimas ameaçavam cair. — Na verdade, o que me faltou escolher, foi a mim mesma.

Ele me olhou sem dizer nada.

— E o que você quer agora? — perguntou depois de alguns segundos.

— Eu quero você!

A moça ao lado dele revirou os olhos e falou:

— Muito drama pra mim. Tô fora! — e saiu, deixando João e eu nos encarando.

— Agora você quer? — João perguntou, sem se abalar com a saída da moça.

— Não agora, mas sempre quis!

Ele olhou para o lado, como se não acreditasse no que eu dizia.

— Bom, tá cedo, mas não é melhor irmos embora, maninha? — Miguel perguntou tentando acabar com a tensão entre João e eu.

— Não, eu quero ficar.

Pedi mais uma bebida ao barman.

— Mariana, acho que já deixamos claro o que queremos. E você já até fez a sua escolha.

— Minha escolha sempre é você. A não ser quando eu não tenho escolha. Mas se você pensa que vai se livrar de mim tão fácil, está enganado! Cansei de ser manipulada e agora estou muito obstinada a ter o que eu quero. Como eu disse, o que eu quero é você!

Ele me olhou e não disse mais nada, então decidi dar espaço, peguei a minha bebida e estava indo em direção a pista, quando ele perguntou:

— Cadê seu noivo?

Soltei um riso em desdém para a pergunta.

— Sobre ele, eu só te digo que eu sou muito burra. E muito fácil de ser enganada, afinal, — dei de ombros. — todos fazem isso comigo.

Doeu me lembrar do quanto já me manipularam e usaram da minha mania de não gostar de magoar o próximo, para me fazer aceitar tudo o que querem que eu faça.

Deixei o João pensando sobre o que eu falei e puxei minha cunhada e minha amiga para a pista de dança comigo, enquanto lá do bar nossos meninos nos olhavam. Tentei não pensar e nem olhar para o João, tentei imaginar que ele não estava ali e foquei apenas na diversão com minhas amigas. Apesar de que estava doendo ainda não ter me acertado com ele... Ainda!

Tempos depois da nossa conversa, ele subiu para o seu escritório e ficou lá a maior parte do tempo, o que foi bom para mim, pois a distância dele me deu mais chance de tentar me divertir.

A noite passou voando e já era quase quatro da manhã quando decidimos ir embora. Depois que o João se afastou de nós não o vi mais, apesar de procurar insistentemente por ele. Miguel pediu para um dos *barmans*, avisá-lo que estávamos indo e que ligaria para ele depois.

Nos dirigimos a saída e a todo tempo eu ficava varrendo o lugar com o olhar, na espera de que João estivesse me observando de algum canto. Não estava. Então tive uma ideia.

Fui até o balcão do bar, pedi uma caneta e um guardanapo ao *barman* e escrevi:

“Eu amo você. Sempre amei e para sempre vou amar. Me desculpa por

ter feito escolhas erradas? Agora está em suas mãos. Você sabe como me achar.

*Beijos
Sua Mari.”*

Entreguei o bilhete para o barman e pedi para que ele entregasse ao João. Saímos da *Angels* e uma chuva fina caía, mas com jeito de que iria engrossar a qualquer momento.

Enquanto esperávamos o manobrista trazer o carro do Miguel, pensei na forma como a noite estava acabando. Não era assim que eu esperava que ela terminasse quando decidi sair de casa mais cedo e sim que eu chegasse aqui e que eu e João nos entendêssemos.

O carro chegou, fomos até ele correndo entre os pingos de chuva e quando terminamos de entrar, uma tempestade forte começou a cair. No momento em que todos se secavam e sorriam eufóricos por termos conseguido entrar no carro minutos antes da chuva forte cair, eu olhei para fora da janela e enxerguei uma figura, alta, forte e que eu tanto amava. João estava encostado em um canto afastado da entrada da *Angels*, completamente ensopado, mas com as mãos nos bolsos e parecia pouco se importar para a chuva forte que o molhava. Olhando para o céu ele parecia pensar em algo que o fazia sofrer. O carro que eu estava se afastou e minha vontade era apenas correr para ele e tirar aquele olhar triste do seu rosto, porém, eu esperaria o seu tempo. O tempo que fosse necessário.

Capítulo dezesseis

Mariana

No dia seguinte acordei e não parava de pensar no olhar triste que vi no rosto do João. A vida toda agi de forma errada com ele e no que dependesse de mim, eu iria fazer de tudo para que ele me perdoasse. Entretanto, percebi que não era só pedir desculpas e estava tudo resolvido, eu teria que fazer mais, pois ele nem sequer tinha respondido o pedido de desculpa que eu tinha deixado, ou talvez ele não tivesse recebido.

Fiquei pensando em uma maneira de surpreendê-lo, algo que fosse único e que nem uma mulher tivesse feito para ele ainda e aí olhando pela janela do quarto em que eu estava hospedada na casa do meu irmão, eu vi o jardim.

Flores!

Mas nem uma mulher manda flores.

Ah, comigo não tem isso de ser coisa de homem, eu vou surpreendê-lo sim e se ele deixar ainda o peço em casamento. Eu só queria consertar a burrada que eu fiz.

Liguei na floricultura e perguntei o significado de rosas brancas e a vendedora me disse que em uma relação amorosa significa que você quer do parceiro uma relação sólida, estável, pura e eterna. Eterna... Quando ela disse essa palavra, eu já não quis saber o significado de outra cor. Era isso que eu queria do João, queria a eternidade e queria que ele fosse para sempre meu. Meu *Angel*. Meu anjo.

Pedi para que entregassem, com o significado das rosas escrito em um cartão e assinado por Mariana. Fiquei as horas seguintes esperando um sinal de vida do João, que nunca chegou. Liguei para a floricultura que me garantiu que as rosas já tinham sido entregues. Fui correndo para o meu celular me certificar de que ele não tinha enviado uma mensagem, mas realmente não tinha.

Não acreditei que mais uma vez João nem sequer tinha me respondido.

Me acalmei pensando que ele podia estar ocupado. Então para dar mais tempo para ele, fui resolver umas questões de banco via internet e com isso percebi que o Breno tinha depositado uma boa quantia na minha conta. Que bom, pelo menos nisso cumpriu com a sua palavra depois de tudo que me fez.

Apesar, que mesmo depois de todo o dano que Breno causou na minha vida nos últimos tempos, não consigo sentir raiva dele, pois há alguns anos ele me ajudou a sair da tristeza. Sei que o Breno também foi vítima de uma família e de uma sociedade muito preconceituosa, tão vítima que até tentou tirar a própria vida por conta de todo estresse emocional que estava vivendo, mas também

pensando melhor, isso não justifica ele ter me usado de uma forma tão sórdida e com isso causar o meu estresse emocional.

Na tentativa de me ocupar, liguei para o meu pai, o perguntei sobre o seu estado de saúde e graças a Deus ele não tinha piorado, não estava bem, mas só de não piorar já estava bom. Perguntei pela minha mãe e ouvi meu pai avisá-la que estava na linha comigo e a sua resposta foi: eu não tenho filha. Isso me deixou muito triste, mas um dia ela aprende e tenho fé que ela mude.

A noite caiu e tentei não pensar nas flores e na tristeza pela falta de uma resposta. Nenhuma mensagem ou ligação do João chegou.

No dia seguinte, já cansada de esperar um sinal, um agradecimento ou uma mensagem sequer do João e triste por não ter conseguido reconquistá-lo, tentei pensar em outra coisa, mas a melancolia me atingiu. E além de toda a história do João tinha a história com a minha mãe que me deixava completamente pra baixo.

Fiquei trancada no quarto sem vontade de nada, até que juntei minha força de vontade de seguir em frente e liguei para a Isa, a fim de conseguir conversar e tirar esse peso de mim, que o silêncio do João e todos os outros problemas deixaram.

— Fala, gata! — Isa me atendeu.

— Tô deprimida.

— Então pode parar de ficar.

Com o celular na orelha, voltei a deitar na cama do quarto em que eu estava hospedada na casa do meu irmão. Que decadência, morando de favor.

— Ah, amiga, olha pra mim: uma mulher sem emprego, morando de favor com o irmão e sem o homem que ama. Tudo porque fiz escolhas erradas. Como posso não ficar deprimida?

— Lutando. Escolhas erradas todos nós fazemos, mas você pode escolher ficar chorando ou erguer a cabeça e lutar pelo o que você quer.

Respirei fundo.

— Queria que fosse tão fácil assim. Acredita que mandei rosas para o João e ele nem me respondeu?

Ela riu do outro lado.

— Que lindo! Você mandou rosas? Queria ter visto a cara dele. Mas sabe, Mari, tanto eu quanto a mãe dele tentamos falar com ele ontem e não tivemos resposta. E a dona Carmem saiu em uma excursão com a turma da escola e não conseguiu ir ver como ele estava. Aí você me falando que ele não te respondeu, até fiquei preocupada. Ele não é de fazer isso.

— Seria muito desespero ir atrás dele?

— Não, e até seria bom, porque não faz o tipo do João receber flores e

nem sequer agradecer. Acho que até que nunca nem recebeu flores na vida dele. Pensa se ele não iria ao menos te ligar.

— Tem razão. Vou lá.

— Isso e me mantenha informada.

Despedi-me da minha amiga e me arrumei para ir até a casa do João. Coloquei uma roupa simples e uma maquiagem leve para não parecer muito desesperada. Chamei um táxi e pensei que eu deveria me organizar financeiramente para comprar um carro o mais rápido possível. Quando o táxi me deixou em frente à casa do João, eu já sentia as minhas mãos suarem de ansiedade e um arrepio percorreu o meu corpo por não ter noção de qual seria a reação dele a me ver ali.

Toquei a campainha algumas vezes e ninguém atendeu. A casa do João era uma casa de muros altos, com um portão grande de madeira para o acesso a garagem e um pequeno na lateral, para a passagem de pessoas. Tentei olhar pela fresta do portão menor e ver se via a moto estacionada lá dentro em algum lugar, porém, quando me encostei ao portão, ele fez um “tec” e abriu. Coloquei a cabeça para dentro e avistei a moto do João estacionada na garagem. Fiquei pensando que se a moto estava ali, então com certeza ele estava dentro da casa. Mesmo morrendo de medo de entrar, eu juntei minha minúscula coragem e entrei na casa só pensando bobeira e imaginando que eu poderia encontrar o João morto, que eu encontraria uma cena de filme de terror ou que ele estivesse amordaçado devido a um assalto. Ai meu Deus! Bom, mas se ele tivesse sido assaltado teriam levado a moto e as demais coisas de valor.

Virei a maçaneta da porta, coloquei a cabeça para dentro e a casa estava silenciosa como se não tivesse ninguém em casa, dei uma verificada e os aparelhos do João estavam todos no lugar, então a casa não tinha sido assaltada.

Será que o João tinha saído e esquecido a casa aberta? Se ele voltasse e me encontrasse ali tomaria um susto. Fui rumo à cozinha e percebi que a casa estava meio bagunçada. Pensei em ir embora, mas ao fundo ouvi o barulho baixo de uma TV ligada e juntei a minha pouca coragem mais uma vez para ir dar uma olhada.

O som vinha do quarto do João e quando olhei para dentro o vi deitado em sua cama e dormindo pesadamente. Soprei em alívio que ele estava bem e não era nada da cena de terror que eu tinha imaginado na minha cabeça. Aproximei-me dele e como sempre me apaixonei de novo. Tão lindo!

Dei mais alguns passos para chegar mais perto e o enxergar melhor em meio ao monte de coberta em que ele estava envolto. Cheguei próxima dele e ergui a minha mão para lhe fazer um carinho, entretanto, foi a minha mão tocar a sua testa e eu senti o quanto ele estava quente.

— João! — comecei a balançá-lo tentando o acordar. — João, acorda.

— *Hummm...* — ele se mexeu relutando em acordar.

Puxei as cobertas e as tirei de cima do seu corpo, o balancei mais algumas vezes até que ele abriu os olhos e me olhou com eles semicerrados como se fosse difícil de abri-los.

— O que você faz aqui? — me perguntou engolindo, fazendo uma careta como se sentisse dor e voltando a puxar a coberta para si.

— Vim procurar por você. Você não respondeu ao meu presente. — olhei para o criado mudo ao lado da sua cama e as rosas estavam em uma jarra de suco, com água.

— Não respondi, porque o para sempre não foi feito para nós. — ele falou tentando não tremer de frio.

Coloquei mais uma vez a minha mão em sua testa e ele fechou os olhos vagarosamente, como se estivesse sem força.

— João, você está ardendo em febre. — olhei em volta a procura de algum lugar onde ele poderia guardar remédios. — Onde você guarda remédio?

— Não guardo. — ele resmungou sem vontade e espirrou em seguida.

— Isso deve ser uma gripe das bravas. Você está assim desde quando?

Ele apenas balançou a cabeça e puxou a coberta mais uma pouco. Revirei os olhos.

— Vamos, você precisa tomar um banho para a febre baixar. Vou buscar remédio, mas antes preciso tentar baixar a sua temperatura e te deixar um pouco melhor até eu voltar.

João resmungou que não iria e segurou o cobertor por sobre o ombro em busca de evitar mais um calafrio que passou pelo seu corpo, causado pela febre.

— Anda! — puxei o cobertor o deixando exposto e o forçando a se sentar. Ele tentou se cobrir novamente e eu não deixei. — Você vai tomar banho, João. Você está pegando fogo.

— Sempre que eu estou perto de você eu pego fogo. — ele tentou fazer graça, mas seu sorriso saiu forçado, no meio do rosto abatido pela febre e dos dentes batendo de frio. Eu sorri para ele.

— Vamos, você precisa de um banho.

— Tem coisa que eu preciso mais na minha vida que banho e eu não posso ter.

— Mas o banho você pode.

O ajudei a se levantar e fui o apoiando até o banheiro, onde ele tirou sua cueca *box* preta e a camiseta branca que estava usando. João tremia e gemia como se sentisse dor.

Homens... Morrem com uma gripe.

Deixei o banho com a água morna, quase fria, que caía sobre o seu corpo forte e fazia com que ele respirasse aceleradamente. Mesmo eu o vendo debilitado, não pude deixar de reparar no quanto ele era lindo e em cada parte do seu corpo. Deus, como eu o amava!

Enquanto João ainda estava no banho, eu troquei a roupa de cama que cheirava a suor e coloquei uma limpa que achei no armário, pensei se era a mãe dele, ele ou alguma empregada que tinha organizado tudo tão perfeitamente. Deixei uma cueca limpa e uma camiseta em cima da cama e levei uma toalha limpa para ele. O ajudei a se secar e o coloquei na cama novamente.

— Você não precisa cuidar de mim, eu me viro sozinho. — falou entre fungadas e um olhar caído. — Não se sinta obrigada a isso. Não preciso da sua pena.

— Não tô aqui por pena.

Ele estava de olhos fechados.

— Você devia ir embora. Seu lugar não é comigo, você pode escolher coisa melhor.

O encarei e não disse nada, apenas balancei a cabeça em negativo e saí do quarto para levar as roupas dele e as roupas de cama até a lavanderia. Liguei para a Isa e avisei sobre a gripe e que eu ficaria cuidando dele. Peguei um saco plástico para juntar todos os lixos que estavam na cozinha e achei saquinhos vazios de macarrão instantâneo. Não acreditei que ele estivesse comendo só *miojo*. Ele precisa comer algo mais forte.

Decidi que lavaria a pouca louça que tinha na pia, quando eu voltasse.

Voltei para o quarto, ele estava deitado de lado e eu me sentei na beirada da cama.

— Está se sentindo melhor?

Ele apenas assentiu de olhos fechados. Coloquei a mão na sua testa e ele estava mais fresco, mas ainda assim estava quente. Quando tirei minha mão da sua testa ele me olhou intensamente mesmo com os olhos murchos pela febre e nesse instante meu celular tocou.

Fui até a minha bolsa, vi que era a minha mãe e a atendi:

— Oi, mãe.

— Seu pai foi para o hospital. — nem um cumprimento, apenas curta e direta.

— Como ele está? Para que hospital ele foi? — perguntei já sentindo o meu coração apertar.

— Ele está no único hospital particular dessa cidade horrorosa. Ele está apenas com dor e os médicos estão examinando, mas você sabe que não gosto de hospital e como em Portugal era sempre você quem ficava com ele, achei que

você poderia ficar com ele aqui também.

Olhei para o João que me olhava, mas tentou disfarçar que não ouvia a conversa.

— Não posso. Estou ocupada e você não, então você terá que ficar com ele.

João me olhou admirado como se não esperasse que fosse ser essa a minha reação.

— Mariana, seu pai precisa de você.

— Não há nada que eu possa fazer aí que você também não possa e no momento tem outra pessoa que também precisa de mim. Assim que eu puder estarei aí.

— Aposto que você está com ele.

— Tchau, mãe.

João franziu a testa pra mim como se não acreditasse que eu havia escolhido ficar com ele. Desliguei o telefone e o guardei na bolsa.

— Se quiser ir, por mim tudo bem. Eu estou bem!

— Mas por mim não está bem. Já te deixei várias vezes em segundo lugar na minha vida, João, e isso nunca mais irá acontecer. Eu escolho você... Para sempre. — engoli em seco.

— Não sei se essa escolha é uma boa ideia. — ele falou mal humorado.

— Já fiz outras escolhas das quais me arrependo e tenho certeza que esta não será uma delas.

— Pode ser que seja.

Eu ia fazer uma réplica, mas percebi quando um tremor passou pelo seu corpo. Seus olhos estavam caídos e ele tinha olheiras embaixo dos olhos.

— Desde quando você não come?

— Eu comi hoje ou ontem.

Fiquei olhando para ele e passei a mão pela extensão do seu rosto.

— Eu vou cuidar de você!

Ele não respondeu.

— Vou sair e volto rápido. Não levante da cama! — Dei um beijo em sua bochecha que pegou no canto da boca, me fazendo sentir a quentura do seu corpo, esquentando o meu e não era de febre.

João

Eu estava morrendo!

Gripe dos infernos. Nem sei há quanto tempo eu não ficava doente assim.

Depois de um banho, escovar os dentes e roupas limpas, eu estava quase me sentindo melhor.

Senti um arrepio no meu corpo, quando os lábios dela tocaram meu rosto e o canto da minha boca. Mesmo me sentindo como se um caminhão tivesse passado por cima do meu corpo, eu ainda conseguia desejá-la, com isso quase juntei o resto das minhas forças para agarrá-la e jogá-la na minha cama, mas eu ainda estava magoado e me sentindo trocado.

Fiquei olhando-a sair, me lembrei da noite que a vi na *Angels* depois dela ter me trocado pelo noivo, então tomei aquela chuva que me deixou com essa gripe dos infernos. Naquela noite resolvi sair da *Angels* para tomar um ar e ver se aquele aperto no meu peito desaparecia. Começou a garoar, a chuva forte logo caiu e eu fiquei nela para ver se a chuva acalmava meu coração e esfriava o meu corpo, para que eu não fosse o idiota que sempre fui e corresse para a Mari como sempre, por isso apenas fiquei lá, parado na chuva e esperando tudo se acalmar dentro de mim.

Após a chuva, fui embora encharcado e de moto, aí no dia seguinte já acordei me sentindo mal e quando recebi as rosas que a Mari me enviou me pedindo para voltar, depois de muito que o entregador tocou a campainha, não consegui agradecê-la, nem pensar na nossa relação, pois para levantar juntei todo o resto de força que eu tinha, não sobrando assim, nada de força para ligar para ela e caindo na cama com febre. Eu só dormi e nem sequer me lembro de que horas acordei ou que horas comi. Nunca tinha pegado uma gripe tão forte.

Dormi sei lá quanto tempo mais depois que a Mariana saiu para ir ao mercado, até que acordei com um anjo loiro me acordando e segurando um prato fumegante de sopa. Mesmo ainda me sentindo mal, meu estômago roncou e também acordou com o cheiro delicioso que tomou conta do quarto.

Sentei, me ajeitando devagar, pois parecia que meu corpo todo formigava.

— Fiz a famosa sopa de entulho da Maria, pra você. — ela sorriu sem jeito — Se chama sopa de entulho, porque ela diz que pega tudo quanto é legume e faz a sopa. Não sei se está boa, porque nunca fiz, na verdade quase não sei cozinhar.

— Está com um cheiro bom.

Mariana sorriu envergonhada.

— E se por acaso estiver boa, também não posso levar os créditos, pois fui ao mercado e fiz a sopa, todo tempo com a Maria no telefone.

— Obrigado! — A olhei intensamente, em seguida dei uma colherada generosa na sopa e estava mesmo uma delícia. — Está muito boa. Mesmo eu não conseguindo sentir gosto direito pelo nariz entupido, mas está muito boa mesmo.

— Que bom, se o ramo da construção civil não der certo, posso tentar a culinária.

Ficamos em silêncio.

— Ah, toma. — ela me entregou um comprimido e um copo de suco de laranja natural. — Comprei um antigripal e o farmacêutico disse que este é muito bom.

Assenti e tomei o remédio. Estávamos agindo como dois estranhos, enquanto eu tomava a sopa. Ficamos em silêncio, mas uma pergunta martelava na minha cabeça e sem me aguentar eu perguntei:

— E o seu noivo? Não se importa de você estar aqui?

Ela ficou me olhando como se procurasse as palavras certas.

— Eu não tenho mais noivo... Ele é gay.

Parei com a colher no caminho para a boca por alguns segundos, até que saí do transe, continuei, engoli e falei:

— *Humm...* E como você descobriu isso?

— Eu o peguei beijando o amigo.

Assenti e ela olhava para as mãos.

— Então a história de se matar era mentira?

— Era verdade, mas eu não era o real motivo. Ele estava apenas me usando.

Ela me deu um sorriso tão apagado que fiquei com pena e tive vontade de abraçá-la, mas não o fiz.

Terminei a sopa, coloquei a travessa no criado mudo e terminei de tomar o suco. O silêncio entre nós ainda era presente. Mari parecia tão magoada, apesar de tentar esconder isso atrás de um sorriso sem jeito. Talvez cansada do silêncio, ela se levantou, pegou os utensílios e levou para a cozinha, me deixando sozinho. Passei as mãos no rosto e me sentia mais cansado psicologicamente que fisicamente. Olhei para as flores e me lembrei de que eu não tinha agradecido. Fui bem idiota!

Ri ao olhar para as rosas brancas. Eu nunca ganhei rosas.

Essa mulher sempre me surpreendendo.

Estiquei-me e peguei o cartão que veio com as rosas e o guardanapo que ela tinha me deixado na *Angels* dias antes. Li e reli o que estava escrito e não fazia a mínima ideia do que fazer. Era ela que eu queria, mas valia a pena tentar

de novo?

Esse vai e volta estava me machucando tanto.

Minha atenção foi tirada do cartão em minhas mãos, com a volta da Mari ao quarto.

— Deixei tudo limpo lá na cozinha.

Ela era tão linda.

— Obrigado!

Silêncio.

Ela olhou para os bilhetes em minhas mãos e depois para as rosas e parecia envergonhada e triste.

— Obrigado pelas rosas. — falei, olhando-a intensamente e ela encheu os olhos de lágrimas, mas parecia segurá-las bravamente.

Deu de ombros e disse sem jeito:

— Tentei inovar, mas acho que não sou muito boa com isso...

— Eu gostei... Muito. É que só agora estou vendo com lucidez.

Ela deu um sorriso apagado e eu me desculpei:

— Me desculpa por não ter ligado para agradecer.

Mari balançou a cabeça afirmativamente e sorriu ainda parecendo segurar as lágrimas.

— Eu que quero que me desculpe por te fazer sofrer, por conta das minhas escolhas erradas.

Ficamos em silêncio de novo.

— Vou indo! — ela falou se levantando, indo sentido a bolsa que tinha deixado sobre a poltrona e não esperou que eu dissesse algo. Eu queria dizer, mas também estava tão magoado. — Se precisar de alguma coisa, me liga.

Eu a estava olhando, enquanto ela colocou a bolsa no ombro e se virou para mim de novo.

— Ééé... E você precisa trancar a porta, qualquer um poderia ter entrado que não fosse eu.

Assenti a olhando. Ela era tão bonita.

Mari me olhou e parecia esperar que eu dissesse algo.

Eu engoli em seco.

Silêncio entre nós.

No entanto dentro de mim tudo gritava por ela, eu lutava contra mim mesmo. Um lado dizia para que eu desse mais uma chance para nós e com o outro lado eu pensava que ela tinha me trocado e eu tinha que ter o meu orgulho.

— Vou indo. — Mari veio até mim, me deu um beijo no rosto com um olhar triste em seu rosto, que acabou comigo. Então quando ela foi se afastar, eu segurei seu braço e disse:

— Você tem que ir? — ela balançou a cabeça em negativa e engoliu em seco. — Então fica! Fica comigo? Mas se for ficar... que seja para sempre.

Ela começou a chorar.

— Me perdoa por pensar em todos antes de nós? Se você quiser que eu fique, eu ficarei. E pode ter certeza que dessa vez vai ser para sempre.

Que se foda o orgulho!

Levantei meu corpo mesmo me sentindo cansado, peguei-a pelos ombros e a abracei. Em seguida a deitei na cama comigo e a apertei entre os meus braços. Ela estava se sentindo culpada e sinceramente eu não queria que ela tivesse esse sentimento por mim. Queria mesmo era fazê-la feliz e ser feliz ao seu lado.

Capítulo dezessete

Mariana

João e eu ficamos nos amassando após a nossa reconciliação, mas eu coloquei distância e disse que ele precisava descansar. Mantive-me firme mesmo João dizendo que estava bem e meu corpo pegando fogo desejando o dele. Avisei meu irmão que iria dormir fora e enviei uma mensagem para a Isa, avisando que João estava bem e eu ainda estava com ele. Dei o remédio na hora certa durante a noite e fiquei velando seu sono para o caso da febre voltar. João dormiu feito um anjo... Meu *Angel*... Ri com o pensamento enquanto o admirava e pensava que era ele quem eu queria para a minha vida e era tão perfeito. Tínhamos que fazer dar certo.

Não sei que horas eram quando peguei no sono e parei de admirar o homem por quem eu era apaixonada. Só acordei com o sol entrando pelas frestas da janela e o barulho de panelas batendo na cozinha. Olhei ao meu lado e João não estava, então levantei, fui ao banheiro dar uma ajeitada no cabelo e escovar os dentes com a escova que tinha na minha bolsa. Como eu não sabia que iria ficar para dormir, eu não trouxe nada e usava apenas uma camiseta do João e calcinha.

Quando cheguei próxima à cozinha, vi que o celular tocava *Michael Bolton – Whe a man loves a woman*, e reconheci que era a música que dançamos na hamburgueria, quando passamos os melhores dias da minha vida, juntos. João estava passando manteiga em torradas e parecia totalmente recuperado da gripe. A cozinha tinha um cheirinho maravilhoso de café e eu sorri ao contemplar aquela cena. Cena que amaria ver todos os dias pelo resto da minha vida.

— Essa música me trás tantas lembranças boas. — falei, chamando a sua atenção.

Ele me olhou, sorriu e veio até mim.

— A mim também. — ele me deu um beijo — Foram os melhores dias da minha vida.

João me segurou e começou a dançar a música comigo de novo, até que a música acabou, paramos e ele colocou a sua testa na minha.

— Você estava tão linda dormindo, que fiquei com dó de te acordar. Obrigado por cuidar de mim.

— De agora em diante sempre estarei por perto para cuidar de você. Obrigada, por me aceitar de volta.

— Como não aceitaria? Eu te amo e sou todo seu. — falou ainda com a sua testa colada na minha — Não sei se você percebeu, mas é só você fazer

assim: — João estalou os dedos — Que eu volto.

Eu sorri e ele continuou:

— Eu volto é só você sorrir. — ele cantou, separou-se de mim e passou a mão no meu rosto.

Como não amar alguém que canta Luan Santana?

— Você é tão lindo!

— Linda é você!

Dei-lhe um beijo e perguntei:

— Como está se sentindo?

— Graças a você, muito bem!

Sorri aliviada.

— Liga para a sua mãe, ela deve estar preocupada com você.

Ele assentiu.

— Vou ligar. E eu ia te levar café na cama. — falou sem graça.

— Vou voltar pra lá então.

Dei um beijo nele e não o esperei dizer mais nada, fui correndo para a cama e deitei em baixo do cobertor. Não demorou muito e ele apareceu com uma bandeja cheia de delícias.

— Eu que deveria estar cuidando de você e não o contrário. — falei, mas senti alegria em ser mimada e meu estômago roncou de fome ao ver o café.

— Você já cuidou de mim a noite toda e tem a vida toda para fazer isso.

— Ah e falando nisso, já tomou o remédio?

Ele balançou a cabeça afirmando, e eu falei:

— Não te contei. Estou morando com o Miguel. Fui expulsa da casa da minha mãe.

Ele me olhou com um olhar carinhoso.

— Sinto muito você ter que passar por isso.

— Tá tudo bem. Resolvi meu problema financeiro com o Breno e logo terei minha independência de volta.

Ele passou a mão no contorno do meu rosto.

— No que precisar de mim, estarei aqui. Não queria que as coisas tivessem que ser assim por minha causa.

— Não é por sua causa, é por causa da pessoa que minha mãe é. A culpa é toda dela. Na noite que fui jantar com o Breno, minha mãe me chantageou falando que ou eu resolveria as coisas com ele ou eu estaria na rua. Eu fui para terminar com ele e ia me virar sozinha, mas não ia aceitar a chantagem.

— Você nunca estará sozinha. Você tem a mim.

— Me recuso a depender financeiramente de você, essa não seria eu.

Ele revirou os olhos.

— Não sou herdeiro de uma multinacional, mas posso sustentar a futura mãe dos meus filhos.

— Pode, e muito melhor que o herdeiro da multinacional, mas eu não me sentiria bem. — ele assentiu — Mas agora está tudo resolvido.

João me deu um beijo.

Tomamos café e depois ficamos deitados na cama dele, um aproveitando a companhia do outro e desfrutando de mais esse momento juntos. Passei a mão pelo seu corpo, em silêncio lembrei que fui a primeira a ter essa delícia, porém, de que adiantou ser a primeira se depois de mim muitas mulheres já haviam se deliciado ali. Perdi tanto tempo.

— O que foi? — João perguntou levantando a cabeça do travesseiro para me olhar.

— Ah... Nada! — falei me sentindo boba, por estar sentindo ciúme de um tempo que ele nem estava comigo.

João rolou de lado e ficou por cima de mim, apoiado nos cotovelos e segurando meu rosto entre as mãos.

— O que fez você ficar com essa carinha de triste? Não me diga que não foi nada, porque sei que foi alguma coisa.

— É bobeira! — dei um beijo nele e sorri para não precisar contar o que eu estava pensando.

— Tá, mas eu quero saber.

— Tudo beeeemmm. É que eu estava pensando... Na quantidade de mulheres que já teve esse corpo maravilhoso. Que eu fui a primeira a ter, mas perdi.

Ele deu um grande sorriso e me deu mais beijo.

— Minha linda! O corpo pode ter sido de outras mulheres, mas o coração sempre foi só seu. E sim você foi a primeira e também será a última.

Eu sorri tão satisfeita com essa resposta, que com certeza meu sorriso transmitiu essa alegria.

— Eu te amo, — ele falou me olhando nos olhos — quero que nossos filhos nasçam com as suas sardinhas lindas, — beijou meu rosto — com os seus olhos, com o seu sorriso e com o seu jeitinho.

— E eu quero que eles nasçam com a sua cor, seu sorriso e suas covinhas.

— Já tivemos essa conversa outra vez. — ele se lembrou de quando sonhamos com isso na adolescência.

— Sim, e os sonhos continuam os mesmos.

Mais uma vez, como no passado, fomos interrompidos pela minha mãe, mas dessa vez ela estava me ligando. João saiu de cima de mim e eu me estiquei

para pegar o celular e atendê-la.

— Oi, mãe.

— Preciso que você venha até o hospital.

— Como está meu pai? — perguntei já temendo o pior.

— A situação do seu pai piorou e ele vai precisar entrar na fila de transplante. Claro, que todos da família precisaremos fazer o exame para saber se somos compatíveis.

Tampeei minha boca com a mão para segurar o choro. Era isso o que mais tínhamos medo. João se levantou vendo no meu rosto que algo sério estava acontecendo e já tinha a sua atenção toda destinada a mim.

— Tudo bem. Estou indo.

Minha mãe desligou e como sempre ela era muito fria e sem emoção. Fiquei olhando para o celular em minhas mãos e desmoronei.

— O que está acontecendo?

— Meu pai... — eu já tinha contado para o João sobre a doença do meu pai e logo ele notou que pelo meu estado, meu pai não devia estar bem.

— Vai ficar tudo bem!

Eu estava tão abalada, mas as palavras dele e seu abraço me acalmaram. Sem demorar mais, me levantei e comecei a me arrumar para ir ao hospital. Meu pai precisava de mim.

— Eu vou com você. — João me surpreendeu.

— Mas você não estava se sentindo bem. — falei enxugando as lágrimas.

— Eu estou ótimo. Não vou te deixar sozinha.

Eu o encarei sem jeito, mas precisava alertá-lo:

— Minha mãe vai estar lá e... Você sabe como ela é... Ela pode te ofender...

— Ela não vai falar nada que eu já não tenha ouvido.

Segurei a mão dele.

— Se ela disser qualquer coisa para você... Qualquer coisa que te magoe, que seja contra lei, eu farei valer os seus direitos e não vou deixar ela te diminuir.

— Não é hora para se preocupar com isso.

— Sempre é hora.

Terminamos de nos arrumar e partimos para o hospital. Eu com o coração na mão pelo meu pai, me sentindo tensa pelo encontro do João com a minha mãe e rezando para que tudo ficasse bem.

João

Chegamos ao hospital e eu sentia meu coração bater forte, não queria encontrar com aquela mulher arrogante, mas se a Mariana precisava de mim, eu ficaria ao seu lado para o que quer que fosse.

Assim que entramos na sala de espera, avistamos Miguel e Vanessa que também aguardavam e dei graças a Deus, que a minha futura sogra não estava com eles. Nos cumprimentamos e Mari abraçou o irmão que também estava visivelmente abalado com a notícia. Uma vez quando eu e Mari conversamos sobre a saúde do pai dela, Mari me disse que o que eles mais temiam era o transplante, pois quando o pai decidiu entrar na fila para receber um, seria o último recurso e ele estaria se sentindo muito debilitado. Mari sempre descreveu o pai como um homem dedicado ao trabalho e submisso a sua mãe por conta da doença que tinha, mas apesar dele sempre se manter sem opinar em nada e viver sempre em seu mundo frágil e com olhos somente para a empresa, Mari tinha muito carinho pelo pai e se preocupava com o seu bem estar.

— Como ele está? — Mari perguntou a Miguel, após abraçá-lo.

— Bom, o médico disse que ele está com os rins trabalhando a menos de 10% e isso está deixando o nosso pai muito debilitado, por isso o mal estar. Aí o médico enfim conseguiu convencê-lo a entrar na fila para o transplante. Ele já foi colocado na fila de espera e estamos aguardando para passar com o médico que vai explicar o procedimento e os exames necessários para ver se somos compatíveis.

Mari assentiu e foi se sentar com a Vanessa. Ela parecia tão triste e me colocando no lugar dela, eu também estaria. Se fosse com a minha mãe eu estaria um caco, ainda mais nesse caso, que ela sabe que se o pai naquele momento tinha topado o transplante, era porque já tinha esgotado as suas forças. Olhei para o Miguel, que estava cabisbaixo e peguei no seu ombro.

— Fica bem aí, cara! As mulheres da sua família vão precisar de você.

— Tô bem, cara. Tô bem! — sorri para ele em apoio e assenti.

Quando olhei para frente, a mãe deles se aproximava e minha respiração falhou. Lembrei-me quando entrei no seu carro anos antes, das palavras ofensivas que me disse e de tudo que passei na minha vida, depois que ela resolveu afastar a Mari de mim. A raiva que senti foi o suficiente para que eu estufasse o peito e a encarasse de rosto erguido. Lembrei-me das palavras da minha mãe dizendo: “Filho, você não deve nada para essa gente”. Então a encarei.

Ela passou por mim e não me olhou, era como se eu não estivesse ali e

ela parecia inabalável.

— Vamos, Miguel, o médico vai nos explicar como são os exames de histocompatibilidade. — A víbora nem falou com a Mari, era como se a filha não estivesse ali.

— Eu também vou fazer o exame, mãe! — Mari falou se levantando.

— Eu também! — Vanessa também se ofereceu e foi abraçada por Miguel.

A Mãe da Mari fingiu não ter ouvido e se virou para sair da sala de espera, mas parou ao me ouvir dizer a Mari:

— Eu também quero fazer.

— João... — Mari encheu os olhos de lágrimas e me lançou um sorriso de gratidão, sem conseguir completar o que ia dizer.

— Pô, cara! Só de você se propor a fazer... — Miguel também tinha a voz embargada — Nem tenho como te agradecer.

— Não por isso. — falei sem jeito.

— Andem, vamos. O doutor está esperando. — A mãe da Mari falou irritada e em seguida continuou, falando sem me olhar e como sempre tentando me agredir: — Não é qualquer um que vai ser compatível com seu pai.

— Como você pode ser tão... — Mari ia replicar, mas eu a parei e balancei a cabeça em negativa, dizendo que não valia a pena. Então minha loirinha me abraçou e me deu um beijo. — Muito obrigada, por você ser você. — dei um beijo em sua testa.

— Desculpa, João! Um dia ela vai perceber o quanto está errada. — Miguel se desculpou com um tapa leve em minhas costas.

— Não se desculpem por isso. — falei sem jeito mais uma vez. Mas era a verdade, Miguel e Mari não tinham que se desculpar pelas atitudes erradas da mãe.

— Você é a melhor pessoa que eu conheço. — Miguel falou passando por mim, de mãos dadas com Vanessa e indo até a sua mãe que esperava um pouco mais a frente.

Mari pegou na minha mão e juntos fomos em direção à sala do médico. Ele não era o médico que estava cuidando do pai da Mari, mas era o médico de plantão. Ele nos explicou detalhadamente como era o estado de saúde do meu futuro sogro e vi nos rostos da Mari e do Miguel a tristeza de ouvir que o pai corria risco de morte, enquanto a mãe deles tentava não esboçar qualquer tipo de reação, porém, eu vi um pequeno gesto em seu olhar que entregou que dentro daquela couraça dura, havia sentimento. Em seguida o médico explicou todos os riscos que o transplante acarretaria ao doador, cada passo de como seria a cirurgia e depois como seria o pós-operatório e a recuperação. Falou sobre

algumas mudanças que seriam feitas na rotina, mas particularmente não achei nada tão ruim assim, que fizesse com que eu desistisse de salvar a vida de uma pessoa.

Eu queria doar. Queria doar além de para ver a Mari feliz com a saúde do pai, queria doar para salvar a vida de um homem. E se eu fosse compatível, eu doaria.

Ele nos explicou também, como eram feitos os exames de histocompatibilidade e quanto tempo levaria para sair os resultados. Nos avisou que seriam de oito a doze dias para que o candidato a doador soubesse se é compatível ou não. Miguel estava esperançoso e tinha plena certeza de que seria ele o doador e o salvador do pai.

Assim que o médico nos liberou, a mãe da Mari colocou a bolsa no ombro, se despediu apenas de Miguel e Vanessa e saiu porta a fora, agindo como se Mari e eu não fôssemos ninguém. Percebi no olhar do meu amor uma tristeza por estar sendo tratada daquela forma e tive vontade de ir até aquela mulher sem coração, puxá-la pelo braço e fazê-la falar com a filha de forma mais carinhosa e educada, mas claro que eu não fiz. Em respeito a minha Mari eu não fiz. Um dia essa cobra aprenderia com a vida.

Capítulo dezoito

Mariana

Saímos da sala do médico, fui visitar meu pai no quarto e o prometi que voltaria no dia seguinte. Não fiquei muito, mas contei ao meu pai sobre o João ter se oferecido para doar e o quanto eu estava orgulhosa dele por isso. Meu pai pareceu envergonhado, por saber de toda a história que a minha mãe me fez passar por conta do seu preconceito e ainda assim o João estar disposto a ajudar.

Após a visita ao meu pai encontrei com o João que me esperava no saguão do hospital e abriu um sorriso ao me ver. Aquele sorriso lindo, com covinhas lindas, que me acalmava e me dizia que tudo ficaria bem.

Quando estávamos saindo pelas portas automáticas, João esbarrou em alguém que estava entrando, ele estava distraído enquanto me olhava e quando foi se desculpar... Mônica.

— Oiiii... João! — ela abriu um sorriso enorme ao ver o meu João.

— Oi. — ele respondeu sabendo que eu os observava.

Mônica parecia não me enxergar e tinha olhos só para ele. Também, quem a culpa?

— Você nunca mais me ligou.

— Ah, é que... — João me puxou de trás dele para que ela me notasse. — Você se lembra da Mari? Nós voltamos.

— Ah sim, — ela parecia envergonhada — me lembro. Você não ia se casar?

— Tudo bom, Mônica? — a cumprimentei mesmo sem ela ter me cumprimentado. — Eu ia, mas nosso amor do passado voltou ao presente. E bom... João é literalmente meu presente. — me ergui na ponta dos pés e dei um beijo no João, que sorriu.

— Ah que bom. — ela falou, mas não parecia achar nada bom. — Mas está tudo bem? — ela me olhou, acho que se referia aos meus olhos que deviam estar entregando que chorei. — O que fazem aqui?

— Meu pai está na fila para o transplante e precisou ficar internando para tratar uma infecção.

— Quem é seu pai?

— Antônio Medeiros.

— Eu estou cuidando dele. Ele internou ontem, não foi?

— Sim. — Acho que fiz cara de quem não estava entendendo e João explicou.

— Ela é médica.

— Nefrologista e urologista. — Mônica completou.

— Ah, que bom. — sorri sem vontade. — Vamos, João. Estou um pouco cansada.

— Eu também tenho que entrar, está na minha hora do plantão. A gente se fala, João. Acho que vou a *Angels* no fim de semana.

— Vai sim. Faz tempo que não te vejo lá. — João respondeu simpático demais e tenho certeza que o fulminei com o meu olhar.

Ela piscou para ele e jogou o cabelo de lado, me deu um tchau sem graça e entrou no hospital.

— Sério isso? — perguntei ao João quando ela se afastou.

— O quê? — ele perguntou inocente.

Mordi o canto da boca.

— Vai sim, faz tempo que não te vejo lá. — repeti o que ele disse a Mônica.

Ele riu do meu ciúme.

— Ela é minha amiga.

— Ah, por favor, né? — saí andando e o deixei para trás.

João veio andando de pressa e quando chegou perto de mim, me abraçou e disse:

— Eu amo você!

Aí eu amoleci, o encarei com a sobrancelha arqueada, soprei exasperada e disse:

— Tá, desculpa. Eu que tô um pouco abalada emocionalmente.

— Eu sei. — ele me beijou.

— Mas não quero saber de você com graça com ela enquanto estivermos frequentando o hospital. O que espero que seja por muito pouco tempo.

— Minha graça sempre será dedicada toda a você, minha loirinha.

Fomos embora e João me convidou para ficar com ele em sua casa, já que no dia seguinte iríamos voltar cedo para o hospital para colher os exames, então, claro que aceitei. Passei na casa do Miguel, peguei roupas e objetos pessoais e partimos para a casa dele.

Naquela noite Miguel ficaria com nosso pai no hospital e eu ficaria na próxima, se ele não tivesse alta. João foi para a *Angels* à noite, mas chegou mais cedo para ficar comigo.

No dia seguinte acordamos cedo, tomamos um café leve e fomos para o hospital fazer a coleta dos exames de compatibilidade. Quando chegamos minha mãe já estava lá, mas Miguel ainda não.

— Bom dia! — João e eu a cumprimentamos e ela não nos olhou.

Não demorou muito e Miguel chegou com Vanessa, que minha mãe

recebeu como se fosse o rei e a rainha da Inglaterra. Isso doeu em mim, entretanto eu tinha certeza que ela estava fazendo isso para me provocar e me mostrar o que eu estava perdendo. Minha mãe não fazia ideia de que quem estava perdendo era ela.

Logo uma enfermeira veio nos chamar para a coleta e o sangue de todos que seria analisado, foi retirado. Quando foi a vez do João ver se era compatível, enchi meu coração de orgulho e alegria, pois ele era um homem tão maravilhoso que mesmo tendo sofrido tanto com as coisas que a minha mãe fez com ele, ainda assim estava lá para fazer o teste. Ele podia se negar e eu e Miguel nunca iríamos cobrá-lo de nada, mas ele fez questão de fazer, como se fosse qualquer outra pessoa que ele pudesse salvar e isso só me fez amá-lo mais. Já a minha mãe, como sempre tem que ser intragável, revirou os olhos quando foi a vez do João colher o sangue, como se não quisesse que ele estivesse ali e nem assim, com esse gesto lindo dele, ela conseguiu o reconhecer como a pessoa maravilhosa que ele era.

Fomos liberados, avisados que dentro de oito a doze dias saberíamos o resultado e eu estava ansiosa para saber se seria eu a doadora.

Saímos da coleta e subimos para o quarto do meu pai. João tentou me puxar e dizer que ele achava melhor não ir conosco, mas eu deixei claro que ele iria sim, que meu pai tinha que saber o homem lindo que ele era. Miguel e Vanessa foram ao banheiro e minha mãe, para não ir comigo, os acompanhou. Então eu e João seguimos.

— Oi, pai. — falei, quando entramos no quarto e percebi que meu pai já estava bem melhor do que ontem, quando o visitei depois da conversa com o médico.

— Oi, filha.

— Acho que você nunca teve a chance de conhecer o João. — apontei para o meu amor, que estava ao meu lado e já tinha a atenção do meu pai.

— Como vai, rapaz? — meu pai estendeu a mão ao João e ele a apertou com firmeza.

— Vou bem. Prazer em conhecê-lo.

Não sei quem estava mais sem graça, se meu pai ou o João.

— Mari me contou que você se propôs a fazer os exames de compatibilidade. Muito obrigado. — João assentiu, mas não disse nada e meu pai nos olhou por um minuto, até que por fim falou: — Vocês formam um belo casal. Terão filhos lindos.

Parecia bobagem, mas naquele instante, com aquelas palavras, eu senti que meu pai nos abençoava e estava ao nosso lado. Tenho certeza que João também teve a mesma impressão, pois deu um leve aperto na minha mão e sorriu

para mim. Mas o momento foi interrompido com a chegada do meu irmão, cunhada e mãe, que entravam no quarto. Mônica entrou em seguida.

— Oi, pessoal. — Mônica cumprimentou. — Como está se sentindo hoje, senhor Antônio?

— Ah. muito melhor, adoraria ir para a casa.

— Olha, pelo que vi nos seus exames, o senhor está sem infecção. Vou poder dar alta para o senhor, mas a qualquer piora o senhor volta.

Meu pai assentiu e Mônica olhou para o João e sorriu, como se estivesse se exibindo.

— O senhor vai continuar a fazer diálise, três vezes por semana. — meu pai concordou e mais uma vez ao terminar de falar, Mônica olhou para o João.

Todos ali já tinham notado a atenção extra que João estava recebendo, inclusive a minha mãe, que bufou com isso. Fiquei feliz com a notícia da melhora do meu pai, mas já estava querendo arrancar a tal da Mônica dali.

Não demorou e ela assinou a alta, saiu para visitar outros pacientes e meu pai foi se preparar para voltar para casa. Vi quando a minha mãe saiu para conversar com a Mônica, acho que para saber mais da saúde do meu pai. Eu e João nos despedimos e mais uma vez segui para a casa dele. Não queria viver como em um casamento, mas nem eu nem ele queríamos ficar longe um do outro.



Os dias foram passando e enquanto eu não surtava com a espera para saber o resultado do teste de compatibilidade, me ocupei com idas a loja da Isa que tentava me confortar dizendo que tudo iria ficar bem e durante as nossas conversas, ela sempre me alegrava com seu jeito maluquinho de ser. Além de me ocupar com a Isa, também me ocupei arrumando um espaço onde eu abriria meu escritório de engenharia e decoração. O escritório estava me animando e me tirando um pouco do estado de preocupação que a doença do meu pai me deixou. João me ajudou em cada detalhe da escolha do escritório e até cuidou para que ele ficasse próximo da *Angels*. João também fez questão de me contratar para fazer uma modificação no subsolo da *Angels* onde ele queria transformar em um novo espaço e um diferencial da balada. E isso seria maravilhoso para o nome do meu novo escritório, pois já seria um cliente conhecido que eu usaria no meu portfólio. Quando eu o questionei se ele estava inventando mudanças na *Angels* para que eu tivesse um projeto em que trabalhar, ele respondeu que essa modificação já estava sendo estudada e que eu seria uma ótima escolha de profissional, além de que, ele seria exigente comigo.

— Ah é? Será exigente? — perguntei.

— Sim, muito. A *Angels* é a rainha da *night*, tem que ser bem tratada. Então serei exigente, apesar de que confio no seu trabalho.

Ri.

— Mas você nunca viu nem um dos meus trabalhos.

— Mesmo assim, tenho certeza que ficará perfeito. Como tudo em você.

— Me sinto pressionada assim. Olha, meus ombros até ficam tensos. — puxei o cabelo para o lado para que ele visse meus ombros.

— Para de me provocar, mulher, ou vou te deitar em cima dessas plantas e fazer amor com você até você pedir que eu pare. — apontou para as plantas da *Angels* que estavam jogadas no tapete da sala, enquanto conversávamos sobre as melhorias que seriam feitas na casa noturna.

— Nem pensar. Não misturo negócios com prazer e não vou pedir para que pare. — falei arqueando a sobrancelha.

Ele olhou para cima e disse:

— Ah, Deus o que eu fiz para merecer essa mulher?

Estávamos rindo quando o telefone dele tocou e era a sua mãe.

— Oi, mãe. *Hã*. Sim. Estou melhor. Tudo bem. Posso levar a Mari? — ele riu — Tá bom. Até mais tarde. Beijo.

Olhei para ele sem entender e ele me explicou:

— Minha mãe me chamou para jantar na casa dela.

— E aí você perguntou se podia me levar?

— Sim.

— Ai, João!

— Você quer saber qual foi a resposta dela quando eu perguntei se podia te levar?

Suspirei com medo de ouvir.

— Qual?

— Ela disse: “Claro! Soube que ela cuidou de você quando estava com gripe e eu amo quem ama o meu filho”. — ele abriu um sorriso lindo para mim.

Ergui a sobrancelha em desentendimento. Eu achei que ela fosse achar ruim dele me levar e ela respondeu assim? Meus olhos se encheram de lágrimas.

João me abraçou e tinha um sorriso lindo e feliz no rosto.

Capítulo dezenove

Mariana

— Tudo vai dar certo, meu amor, você e a minha mãe vão se dar bem.

João disse quando descemos da moto.

— Eu estou nervosa. Tô me sentindo como uma adolescente, indo conhecer os pais do garoto que gosta.

— Relaxa. — ele me deu um beijo em meio a um sorriso.

Seguimos para a porta da frente da casa, que era um lindo sobrado delicado e ficava em um condomínio fechado, muito bem organizado. Fiquei encantada! Não demorou muito e sua mãe veio nos atender.

— Olá. — ela me recebeu com um beijo no rosto e deu um abraço em João. — Entrem.

Entramos e a mãe do João nos levou até a sala. A casa da dona Carmem era decorada tão acolhedoramente e tudo estava perfeitamente em seu lugar. Inclusive dona Carmem, que tinha o cabelo preso em um coque perfeito e estava linda com uma maquiagem leve. Ela sempre foi assim: linda e sempre pareceu mais ser irmã do João.

— Sentem-se.

Nos sentamos, com o João ao meu lado e dona Carmem a nossa frente.

— Como você está, filho?

João entrelaçou nossos dedos e respondeu:

— Estou bem. Agora tudo está bem.

Ela me olhou e sorriu.

— Bom, vou falar logo. Mariana, tenho conversado muito com a Isa e ela tem me contado algumas coisas que... Fizeram com que eu mudasse de opinião sobre algumas atitudes minhas.

Acho que a olhei sem entender e ela continuou:

— Não vou mentir e dizer que gostava de você...

— Mãe... Por favor. — João tentou interrompê-la.

— Deixa-a falar, amor. — sorri para ele e sua mãe continuou:

— Eu não gostava de você por tudo que fez meu filho passar, mas a Isa me fez ver que você não fez nada e era tão vítima nessa história quanto João. Principalmente quando abriu mão da sua felicidade, para salvar a vida de outra pessoa. Achei isso, de verdade, muito altruísta.

Pisquei para conter as lágrimas.

— Não sei se a senhora sabe toda a história, mas me arrependi depois de ter feito isso. — sorri sem vontade.

— Sei. Isa me contou. Contou também tudo o que sua mãe tem feito com você e isso mexeu completamente comigo.

Quando ela mencionou a minha mãe eu não consegui conter as lágrimas e João me abraçou.

— Mariana, eu não consigo entender como uma pessoa consegue colocar o orgulho e o preconceito acima do amor e da felicidade de um filho, eu nunca faria isso, mas um dia tenho certeza que a sua mãe vai entender o quanto ela está errada. Sei também que o João está esperando para ver se é compatível com o seu pai e...

— Olha, dona Carmem, eu juro que não pedi isso a ele. — A interrompi.

— Eu sei. Mas criei um homem de coração enorme. No início eu fiquei com raiva dele por isso, mas depois Isa me fez ver que João é bom demais pra ver alguém precisando de ajuda e não se propor a ajudar. Aí só consegui sentir orgulho. — assenti e olhei orgulhosa para o João. — Onde eu quero chegar, é que eu te aceito como nora e se por acaso quiser ter em mim uma mãe, eu estarei aqui de braços abertos. — Eu estava de cabeça baixa, chorando e quando ergui a cabeça para encará-la, ela estava de braços abertos para mim. Sem pensar eu levantei e corri para os braços dela e a abracei.

— Me desculpa por tudo. — falei entre soluços.

— Não há o que se desculpar.

Eu estava precisando tanto de um abraço de mãe.

Me separei dela, enxuguei as lágrimas e esse foi um dos dias mais emocionantes da minha vida. Quando voltei a olhar para o João, ele também estava com os olhos marejados e um sorriso feliz e perfeito. E com essa conversa eu soube exatamente de onde veio o coração enorme do João. Ele tinha uma mãe com o coração igual.

— Bom, vamos jantar? Fiz a minha especialidade, que o João ama. Lasanha!

— Ah, eu amo também! — falei e ela não entendeu.

— Quando eu namorava com o João na adolescência e ia à casa de vocês quando a senhora não estava, ele sempre me oferecia as sobras do fim de semana e claro eu aceitava. — ri com a lembrança.

— Essa loirinha tem cara de delicada, mas come lasanha como um dragão. — João falou rindo.

— João! — o repreendi.

— Não fala assim da sua namorada, filho.

— Só digo verdades. — ele ergueu as mãos em rendição e rindo feliz.

Jantamos felizes, contei um pouco da minha vida para a minha futura sogra, sobre a minha profissão e contei sobre o meu novo escritório. Perguntei se

ela poderia me dar algumas sugestões de apartamento para alugar e ela me disse que no seu condomínio estava vendendo uma casa e que se eu quisesse, ela poderia ver para mim. Claro que eu aceitei de imediato. Adorei o condomínio.

Conversamos também sobre a minha família, sobre a doença do meu pai e ela era como uma amiga. Dona Carmem era uma mulher feliz, de bem com a vida, que aceitava as pessoas como elas eram e não pelo o que elas tinham e eu me senti completamente feliz com ela e com o João. Era como se já formássemos uma família. E todo tempo que estava com aquela mulher tão de bem, eu me perguntava: por que a minha mãe não podia ser assim?

Após terminar o jantar, voltamos para a sala, ainda tomávamos vinho e conversávamos sobre a vida. Dona Carmem pegou o álbum de foto do João quando bebê, coisa típica de mãe, e começamos a ver diversas fotos de um bebê gordinho, fofo e com covinhas lindas nas bochechas quando sorria. Em um determinado momento, sem que fosse capaz de evitarmos, choramos quando nos lembramos do bebê que perdi, ao olharmos uma foto do João recém-nascido e outra quando ele tinha mais ou menos oito anos, que era a idade que nosso filho ou filha teria hoje, no entanto, foi um curto momento de tristeza e logo eles me animaram, dizendo que aquela casa ficaria pequena para o tanto de filho que teríamos. Aí me permiti sonhar com uma casa cheia e até mesmo, nossas famílias reunidas. Com os meus pais juntos conosco.

— Estou esperando uma pessoa que quero apresentar para vocês. — a mãe dele falou sorridente após o momento nostalgia

João franziu a testa e ela continuou.

— Logo ele chega.

— Ele? Não vai me dizer que comprou um cachorro? — João estava sorrindo. — Lembro quando eu era pequeno que você adotou o Bob e mandou o *petshop* entregar com um laço, pra mim. Eu amava aquele cachorro.

— Não é um cachorro! — Dona Carmem riu.

Nem um minuto depois a campainha tocou e dona Carmem foi atender. Ouvimos vozes sussurrando, mas de onde ficava o sofá não conseguíamos ver quem era. Em seguida ela apareceu de mão dada com um homem muito bonito, cabelos grisalhos, alto e charmoso. Eu e João nos levantamos quando ela o apresentou:

— Filho, esse é meu namorado, Willian.

— Namorado? — João perguntou parecendo bravo e eu dei um apertão na mão dele.

— Sim, nos conhecemos na escola. Ele é o novo professor de biologia.

— Mãe, preferia que fosse o Bob.

— João! — o repreendi e dona Carmem riu.

— Eu tinha certeza que essa seria sua reação. Como sempre.

— Como vai? — João estendeu a mão para o homem e apertou com força, pois olhei sua mão e as veias até apareceram.

— Willian, essa é a minha nora, Mariana.

— Tudo bom? Prazer em conhecê-lo. — cumprimentei sorridente.

Ele também sorriu para mim.

— Parabéns, João, muito bonita.

João assentiu forçando um sorriso.

A seguir dona Carmem serviu vinho ao seu namorado, todos nos sentamos e voltamos a conversar. Rimos muito do ciúme do João e da entrevista que ele fez com o homem. Era como se a sua mãe fosse sua filha e eu só sabia sorrir para os dois, assim como a dona Carmem, enquanto Willian respondia o questionário do João e pelos meneios de cabeça do meu amor, Willian estava se saindo muito bem.

Fiquei observando a dona Carmem e percebi que ela parecia feliz e apaixonada. João também percebeu isso, já que não tinha como não ver como os olhos da mãe brilhavam quando olhava para o homem ao seu lado.

— Bom, mãe, vamos indo. — João disse quando realmente estava ficando tarde.

— Ah, eu amei nosso jantar e espero que não demorem a jantar comigo novamente. Mari, conto com você para trazer meu filho mais vezes aqui.

— Pode deixar! Voltaremos com certeza. O jantar foi maravilhoso e as palavras que me disse ficarão para sempre no meu coração.

— Filha, tenha em mim uma amiga, uma sogra mãe e não uma sogra cobra.

Rimos.

Quando chegamos à porta ela me abraçou, em seguida abraçou o João e o deu um beijo. João por sua vez provocou a sua mãe:

— Willian, você não vai embora? Vocês vão ficar sozinhos?

— João! — o repreendi novamente e rindo.

— Não, agora vamos namorar.

— Ah, mãe pelo amor de Deus! Mães não namoram!

Willian se aproximou, abraçou dona Carmem e disse:

— Pode ir em paz, João, eu cuidarei da sua mãe.

Meu namorado bufou.

— Vou fingir que não ouvi isso. — João apertou a mão dele em despedida e continuou: — Se você magoar ela, eu te mato!

— É mais fácil ela me magoar. — Willian respondeu apaixonado.

— Que assim seja.

— Para com isso, João! — Dona Carmem o repreendeu rindo.

Fomos até a moto, acenamos para os dois que continuavam abraçados na porta e partimos dali, após o João fazer um sinal de que estava de olho no Willian e tirar sorriso da sua mãe.

Fui embora agarrada com o meu amor e desejando que mais noites feliz como aquela se repetisse. Quando já estávamos deitados na cama e abraçados, João sussurrou no meu ouvido:

— Eu sabia que você conseguiria reconquistar a minha mãe.

— Sabia?

— Sim, não tem como não amar você!

E com isso eu adormeci. Sentindo-me completamente e imensamente amada.

Capítulo vinte

João

Era segunda feira e estávamos no hospital para pegar o resultado do exame de compatibilidade. Mari estava uma pilha de nervos e não conseguiu dormir a noite toda. Fui à *Angels* trabalhar na noite anterior, mas não era nem meia noite quando voltei para ficar com ela. Tentei mantê-la calma, no entanto, ela se revirou na cama a noite toda e quando realmente dormiu já era de manhã, com isso acabamos perdendo a hora e nos atrasamos.

Quando chegamos ao hospital todos da família da Mari já estavam lá, menos o pai que estava na diálise, e fomos encarados com olhar de desprezo pela sua mãe. Nos sentamos e ficamos a espera da Mônica que estava atendendo outro paciente e já viria conversar conosco.

— Vamos lá, pessoal? — Mônica nos chamou e como sempre me lançou um olhar diferente do que dos demais e sorriu insinuante.

Chamou a todos de uma vez, em uma sala maior do hospital, para dizer os resultados de uma só vez.

— Acho que deveria ser somente a família. — a mãe da Mari falou para me provocar.

— Podem entrar vocês, eu pego o meu depois. — tentei ser superior e não cair na provocação.

— Se é só a família, você tem que entrar junto com a gente, João, já que você é o futuro marido da Mari. — Miguel falou ficando do meu lado e Mari olhou para ele com um sorriso amoroso, enquanto sua mãe bufou.

Entramos e a Mônica começou a falar:

— Bem, como o doutor Claudio já explicou para vocês a maior parte de tudo, vou explicar rapidamente sobre os exames de histocompatibilidade. Como vocês sabem, a busca pelo doador com melhor compatibilidade é um trabalho minucioso. Uma série de exames foram necessários para conseguir o melhor resultado. Existem vários graus de compatibilidade tecidual e quanto maior essa compatibilidade, menor será o índice de rejeição. E comparados o grupo sanguíneo de vocês e o HLA, o complexo genético, de cada um com o do senhor Antônio, o único que foi compatível foi o do João.

— O quê? Não! — a mãe da Mari, falou alto.

Todos os outros me olhavam e dentro de mim eu senti uma pequena alegria por ser compatível.

— Esse exame está errado. Você não serve para ser compatível com o meu marido.

— A senhora devia estar feliz! — Mônica tentou acalmá-la — Isso é muito bom, afinal, nem um dos parentes que se dispuseram a doar, são compatíveis e se o João não fosse, teríamos que recorrer ao banco nacional e em seguida o mundial. Não é fácil esperar doador, às vezes nunca aparece. Ter o João é uma benção!

— Não, não é! Eu me recuso a ter o sangue do meu marido misturado ao desse... — ela não completou a frase e saiu da sala transtornada.

— João... — Miguel estava visivelmente irritado com a mãe — desculpe a minha mãe. Cara, não tô acreditando nisso! Você é compatível! O mundo não deu voltas, nesse caso ele capotou.

Eu ri para o Miguel.

— Amor, eu não quero que você se sinta obrigado a nada. Principalmente depois de mais essa cena horrorosa da minha mãe. — Mari estava chorando e eu passei a mão no seu rosto.

— Eu vou ser o doador!

Dito isso, Mônica me disse que eu teria que fazer mais diversos exames para verificar a minha saúde e presença de alguma doença. Disse também que caso eu realmente decidisse doar, não seria tão fácil assim, pois para doar o próprio rim para alguém com quem não se tem nenhum parentesco, seria necessária uma autorização judicial para ir em frente com a cirurgia. Isso por que a legislação que rege o transplante renal entre pessoas vivas, que não sejam parentes de sangue (exceto cônjuge) requer autorização do Comitê de Ética do hospital onde será realizada a cirurgia. Também é necessário que um juiz de direito e a Central de Transplantes do Estado, libere o procedimento.

Tendo isso em mente, pedi que fossem feitos todos os procedimentos o mais rápido possível para que o quanto antes o pai da mulher que eu amava recebesse o rim. E assim a Mônica pediu para que eu voltasse no dia seguinte.

Quando saímos da sala, eu me sentia tranquilo quanto ao transplante, Mari tentava me convencer a não fazer e Miguel parecia tão triste com o resultado, que Vanessa o consolava falando que era perfeitamente normal ele não ser compatível.

— Eu sempre fui melhor que você em tudo, cara! — tentei descontraí e Miguel riu.

— Nesse caso eu faria questão que você não fosse.

— Você não pode ganhar sempre, Mi. Nem ser sempre melhor que o João. Deixe-o ganhar dessa vez. — Vanessa brincou.

— Mas você pode desistir se quiser, amor. — Mari tentava me persuadir.

— Você acha que vou perder a chance de ganhar do Miguel em algo?

Todos rimos, mas não era um riso completamente feliz.

Nos encontramos com o pai da Mari na diálise e contamos a novidade. Ele ficou visivelmente emocionado e demonstrou todo seu agradecimento. Quando tentou falar sobre sua consciência pesada sobre tudo que Mari e eu passamos ele não conseguiu continuar e chorou, fazendo com que eu o interrompesse e dissesse que não era necessário.

Nos despedimos de Miguel, Vanessa e senhor Antônio e fui marcar para o dia seguinte, todos os exames complementares que a Mônica tinha pedido que eu fizesse. Na saída passamos pelos corredores do hospital e em um deles avistei Mônica e a mãe da Mari conversando. Com certeza estava tentando convencer a Mônica de que eu não era bom o suficiente para o marido dela, mas se o senhor Antônio tinha me aceito como doador eu não me importava com a opinião dela. Para que Mari não sentisse algum desconforto quanto a isso, preferi não dizer a ela que as duas estavam conversando.

Seguimos para a minha casa e ficamos juntos até o horário que saí para o hospital no dia seguinte. Convenci a Mari a ir atender o cliente que tinha marcado horário com ela no seu novo escritório de engenharia e nos encontraríamos no hospital depois que ela o atendesse.

Assim que cheguei ao hospital, fui instruído a ir para a coleta de sangue e em seguida fiquei esperando a Mônica chegar e me dizer o próximo passo. Soube que ela tinha feito questão que eu a esperasse e até instruiu o médico que estava no hospital a não me atender, pois ela que gostaria de fazer isso.

Não demorou muito, ela chegou e abriu um sorriso enorme quando me viu sentando na sala de espera em frente a sua sala.

— Oi, lindo!

Sorri sem jeito e dei graças a Deus por a minha loirinha não estar aqui para ouvir isso.

— Tudo bem, Mônica?

— Agora ótimo. — ela me deu um beijo no rosto. — Vamos entrar?

Assenti, ela abriu a porta da sua sala e me deixou passar antes dela. Me sentei de costas para a porta e de frente para a sua mesa. Mônica sentou-se atrás da mesa e começou a falar o próximo passo do transplante. Na verdade não ouvi nada de diferente que eu já não tivesse ouvido e fiquei sem entender o porquê dela ter feito questão de falar direto comigo. Quando ela parou de falar, dando a entender que tinha passado tudo, eu me levantei para me despedir, pois fiquei de buscar a Mari no escritório e a espera pela Mônica, já tinha me atrasado.

— Vou indo então. — falei e fui andando até a porta.

— Espera! — ela me pegou pelo braço — Eu preciso... — ela deu uma titubeada, como se pensasse no próximo passo. — Como agora você está... Namorando, eu preciso de uma despedida. — então ela ficou na ponta dos pés e

me deu um beijo segurando o meu rosto entre as mãos.

O que ela fez?

A empurrei e mais que depressa coloquei uma distância entre nós.

— Não faz isso, Mônica, você não precisa disso e além do mais, eu amo a minha namorada.

— Tudo bem, desculpa. Eu só precisava de uma despedida.

— Então já teve a sua.

Ela sorriu sem graça, mas disse antes de eu sair:

— João... Por favor, não conta pra ninguém sobre essa minha pequena humilhação.

Pensei que Mari já tinha coisa demais para pensar e eu não iria despejar mais isso, que não teve significado nenhum, em cima dela.

— Tudo bem, mas nunca mais faça isso e a partir de agora a nossa relação será somente médico/ paciente.

Saí porta afora, não esperei a resposta e fui encontrar a minha namorada.

Capítulo vinte e um

Mariana

— Como assim ele não vai aceitar? — gritei no telefone com o meu irmão.

— Sinto muito, Mari. Estou tão indignado quanto você, mas acho que nossa mãe o convenceu.

— Ela o quê? Ela está louca? Ela não tem noção do quanto achar alguém compatível é uma benção?

— Eu disse tudo isso para os dois, mas eu não sei o que a nossa mãe faz com o nosso pai, que ele acaba aceitando tudo que ela impõe para ele, mesmo isso podendo custar a sua vida.

Inacreditável.

— Eu sinceramente, não acredito que saí da nossa mãe. Como ela pode colocar o preconceito ridículo dela acima da saúde do nosso pai?

Eu comecei a chorar quando olhei para o João que voltava de uma ida rápida que tinha feito a *Angels* e entrava na sala da casa dele e pegava minha conversa na metade. De imediato ele notou que algo estava errado e me olhou com um olhar preocupado.

— Peça desculpa mais uma vez ao João e agradeça insistentemente por ele ser essa pessoa de coração tão generoso. Hoje, mais do que nunca, tenho vergonha de ser filho desses dois.

Meu irmão parecia cansado e triste.

— Sei exatamente como está se sentindo.

Me despedi dele e encarei o meu amor, que estava me olhando querendo saber o porque eu estava chorando.

— João... Não vai ser possível o transplante.

— Não? O que aconteceu com seu pai?

— Ignorância, burrice, submissão, preconceito, entre outras coisas desse tipo que cai sobre os meus pais. Minha mãe convenceu o meu pai a não aceitar o seu rim. Miguel disse que ela não quer dever nada a você.

As lágrimas caíam pelo meu rosto.

— Ela é louca, Mari? Isso pode custar a vida do seu pai.

— Sim, ela é louca, João!

Chorei aquele dia, tentei falar com os dois, mas não fui atendida. E recebi apenas um recado repassado através da Maria. Minha mãe disse que logo apareceria algo a altura do meu pai. Não contei isso ao João, não queria magoá-lo com essa idiotice e loucura sem tamanho.



Os dias foram passando e nada de aparecer um doador, que fosse compatível com meu pai. Minha mãe foi vendo o quanto ele estava cada vez mais cansado e definhando a cada dia.

Fui até a casa deles e tentei mais uma vez convencê-lo a mudar de ideia, mas meu pai não queria desagradar a minha mãe. Depois de uma vida juntos, ele me disse que não queria deixá-la envergonhada e forçada a engolir seu orgulho por conta dele. Tentei também recorrer aos sentimentos da minha mãe e disse a ela que meu pai poderia morrer e ela seria a culpada, porém, me esqueci de que a minha mãe não tinha sentimentos nem coração e só a interessava se ela se sentia bem.

Miguel me contou que ela parecia arrependida quando via meu pai tão cansado, uma vez até disse que o João talvez fosse uma boa saída, mas não dava o braço a torcer e voltava atrás, nos procurando e pedindo que João aceitasse novamente ser o doador.

Fui mais outras vezes à casa dos meus pais, mesmo sendo mal recebida, tentar salvar a vida do meu pai e no dia seguinte a uma dessas visitas, meu pai teve um grande aumento do potássio no sangue, que o fez ter um grande mal estar quando só estava ele e minha mãe em casa. Ela entrou em desespero por não saber como socorrê-lo e enfim entendeu que a qualquer momento meu pai poderia morrer. Quando os dois chegaram ao hospital, ela teve a certeza quando presenciou uma parada cardíaca do meu pai assim que chegou na emergência.

Minha mãe se desesperou e quando cheguei com o João ao meu lado ela o olhou com olhar diferente do de sempre. Um olhar com um misto de arrependimento e vergonha, entretanto a soberba e superioridade ainda estavam ali.

— Como o meu pai está? — perguntei triste.

— Mal. — ela abaixou a cabeça. — Eu tive medo... Achei que ele fosse morrer.

Meu sangue subiu com a constatação do seu medo.

— Você teve medo? Isso é tudo culpa sua! — explodi — Já era para ele estar bem, se recuperando, se não fosse por sua superioridade ridícula. Por achar que é melhor que alguém porque é branca e rica. Só te pergunto do que adianta sua pele branca e dinheiro agora? Tenho nojo de você!

Eu chorava, João tentava me acalmar e me pedia silêncio, pois estávamos no hospital.

— Não fala assim comigo! — Vi os olhos da minha mãe marejados.

Respirei para me acalmar e naquele momento meu irmão chegou com Vanessa.

— Miguel, meu filho. — minha mãe foi abraçar meu irmão, mas ele a empurrou e veio até mim, me abraçar.

— Vocês vão me tratar assim? Tudo bem, eu deixo. Aceito que ele doe o rim para o pai de vocês. — ela apontou para o João.

— Você deixa? — João riu em deboche do que a minha mãe disse.

Ela o olhou sem reação.

— Eu pago! Quanto você quer?

João tirou o braço dos meus ombros, deu alguns passos em sentido a minha mãe e a encarou bem de perto quando disse:

— Eu não preciso do seu dinheiro. — ele tinha um sorriso que não atingia os olhos no rosto — Se eu ia doar o meu rim para o seu marido, não era por você, nem por ele, mas por mim, porque eu não consigo ver alguém precisando de ajuda e não ajudar e também pela Mari, que mesmo sendo tratada tão mal por você e por ter sofrido tanto por cada ação ignorante que você teve e seu marido foi conivente, ela ainda os ama. — minha mãe não olhava para ele e disse:

— Não sou ignorante!

— Sim, você é! Ignorante, racista, preconceituosa, soberba e não merece ser mãe de filhos perfeitos como esses. — João apontou para mim e para Miguel que estava de cabeça baixa. — Você não aceitou que eu fosse doador, para não dever nada para um negro. Para o sangue do seu marido não misturar com o de um negro e o meu órgão não era a altura do seu marido branco. Que pena! Porque você vai ficar com a sua culpa e consciência pesada, porque quem não quer doar agora, sou eu!

João se virou para sair, mas minha mãe o parou quando disse ironicamente:

— Contou para a Mariana que você estava aos beijos com a Mônica esses dias?

— O quê? — perguntei atônita.

— Mãe, para com isso! Para de estragar tudo e afastar ainda mais as pessoas de você. — Miguel tentou pará-la.

— Você não contou para a Mariana? Olha, tenho uma foto, querida.

Minha mãe tirou o celular da bolsa, procurou a foto e me entregou o celular para que eu visse. Meu coração acelerou, batia descompassado a ponto de eu senti-lo batendo em meus ouvidos. Na foto Mônica tinha as mãos uma de cada lado do rosto do João e o beijava. Olhei para o meu namorado e vi desespero em seu olhar. Entretanto, eu sorri, olhei para a minha mãe e a

entreguei o aparelho:

— De novo a mesma maneira de querer me afastar do homem que eu amo? Deixa de ser ridícula, essa mentira dessa vez não vai me separar dele.

— Estou mentindo, João?

— Pelo amor de Deus, mãe! Isso não te diz respeito. — Miguel a repreendeu, enquanto Vanessa me olhava com compaixão.

João olhou para mim, abaixou a cabeça e balançou em negativa, dizendo que minha mãe não mentia. Eu o encarei, senti minhas pernas bambas.

— Você a beijou? — perguntei com um fio de voz.

— Não! — ele levantou a cabeça rapidamente. — Ela que me beijou. — ele engoliu em seco — A cena seguinte a essa foto, sou eu a empurrando e dizendo que você é quem eu amo. — João pegou minha mão — Só não te contei, porque você já tinha coisa de mais com que se preocupar. Me desculpe por não ter contado a você. Não deixe que isso nos separe de novo, Mari.

Eu estava chorando e era como se a mesma cena do passado estivesse se repetindo, como se a vida tivesse me colocando novamente no mesmo ponto de partida, para que dessa vez, eu pudesse tomar a decisão certa. Olhei para o homem que eu amava e ele parecia triste e com medo da minha decisão. Minha mãe me olhava como se esperasse que mais uma vez eu agisse influenciada por ela, culpasse o João e talvez assim, tirasse a culpa que estava em seus ombros, por não ter aceito que João fosse o doador. Olhei mais uma vez para o João e em seu olhar eu só via o desespero de quem queria que eu acreditasse nele. Não vi culpa. Então dessa vez minha mãe não ia me manipular.

— Está tudo bem. — passei a mão em seu rosto, acalmei meu coração e meu ciúme — Eu acredito em você. Dessa vez armação nenhuma vai nos separar. — olhei para a minha mãe — Eu amo esse homem e ele será para sempre a minha primeira escolha. Mais nenhuma armação, sua ou de quem quer que seja, irá nos separar.

Minha mãe me olhava incrédula.

— Miguel, volto para visitar nosso pai mais tarde, me mantenha informada. — Miguel apenas assentiu.

Virei-me para sair e fui parada pela minha mãe:

— Você vai preferir ficar com o homem que não quer salvar a vida do seu pai? Vai virar as costas para a sua família?

— Não estou virando as costas. Ele tem todo o direito de não querer doar, e na verdade, enfim estou colocando a minha vontade e a minha felicidade acima da felicidade dos outros. Me escolhendo, pensando em mim, na minha felicidade, já que a senhora nunca pensou.

Saímos do hospital, respirei o ar gelado do lado de fora, que cortava o

meu rosto e chorei lágrimas que eu nem sabia mais que tinha, tanto que eu tinha chorado. João me abraçou.

— Me desculpa por não ter te contado sobre o beijo da Mônica.

— O beijo em si é o que menos dói, a minha mãe tentando nos separar de novo é o que me mata. Ela não aprende.

— Um dia ela aprende.

— Apesar de que, me dói também você não ter me contado.

— Me desculpa. Não queria te dar mais uma coisa no que pensar e também isso não significou nada.

Assenti com a cabeça apoiada em seu peito

— A próxima vez que você me esconder algo eu te mato.

Ele riu.

— Não terá próxima vez. — ficamos em silêncio por um tempo, mas João continuou: — Obrigado por acreditar em mim e me escolher.

— Sempre vou escolher você.

Ele beijou a minha cabeça e falou:

— Eu te amo!

— Eu te amo mais!

Dentro de mim meu coração estava dilacerado. E a preocupação com o estado de saúde do meu pai era cada vez maior. Eu não podia pedir ao João que fosse o doador. Eu no lugar dele nem teria me oferecido e sei que meus pais não merecem tamanho sacrifício, mas também, pensar que a salvação do meu pai poderia estar no homem que eu amava e a maldade em minha mãe atrapalhou que isso acontecesse, acabava comigo. Bastava a mim, rezar e pedir que tudo se resolvesse da melhor maneira possível.



Não fui embora para casa e fiquei por ali, dando um tempo até que minha mãe deixasse o hospital para que eu entrasse para ver meu pai. Isa me ligava praticamente a cada hora para saber como eu estava e qual era a situação do meu pai, o mesmo fazia dona Carmem.

Saí para comer e quando voltei, vi quando minha mãe saiu pela porta da frente do hospital e parecia desorientada e acabada de tristeza. Aproveitei sua ausência e entrei para ver meu pai.

João ficou o tempo todo comigo e não saiu do meu lado, exceto quando entrei no quarto. Ele esperou do lado de fora, dizendo que eu precisava ter um momento sozinha com meu pai.

— Pai. — coloquei a mão sobre a do meu pai e o acordei.

— Mari. — ele falou parecendo tão fraco. — Onde está seu rapaz?

Eu sorri.

— Meu rapaz está ali fora me esperando. Ele é minha metade, pai.

— Eu sei. — me deu um sorriso que mais parecia uma careta. — Eu me sinto tão cansado, filha.

— Vou sair para que você possa descansar. Só queria te dar um beijo e dizer que tudo vai dar certo.

— Quis dizer que me sinto cansado da vida, não só neste momento.

Enchi meus olhos de lágrimas, mas não queria chorar. Precisava mostrar força.

— Vai dar tudo certo, pai!

— Filha, queria que você me perdoasse por tudo. Juro que durante os anos que se passaram, eu tentei mostrar a sua mãe o quanto ela estava errada, mas você conhece a fera.

Meu queixo tremeu e eu respirei fundo.

— Está tudo certo, pai, não tem do que se desculpar.

Ele assentiu.

— Diga ao João que eu não o menosprezei quando não aceitei seu rim, eu só queria agradar a sua mãe. Na verdade, acho que eu não conseguiria carregar um rim de um rapaz tão bom quanto ele.

Eu sorri.

— João tem o coração enorme.

— Sim. Agora vai lá ficar com ele e me deixa descansar. Logo sua mãe volta com a falação dela.

Ri para ele e garanti mais uma vez que tudo daria certo, antes de sair. Quando saí do quarto e encontrei o João, chorei agarrada a ele, entreguei-lhe o recado do meu pai e ele disse me olhando triste:

— Eu entendo seu pai. Ele é um homem apaixonado. Eu também daria a minha vida para que você se sentisse bem.

Pensei na vida dos meus pais como um casal e ele sempre mimou a minha mãe de todas as maneiras e sim, sempre foi um homem apaixonado.

Fomos embora e eu tinha uma enorme tristeza em meu coração. Na moto o vento batia vindo sentido contrário ao meu corpo. Isso me acalmava, mas nem o vento conseguia levar essa sensação de despedida que tomava conta de mim e me deixava angustiada.

João

Entramos na rua da minha casa, eu tinha Mariana agarrada a minha cintura, na garupa da minha moto. Ela estava tão triste que eu daria até meu coração para não ver essa tristeza em seu rosto. Fui o caminho do hospital até a minha casa, pensando sobre o transplante e mesmo depois de ter sido constantemente humilhado pela cobra da mãe da Mari, eu só conseguia pensar em motivos para fazer a doação.

Apertei o controle para abrir o portão automático da minha casa e entramos com a moto. Quando Mari tirou o capacete, percebi que ela tinha olheiras em seus olhos e o rosto tomado de tristeza e de preocupação. Alisei seu rosto e a puxei para os meus braços, dando um beijo em sua cabeça.

— Minha loirinha. — separei-me dela e passei a mão em seu rosto — essas sardinhas no seu rosto são um charme. — falei tentando deixá-la mais leve.

— Não vejo charme nisso. — ela sorriu sem vontade.

— Mari, vim pensando o caminho todo e liga para sua mãe, diga que eu vou ser o doador.

Ela tremeu o queixo e chorou, um choro carregado de emoção.

— Não é justo... Não é justo...

— Amor, muita coisa neste mundo não é justa. — enxuguei uma lágrima.

— Mas ela...

— Mari, pensa em mim e em seu pai e não na sua mãe. Eu não conseguiria viver sabendo que eu poderia ter salvado uma vida e por orgulho, não salvei.

Mariana chorava copiosamente e balançava a cabeça em negativa, mas eu via o quanto ela estava dividida entre salvar o pai e manter o meu orgulho.

Naquele instante a campainha tocou. Fui ao portão menor e quando abri, fui surpreendido.

— O que a senhora quer aqui?

Mari veio ao meu lado ver com quem eu falava.

— Mãe?

— Posso entrar e conversar com vocês?

Abri o portão ainda mais e a deixei entrar. Mostrei a entrada da casa para ela e abri a porta deixando-a passar antes de nós. Mari se encaminhou para o sofá e sem dizer nada apontou para o sofá, para que a mãe sentasse. Eu me sentei ao lado da minha Mari e fiquei esperando a cobra dizer o que ela queria.

— É difícil para mim dizer o que tenho para dizer.

— Só diga! Eu estou tão cansada e só quero...

— Vim pedir para que o seu namorado doe o rim para o seu pai.

— Ele tem nome. — Mari falou muito séria e achei melhor não interferir na conversa das duas.

A mãe dela abaixou a cabeça como se fosse difícil falar o meu nome e Mariana se levantou brava:

— Sai daqui. Sai dessa casa, você e sua ignorância. Cansei de ser tratada assim por você.

A mãe dela nos olhou assustada.

— Não!

— Sim! Tá vendo esse homem sentado aqui? Homem que você desmereceu tanto nesta vida, somente por ele ter a cor da pele diferente da sua. Mas se você quer saber, ele é realmente é diferente de você. Ele tem um coração, coisa que você não tem! Você preferiu deixar seu marido no estado em que ele se encontra, ao invés de deixar que ele aceitasse a doação do João. Se ele morrer... Se o meu pai morrer a culpa é toda sua! O João que não é nada dele, estava disposto a salvá-lo, enquanto você que tinha que salvá-lo o condenou a morte.

Mari gritava e eu tentava acalmá-la ou ela iria passar mal a qualquer momento.

— Mariana... — ela tentou falar de novo e Mari a interrompeu:

— Você mais uma vez mentiu e tentou me separar do João com aquela foto ridícula. — Mari fechou os olhos e tentou se acalmar, mas parecia exausta e se livrando de anos de silêncio em relação à mãe. — Saia daqui. Anda, vai embora!

A mãe dela enxugou os olhos e nos olhou com olhos arregalados, dizendo em seguida:

— Não! Por favor, não! — enfim ela chorou e saiu da pose sempre tão sem emoção — Eu fiz tudo errado, me perdoem. Eu ia usar essa foto para chantagear o João caso ele não aceitasse doar o rim. — ela passou a mão no rosto parecendo desesperada.

— Mônica está envolvida nesse plano? — perguntei.

— Não. Eu ofereci um plano, mas Mônica não aceitou. E aquele dia só fui até a sala dela, tirar uma dúvida e aí o vi lá.

Assenti e ela continuou:

— Estou desesperada. Eu amo o meu marido e não quero perdê-lo. Não vou me perdoar se ele morrer. Achei que conseguiríamos um doador, mas é impossível. Quando saí mais cedo do hospital, fui à uma igreja lá perto. Fiquei pensando em tudo que fiz. Agi tão errado e senti no meu coração que o resultado do exame ter dado que o seu namorado era...

— João! O nome dele é João. — Mari a interrompeu.

— Sim, desculpa. O resultado ter dado positivo para o João ser doador do seu pai, só pode ter sido para me mostrar algo. E entendi que era isso. Entendi que era para me mostrar que independente da cor da pele, todos somos iguais. Eu não queria entender isso que estava martelando na minha cabeça há dias, mas... Eu entendi. — ela me olhou chorando.

Sinceramente, essa redenção inesperada, não vai fazer com que dê a porra de um abraço nela e em seguida a perdoe por tudo que fez comigo, com a Maria e com a nossa vida. Não é tão fácil assim. Mas já era um começo.

— O que a senhora quer? — perguntei.

— Queria pedir o seu perdão e implorar que você seja o doador do Antônio.

— Simples assim? — Mari riu em desdém.

— Não! Não é simples, eu estou aqui me humilhando, mostrando o quanto eu estava errada todo esse tempo e o quanto fui cruel com vocês. A vida me ensinou. Eu aprendi. Sei que demorei a entender, mas sinto que Deus tocou meu coração e a dor de pensar em perder seu pai ajudou. — ela fungou — Me perdoem?

Mari me olhou, parecia não acreditar no que estava presenciando e balançou a cabeça em negativa para mim.

— Eu serei o doador.

A mulher me olhou e pareceu não acreditar no que eu tinha dito. Seu rosto parece ter ganhado vida com o que eu disse e Mari me alertou:

— João, você não precisa!

— Eu sei, Mari, mas eu quero. Por você e pelo seu pai. — deixei claro que não era pelo pedido de desculpas que eu tinha acabado de receber.

— Espero que um dia você possa me perdoar. — a mãe da Mari falou enxugando as lágrimas e por um momento tive a impressão de que ela realmente estava arrependida.

— Quem sabe um dia. — falei.

Um silêncio tomou conta da sala e a mulher se tocou que tinha que ir embora. Antes de sair me agradeceu mais algumas vezes e retomou a carcaça de mulher fria e sem emoções. Mari encaminhou a mãe até a porta e garantiu que amanhã iríamos cedo ao hospital, conversaríamos com a Mônica e garantiríamos que eu estava disponível para doar.

Quando a mãe enfim passou pelo portão, Mari virou-se para mim e falou:

— Por incrível que pareça, eu acreditei no arrependimento dela. Nunca em toda a minha vida vi a minha mãe demonstrar tanto sentimento e emoção.

— Mari, o arrependimento dela, não vai mudar em nada a minha vida e não me fez sentir absolutamente nada, pois o racismo e todo o preconceito que

ela despejou a vida toda em mim, também não tinham.

— João, eu rezo para que Deus me dê metade desse coração enorme que você tem.

Mari me deu um beijo, eu a peguei no colo e a levei para o quarto, onde tirei a sua roupa, coloquei-a no banho e com o meus gestos a mostrei que só o que importava para mim era estar com ela. Tentei mostrá-la que no que dependesse de mim, tudo ficaria bem e ela não precisaria mais chorar nem se preocupar com nada.

Mas infelizmente nem tudo dependeria de mim. Nós fazemos um plano e Deus faz o dele e não dependia de mim o final feliz.

Capítulo vinte e dois

Mariana

Após minha mãe sair, liguei para o meu irmão e contei tudo. Miguel ficou de queixo caído e não acreditava no que eu contava, mas concordou comigo que não era do feitio da nossa mãe fazer teatro, que tudo que ela falou era real. João ligou para a dona Carmem, que parecia preocupada com o filho, mas pareceu estar feliz, como se tivesse vencido uma batalha contra o preconceito.

Fui dormir pensando no meu pai e fiz uma oração para que ficasse tudo bem com ele e que aquele cansaço que o vi sentir acabasse e ele não sentisse mais.

Me revirei na cama durante toda a noite e quando consegui dormir, fui acordada pelo meu celular que tocava sem parar, quando olhei na tela e vi que era o Miguel, me sentei rapidamente para atender.

— Oi, Mi.

— Mari, você está com o João?

— Sim, estou.

— Posso falar com ele? — a voz do Miguel estava embargada como se estivesse chorando.

João também já estava acordado e me olhava preocupado. Eu sabia que algo tinha acontecido, meu coração já batia rapidamente.

— Miguel, pode falar. O que aconteceu?

— Mari, — Miguel pareceu fungar — nosso pai teve outra parada cardíaca essa noite e... Infelizmente, os médicos não conseguiram reanimá-lo. Ele partiu minha irmã.

Comecei a chorar, sentindo meu coração tão apertado, minha garganta fechada e a dor da perda era algo incrivelmente doloroso.

João pegou o celular da minha mão e conversou coisas práticas com o meu irmão, enquanto eu só conseguia pensar no olhar cansado do meu pai. Ele se foi... Meu pai se foi. Quando podíamos tê-lo salvo.

— Mari, vem cá. — João me puxou para seus braços e me acolheu em um abraço apertado, enxugando minhas lágrimas e acariciando meus cabelos. — Não sei o que te falar para que você se sinta melhor, a não ser que seu pai descansou.

Assenti e fiquei colada a ele, tentando ter o consolo que eu precisava. Meu pai não estaria no meu casamento, nem veria seu neto ou neta quando eu ou o Miguel tivéssemos nossos filhos, ele não voltaria para Portugal nem trabalharia

na empresa que ele tanto amava, mas também não precisaria mais fazer a diálise que ele tanto odiava nem precisaria ficar internado inúmeras vezes e enfim descansaria da vida que ele tinha dito que estava tão cansado. Meu pai descansou... Mas dói tanto.

Capítulo vinte e três

Mariana

O velório do meu pai tinha sido tão triste, um dos dias mais tristes da minha vida e o adeus tinha sido difícil para mim e para o Miguel, mas acho que não tinha sido tão difícil para nós, quanto foi para a minha mãe, pois nós sentíamos somente a dor da perda, já ela sentia a dor da perda, do arrependimento e da culpa.

Minha mãe passou o dia todo ao lado do caixão do meu pai, não sentou, não comeu, não fez nada além de chorar e eu tinha certeza que era a culpa que a consumia.

Miguel a culpava por ter atrasado a chance que meu pai tinha de sobreviver e não chegou perto dela tempo nenhum durante todo o velório e o enterro. Eu fiz um pequeno contato e perguntei se ela queria comer algo, mas sua resposta foi um balanço negativo de cabeça e me olhou como se eu e João, ali na sua frente, fôssemos o lembrete vivo do quanto ela se sentia péssima por ter agido como agiu.

Após o enterro, em que eu senti como se um pedaço do meu coração tivesse partido, dona Carmem que cuidava de mim como filha, me deu todo o apoio e carinho que minha mãe que teria que estar me dando e eu a ela. Minha futura sogra também insistiu que eu precisava comer e fez o João me levar a um café que ficava ali perto.

O café estava vazio, sentamos em uma mesa próxima a entrada e fizemos os nossos pedidos. Não fazia muito tempo que estávamos ali, quando avistamos minha mãe entrando no café. No instante em que dona Carmem a viu se aproximar, pegou a minha mão e disse:

— Me desculpa pelo o que eu vou fazer, mas eu sou mãe e me mantive quieta por tempo demais.

Não tive tempo nem de entender ou responder, Dona Carmem se levantou e quando a minha mãe ia passar pela nossa mesa, ela a interceptou:

— Sente-se aqui conosco.

Ela fez uma cara de surpresa, mas por incrível que pareça se sentou. Um silêncio tomou conta da mesa, nossos pedidos chegaram e minha mãe tomou apenas um café. João tentou puxar assunto com a sua mãe, mas dona Carmem encarava a minha e tinha um olhar frio em seu rosto e então logo ela quebrou o silêncio:

— Vejo que você está triste com a morte do seu marido. E vejo também que não se importou em dividir a mesa com dois negros.

Minha mãe a olhou parecendo não entender onde dona Carmem queria chegar e João interferiu:

— Mãe... — dona Carmem apenas ergueu uma mão o pedindo silêncio, João obedeceu e ela continuou:

— Sei que outras pessoas podem pensar que eu estou sendo cruel em te dizer tudo que vou dizer agora, em uma hora tão triste para você, mas acredite, para mim esta é a hora perfeita. Enquanto a ferida ainda está aberta, entende? — minha mãe não disse nada e dona Carmem tinha toda a sua atenção — Você humilhou meu filho, o tratou como se ele fosse inferior a você e olha em que ponto nós chegamos. Por sua culpa e da sua burrice e ignorância, seu marido está morto, quando o meu menino poderia tê-lo salvado, mas claro que a branca não aceitou o rim do preto. — dona Carmem riu em desdém e continuou: — Mesmo Deus tendo achado um jeito de te mostrar o quanto somos iguais... Mesmo assim você não aceitou.

Minha mãe estava chorando e eu estava sem acreditar que ela estava mostrando suas emoções. Talvez ela enfim tivesse aceitando o quanto ela estava errada.

— Carmem, eu já pedi perdão ao seu filho, mas sei que nem um pedido de desculpa irá apagar todo o mal que eu causei. E sim, Deus me mostrou o quanto eu estava errada, estou tão arrependida que chega a doer. Literalmente dói ver a mágoa dos meus filhos e dói saber que por minha culpa, eu não terei mais meu companheiro ao meu lado.

— Sinceramente, — dona Carmem a olhava de cabeça erguida e falava sem titubear e sem deixar transparecer as emoções, era como se ela tivesse esperando por esse momento há tempos — talvez eu seja uma pessoa ruim, mas eu não sinto pena de você. Sinto pena da Mari, que teve a vida e os sentimentos bagunçados por culpa de uma mãe que não merece a filha maravilhosa que tem. Sinto orgulho do meu filho, que mesmo você tendo se mostrado uma cobra, ele ainda teve o coração piedoso com a sua família.

Minha mãe me olhou e eu virei o olhar para não olhá-la. Seria difícil perdoá-la, talvez com o tempo.

— Peço perdão a você também, Carmem. Eu mereço tudo o que está me falando.

— Sim, merece! E espero que esse sofrimento que você diz sentir, sirva para te transformar em uma pessoa melhor. — as falas da dona Carmem eram cheias de mágoas sim, mas eu via também um pouco da compaixão que ela tentava esconder. — Espero que aprenda que a cor da pele de ninguém, sirva para dizer algo sobre o seu caráter, seja ela da cor que for. Veja, o exemplo disso é você e o João: ele é negro, desmerecido por você por isso e tem uma índole

inquestionável, já você é branca se intitula perfeita por isso e olha só o rastro de tristeza que deixou nessa vida.

Houve um silêncio em que todos nós estávamos pensando no que dona Carmem falou e minha mãe assentiu.

— Você tem toda razão. — e continuou: — Bom, eu vou indo. Mais uma vez peço que me perdoem. Todos. — ela me olhou — sei que não mereço, mas a partir de hoje tentarei mudar. A partida do Antônio tem que me ensinar algo. — ela enxugou as lágrimas e partiu.

Em seguida a partida da minha mãe, dona Carmem começou a chorar e disse:

— Me desculpa por isso, Mari, mas eu precisava dizer tudo que todos esses anos eu guardei para mim.

Peguei em sua mão, também chorando respondi:

— Não há do que se desculpar, a senhora disse tudo que eu queria dizer e que ela merecia ouvir.

João colocou sua mão em cima das nossas e mesmo sem dizer nada, eu percebi que ele também concordava com a mãe e comigo.

Capítulo vinte e quatro

João um ano depois

Tinha passado um ano desde a morte do pai da Mari e eu tinha para mim, que tudo na vida acontece com um propósito e quando vejo Mari interagindo com a mãe depois de tudo que passamos, tento pensar que a morte do pai foi necessária para que sua mãe percebesse o quanto estava errada e ela e Mari tivessem um novo começo.

No início dos dias após a morte do senhor Antônio, a mãe da Mari entrou em uma depressão profunda, por se sentir culpada pela morte do homem que amava e até tentou tirar a própria vida, quando ingeriu uma quantidade enorme de medicamento. Depois desse episódio, Miguel e Mari a submeteram a um tratamento intensivo para tratar a depressão e mesmo após um ano ela parecia dar um passo de cada vez.

Ela me tratava com educação e respeito quando estávamos no mesmo ambiente, sorri para mim e até tenta me agradar, nem parece a pessoa intragável que era.

Mari e eu estamos namorando como realmente deve ser. Depois de um tempo da morte do pai, Mari ficava sempre tão triste que resolvi além de alegrá-la, mostrar o quanto eu a amava e assim eu fiz: a pedi em namoro, com um piquenique na cachoeira em que fomos assim que nos reencontramos.

Fui vendo-a se recuperar da tristeza pela morte do pai, dia após dia e no dia que comemoramos um ano do pedido de namoro, fiz questão de levá-la a *Angels* e preparei uma surpresa ainda maior para ela.

Naquele dia, Mari estava diferente e tinha um sorriso faceiro no rosto, como se estivesse aprontando algo. Eu amava ver esse sorriso feliz em seu rosto e não tinha nada no mundo que me dava mais tesão do que vê-la assim.

— Vem cá. — a puxei pela cintura e dei um beijo naquela boca deliciosa, que me deixava doido. — Você está sorrindo mais do que o normal hoje. O que você está aprontando? — dei uma mordida de leve em seu lábio inferior.

— Você vai ver.

— Não vai me contar? — perguntei semicerrando os olhos para ela.

— Só se você merecer. — ela me deu um beijo.

Caralho, como eu amo essa mulher!

— Tudo bem. Mas também tenho uma surpresa.

— Tem alguma coisa a ver com a atração surpresa da *Angels*?

— Sim e não.

— Tá! Não vou perguntar o que é. Veremos qual a surpresa melhor.

— Veremos!

Mari se despediu de mim, disse que ia sair com a Isa e que me encontraria mais tarde na *Angels* para comemorarmos o nosso um ano de namoro. Assim que ela saiu, liguei para o Rodrigo, para confirmar se eles viriam mesmo hoje à noite.

— E ai, cara? — ele me atendeu.

— Lingando só para saber se vocês estarão mesmo aqui hoje.

— Sim. Iremos somente nós, sem as mulheres, em um carro só. Programa de macho.

Eu ri.

— E as minas deixaram?

— Elas não têm que deixar nada! Quem manda no relacionamento aqui somos nós!

Ouvi Samira gritando ao fundo que estava ouvindo o que ele disse e em resposta ele dizendo que estava brincando.

— Arram... Tô vendo.

— Eu que mando aqui, ela só não pode saber disso. — ele riu.

— Vocês ensaiaram aí?

— Fazer o que, né? Aposto é aposta.

— Tudo bem. Espero vocês aqui.

— Logo estamos chegando.

Desliguei e fui me aprontar para a noite.

Que Deus me ajude que hoje a noite promete.



A *Angels* estava lotada. Que vergonha!

Eu estava com a mão suando frio e não era pela vergonha, era por medo da reação da Mari.

A noite caiu e meus amigos chegaram, antes da *Angels* abrir para o público, repassamos o que íamos fazer com todos juntos e até que ficou bom.

Vergonha da porra! Mas o que eu não fazia pela minha Mari.

A casa lotou e eu estava muito nervoso e ansioso. Da vidraça do escritório eu vi quando Vanessa e Isa chegaram com a Mari. Miguel e Jean também estavam com elas. Os dois já sabiam do meu plano e até me ajudaram a ensaiar. Bom, eles mais riram de mim do que me ajudavam, mas foi divertido.

Pedi ajuda para o segurança para manter a Mari longe do escritório e ele diria a ela que eu estava em reunião com fornecedores importantes.

Fiquei admirando o quanto a Mari era perfeita, mas minha atenção foi

tirada da minha gata, quando Fernando passou a mão no meu queixo e disse:

— Babão!

— Sou mesmo. Sempre fui louco por essa mulher.

— Que bom que não deu certo com outra, então. — Rodrigo disse risonho.

— Nunca daria. Meu coração sempre foi dela.

— Que lindo ele apaixonadinho. — Gu falou.

Sorri para ele.

— Ela é gata, cara! — Rodrigo falou com a testa colada ao vidro e olhando para a Mari.

— Tira o olho. — dei um tapa em sua cabeça.

— Com todo respeito, cara! — levantou as mãos se rendendo — Ninguém é mais gata que minha Samira.

Todos nós rimos.

— Cara, que vergonha, não acredito que vou fazer isso. — Fernando falou alisando a testa.

— Vocês disseram que se eu fizesse o faturamento da *Angels* dobrar, vocês fariam. Eu fiz. — Ergui as mãos espalmadas demonstrando que fiz a minha parte. — E só Deus sabe o quanto ralei pra isso.

— Justo! Em troca, só Deus sabe a vergonha que iremos passar. — Gu falou sorrindo.

— Ah! Parem de ser tão medrosos. Vai ser divertido. — falei rindo.

— Muito. — Gu revirou os olhos, mas tinha um sorriso no rosto.

Quando a hora da apresentação chegou, descemos e ficamos escondidos na cabine do *Dj*, Percebi que Mari olhava a cada cinco minutos para o relógio e olhava ao redor, como se me procurasse e ela não parecia feliz. Ri com o quanto ela ficaria surpresa. Com certeza estava pensando que eu havia esquecido o nosso aniversário de namoro.

Aí o *Dj* anunciou:

— Atenção, senhoras e senhores, hoje teremos algo inédito na *Angels*, para não dizer único. Liberem a pista de dança, por favor. — os frequentadores abriram espaço, houve barulho de tambores rufando, todos da casa gritaram e o *Dj* continuou: — Com vocês... Um pedido especial, ao som de Polegar e com os *Angels*! — as luzes se apagaram, eu e os caras corremos para a pista e quando elas se acenderam, estávamos um do lado do outro, usando calças jeans apertadas e jaquetas de couro.

As batidas da música começaram a soar pela casa noturna e o sucesso do grupo Polegar encheu os alto-falantes:

*Ou ou ou ou ou ou yeah
Dizem que sou desmiolado
Que perdi minha razão
Que eu tô batendo pino
Nada a ver
Dizem que sou alucinado
Só se for por você
Caí no seu destino amor
Pode crer*

Olhei para a minha Mari, que ria, e para as demais pessoas. De imediato, percebi que ninguém entendia, mas riam e aplaudiam no ritmo da música. Nem todos conheciam a música, na verdade eu mal conhecia também. Tive essa ideia maluca, quando sem querer vi um vídeo desse grupo em uma rede social, aí me lembrei de quando eu era criança e minha mãe ouvia.

*Não liga não baby
Dá pra mim o seu amor,
Dá pra mim
Não se preocupe que eu serei um bom rapaz
Quero seus lábios
dá pra mim o seu carinho dá pra mim
Por você que eu perco o sono, por você que eu ando doido
Amor dá pra mim, dá pra mim
Ou ou ou ou ou ou yeah*

Mari ria tão largamente de nós, que passar essa vergonha já valia a pena e eu só pensava o quanto ela era linda e no refrão eu apontava para ela dramaticamente e sorria mostrando as minhas covinhas, que eu sabia que ela adorava.

*Eu tropeço nas palavras
E começo a gaguejar
E fico abobabado
Se eu te vejo
Só quero ir ao seu encontro
E me ver em seu olhar
Beijar a sua boca
Sou louco de desejo*

*Não liga não baby
Dá pra mim o seu amor,
Dá pra mim
Não se preocupe que eu serei um bom rapaz
Quero seus lábios
dá pra mim o seu carinho dá pra mim
Por você que eu perco o sono, por você que eu ando doido
Amor dá pra mim, dá pra mim*

Eu e meus amigos loucos, ríamos e cantávamos juntos com a música, dramaticamente e com caras e bocas, enquanto fazíamos passos que copiamos de vídeos da internet e ensaiamos ao longo do tempo, desde que eu tive a ideia.

*ooooo
Não liga não baby
Dá pra mim o seu amor,
Dá pra mim
Não se preocupe que eu serei um bom rapaz
Quero seus lábios
dá pra mim o seu carinho dá pra mim
Por você que eu perco o sono, por você que eu ando doido
Amor dá pra mim, dá pra mim
Ou ou ou ou ou ou yeah
dá pra mim, dá pra mim, dá pra mim, dá pra mim, dá pra mim.*

A música acabou, fizemos uma pose final e gargalhamos quando todos aplaudiram, também rindo de nós. Em seguida pedi silêncio aos frequentadores, apontei para o *Dj* e ele colocou a música de Michael Bolton, *When a Man Loves a Woman*, aquela que eu e Mari dançamos no final de semana, em que fugimos e enfim decidimos que ficaríamos juntos. Apontei para a minha garota e pedi que ela fosse até mim, no centro da pista de dança. Com as mãos na boca e com cara de que não estava entendendo nada, ela foi e quando ela chegou perto de mim, falei somente para que ela ouvisse:

— Minha loirinha, desde que você entrou na minha vida, nada mais foi capaz de tirá-la dela. Eu tentei te esquecer, eu lutei fortemente deixando tudo que me fazia lembrar você o mais longe possível da minha cabeça, mas nada, absolutamente nada, foi capaz de tirar você daqui. — apontei para o meu coração e o silêncio na *Angels* era geral, apenas a música era ouvida e eu continuei: — Nem a distância nem outras mulheres nem o tempo e muito menos a vida, foram capazes de fazer o meu amor por você diminuir. — Mari estava

com os olhos cheios de lágrimas e eu também — E hoje, tenho a honra e a alegria de te ter na minha vida todos os dias, mas de você sempre quero mais — eu me ajoelhei e tirei de dentro da jaqueta, uma caixinha com um anel, aí todo mundo entendeu e houve uma comoção geral. As mulheres tamparam a boca com a mão e se emocionaram e os homens assobiaram. Atrás de mim meus amigos *Angels*, me olhavam sorrindo e orgulhosos, como se não acreditassem no que viam. Isa e Vanessa choravam e Jean e Miguel, aplaudiam e filmavam. Enquanto isso, eu lá ajoelhado perguntei: — Mariana, você me faria o homem mais feliz do mundo, aceitando se casar comigo e ser para sempre minha?

Eu enxuguei uma lágrima que escorreu solitária pelo meu rosto e Mari também se agachou, ficando da mesma altura que eu e gritou:

— Simmmm... — levando a *Angels* a loucura com todos aos gritos.

Eu levantei, juntei a minha boca na dela e a beijei tão intensamente quanto um cara completamente apaixonado, beija a mulher da sua vida. E esse foi o momento mais foda da minha vida!

Eu amo essa mulher.

E para sempre será pouco tempo ao lado dela.

Mariana

Como não amar?

Como não viver para ser de alguém que me faz tão feliz?

A *Angels* já tinha voltado ao normal, depois de termos recebido tantos parabéns e felicitações que nem sou capaz de contar.

Os *Angels* tinham vindo e dançado!

Eu não conseguia parar de rir disso. E não parava de admirar a amizade desses homens lindos.

— Eu não consigo parar de pensar no momento do pedido. — Isa falou emocionada. — Eu sei de tudo que vocês passaram e só sei me emocionar e ficar feliz por vocês estarem juntos agora. Parabéns, minha amiga!

A abracei sorrindo.

— Cuidado com a concorrência, ouvi relatos de diversas mulheres da *Angels*, que queriam estar no seu lugar e completamente apaixonadas pelo seu futuro marido, cunhada. Foi lindo! — Vanessa falou sorrindo e também me abraçando.

— Elas que se atrevam. — simulei uma cara de brava, ia xingar, mas fui interrompida por braços fortes me abraçando por trás.

— Amor, os caras estão indo. São tudo um bando de medrosos e estão com medo de apanhar da mulherada que ficaram esperando por eles.

Sorri para os três exemplares lindos de homem que se aproximaram para se despedir de mim. E Miguel e Jean também se aproximaram e abraçaram suas mulheres.

— Mariana... Eis o nome da mulher que era dona do coração do *Angel* mais mulherengo de todos. — Rodrigo falou me fazendo rir.

— Olha, Mariana, eu sou prova do tanto de estrago que esse cara fez no coração da mulherada que frequentava a *Angels* matriz. — Fernando falou batendo no ombro do meu João.

— Até hoje perguntam dele. — Gu completou sorrindo.

— Diga as que perguntarem por ele, que o último dos *Angels* que estava disponível, foi abatido.

Todos riram.

— Nunca estive disponível, gata, sempre fui seu.

— *Xiiiiiiiiiiiiiii...* — Os *Angels* falaram rindo.

— Realmente e totalmente abatido. — Rodrigo riu — Bom, galera, vamos que minha Samira me espera.

— *Xiiiiiii...* Totalmente e completamente abatido — João falou rindo.

— Bom, então um brinde aos quatro *Angels* da noite que agora levam apenas suas mulheres ao céu. — ergui um brinde.

Brindamos, sorrimos e em seguida nos despedimos dos *Angels*, mas a promessa de vir para o casamento tinha sido feita. Senti a tristeza do João em se despedir dos amigos, mas aqui ele era muito bem servido de amigo, pois percebi isso quando João voltou para a *Angels* depois de levar os amigos até o carro e cumprimentou Jean e Miguel batendo o punho fechado no deles, seguido de um abraço.

A noite acabou, na verdade já era de manhã quando fomos para a casa. Insisti para que tomássemos banhos separados e quando eu já estava de camisola e deitada com ele em sua cama, João me perguntou ansioso:

— O que achou da minha surpresa?

— O que eu achei? Eu achei que não era capaz de me apaixonar mais por você, mas aí você faz uma coisa linda dessa e vejo que estou enganada e te amo cada dia mais.

João me beijou.

— Agora me diz, gata, qual a sua surpresa para mim, pelo nosso aniversário de namoro?

Fechei meus olhos.

Depois desse pedido de casamento, minha surpresa para ele ficou ridícula.

— O que foi, Mari? — João ergueu meu rosto, me fazendo encará-lo.

— Estou com vergonha da minha surpresa. É uma coisa tão boba.

— Duvido! Me mostra. — Ele me deu um sorriso com as benditas covinhas que foi difícil resistir. Quando ele mostrava as covinhas e sorria tão lindo assim, ele conseguia de mim o que queria.

— Tá.

Levantei, mantive o contato visual com o João, deixei o quarto à meia luz e tirei a minha camisola. Eu não usava nada mais que a camisola e eu estava completamente depilada, porém, essa não era a surpresa e sim uma tatuagem de uns cinco centímetros que fiz no púbis. Era um símbolo do infinito e no formato do símbolo estava escrito “Para sempre sua Angel”

Ele arregalou os olhos quando viu.

— O que você fez? — João veio com o olhar faminto em minha direção, me pegou no colo e me colocou na cama.

— Sua surpresa! — falei tímida.

João tinha um sorriso tão largo, feliz e safado no rosto, que eu só sabia rir em resposta a ele.

— Sua louca! — Ele deu um beijo acima da tatuagem e fez um arrepio

percorrer meu corpo. — Foi tatuadora, né? — perguntou com os olhos semicerrados.

— Claro! Conheço meu futuro marido ciumento.

— Que linda! Minha *Angel*. — ele passou a mão pelo contorno da tatuagem e me fez soltar um pequeno suspiro. Eu já estava doida por ele.

— Sou sua *Angel*, gato! Mas, por favor, agora, neste momento, eu só quero que você me leve ao céu e me faça ver estrelas.

João sorriu maliciosamente e disse:

— Deixa comigo, minha linda.

João começou a passar a mão por todo o meu corpo, como se ele fosse um templo e beijou cada pedacinho. Lambeu, chupou e me fez arquear o corpo em direção a sua boca. Arrepios de prazer tomavam conta de mim e me faziam sentir sensações inexplicáveis. Quando ele enfim me penetrou, fez amor comigo lentamente e deliciosamente. Eu passava a mão em suas costas e minhas unhas entravam em sua carne o trazendo para mais junto de mim, em busca que ele entrasse mais fundo. João entendia o que eu queria e fazia sempre do jeito que eu me sentia bem, em um ritmo ,perfeito e maravilhoso. Sua boca beijava a minha e descia chupando o meu pescoço enquanto suas mãos passeavam pelo meu corpo e entravam em meus cabelos, os puxando, fazendo com que eu jogasse a cabeça para trás e deixasse o pescoço livre para que sua boca explorasse, beijasse, chupasse e me deixasse louca.

Com certeza as estrelas, o céu e o universo eram pouco para descrever para onde ele me levava quando fazíamos amor. E eu o amava. Amava mais que tudo e para sempre. E para sempre vivendo tudo isso ao lado dele, seria pouco.

Capítulo vinte e cinco

João

No mês seguinte ao meu pedido, e foi o mais rápido que conseguimos arrumar tudo, pois eu queria o quanto antes que a Mari fosse minha mulher, lá estava eu no altar, de uma pequena capela no interior e situada entre duas montanhas. As portas da capela ficavam de frente para um campo todo gramado e onde a vista alcançava a gente só via vegetação. O sol estava alto, em uma manhã tão bonita que parecia que tudo estava conspirando ao nosso favor. O sol brilhante deixava o verde ainda mais verde e a vista ainda mais bonita.

Do lado de fora da capela, uma grande tenda branca tinha sido montada com uma mesa retangular em baixo dela e lá seria servido um almoço.

A simplicidade era evidente em todos os detalhes. Rosas brancas com flor mosquitinho enfeitavam a capela e uma dupla: um rapaz com um violão e uma moça cantando afinadíssima, deixava tudo mais emocionante com a trilha sonora.

De um lado da igreja estavam minha mãe, Willian, Isa, Jean e o pequeno Arthur que estava no colo da avó, a tia Carla. Meus amigos *Angels* também vieram e ocupavam um banco. Do outro lado, estava a mãe da Mari, Miguel, Vanessa e Maria com seu netinho no colo.

Eu estava tão nervoso.

Minhas mãos soavam, eu não parava no lugar andando de um lado para o outro, mas foi a dupla começar a cantar *Angel* da *Sarah Mclachlan*, somente a voz e violão, eu levantar a minha cabeça e olhar para a porta, que tudo fez sentido.

Lá estava a mulher que eu amei a vida toda... Estava parada e me olhando... Era a perfeição!

O sorriso enorme em seu rosto era banhado por lágrimas de alegria. E ela brilhava muito mais que o sol.

*Spend all your time waiting
For that second chance
For a break that would make it okay...*

Cantou a voz que invadiu o silêncio da igreja, fazendo todos se levantarem.

Passe todo seu tempo esperando

Por uma segunda chance
Por uma mudança que resolva tudo...

Dizia a tradução e eu não pude conter as lágrimas. Enfim ela estava vindo para mim. Não vinha acompanhada de ninguém, vinha apenas ela, atravessando o corredor e enfim vindo para mim.

Mari estava linda em um vestido branco, simples e de renda.

Nada de glamour.

Nada que chamasse mais atenção que o nosso amor.

Tudo do jeito que ela queria.

Pensado, idealizado e vivido da maneira como sonhamos.

Nós dois, o nosso amor e quem nos amava.

Ela era minha. Seria para sempre. E para sempre seríamos felizes.

Epílogo

Mariana

— E para o Leandro nada?

— Tudo! — As pessoas presentes no aniversário de cinco anos do meu Léo responderam.

Eu e João estávamos cada um de um lado e ríamos felizes por comemorar mais um ano do aniversário do nosso filho.

— Rá, tim, bum. Léo! Léo! Léo!

Nossos parentes e amigos estavam reunidos conosco.

— Para quem vai o primeiro pedaço do bolo, filho? — perguntei achando que ele daria para mim.

— Vai para o papai. — gritou, sorrindo e mostrando as covinhas.

Fiz uma careta e sorri em seguida.

— Claro, né? Tinha que ser para o papai. Do que adiantou quase quinze horas de parto natural, sentindo dores horríveis? Para nascer a cara do pai e ainda dar o primeiro pedaço do bolo para ele.

Todos riram e Léo já tinha descido da mesa e saído correndo para brincar com o primo Flavio, filho de Vanessa e Miguel.

— Para de ser ciumenta, mulher! — João passou chantilly na minha boca e lambeu em seguida.

— Você não me provoca! — falei, olhei em volta e ninguém mais nos observava.

— Quero provar minha Angel, mais tarde.

Sorri maliciosamente.

— Vou contar os minutos para isso.

João piscou para mim e foi para junto dos seus amigos que o chamavam.

Olhei em volta e vi minha mãe erguendo meu filho no colo e dando um beijo nele.

Pensei comigo: quem diria que a minha mãe seria tão apaixonada por um negrinho bagunceiro, com covinhas nas bochechas e um sorriso apaixonante nos lábios?

Ah, não tem como não amá-lo!

Léo é a coisa mais linda do mundo. A cara do pai!

Minha mãe é a verdadeira mudança e redenção em pessoa. Precisou receber uma lição da vida, perder quem amava por pura ignorância, para aprender que ninguém nesse mundo pode ter seu caráter e sua índole questionados ou ser julgado apenas pela cor da sua pele. Hoje ela e João se

respeitam e sei que dentro dela, ainda existe um arrependimento por tudo que fez no passado. Mas ela se redime com todo amor que dá para o nosso filho e tenho certeza que João sente o mesmo.

E eu? Eu era uma mulher realizada!

Meu escritório de engenharia e decoração ia de vento em poupa e no ano anterior até ganhei um prêmio por inovação na engenharia. A *Angels* já tinha mais seis casas noturnas espalhadas pelo país e agora os olhos dos donos tinham que ficar de olho de longe, mas os rapazes não deixavam a casa noturna e a qualidade dela cair.

Depois que nos casamos, João e eu fomos morar no mesmo condomínio que a sua mãe e minha sogra, não tem nada de cobra, era a pessoa mais doce que conheci. Léo a chamava de vovó docinho, desde que me ouviu falar para Isa que minha sogra era um doce.

Nunca mais soube de Breno, na verdade há um tempo, ouvi uma das minhas tias dizer que ele e Santiago estavam morando juntos.

— Filha, que homão, hein? — uma das minhas tias me tirou dos meus pensamentos e me cutucou com o cotovelo para chamar a minha atenção.

Olhei para frente e vi João sorrindo com os amigos *Angels*.

— Há. — Respondi somente com um sorriso sem graça.

— Com toda certeza ter trocado o Breno por ele, foi mais do que justo.

Sorri.

— Tia, o Breno nunca nem chegou perto de ser o que o João é para mim desde a nossa adolescência. Então não houve troca. Sempre foi o João.

Pisquei para ela e saí indo de encontro à minha cunhada e amigas, Isa e as esposas dos *Angels*, que vieram para o aniversário.

Dei mais uma olhada em direção ao meu marido e sim realmente... Que homão!

Epílogo

João

— Caras, a gente deu sorte! — Falei, admirando nossas mulheres que riam juntas, logo a nossa frente.

Estava a Clara que conversava, mas estava de olho nos gêmeos que aprontavam junto com o meu filho e ainda tinha a Mayara, sua filha mais velha, que a ajudava olhá-los. A Samira estava com a filha Rubi no colo e Livia que eu não via há muito tempo, estava grávida. Livia evitou ter contato comigo por muito tempo, mesmo depois que conversamos e resolvemos. Acho que tinha vergonha ou o Gu tinha ciúme, não sei. Mas não os culpo, eu no lugar deles,

também não me sentiria bem. Entretanto, Mari fez questão de entrar em contato com ela nas últimas vezes e as duas acabaram se tornando amigas. Nesse momento posso falar com certeza: agora sim! Nada do passado restou.

— Sim, somos uns filhos da mãe de sorte. — Rodrigo falou também olhando para as nossas mulheres.

— E com certeza nenhum de nós tem problema de fertilidade, né? — Fernando falou tirando riso de todos. — Olha o tanto de criança nessa festa! A maioria é nossa.

— Tem razão. Só o Fernando, já quis povoar o mundo com dois meninos e uma menina. — Gu concordou e nós rimos. — Graças a Deus não temos problema de fertilidade. — Na verdade, eu já estava achando que eu tinha, mas era a Livia que não queria e me enganava. — ele riu — Aí, acho que a especialização em pediatria despertou a maternidade nela.

— Ah, admite que você que é brocha mesmo. — brinquei e levei um soco de leve do meu amigo.

— Caras, acho que a melhor coisa que fizemos na vida, foi abrir a *Angels*. — Gu falou ainda olhando a Livia.

— Sim, foi. — Concordei.

— Sim, foi. — Rodrigo concordou.

— Sim, foi — Fernando concordou — definitivamente foi. Ela trouxe o amor da minha vida. — ele olhava para Clara.

— Um brinde a *Angels*. — ergui o copo de cerveja que eu segurava e todos fizeram o mesmo.

Olhei meus amigos e eles foram o começo de tudo e nossa amizade a melhor coisa na minha vida. Ela me trouxe a *Angels* e com isso me trouxe de volta para o amor da minha vida.

Fechei minha mão em punho e ergui no centro da roda que meus amigos formavam comigo. Entendendo o que eu queria, eles também fecharam a mão em punho e bateram no meu.

Sorrimos felizes.

Miguel e Jean se juntaram a nós e aí meus camaradas estavam todos reunidos.

Talvez minha vida não seja sempre só felicidade, talvez eu não tenha tudo que eu queira sempre, mas o mais importante eu tinha e o resto eu correria atrás.

Pisquei para a minha loirinha, que me olhava de longe e pensei:

Sim, o mais importante eu tinha.

Fim...

*Pena por injuria racial é de 1 a 3 anos

Playlist

Sweet Child O' Mine – Guns N'Roses

Me and you – Alok

Ainda gosto de você – Sorriso Maroto

Ainda bem – Thiaguinho

The reason - Hoobastank

Candy shop – 50 Cent

Primeiro amor – Malta

No one – Alicia Keys

Pretty woman – Elvis Presley

When a Man Loves a Woman – Michael Bolton

Cara bacana – Mc G15

Dá pra mim – Polegar

Angel - Sarah Mclachlan